



O ENIGMA *Gaussuriano* DO PONTO DE VISTA-OBJETO

Allana Cristina Moreira Marques

Editora da

ABRALIN

O ENIGMA
Saussuriano
DO PONTO DE VISTA-OBJETO

DIRETORIA 2024-2026

Dr. Cleber Alves de Ataíde (UFPE)

Dr^a Evandra Grigoletto (UFPE)

Dr^a Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE)

Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (UFPE)

Dr. Ricardo Rios Barreto (UFPE)

Dr^a Isabela Barbosa do Rêgo Barros (UNICAP)

COMISSÃO EDITORIAL

EDITORES

Ana Paula Scher – USP

Olga Ferreira Coelho – USP

CONSELHO EDITORIAL

Adeilson P. Sedrins – UFRPE/UAG

Adelia Maria Evangelista Azevedo – UEMS

Ana Paula Scher – USP

Aniela Improta França – UFRJ

Atilio Butturri Junior – UFSC

Carlos Alberto Faraco – UFPR

Carlos Piovezani – UFSCar

Carmem Luci Costa e Silva – UFRGS

Cassiano R. Haag – MPSC

Cátia de Azevedo Fronza – Unisinos

Cláudia Regina Brescancini – PUCRS

Claudia Toldo Oudeste – UPF

Dermeval da Hora – UFPB

Eduardo Kenedy – UFF

Edwiges Maria Morato – Unicamp

Eliane Silveira – UFU

Elisa Battisti – UFRGS

Esmeralda Negrão – USP

Gabriel de Ávila Othero – UFRGS

Heloisa Monteiro Rosário – UFRGS

Heronides Moura – UFSC

Ingrid Finger – UFRGS

Jairo Nunes – USP

Janaina Weissheimer – UFRN

João Paulo Cyrino – UFBA

Juciane Cavalheiro – UEA

Leonel Figueiredo de Alencar – UFC

Luiz Carlos Schwindt – UFRGS

Luiz Francisco Dias – UFMG

Mailce Mota – UFSC

Marcelo Ferreira – USP

Marcos Lopes – USP

Marcus Lunguinho – UnB

Maria Eugenia Duarte – UFRJ

Mariangela Rios de Oliveira – UFF

Olga Ferreira Coelho – USP

Pablo Ribeiro – UFSM

Plínio Barbosa – Unicamp

Rafael Minussi – Unifesp

Renato Basso – UFSCAR

Ronice Muller de Quadros – UFSC

Ruth Lopes – Unicamp

Simone Guesser – UFRR

Simone Sarmento – UFRGS

Sirio Possenti – Unicamp

Sonia Cyrino – Unicamp

Tânia Maris de Azevedo – UCS

Ubiratã K. Alves – UFRGS

Valdir do Nascimento Flores – UFRGS

Vitor Nóbrega – UFSC

Viviane de Melo Resende – UnB

PARECERISTAS AD HOC DO EDITAL 2024-2025

Aquiles Tescari Neto – Unicamp

Beatriz Raposo de Medeiros – USP

Claudia Regina Castellanos Pfeiffer – Unicamp

Eduardo Ferreira dos Santos – UNILAB

Emilio Gozze Pagotto – Unicamp

Flaviane R. Fernandes Svartman – USP

José Borges Neto – UFPR

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos – UFPI

Maria Mertzani – UNISC

Marília Uchoa Cavalcanti – UFRJ

Sandra Quarezemin – UFSC

Wellington Santos da Silva – USP

O ENIGMA
Saussuriano
DO PONTO DE VISTA-OBJETO

Allana Cristina Moreira Marques

Editora da

ABRALIN

Diagramação:

TELMA CUSTÓDIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marques, Allana Cristina Moreira
O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto
[livro eletrônico] / Allana Cristina Moreira Marques.
-- Campinas, SP : Editora da Abralín, 2025.
-- (Altos estudos em linguística)
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-85-68990-56-8

1. Linguística 2. Objetos 3. Saussure, Ferdinand
de, 1857-1913 - Crítica e interpretação I. Título.
II. Série.

25-304804.0

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Direitos reservados à

ABRALIN

Associação Brasileira de Linguística

R. Sérgio Buarque de Holanda, 571

Cidade Universitária

13083-859 Campinas, SP

☎ [82] 99699-9900

🌐 abralin.org

✉ abralin@abralin.org

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Editora da Abralín.

ISBN: 978-85-68990-56-8

© da edição: ABRALIN, Campinas, 2025.

Lista de figuras

- Figura 1** Reprodução de página 1 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 2** Reprodução de página 2a do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 3** Reprodução de página 2b do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 4** Reprodução de fragmento da página 4b do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 5** Reprodução de página entre as páginas 4 e 5 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 6** Reprodução de primeira página entre as páginas 6 e 7 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 7** Reprodução de fragmento da página 6 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 8** Reprodução de fragmento da página 7 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 9** Reprodução de fragmento da página 8 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 10** Reprodução de fragmento de página entre páginas 8 e 9 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.
- Figura 11** Reprodução de página 003_f005 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 12** Reprodução de página 003_f006 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 13** Reprodução de página 003_f007 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

- Figura 14** Reprodução de página 003_f011 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 15** Reprodução de página 003_f011 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 16** Reprodução de página 003_f014 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 17** Reprodução de fragmento da página 004_f001 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 18** Reprodução de fragmento da página 004_f002 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 19** Reprodução de página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 20** Reprodução de trecho da página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 21** Reprodução de trecho da página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 22** Reprodução de página 004_f005 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 23** Reprodução de página 004_f007 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.
- Figura 24** Reprodução de página 14 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 29.
- Figura 25** Transcrição da página 14 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 30.
- Figura 26** Reprodução de página 15 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 31.
- Figura 27** Transcrição da página 14 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 32.
- Figura 28** Eixo das simultaneidades e eixo das sucessões.
- Figura 29** A diferença entre as duas ordens ilustradas por comparações.

Lista de abreviações e acrônimos

Obras de referência

CFS	<i>Cahier Ferdinand de Saussure</i>
CLG	<i>Curso de Linguística Geral</i>
CLG/E	Edição Crítica do <i>Curso de Linguística Geral</i>
ELG	Escritos de Linguística Geral

Conjuntos de manuscritos

NLG ou N9	<i>Note pour un livre sur la linguistique générale</i> 10f.
EDL	<i>De l'essence double du langage</i>

Sumário

Palavras das editoras	10
<i>Ana Paula Scher e Olga Coelho.</i>	

Apresentação	12
---------------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE

Do que se leu sobre o ponto de vista-objeto em Saussure

Capítulo 1

Da dificuldade: um esforço para facilitar a leitura	26
1.1 O equívoco da edição.....	28
1.2 Em que repousa o ato de criação?	38
1.3 Qual objeto é criado pelo ponto de vista?	44
1.4 A língua é um ponto de vista?	47
1.5 As falhas do CLG: uma interdição para o ponto de vista-objeto saussuriano?	54

Capítulo 2

Do enigma: outra maneira de ler o ponto de vista-objeto.....	57
2.1 O teorema epistemológico do ponto de vista: o fundamento da teoria saussuriana	59
2.2 O ponto de vista é um princípio epistemológico	74
2.3 O que se recolhe de um enigma?	91

Considerações Parciais

Entre a dificuldade e o enigma: a escolha por uma chave de leitura	93
---	-----------

SEGUNDA PARTE

O ponto de vista-objeto: uma incursão pelas elaborações saussurianas

Capítulo 3

O enigma pela vista ampliada: panoramas escritos.....	102
3.1 <i>Notes pour un livre sur la linguistique générale</i> 10f. e <i>De l'essence double du langage</i>	103
3.2 O ponto de vista faz [sozinho] a coisa: a fonte do enigma	107
3.3 <i>De l'essence double du langage</i> : o objeto da Linguística não existe para começar	129
3.4 Das substâncias e dos fatos aos pontos de vista: a natureza do objeto da Linguística	158

Capítulo 4

O enigma pela vista ampliada: panoramas editoriais	160
4.1 Os esboços assaz antigos: a problemática da utilização e da combinação	162
4.2 O <i>making off</i> do CLG e o ponto de vista-objeto: entre a inutilidade e o apagamento da questão.....	163
4.3 O ponto de vista-objeto nos cursos de Linguística Geral: uma questão suspensa?	176
4.4 O ponto de vista-objeto nos cursos de Linguística Geral: uma questão latente.....	185

Capítulo 5

O enigma da esfinge pela vista desarmada	186
5.1 A delimitação do ponto de vista da Linguística e a criação de seu próprio objeto	188
5.2 A proposição do enigma do ponto de vista-objeto	193
5.3 Diacronia e sincronia: perspectivas ou realidades da língua?.....	201
5.4 O ponto de vista do linguista é o ponto de vista do sujeito falante	211
5.5 O ponto de vista é relação	213

Considerações finais	216
-----------------------------------	-----

Referências	218
--------------------------	-----

Palavras das editoras

Houve um tempo em que as grandes religiões se apresentavam como a principal fonte de parâmetros éticos explícitos para a vida em sociedade. Jessé de Souza, no livro *A tolice da inteligência brasileira. Ou como o país se deixa manipular pela elite* (Editora Leya, 2015, p. 12), entretanto, chama a nossa atenção para o fato de que esse papel tem sido hoje disputado com as ciências, na medida em que elas oferecem um conjunto de ideias (construídas em espaço social de prestígio) capturadas por programas de partidos políticos, de planejamento do Estado, de planejamento e condução do ensino, de elaboração e aplicação das leis, por aquilo que a mídia publica. Pudemos testemunhar um tanto dessas disputas durante os períodos mais críticos da pandemia de SARS-COVID-19, em que cientistas, falsos cientistas e anticientistas ofereceram produtos e valores capturados pelo poder, levando, por um lado, a cenários caóticos inimagináveis e, por outro lado, a oportunidades de demonstração de tudo o que se ganha quanto o conhecimento (teórico, aplicado, tecnológico) é respeitado.

A ABRALIN tem sido incansável no esforço de fortalecimento e de difusão dos saberes produzidos pelas ciências da linguagem no Brasil. Uma parte desse esforço resultou na criação, em 2020, desta Editora, cuja função é apoiar e divulgar a pesquisa em Linguística – o nosso modo peculiar de enfrentamento da ignorância, da injustiça, do preconceito que se constroem com as línguas ou em torno delas.

Existe uma grande diversidade de áreas, temas, orientações, interesses, pessoas no nosso campo de estudo. A Editora da ABRALIN quer se firmar como um espaço para a expressão dessa diversidade, que aqui se alia a propósitos científicos, democráticos e humanitários. Sendo *open access*, gratuita e digital, ela quer contribuir para que a circulação de saberes linguísticos solidamente construídos seja garantida e alcance a todos e todas que por eles se interessarem (estudantes, docentes e quem mais quiser).

Cada obra passa pelo crivo de especialistas associados à ABRALIN, que gentilmente prestam esse serviço à comunidade, e pelas disposi-

ções de editais públicos, pensados para assegurar a ampla participação e a relevância dos textos selecionados.

Assim, é com muita satisfação, que publicamos esta obra, plenamente inserida nesse conjunto de diretrizes e compromissos da Editora da ABRALIN.

Ana Paula Scher e Olga Coelho.

Apresentação

*Saussure est un auteur limpide, mais sa limpidité désoriente.
À cela s'ajout l'acculturation dont il a bénéficié;
son prix est l'apparence de trivialité:
le lecteur croit souvent retrouver du bien connu.
Or, il y a peu de trivialité chez Saussure.
(Jean-Claude Milner)*

O estudo que apresentamos neste livro é fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da pós-graduação, em nível de doutoramento. Tal investigação, cujos resultados sintetizamos nesta obra, articulou-se em torno da assunção de que, em matéria de Linguística, o ponto de vista cria o objeto. Essa afirmação, bem conhecida no campo dos estudos linguísticos modernos, foi publicada, pela primeira vez, na edição póstuma do *Curso de Linguística Geral* (CLG), organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye e, teve, por isso, sua autoria atribuída ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure.

A célebre afirmação saussuriana — retomada inúmeras vezes ao longo dos mais de cem anos de publicação do CLG, seja para elucidar questões próprias do pensamento de Saussure ou para fundamentar outras questões fora dele — aparece no livro publicado em 1916 em um capítulo central, aquele reservado a tratar do “Objeto da Linguística”, e em resposta a um dilema inicial: qual é o objeto, ao mesmo tempo, integral e concreto da Linguística?

A problemática anunciada nos parágrafos iniciais desse capítulo lança luz ao fato de que, nesse campo de investigação, diferentemente do que ocorre alhures, o objeto não é dado de antemão, de maneira que seja possível analisá-lo a partir de diferentes pontos de vista. É devido a este impasse, então, que Saussure apresenta, como uma solução epistemológica para seu obstáculo, uma relação inversa entre o ponto de vista e o objeto: na Linguística, postula o suíço, o objeto não precede o ponto de vista; é, ao contrário, criado por ele.

O objeto que as páginas da edição propõem-se a apresentar é explicitado nas linhas que se seguem. Dada a dualidade própria dos fenômenos linguísticos, é preciso colocar-se frente ao terreno da língua — um todo por si só e um princípio de classificação — e tomá-la

como norma de todas as heterogêneas manifestações da linguagem. É a primeira vez, na história dos estudos linguísticos, que os contornos dos conceitos de língua, de linguagem e de fala são delimitados e que a língua passa a ser reconhecida como o objeto da Linguística por excelência.

Embora, da maneira como estão organizadas as ideias saussurianas nesse capítulo da edição, seja claramente possível conceber uma estreita relação entre o ponto de vista e a língua, quando se considera, de maneira lógica, que o ponto de vista cria o objeto e que o objeto da Linguística é a língua, tal relação pareceu-nos sempre inquietante. Tendo em vista que o objeto da Linguística é a língua e que, nesse campo de investigação, o ponto de vista cria o objeto, é possível afirmar que o ponto de vista cria a língua?

Embora autorizada pela edição a compreensão pouco comum de que *o ponto de vista cria a língua* e, desse modo entendido, que *a língua é criada pelo ponto de vista* ou que, de maneira ainda mais temerária, *a língua é um ponto de vista*¹, tais formulações não eram, ao que nos parecia, costumeiras na literatura especializada acerca de Saussure. Se se retoma a definição de língua saussuriana, é comumente pela via precisa do sistema, não pela via assaz subjetiva do ponto de vista².

Além do mais, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto restava para nós enigmática. Isso porque, por um lado, ela anuncia a centralidade do ponto de vista, tendo em conta seu papel imprescindível ao objeto, mas, por outro, guarda certa incógnita em torno dessa noção, que, à primeira vista, ocupa, na edição do CLG, um lugar

¹ Embora a afirmação de que a língua é um ponto de vista seja pouco recorrente, a literatura mostra-nos que esta é uma compreensão possível para Milner (2002, p. 27), por exemplo, o qual, ainda que de maneira modalizada, afirma que “é preciso reconhecer que a língua é, a princípio, um *ponto de vista*” (Tradução nossa e grifo do autor).

² Afirmamos que, à primeira vista, a noção de ponto de vista é subjetiva porque pressupõe a perspectiva de alguém ou lugar de observação, portanto, pressupõe um sujeito observador. Não desconsideramos que, quando tomada no interior da produção saussuriana, atrelada ao modo de conceber a língua pelo linguista ou pelo falante, ela se insere em um projeto científico que, como tal, pressupõe, contrariamente, objetividade. Quanto a essa questão paradoxal, Normand (2009[2000], p. 120-124) observa que, se por um lado, Saussure poderia ser considerado um positivista, tendo em vista seu zelo pelo objeto, por outro, estabelecer que o fato linguístico depende de um ponto de vista o faz ultrapassar o discurso positivista. Quanto a isso, Pétrouff (2004, p. 63) também ressalta que afirmar a língua como sendo produto de um ponto de vista instaura uma problemática para a objetividade científica, uma vez que a questão do ponto de vista parece pertencer claramente ao domínio da subjetividade.

bastante pontual de elaboração. É preciso esclarecer que a questão do ponto de vista em sua relação com o objeto não torna a ser pauta explícita de reflexão no capítulo “Objeto da Linguística” e nem mesmo ao longo das páginas da edição.

A nosso ver, isso contribuía para a obscuridade em torno tanto da noção de ponto de vista quanto da sua relação capital com o objeto. Apesar disso, era inegável que a importância do ponto de vista criador do objeto não passou despercebida aos olhos dos leitores de Saussure e nem por isso deixou de ser lida em associação a outros conceitos saussurianos, sobremaneira, aos de sincronia e de diacronia. Questionávamos, então, de que maneira a questão do ponto de vista e de seu papel na criação do objeto, ocupando, à primeira vista, lugar tão pontual na edição do CLG, pode ter sua importância e seus desdobramentos recuperados no conjunto da teoria saussuriana.

Uma incursão pela fortuna crítica de Ferdinand de Saussure, com vistas à questão do ponto de vista e do objeto, colocou-nos frente a novas problemáticas: observamos que, de modo consensual, uma gama de autores ressaltou a importância da bem conhecida asserção de que o ponto de vista cria o objeto para o pensamento do linguista genebrino. No entanto, paradoxalmente, tal afirmação, por pouquíssimas vezes, despertou uma maior curiosidade de exame nos estudiosos, que — movidos por outros interesses ou alheios às nossas indagações — pouco questionaram ou problematizaram essa proposição. No mais das vezes, limitaram-se a associar a questão do ponto de vista à distinção entre sincronia e diacronia proposta por Saussure. A nosso ver, foi sempre tomada a partir de uma clareza — ou nos termos de Milner (2002), de uma limpidez –, a qual defendemos ser apenas aparente. Desse modo, ela guardou, ainda à esteira do que aponta o autor de *Le périple structural*, um feitiço de trivialidade, uma ilusão de simplicidade. Ora, já nos alerta Milner (2002, p. 19) que “[...] há pouco de trivialidade em Saussure”³.

Disso resulta, a nosso ver, um paradoxo na recepção desse postulado teórico de Saussure, uma vez que, embora bastante referenciado, ele tem ocupado lugar secundário nos estudos empreendidos até então, ou seja, tem sido mobilizado, sobretudo, em função de outras análises e de outros objetivos. Por poucas vezes foi tomado como objeto central de estudo, como recorrentemente foram os conceitos saus-

³ Tradução nossa de: “[...] il y a peu de trivialité chez Saussure”.

surianos de língua, de sistema, de signo, de diacronia, de sincronia, por exemplo. Era preciso, ao contrário, ler a proposição de que o ponto de vista cria o objeto para além da trivialidade ou da crença de se estar, como postula Milner (2002, p. 19), frente a algo bem conhecido.

A incursão pela fortuna crítica saussuriana com foco na proposição em questão colocou-nos, ainda, frente a nova problemática. Por um lado, há um consenso em reconhecer a importância dessa asserção para o pensamento de Saussure. Para Godel (1957, p. 136), por exemplo, o texto-fonte de tal asserção “representa talvez o nó das reflexões de Ferdinand de Saussure”⁴; para Engler (1995), o teorema do ponto de vista talvez⁵ seja o fundamento de toda teoria saussuriana. Por outro lado e no mais das vezes, a leitura da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto foi acompanhada de uma crítica à edição do CLG, acusada de descontextualizar a discussão que Saussure faz nas notas manuscritas (ENGLER 1974-75, 1977, 2001) que serviram de fonte para os editores e de fazer desaparecer quase definitivamente o conceito de ponto de vista no CLG (PÉTROFF, 2004).

Por esse modo de abordagem, à primeira vista, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, que, segundo Normand (2009[2000], p. 37), “curiosamente, pareceu sempre escandalosa”, poderia, então, ser caracterizada simultaneamente pelo par *escândalo*, para nos valermos dos termos de Normand, e *silenciamento*. Escandalosa porque trata-se de uma afirmação surpreendente e radical que, certamente, trouxe novos desdobramentos para o modo de conceber o fenômeno linguístico. Silenciada porque, sob a perspectiva de alguns autores, foi descontextualizada de sua reflexão original, advinda de anotações manuscritas do próprio Saussure, e apagada das demais páginas da edição.⁶

⁴ Tradução nossa de: “[...] represente peut-être le noeud des réflexions de F. de Saussure.”

⁵ Apesar de ressaltarem a importância da proposição saussuriana, fato para o qual chamamos a atenção, é válido observar também, nas afirmações de Godel e de Engler por nós destacadas, certa hesitação em afirmar a centralidade dela, que pode ser lida no modalizador “talvez” empregado por ambos os autores. A nosso ver, tal hesitação está associada ao escândalo da proposição de que o ponto de vista cria o objeto, evidenciado por Normand e esclarecido logo adiante.

⁶ É preciso esclarecer, de antemão, que, embora nos valem aqui do termo “escandalosa” utilizado por Normand para se referir à afirmação de que o ponto de vista cria o objeto e, de nossa parte, para ilustrar o modo como sua importância foi consensualmente lida, a autora não faz parte do quadro de recepções que tomou tal afirmação pelo par escândalo-silenciamento. Como veremos adiante, ela é, inclusive, representante de um segundo modo de leitura que propomos logo a seguir.

Uma análise mais profunda da elaboração teórica de Saussure — por nós desenvolvida e apresentada ao longo deste livro — levou-nos, porém, a tomar o modo como a afirmação em questão aparece no CLG a partir de outra caracterização. De nossa parte, postulamos que o *escândalo* dessa assunção teórica é seguido, na edição do CLG, de um *espraçamento*, e não de um *silenciamento* ou *apagamento*.

Isso porque, embora a reflexão do ponto de vista e de sua relação com o objeto tenha lugar pontual na edição, a nosso ver, tal compreensão espraia-se nas reflexões saussurianas, o que permitiu que sua importância radical não fosse, como alguns propõem, apagada. Isso se sustenta porque a noção de ponto de vista, na elaboração teórica de Saussure, está imbricada na noção de relação, a qual tem ampla produtividade teórica na construção dos conceitos saussurianos (MARQUES, 2015, 2016a, 2016b, 2017, 2018, 2019). Desse modo entendido, defendemos a tese de que *a escandalosa compreensão de que o ponto de vista cria o objeto espraia-se na reflexão de Saussure, porque a noção saussuriana de ponto de vista está imbricada na noção de relação*, fundamental para o cabedal conceitual de Saussure e para a compreensão de língua enquanto um sistema.

Assim, procurando ler a questão do ponto de vista e do objeto em Saussure para além de sua aparente trivialidade — ilustrada tanto na pouca investigação que se fez dela quanto na redutora denúncia à edição — e tomando-a não pelo par *escândalo-silenciamento*, que resume a abordagem feita por alguns autores, mas pelo par *escândalo-espraçamento*, apresentamos este estudo. Para tanto, tomamos nosso enigma — nomeadamente o ponto de vista-objeto saussuriano, assim grafado com hífen, para marcar a relação constante e necessária entre eles — tanto no contexto das anotações manuscritas de Saussure, dentre as quais estão as que serviram de fonte para os editores do CLG e que dão vistas à pertinência das relações para a discussão sobre o ponto de vista e vice-versa, quanto no contexto de sua veiculação, isto é, considerando nosso enigma no conjunto da edição, em associação aos demais conceitos e às demais reflexões ali dispostas.

No primeiro contexto, o dos manuscritos saussurianos, é possível vislumbrar uma intensa produção teórica a respeito do ponto de vista-objeto. Neste quadro de análise, interessamo-nos em tomá-lo no processo de construção teórica de Saussure que se dá nos documentos manuscritos, convencidos de que, a partir deles, há outra possibilidade de ler a questão do ponto de vista-objeto, em conformidade com o que

propõe Silveira (2007, p. 36, grifo da autora): “os manuscritos não teriam a função de restabelecer o *verdadeiro* Saussure, mas de ser uma possibilidade de ler Saussure, sempre dependente da posição do sujeito que lê, e a partir dessa leitura dialogar com a leitura feita pelos editores”.

No contexto da edição do CLG, interessa-nos, por outro lado, demonstrar como a questão do ponto de vista-objeto, que, à primeira vista, limita-se ao capítulo do “Objeto da Linguística”, espalha-se nas demais reflexões saussurianas, sobretudo, na distinção entre sincronia e diacronia e na reflexão que concebe a língua enquanto um sistema de valores, porque coloca em causa a compreensão da língua a partir de relações.

Assim, a despeito das idas e vindas de um trajeto próprio ao desenvolvimento de uma pesquisa — ou à busca pela chave de um enigma — e tendo em vista a necessidade de tornar nosso caminho mais claro ao leitor, organizamos nosso estudo em duas grandes partes, marcadas não por uma cessação, mas por uma articulação que pretendemos constante.

Na primeira parte deste livro, intitulada “Do que se leu sobre o ponto de vista em Saussure”, reunimos autores que, antes de nós, visitaram a afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto em alguma profundidade e que podem ser agrupados a partir de seus modos de leitura. Para tanto, selecionamos posições que, a nosso ver, são representativas de duas maneiras a partir das quais o postulado saussuriano foi lido e que serão mais bem esclarecidas na Introdução à Primeira Parte, são elas: uma que se fez pela via da dificuldade e outra que se fez pela via do enigma.

Com base nessa distinção, o primeiro capítulo dessa parte, nomeado “Da dificuldade: um esforço para facilitar a leitura”, é reservado às leituras que destacam a centralidade do ponto de vista-objeto saussuriano bem como a dificuldade imposta pela edição do CLG em torno dessa afirmação e que se guiam, portanto, pelo objetivo de suprir a falta de informação do livro póstumo a partir dos textos autênticos. São também representativos do modo de caracterizar o postulado saussuriano em estudo pelo par *escândalo-silenciamento*.

O segundo capítulo dessa mesma parte, nomeado “Do enigma: outra maneira de ler o ponto de vista-objeto”, é dedicado a outro modo de abordagem da afirmação saussuriana resultante de outra posição em relação à edição do CLG. Por esse viés de leitura, o foco está em mensurar os efeitos da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto para a produção teórica de Saussure, e não “condenar a edição

à obscuridade”, nos termos de Silveira (2007, p. 38), no que tange à proposição de que o ponto de vista cria o objeto.

A segunda parte deste livro, nomeada “O ponto de vista-objeto: uma incursão pelas elaborações saussurianas”, é de cunho analítico. Foi reservada à leitura dos próprios documentos de Saussure, evidenciando de que maneira a questão do ponto de vista-objeto compareceu ao exercício epistemológico saussuriano de delimitação do objeto científico próprio à Linguística. Assim, no primeiro capítulo dessa parte, intitulado “O enigma pela vista ampliada: panoramas escritos”, dedicamo-nos à leitura de dois documentos autógrafos de Saussure. O primeiro é o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.* (NLG ou N9), doado à Biblioteca de Genebra em 1955 por Jacques de Saussure e Raymond de Saussure, catalogado por Robert Godel e arquivado sob a inscrição Ms. fr. 3951/9. Constitui o documento-fonte utilizado pelos editores do CLG para firmar a sentença de que o ponto de vista cria o objeto no texto de 1916. O segundo manuscrito por nós analisado é o *De l'essence double du langage* (EDL), documento saussuriano descoberto apenas em 1996, portanto, desconhecido por Bally e Sechehaye. A escolha por selecionar este material como importante *corpus* de nossa pesquisa, que não fora utilizado na edição do CLG, deve-se ao fato de que ele traz uma importante reflexão a respeito do ponto de vista e, por isso, para Engler (1997), faz conjunto com o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*

Em seguida, no capítulo “O enigma pela vista ampliada: panoramas editoriais”, direcionamos nossas análises para materiais que dão vistas ao processo editorial do CLG e, em particular, à afirmação de que o ponto de vista cria o objeto. Para tanto, consideramos i. o “Prefácio à primeira edição” do CLG, que lança luz à empreitada de Bally e Sechehaye; ii. uma passagem da *Collation*, documento produzido pelos editores para dar um primeiro aspecto de todo às anotações dos alunos; e iii. edições dos cadernos de Riedlinger, um dos alunos de Saussure, que dão vistas ao modo como a questão do ponto de vista e do objeto foi abordada nas aulas de Saussure em Genebra.

No terceiro capítulo dessa parte, nomeado “O enigma da esfinge: a vista desarmada”, apresentamos, por fim, uma leitura da edição do *Curso de Linguística Geral*, procurando balizar os efeitos da afirmação foco de nosso interesse nesse estudo para a reflexão de Saussure que se apresenta na edição. Além disso, procuramos demonstrar como a noção de ponto de vista, concebida nas fontes manuscritas de modo imbricado

na noção de relação, espraia-se na reflexão saussuriana e é recuperada, sobretudo, nos conceitos de sincronia, de diacronia e de língua enquanto sistema de signos, fundamentados por aspectos relacionais.

Da jornada em busca de solução para nosso enigma, mais um esclarecimento impõe-se, o de nossa perspectiva de leitura. Aqui, optamos — sobretudo como o faz Claudine Normand, em estudos variados da teoria saussuriana — por ler o percurso de elaboração em torno do ponto de vista-objeto de Saussure pela via da Epistemologia. Sob essa perspectiva, diversas vezes adotada na literatura para a compreensão do pensamento do linguista genebrino, é possível, a nosso ver, uma leitura das reflexões de Saussure principalmente de duas maneiras: i. a partir da relação que essa teoria estabelece com as reflexões antecessoras, contemporâneas — e mesmo sucessoras — de modo a evidenciar como Saussure instaurou na história dos estudos linguísticos uma mudança radical; e ii. observando internamente a reflexão epistemológica saussuriana, isto é, avaliando as tomadas de posição de Saussure — não apenas como um linguista em seu exercício de análise das línguas, mas, sobretudo, como aquele que vê a necessidade, e assim procede, de reformulação de um quadro conceitual e de “[...] mostrar ao linguista o que ele faz[...]”⁷ (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 94).

Neste estudo, adotamos a segunda maneira de suceder, sem, contudo, desconsiderar a primeira. Em vista disso, o ponto de vista-objeto saussuriano é lido enquanto uma preocupação epistemológica de Saussure. Desse modo entendido, é explorado como questão fundamental para a instituição do objeto-língua. Trata-se, a nosso ver, de um gesto epistemológico operado por Saussure, constitutivo, em escala maior, do evento de fundação da Linguística moderna.

⁷ Tradução nossa de: “[...] montrer au linguiste *ce qu’il fait* [...].”

PRIMEIRA PARTE

Do que se leu sobre o ponto de vista-objeto em Saussure

*O enigma diferencia-se da dificuldade porque essa
é causada por uma falta que pode ser suprida.
Falta informação ao leitor para ler esse texto ou falta clareza
ao autor para que o leitor compreenda o texto.
No caso do enigma, pode haver dificuldade,
mas ela se refere à posição do sujeito.
Em geral, a resposta está no próprio texto e à vista.
(Eliane Silveira)*

Em sucessão à publicação do CLG em 1916, a recepção da Linguística Geral concebida por Saussure movimentou, de modos bastante distintos, o cenário de reflexões acerca da produção teórica do genebrino. Não foram poucos os que procuraram mensurar os efeitos dessa teoria em épocas e em contextos distintos.¹ Nesta primeira parte desta obra, chamamos a atenção para uma recepção² — em distinção àquela que considera o conjunto da produção linguística de Saussure — muito mais pontual: a recepção em torno do ponto de vista e de sua relação com o objeto na teoria do mestre suíço. Essa recepção, esclarecemos, compreende, particularmente, o modo como a afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto foi experimentada pelos leitores/receptores dessa teoria e o modo como neles ela produziu efeitos, tornando-os também (re)produtores³ dela.

Assim, no intuito de compreender de que maneira o ponto de vista-objeto saussuriano foi lido nos últimos anos, propusemo-nos, nesta primeira parte de nosso estudo, a esboçar um quadro em que essa afirmação fosse tomada a partir de suas recepções⁴. Frente a essa tarefa, deparamo-nos com alguns desafios: i. as numerosas citações de que o ponto de vista cria o objeto; ii. ao mesmo tempo, e paradoxalmente, o reduzido número de trabalhos em que tal afirmação é

¹ Para exemplificar, é com essa disposição que, dentre outros, Amacker (1976) calcula a influência saussuriana na Linguística Geral da Suíça entre os anos 1940 e 1970; que Normand (2009[2000]) recorda o valor de manifesto que o CLG adquiriu nos anos 1970; que Chiss e Puech (1994) e Puech (2016) desenham quatro diferentes recepções de Saussure na França; que se reúne, em 2003, no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, os trabalhos em torno recepção de Saussure na Alemanha (Buss; Jäger, 2003), na Coreia (Choi e Kim, 2003), na América Latina (De Lemos *et. al.*, 2003) e no Japão (Suenaga, 2003); que Milano e Flores (2016), do lado de cá do Atlântico, mensuram a herança saussuriana no Estruturalismo; que Flores (2017) traça um panorama da história crítica e pessoal das recepções das ideias de Saussure no Brasil; que Cruz, Piovezani, Testenoire *et. al.* (2016), cem anos após a publicação do CLG, mensuram as influências de Saussure nas teorias do discurso.

² Em seu livro *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*, Flores (2017) traça uma história crítica da recepção das ideias de Saussure no Brasil. Para tanto, ele problematiza a noção de recepção, ressaltando a insuficiência das recepções brasileiras no que tange às potencialidades do pensamento saussuriano, e observando como, num primeiro momento, a leitura de Saussure aqui se fez de segunda mão e como o CLG voltou a ser lido na ocasião de tradução dos *Escritos de Linguística Geral*.

³ O termo (re)produtores, nessa atribuição, faz referência àqueles para os quais a questão do ponto de vista-objeto fomentou algum desdobramento teórico.

⁴ Para a composição desse quadro, além das diversificadas obras da fortuna crítica saussuriana consultadas, debruçamo-nos também em importantes revistas da área, dentre as quais, destacamos os *Cahiers Ferdinand de Saussure*, que reúnem uma série diversificada de pesquisas acerca da produção teórica do genebrino.

discutida com alguma profundidade; e iii. o restrito círculo de trabalhos que se propõe a tratar dos efeitos dessa afirmação no interior da própria teoria saussuriana.

Tendo isso em vista, a seleção de posições representativas dos modos de leitura do ponto de vista-objeto desconsiderou de antemão as numerosas citações de que o ponto de vista cria o objeto, para dar ênfase àquelas que abordaram essa afirmação em alguma profundidade e às que propõem tratar dos efeitos dessa afirmação para a reflexão de Saussure. Para tanto, guiamos nossa leitura a partir das seguintes questões: i. de que maneira o ponto de vista-objeto, pensado por Saussure, foi lido? ii. quais são os pontos de contato de tais abordagens? e iii. em quais aspectos elas se distanciam?

Partindo de tais questionamentos, observamos que a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto foi consensualmente tomada enquanto importante aspecto da teoria linguística de Saussure. No entanto, os modos de sua abordagem divergem à esteira dos próprios modos de leitura do CLG, como propõe Silveira (2007) em análise ao estatuto da edição na fundação da Linguística moderna. Para a autora, as diferentes abordagens do texto de 1916 foram determinadas pela posição ocupada por aqueles que se colocaram frente a ele.

Assim, com base no que postula a autora, por um lado, estão aqueles que reconhecem falhas na edição e buscam soluções nos documentos autógrafos saussurianos, por outro, estão aqueles que passam pela edição, não em busca de informações, mas de uma experiência. É, a partir disso, então, que Silveira (2007) distingue duas perspectivas de abordagem da edição, as quais, a nosso ver, também são características do modo como a questão do ponto de vista-objeto saussuriano foi lida: uma que se fez pela via da dificuldade, outra que se fez pela via do enigma.

Essas diferentes vias de abordagem de Saussure ou, mais precisamente, do CLG, são, sem dúvida, resultado da polêmica instaurada no âmbito de investigação da produção saussuriana, que diz respeito à autenticidade ou não dos *corpora* teóricos do genebrino. Tal polêmica — que teve início com os trabalhos inaugurados por Godel (1957) e seu expoente nos estudos de Bouquet (2010) — resulta na crítica à edição de 1916, segundo a qual ela é responsável por alterar o pensamento de Saussure e, portanto, deve ser considerada como uma vulgata.

Ler Saussure, ou mais especificamente, ler a edição póstuma outorgada a ele, pela via da dificuldade, é a posição daqueles que, frente

à fratura da edição, foram impelidos a buscar, nas fontes manuscritas, a autenticidade do pensamento saussuriano. Reconhecem, portanto, uma fenda, segundo Silveira (2007, p. 28 e p. 37), instaurada pela perda dos laços internos desse pensamento e cuja recuperação os editores intentaram a partir de acréscimos e de excertos incluídos ao texto publicado em 1916.

No que tange especificamente à asserção de Saussure que coloca em causa o ponto de vista e sua relação com o objeto, a abordagem que se faz por essa via é dirigida pelo objetivo de suprir as falhas da edição e, portanto, a dificuldade de ler o CLG a partir das fontes manuscritas. Por essa perspectiva, há um reconhecimento da importância desse postulado saussuriano, mas, ao mesmo tempo, denuncia-se que ele foi mal interpretado pelos editores — o que resultou em um equívoco — e descontextualizado de sua reflexão original (Engler, 1974-1975, 1977, 1995, 2001); ainda, que o conceito de ponto de vista foi definitivamente ignorado e eliminado da edição (Pétroff, 2004).

É, portanto, na tentativa de suprir essas falhas e recuperar “os laços internos desse pensamento” (Silveira, 2007, p. 29), que as fontes manuscritas de Saussure são consultadas⁵, na certeza de que elas guardam o mais autêntico do raciocínio saussuriano. Desse modo, a leitura desse postulado teórico é guiada pela busca por mais informações ou respostas, leitura essa que pode ser assim sumarizada: i. ponto de vista de quem? ii. como se cria um objeto? iii. qual é o objeto criado pelo ponto de vista?

Silveira (2007) aponta para o fato de que a leitura da edição do CLG, por ter perdido seus laços internos — a seu ver irre recuperáveis — foi, por vezes, tomada como difícil. Para ela, no entanto, a passagem de “difícil” para “estranho”, no sentido de aquilo que causa estranhamento, permite uma outra posição frente ao texto saussuriano: a de tomá-lo como enigma.

Esse segundo modo de abordagem da edição é o que, segundo Silveira (2007), a despeito de tais falhas, permite uma ida ao texto es-

⁵ É preciso notar que essa consulta, no mais das vezes, faz-se pela via também indireta de edições dos documentos saussurianos que comumente eliminam as marcas de elaboração do pensamento de Saussure, como as rasuras (Silveira, 2011). A nosso ver, relegar a edição do CLG e recorrer a edições dos manuscritos, na busca por um Saussure autêntico, é bastante contraditório. É preciso considerar que tais edições são, também, resultado de escolhas, tais como a de se retirarem as rasuras, de sugerir preenchimentos para as lacunas de Saussure, dentre outras.

tabelecido em 1916 e também às fontes manuscritas sem a pretensão de encontrar neles o verdadeiro Saussure. Desse modo, possibilita que se tomem as dificuldades de compreensão da edição como constitutivas de um enigma. Assim, segundo a autora, para retomar a epígrafe que abre a Primeira Parte deste livro, se a dificuldade está para a falta de informação, o enigma está para outro modo de se colocar frente ao texto de 1916:

O enigma diferencia-se da dificuldade porque essa é causada por uma falta que pode ser suprida. Falta informação ao leitor para ler esse texto ou falta clareza ao autor para que o leitor compreenda o texto. No caso do enigma, pode haver dificuldade, mas ela se refere à posição do sujeito. Em geral, a resposta está no próprio texto e à vista. (SILVEIRA, 2007, p. 36)

Admitir a edição como tal, conforme Silveira (2007), é, não obstante as falhas decorrentes de sua organização⁶, despir-se da procura por respostas no CLG na comparação com as anotações dos alunos ou nos manuscritos saussurianos, e desvendar o próprio texto. É também ir a esses documentos sem a pretensão de encontrar neles o verdadeiro Saussure e de ter neles uma possibilidade de leitura que dialoga com aquela dos editores.

Tendo em vista a distinção entre enigma e dificuldade proposta por Silveira (2007), agrupamos, nessa primeira parte deste livro, as leituras do ponto de vista-objeto saussuriano considerando seus modos de abordagem. No Capítulo 1, “Da dificuldade: um esforço para facilitar a leitura”, reunimos autores que, cada qual à sua maneira, tomaram tal questão pela via da dificuldade. São, portanto, aqueles que denunciam as falhas da edição e recorrem às fontes manuscritas em busca de solução para a embaraçosa afirmação — ou “importante, mas difícil de ler no CLG” (Silveira, 2007, p. 30) — veiculada pela edição do CLG, de que o ponto de vista cria o objeto. Nesse capítulo, tais leituras ganham lugar, considerando-se, primeiramente, a crítica que

⁶ Vale reiterar, sobretudo para aqueles que principiam na investigação da teoria saussuriana, o caráter póstumo do livro que tornou públicas as ideias linguísticas de Saussure — o *Curso de Linguística Geral*, em sua versão original *Cours de linguistique générale* — e que ele foi constituído, em sua grande parte, por anotações de alunos, organizadas por Charles Bally e Albert Sechehaye, então colegas de Saussure. Apenas pequenas partes, se consideradas ao restante, tiveram como fontes as próprias anotações do professor genebrino. Neste estudo, também nos referiremos a ele como *Cours*.

se faz à edição e, em seguida, as informações que, a nosso ver, foram consideradas faltosas na edição, mas importantes para o pensamento de Saussure a respeito da temática em questão.

No Capítulo 2, “Do enigma: outra maneira de ler o ponto de vista-objeto saussuriano”, apresentamos uma segunda abordagem da temática central deste estudo e que é aqui também adotada por nós: aquela que se faz pela via do enigma. Por essa perspectiva, mais do que uma busca por elementos que podem suprir as falhas da edição — as quais não deixam de ser reconhecidas — a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto é tomada no interior da produção saussuriana, no intuito de mensurar seus efeitos para o pensamento do genebrino.

Por fim e não menos importante, é preciso ressaltar que a separação entre uma abordagem do ponto de vista-objeto saussuriano pela via da dificuldade e outra pela via do enigma, a ser tratada nesta primeira parte, não pretende ser estanque, embora ela considere, fundamentalmente, o reconhecimento ou não do texto estabelecido pela edição e, no mais das vezes, a posição de alguns estudiosos tem sido incontornável (Silveira, 2007).

Como veremos adiante, Engler, por exemplo, tece críticas à edição, no entanto, à sua maneira — parece-nos — procurou, em algum momento, rever sua posição frente ao texto de 1916, bem como mensurar os efeitos da afirmação sobre o ponto de vista-objeto para a teoria saussuriana. Desse modo, se, em algum momento, é certo que ele toma tal questão pela via da dificuldade, em outro momento, parece-nos que é possível considerar que ele leu tal afirmação de outra maneira. Por isso, postulamos que o par enigma *versus* dificuldade deve ser tomado como fluido, e não categórico.

Capítulo 1

Da dificuldade: um esforço para facilitar a leitura

De fato, entre os leitores de Saussure, estão aqueles cuja reação às falhas e às dificuldades de compreensão constituíram tentativas de simbolizar os laços internos que escaparam no momento da edição.

(Silveira, 2007)

Uma primeira via de leitura da afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto, que merece ser abordada neste quadro inicial de recepções e de interlocuções, é aquela que se fez pela via da dificuldade. Como esclarecemos na introdução da primeira parte desta obra, para nós e à luz do que propõe Silveira (2007), esse é o modo preferencial de leitura daqueles que, frente às falhas da edição do CLG no tocante ao ponto de vista-objeto, foram impelidos a procurar, nas fontes saussurianas, a autenticidade dessa reflexão. Desse modo, a nosso ver, colocam-se frente a ela na tentativa de suprir as dificuldades de compreensão desencadeadas pelo processo editorial do CLG. É nesse sentido que, como esclarece Silveira (2007, p. 36), a “dificuldade impõe, por oposição, um esforço para facilitar essa leitura”.

Tendo em vista esse modo de abordar a questão-objeto desta investigação, na seção 1.1, daremos vistas à dificuldade que se leu em torno da asserção saussuriana sobre o ponto de vista-objeto no CLG, resultante do modo como essa elaboração foi editada e apresentada por Bally e Sechehaye no texto de 1916. Para isso, deter-nos-emos nas reflexões de Rudolf Engler, organizador da mais importante edição crítica do CLG, que, sobremaneira, mostrou-se convencido de que há um equívoco na edição no que concerne a tal asserção. Essa crítica, dentre outras, é a que se mostra mais incisiva.

Em um segundo momento, evidenciaremos diferentes investidas representativas do esforço para facilitar a leitura da proposição de que o ponto de vista cria o objeto que se fizeram na literatura especializada em Saussure e que se dão a partir da busca por soluções ou informações que supostamente a edição deixou escapar: i. em que repousa

o ato de criação? ii. qual objeto é criado pelo ponto de vista? iii. a língua é um ponto de vista?¹

Levando em consideração a questão i., na seção 1.2, elucidaremos como o ato de criação foi interpretado por Kyheng (2014[2010]), que trata do ponto de vista em Saussure sem sequer fazer referência à edição de Charles Bally e Albert Sechehaye. É preciso esclarecer que, para a autora, “somente os escritos autênticos saussurianos estão em medida de validar ou invalidar as hipóteses e interpretações propostas”² pelo linguista genebrino (KYHENG, 2007, s/p).

A nosso ver, o silenciamento quanto ao CLG, nesta ocasião particular de estudo, não apaga a importância da formulação dada pelos editores para a questão, a qual só pode ser lida inicialmente pelas páginas da edição. Além disso, apesar de não fazer referência ao texto de 1916, é inegável que há uma leitura do CLG que se fez pela via da dificuldade, valendo-se da edição crítica organizada por Engler para suprir as falhas do CLG. Como ressalta Silveira (2007, p. 36), as edições críticas desempenharam esse papel de facilitador da leitura da edição do CLG. A despeito disso, ainda nesta primeira seção, aproximaremos o modo de interpretar o ato de criação por Kyheng (2014[2010]) daquele efetuado por Turpin (1993).

Tendo em vista a questão ii., em seguida, percorremos uma vez mais a leitura de Kyheng (2014[2010]), no intuito de elucidar como o objeto de que fala a sentença — tema de nosso estudo — foi interpretado pela autora a partir de algumas anotações manuscritas, na realidade, da edição estabelecida por Bouquet e Engler em 2002 dessas anotações.

Na terceira seção deste capítulo, tematizaremos a questão iii.. Para tanto, examinaremos o estudo proposto por Pétróff (2004), no qual ele tece críticas ao CLG a respeito do conceito de ponto de vista e apresenta uma articulação pouco comum que se faz entre o ponto de vista e a língua, tomando a segunda pelo primeiro, e que será importante para algumas discussões pretendidas neste estudo.

¹ Ao elencar tais questões visitadas por aqueles que leram o ponto de vista-objeto saussuriano pela via da dificuldade, não restringimos seu tratamento aos representantes dessa abordagem. Outros autores também tratam, em alguma medida, de tais questões, no entanto, a partir de outro modo de leitura, do qual trataremos no Capítulo 2 deste livro.

² Tradução nossa de: “[...] seuls les écrits authentiquement saussuriens sont en mesure de valider ou invalider les hypothèses et les interprétations proposées [...]”.

1.1 O equívoco da edição

Uma primeira crítica à edição, no que concerne à afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, pode ser acompanhada em estudos assinados por Rudolf Engler. É conhecido nome da literatura especializada em Saussure, sobretudo, por ser autor da principal edição crítica do CLG — publicada em dois tomos, respectivamente nos anos 1968 e 1974 — que coloca lado a lado as passagens da edição e os materiais que lhe serviram de fonte, a saber, anotações dos participantes dos cursos de Saussure e anotações de seu próprio punho.

Exemplo disso é o que sucede no artigo “*Sémiologies saussuriennes: de l’existence du signe*”, publicado na edição de número 29 do *Cahiers Ferdinand de Saussure* (CFS). Nele, o autor discute a compreensão do signo pensado pelo genebrino em suas produções sobre a Linguística e sobre as lendas germânicas, a partir de uma crítica ao trabalho de D’Arco Silvio Avalle, para quem há um paradoxo entre a Semiologia linguística e a Semiologia mitógrafa saussurianas, no que diz respeito ao signo. Para este último autor, o signo está ausente nas lendas, pois nelas aparecem apenas seus constituintes, em contraposição à presença constante do signo nas teorizações de Saussure sobre a língua.³

Em posição oposta à tese da contradição sustentada por Avalle, Engler (1974-1975, p. 59) ressalta que, conforme Saussure, “a Linguística Geral é um trabalho de delimitação ‘abstrata’ e generalizante a partir de fatos singulares e [que] esse trabalho é acompanhado da classificação e da crítica de métodos e dos termos.”⁴ Na visão de Engler, essa classificação é operada nas anotações mitógrafas de Saussure que, em sua grande parte, “consiste[m] em análises filológicas e críticas muito precisas”⁵. É no intuito de sustentar esse argumento que Engler lança mão, então, da discussão saussuriana sobre a análise dos fatos e, consequentemente, da questão do ponto de vista:

Não se trata, por ora, de julgar a justeza dos fatos invocados [por Saussure nas lendas germânicas], nem a validade da teoria à luz dos conhe-

³ Uma melhor compreensão da produção de Saussure a respeito das lendas germânicas pode ser acompanhada em Henriques (2014, 2019), que tem se dedicado à pesquisa dos manuscritos saussurianos relativos a essa temática.

⁴ Tradução nossa de: “La linguistique générale est un travail de délimitation ‘abstractive’ et généralisante à partir de faits singuliers et ce travail s’accompagne du classement et de la critique des méthodes et des termes.”

⁵ Tradução nossa de: “[...] consiste en analyses philologiques et critiques très précises [...].”

cimentos atuais; só importa o lado formal do raciocínio. Evidentemente ele parte de uma análise comparativa dos fatos — fatos escolhidos, ou cuja escolha resulta da correspondência entre um ponto de vista e uma matéria capaz de oferecer o objeto próprio ao ponto de vista.⁶ (ENGLER, 1974-1975, p. 63)

Tal afirmação, que se dá, como apontamos, em função da crítica traçada por Engler a Avalor⁷, recebe uma nota explicativa, que aqui mais nos interessa, pois lança luz à crítica de Engler também à edição do CLG no que tange ao ponto de vista-objeto saussuriano:

A questão do ponto de vista será tratada no nosso segundo artigo. Há um equívoco na citação demasiado conhecida de que o ponto de vista cria o objeto: Saussure afirmou a pluralidade dos pontos de vista (e dos objetos) e a necessidade de uma crítica dos pontos de vista. Em outras palavras, objeto e ponto de vista se constituem em um julgamento de identidade que deve corresponder a certos dados intelectuais e materiais.⁸ (ENGLER, 1974-1975, p. 63)

A crítica que Engler traça está, então, no fato de que, para ele, há um equívoco na formulação do CLG de que o ponto de vista cria o objeto. Embora a explicação desse desacerto seja condensada nas poucas linhas de uma nota, na promessa de ser mais bem desenvolvida em outro artigo⁹, tomemos em detalhe cada um dos elementos pontuados pelo editor, de maneira a esclarecer seu posicionamento.

⁶ Tradução nossa de: “Il ne s’agit pas, pour le moment, de juger de la justesse des faits invoqués, ni du bien-fondé de la théorie à la lumière des connaissances actuelles; seul importe le côté formel du raisonnement. Manifestement celui-ci part d’une analyse comparative de faits - faits choisis, ou dont le choix résulte de la correspondance entre un point de vue et une matière capable d’offrir l’objet propre au point de vue.”

⁷ Limitamo-nos apenas a contextualizar a ocasião em que a crítica ao CLG sobre sua apresentação do ponto de vista-objeto saussuriano aparece. Por não ser nosso foco, não desenvolvemos a crítica de Engler direcionada a Avalor.

⁸ Tradução nossa de: “Il y a une équivoque dans la citation presque trop connue du point de vue qui crée l’objet: Saussure affirmait la pluralité des points de vue (et des objets) et la nécessité d’une critique des points de vue. En d’autres termes, objet e point de vue se constituent dans un jugement d’identité qui doit correspondre à certaines données intellectuelles et matérielles.”

⁹ Trata-se de uma continuação do artigo *Sémiologies saussuriennes: de l’existence du signe*, que é publicado no *Cahiers* 34, em 1980, e nomeado *Sémiologies saussuriennes: le canvas*. No entanto, nesse material, Engler suspende explicitamente seu propósito de tratar do ponto de vista e volta abordá-lo, em 1977 no *Cahiers* 31, *Premiers spécimens d’un index des matières au CLG/E*. Aqui temos um esboço do tratamento dado ao ponto de

O primeiro aspecto relevante é que, segundo ele, Saussure afirma a pluralidade dos pontos de vista. Desse modo, entende-se que se, por um lado, o suíço toma os pontos de vista numa flexão e numa compreensão plurais, por outro, a edição opta por uma flexão e, portanto, por uma compreensão singulares: o ponto de vista cria o objeto. Mais do que uma questão estilística, na visão de Engler vislumbrada em estudo de 1977, trata-se de um erro, uma vez que, na redação do CLG: “o dinamismo metódico dos pontos de vista múltiplos e concorrentes, justificáveis e criticáveis dão lugar ao ponto de vista inventado ou dado[!]”¹⁰ (ENGLER, 1977, p. 98). Desse modo, a necessidade do que Saussure chama de crítica dos pontos de vista — uma vez concebida a variedade deles — é apagada da edição, embora tenha sido sustentada nas anotações manuscritas.¹¹

A escolha pelo termo *objeto* no singular, que se faz na edição, também é, para Engler, problemática. Isso porque, como acrescentam os parênteses em sua redação, no excerto destacado, o termo *objeto* também é plural. Dito de outro modo, em suas anotações, Saussure refere-se igualmente a vários objetos. A crítica de Engler, no entanto, parece não se limitar ao modo como tal asserção saussuriana foi reformulada pelos editores. Isso porque, acreditamos, como conhecedor das fontes manuscritas de Saussure, Engler estava ciente de que a afirmação retirada dos manuscritos e que serviu de fonte para os editores também colocava em relação termos singulares: “é o ponto de vista que sozinho FAZ a coisa”¹² (SAUSSURE, 1893-1894 (?), f. 19). Na formulação dos documentos autógrafos, aqui adiantados no intuito de problematizar a crítica de Engler, bem se vê que tanto o ponto de vista quanto a coisa — renomeada como objeto pelos editores — recebem flexão singular. Ao que tudo indica, então, ao se queixar da singularidade dos termos ponto de vista e objeto, Engler dá vistas a outros aspectos abordados no documento por Saussure que, a seu ver, foram

vista, mas é, sobretudo, em 1995 que essa questão é mais bem desenvolvida. Acompanharemos ambas as reflexões adiante.

¹⁰ Tradução nossa de: “[...] le dynamisme méthodique des point de vue multiples et concurrents, justifiables et criticables fait place au point de vue inventé ou donné[!].”

¹¹ Engler não explicita do que se trata tal crítica nesta nota nem em artigo de 1977, em que também faz referência a essa questão. Apesar de ressaltar sua relevância, a compreensão do que seja a crítica dos pontos de vista é relegada à obriedade. Voltaremos a essa questão no Capítulo 3 em análise ao manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f.

¹² Tradução nossa de: “[...] est le point de vue qui seul FAIT le chose [...]”.

apagados da discussão em torno dessa afirmação que se apresenta na edição e que, portanto, merecem ser melhor investigados.

Ainda com Engler, reiteramos o fato de que, segundo ele, objeto e ponto de vista “se *constituem* em um julgamento de *identidade* que deve corresponder a certos dados intelectuais e materiais” (ENGLER, 1977, p. 63). Um primeiro aspecto desse entendimento é a relação que se estabelece entre o ponto de vista e o objeto e que será mais bem tematizada no tópico adiante. Por ora, abordemos a compreensão de Engler no que diz respeito a essa relação. Na perspectiva do editor, acompanhada no excerto em voga, objeto e ponto de vista *constituem-se*. Logo, pode-se afirmar que o objeto e o ponto de vista são constitutivos um do outro. Desse modo entendido, apesar das críticas à edição, nesse aspecto, a relação evidenciada por Engler parece não se distanciar daquela apresentada no CLG, tendo em vista que podemos entender por constituinte algo que dá existência ou início a alguma coisa, ou parte essencial de algo, ou, ainda, essencial para criação de algo.

O que distancia a compreensão de Engler daquela da edição do CLG é um segundo aspecto que merece destaque nesse entendimento: o modo como ponto de vista e objeto constituem-se a partir da identidade “correspondente a certos dados intelectuais e materiais” (ENGLER, 1977, p. 63). Dessa maneira, segundo ele, objeto e ponto de vista seriam, então, semelhantes, pois há uma correspondência necessária entre certos dados intelectuais — ao que nos parece, os próprios pontos de vista — e certos dados materiais — os objetos¹³.

Ainda no que diz respeito à crítica à edição, destacamos o trabalho publicado por Engler em 1977 que recebe o nome “*Premiers spécimens d’un index des matières au CLG/E*”. Nele o austríaco propõe-se a antecipar alguns artigos¹⁴, também tema de seminários por ele apresentados entre os anos 1975 e 1976, e a submetê-los, ainda que inacabados, a uma crítica.

Nós apresentamos aqui - e estamos felizes em poder fazer isso em homenagem ao Sr. Godel - duas séries de artigos: a) *abstração, generali-*

¹³ Adiantamos que a separação entre os dados intelectuais e os dados materiais não é uma distinção claramente colocada por Saussure nos documentos consultados por Engler. Trata-se de uma interpretação dada pelo austríaco.

¹⁴ Segundo Engler, trata-se de artigos mais ou menos escritos. Isso porque o autor apresenta uma espécie de síntese de trechos manuscritos de Saussure em que os termos por ele selecionados são tratados. Não há, portanto, uma elaboração textual de Engler a respeito desses termos, o que, a nosso ver, dificulta a leitura do texto.

zação, *ponto de vista*, b) *ablaut*, *alternation*, *umlaut*. Comentaremos brevemente: sua escolha deve permitir reconhecer problemas metódicos e teóricos. O leitor julgará por si mesmo se e em que medida o índice projetado e os exemplos produzidos podem influenciar ou corrigir as interpretações do CLG, se e em que medida eles renovam os pontos de vista na atualização de um pensamento “clássico” para a necessária integração das tendências modernas na pesquisa.¹⁵ (ENGLER, 1977, p. 90)

Nesse estudo, em específico, o propósito do autor é, então, a partir de sua própria síntese de excertos autógrafos de Saussure, permitir o reconhecimento de problemas metódicos e teóricos, a respeito da *generalização*, da *abstração* e do *ponto de vista*, como também da *apofonia*, da *alternância* e da *metafonia*. O autor propõe, como se lê no trecho anterior, que caberá ao leitor julgar em que medida o índice a ser apresentado por ele pode influenciar ou corrigir as interpretações do CLG. Apesar de atribuir a tarefa ao seu leitor, há implícito um intuito de Engler em dirigir uma *correção* da edição póstuma, o que nos permite entender que, para ele, algo falha no que se refere ao modo como esses termos foram tratados, abordados ou expostos nela. Sobre o ponto de vista, em particular, sabemos, com base no texto de 1974-1975, que se trata, em sua perspectiva, de um equívoco.

Esse trabalho conduzido para reparar os erros do CLG é pautado em uma série de excertos ou afirmações saussurianas em torno dos termos elencados pelo autor. Neles, Engler (1977) traça um panorama das anotações manuscritas de Saussure sobre o ponto de vista, no intuito de evidenciar que seu tratamento no CLG se dá de forma distinta do tratamento dado por Saussure nas fontes autógrafas.

Nesse sentido, o estudo apresentado por Engler na clara tentativa de suprir as falhas da edição, no que se refere ao ponto de vista-objeto, é bastante exemplar do modo de leitura que se dirige aos documentos autógrafos movido pela busca de informações que sanem as dificuldades do texto de 1916. Paradoxalmente, o texto de Engler é

¹⁵ Tradução nossa de: “Nous présentons ici - et nous sommes heureux de pouvoir le faire en hommage à M. Godel deux suites d'articles: a) abstraction, généralisation, point de vue, b) ablaut, alternance, umlaut. Nous les commenterons brièvement: leur choix devrait permettre de reconnaître des problèmes méthodiques et théoriques. Le lecteur jugera par lui-même si et dans quelle mesure l'index projeté et les exemples produits sont susceptibles d'influencer ou de corriger les interprétations du CLG, si et dans quelle mesure ils renouvellent des points de vue dans l'actualisation d'une pensée 'classique' vers l'intégration nécessaire de tendances modernes de la recherche.”

pouquíssimo didático. O aglomerado de referências aos variados documentos saussurianos dificulta a leitura e interdita uma ida aos materiais referidos, o que, a nosso ver, dá aos leitores poucos caminhos para “influenciar ou corrigir as interpretações do CLG”, como sugere Engler. Se por um lado, na perspectiva de Engler e de outros, a edição erra pela falta de informação, Engler e sua tentativa de correção, neste contexto, pecam pelo excesso de informações, criando, para nós valermos da expressão de Normand (2009[2000], p. 21), “uma massa de erudição” que obscurece a reflexão saussuriana.

Assim, na tarefa de demonstrar as incorreções da edição, Engler, em primeiro lugar, parte de três definições para o ponto de vista, indicadas pela sigla [def. - definição]. Em seguida, esquematiza os modos de compreensão do ponto de vista nas anotações de Saussure sob quatro perspectivas: a) científica [sc. — ciência]; b) fisiológica [phys. — fisiologia]; c) semiológica [sem. — semiologia] e d) linguística [l. — língua]. Depois, chega aos diferentes pontos de vista: a) pancrônico [panchr. — pancronia], b) sincrônico [s. sincronia], c) diacrônico [d. — diacronia], d) histórico [hist. — historiográfico]. Por fim, trata o ponto de vista sob o viés terminológico [term. terminologia].

Do levantamento feito pelo austríaco, chamamos a atenção para alguns aspectos. O primeiro deles diz respeito às definições que o ponto de vista ganha na síntese do autor:

PONTO DE VISTA: [def.] a) maneira de estudar um objeto* dado 125 N; b) modo de constituir e de estudar um objeto em linguística (semiologia inclusive): princípio metódico necessário que implica um julgamento de identidade* 126ss. N; - por extensão, nas ciências humanas (b’); - necessidade de uma delimitação de P’ DE V’ para julgar o valor de uma substância 132 N; c) modo de proceder no interior de um P ‘DE V’ (a / b).¹⁶ (ENGLER, 1977, p. 92)

O ponto de vista ganha, bem se vê no excerto em destaque, algumas atribuições. Tais definições¹⁷, que figuram uma tentativa de

¹⁶ Tradução nossa de: “POINT DE VUE: [déf.] a) façon d’étudier un objet* donné 125 N; b) façon de constituer et d’étudier un objet en linguistique (sémiologie incluse): principe méthodique nécessaire impliquant un jugement d’identité * 126ss. N; - par extension, en sciences humaines (b’); - nécessité d’une délimitation de P’ DE V’ pour juger de la valeur d’une substance 132 N; c) façon de procéder à l’intérieur d’un P’ DE V’ (a/b).”

¹⁷ A terceira definição parece falhar em seu propósito, uma vez que aquilo que se define, isto é, o ponto de vista, entra em sua própria definição.

precisar a noção de ponto de vista no interior da produção teórica saussuriana, mostram-se relacionadas também ao tratamento terminológico do ponto de vista apresentado por Engler. Por esse viés, o ponto de vista é modo de considerar, é perspectiva, por isso, comporta qualificativos, ponto de vista sincrônico, ponto de vista diacrônico. É preciso adiantar, no entanto, que Saussure não chega a definir *ponto de vista* nas anotações manuscritas analisadas por Engler, como também não o faz no CLG, obra em que não se observa um exercício de elaboração conceitual em torno da locução ponto de vista¹⁸. Isso posto, entende-se que as definições para o ponto de vista apresentadas por Engler em sua síntese constituem uma interpretação das elaborações que se dão nas notas autógrafas.

Ainda tendo em conta as definições apresentadas por Engler, é preciso lembrar que a expressão *ponto de vista* foi, por pouquíssimas vezes, discutida na história das ideias saussurianas. Sabe-se que muito já fora dito sobre o objeto no pensamento de Saussure, entretanto, muito pouco sobre o ponto de vista responsável por sua criação. A nosso ver, a razão disso está no fato de que o ponto de vista foi lido sempre numa atribuição que não é teórica, mas comum, enquanto sinônimo de perspectiva. Isso porque, diferentemente de outros termos da produção saussuriana, o ponto de vista não pareceu, pelo menos em superfície, carregado de aspectos que o estabelecessem enquanto conceito da teoria linguística de Saussure.

Na contramão do usual, Engler (1977) passou por tal questão, definindo, como vimos, o ponto de vista saussuriano enquanto maneira de estudar um objeto dado¹⁹ ou modo de constituir o objeto. Tal definição, que, a nosso ver representa uma primeira tentativa de problematização, no entanto, não esgota as possibilidades em torno da noção de ponto de vista, quando a tomamos não pela precisão de seu significado — isto é, enquanto sinônimo de perspectiva —, mas pelo seu modo de funcionamento na teoria saussuriana²⁰. Por ora e com vistas ao objetivo deste capítulo — percorrer as leituras que tomaram

¹⁸ A elaboração de um conceito pressupõe demonstrações e definições. Embora haja no CLG demonstrações de que, em matéria de Linguística, o ponto de vista cria o objeto — tal qual a que é apresentada no capítulo “Objeto da Linguística” a respeito da palavra *nu*, que pode ser tomada como um som, uma expressão de uma ideia, um correspondente do latim *nudum* — a locução *ponto de vista* não recebe nas páginas da edição uma definição.

¹⁹ Essa definição será problematizada na seção 5.2.

²⁰ No Capítulo 5, a partir de uma leitura do CLG, sustentaremos o argumento de que o ponto de vista, na teoria saussuriana, não se reduz às questões de perspectiva.

a afirmação em torno do ponto de vista-objeto pela dificuldade, recorrendo às fontes manuscritas e às edições críticas como forma de sua validação — limitemo-nos a apresentar tais definições.

Outro aspecto que sublinhamos é o fato de que Engler procurou marcar a ausência de um objeto em Linguística sem o ponto de vista, dando relevo ao seu papel capital na Linguística para Saussure. Também evidenciou a pluralidade dos pontos de vista bem como dos objetos ou coisas, como igualmente fez na nota do artigo de 1974-1975, anteriormente explorada. Isso, mais uma vez, remete ao equívoco da edição denunciado por ele no texto *Sémiologies saussurriennes: l'existence du signe*, de nela tanto o ponto de vista quanto o objeto receberem flexão singular.

[ling.] *cantare* neste ou naquele P' DE y' (a) e questão do 'verdadeiro' *cantare* (raciocínios ilusórios) 129 N; coisas diferentes feitas de *cantare* e parcialidade de escolha 129 N; - **ausência de um objeto em linguística sem P' DE V' (b) 127 N, fora de um P' DE V' 129 N; antes de uma pluralidade de P'S DE V' justos ou falsos, com os quais criamos secundariamente coisas [objeto]**; essas criações se encontram em jogo com as realidades quando o P' DE V' é justo 131 N, [daí em resumo a fórmula de] P 'DE V' [quem] faz a coisa 130 N = 130 ed.: o P' DE V' cria o objeto [!]; ausência de P' DE V' dado 128 N 130 N [mas 2113 ed.: P' DE V' imposto pela própria natureza da linguagem!], **de uma determinada hierarquia de P' DE V' 132 ed. daí a necessidade de um estudo e uma crítica comparativa P'S DE V'** (não há nada a princípio, nada que seja determinado fora do P' DE V' e nenhum P 'DE V' mais indicado que outros) 129 N; - P'S DE V' (b) linguísticos a considerar: sincrônico e diacrônico 1563 1592, v. [sem., s., d. e *panchr.*]; opostos como P'S DE V' do linguista e do sujeito falante 1349 ss.; escapa do P 'DE V' da língua 1586; necessidade se livrar de um P 'DE V' diacrônico [exclusivo] 1600 s.²¹ (ENGLER, 1977, p. 93, grifos nossos)

²¹ Tradução nossa de: "[lin g.] *cantare* à tel ou tel P' DE y' (a) et question du 'véritable' *cantare* (raisonnements illusoires) 129 N; choses différentes faites de *cantare* et partialité du choix 129 N; - absence d'objet en *linguistique* sans P' DE V' (b) 127 N, hors d'un P' DE V' 129 N; préalable d'une pluralité de P'S DE V', justes ou faux, à l'aide desquels on crée secondairement les choses [objet]; ces créations se trouvant correspondre à des réalités quand le P' DE y' est juste 131 N, [d'où en résumé la formule du] P' DE V' [qui] fait la chose 130 N = 130 éd.: le P' DE y' crée l'objet [!]; absence de P' DE V' donné 128 N 130 N [mais 2113 éd.: P' DE V' imposé par la nature même du langage!], d'une hiérarchie donnée de r's DE y' 132 éd.; d'où nécessité d'une étude et d'une critique comparative des

Desse excerto, destacamos a hierarquia dos pontos de vista mencionada por Engler, a qual é possível apenas quando se compreende que, na Linguística, existem variados pontos de vista a partir dos quais criam-se os objetos. Isso, atesta o autor, resulta na já mencionada necessidade de uma crítica dos pontos de vista. Aqui, algumas questões restam: i. considerando que há variados pontos de vista que criam os objetos, como eles se organizam em hierarquias, isto é, de que maneira um ponto de vista se mostra mais indicado do que outro frente a uma operação linguística? ii. do que se trata a crítica dos pontos de vista e como ela pode ser estabelecida? iii. a pluralidade dos pontos de vista e sua hierarquia de fato se ausentam das reflexões do CLG? iv. como elas aparecem nos documentos manuscritos? Por ora, tais questões permanecerão suspensas, mas serão retomadas nos capítulos reservados às análises.²²

No que diz respeito à crítica à edição, em 2001, Engler se mostra ainda mais incisivo em sua insatisfação com o livro póstumo. No artigo “*Entre Bally, Spitzer, ... Saussure*”, o autor propõe um paralelo entre a estilística de Bally, a estilística de Spitzer²³ e a teoria de Saussure, avaliando a maneira aparentemente contrastiva de conceber a Estilística, pelos dois primeiros, e o “círculo”, epistemológico, filológico, vicioso, falacioso de que tratam, cada qual à sua maneira, os dois últimos²⁴. Com essa segunda intenção, Engler traz à tona um trecho do manuscrito *De l'essence double du langage* também um trecho do documento *Réflexions sur les opérations du linguiste*, em que são lidas as palavras de Saussure:

Imenso círculo vicioso, que só pode ser quebrado, de uma vez por todas na Linguística, substituindo a discussão dos pontos de vista àquela dos fatos, já que não há o menor vestígio de fato linguístico, nem a menor

P'S DE V' (il n'y a rien au début, rien qui soit déterminé hors du P' DE V et aucun P' DE V' plus indiqué que les autres) 129 N; - P'S DE V' (b) linguistiques à considérer: synchrone et diachronique 1563 1592, y. [sém., s., d. et panchr.]; opposés comme P'S DE V' du linguiste et du sujet parlant 1349 ss.; épuisent P' DE V' de la langue 1586; nécessité de se dégager d'un P' DE V' diachronique [exclusif] 1600 s.”

²² Abordamos a questão i. em análise à edição do *Curso de Linguística Geral*, no Capítulo 5, e as questões ii., iii. e iv. em análise aos manuscritos no Capítulo 4.

²³ Leo Spitzer foi crítico literário e autor do livro *Linguistics and literary history*. Como Bally, também se interessou pela Estilística, embora de maneira contrastante, pontua Engler.

²⁴ Embora este não seja o foco da nossa leitura, o termo *círculo*, perseguido por Engler na comparação em Spitzer e Saussure, em Spitzer *Zirkelschluss*, é definido nesse último como uma técnica a seguir: consiste em ler um texto, se impregnar dele, até ser ferido por um detalhe estranho, anormal, parece-nos, como fomos tocado pelo enigma do ponto de vista-objeto, em leitura da edição do *Curso de Linguística Geral*.

possibilidade de ver ou determinar um fato linguístico fora da adoção de um ponto de vista²⁵. (SAUSSURE apud ENGLER, 2001, p. 64)

? Círculo vicioso fundamental

Chamamos forma uma figura vocal que é determinada pela Consciência dos sujeitos falantes¹. [Nota] 1 A segunda menção é, na realidade supérflua, porque não existe nada [...] além daquilo que existe para a consciência [dos sujeitos falantes]; portanto se uma figura vocal é determinada, é o que ela é imediatamente ²⁶ (SAUSSURE apud ENGLER, 2001, p. 54)

Desses excertos, Engler chama atenção para o fato de que o primeiro evoca a questão do ponto de vista, para ele importante e que, sobretudo, aqui nos interessa, pois testemunha o modo como o autor compreende-a. Sobre as duas menções ao círculo vicioso de Saussure, acima explicitadas, Engler (2001) defende que há um contra termo, o “círculo cognitivo”. Para sustentar seu argumento, Engler apresenta as anotações-fonte que deram origem à afirmação sobre o ponto de vista no CLG. A respeito delas, o autor afirma que o círculo cognitivo: “[...] comporta — claramente — o retorno do “ponto de vista” à realidade, o movimento circulatório de controle do objeto criado para análise das coisas e evidentemente também a rejeição de um ponto de vista não satisfatório às condições. Contexto infelizmente anulado no CLG”²⁷ (ENGLER, 2001, p. 54). Assim, se antes a edição é acusada de uma má interpretação, que relegou ao ponto de vista e ao objeto uma compreensão singular que interdita o dinamismo e a multiplicidade do primeiro, bem como a necessidade de uma crítica dos pontos

²⁵ Tradução nossa de: “Immense cercle vicieux, qui ne peut être brisé qu’en substituant une fois pour toutes en linguistique la discussion des point de vue à celle des “fait”, puisqu’il n’y a pas la moindre trace de *fait linguistique*, pas la moindre possibilité d’apercevoir ou de déterminer un fait linguistique hors de l’adoption préalable d’un point de vue.”

²⁶ Tradução nossa de: “? Cercle vicieux fondamental On appelle *forme* une figure vocale qui est déterminée pour la Conscience *des sujets parlants*1. [Note] 1La seconde mention est en réalité superflue, parce qu’il *n’existe* rien [...] que ce qui existe pour la conscience [des sujets parlants]; donc si une figure vocale *est* déterminée, c’est quelle l’est immédiatement.”

²⁷ Tradução nossa de: “[...] comporte — clairement — le retour du ‘point de vue’ à la ‘réalité’, le mouvement ‘circulaire’ de controle de l’ ‘objet créé’ par l’ ‘analyse des choses’ et — évidemment aussi — le rejet d’un ‘point de vue’ ne satisfaisant pas à ces conditions. Contexte annulé malheureusement dans le CLG.”

de vista, desta vez, a edição é responsabilizada por descontextualizar o quadro de reflexões a respeito do ponto de vista.

Essas diferentes críticas que Engler traça à edição do CLG, e que foram explicitadas ao longo da seção 1.1, dão-nos uma primeira mostra de como a afirmação saussuriana por nós investigada foi lida pela perspectiva da dificuldade. Essa dificuldade, como procuramos demonstrar, tem suas raízes no reconhecimento de um equívoco na edição no modo de apresentação da questão do ponto de vista-objeto no CLG. Por consequência, frente a essa dificuldade e frente às falhas resultantes dela, foi possível observar de diferentes maneiras, na literatura saussuriana, um esforço que se fez para facilitar a leitura da proposição de que o ponto de vista cria o objeto. Tal esforço pode ser lido no tratamento de questões que supostamente escaparam no momento da edição, as quais passamos, nas seções adiante, a explicitar.

1.2 Em que repousa o ato de criação?

Dentre as questões colocadas por aqueles comprometidos com a autenticidade do pensamento saussuriano, destacaremos, nesta seção, aquela voltada para a ação de criar o objeto: em que repousa o ato de criação quando se concebe que o ponto de vista cria o objeto?

Antes de visitarmos os modos como a relação colocada entre o ponto de vista e o objeto foi interpretada pelos leitores da abordagem aqui acompanhada, é pertinente esclarecermos o trabalho dos editores no que se refere a ela. Como anteriormente mencionado, a formulação de que o ponto de vista cria o objeto, assim apresentada pela edição do CLG, teve como fonte a sentença, elaborada por Saussure em suas anotações manuscritas, de que o ponto de vista FAZ sozinho a coisa. Não é difícil perceber que o verbo “fazer” da sentença original, grafado em letras garrafais pelo genebrino²⁸, deu espaço ao verbo “criar” na proposta dos editores e que “a coisa” abriu espaço para um termo muito mais preciso e, portanto, condizente com uma teoria científica: “o objeto”.²⁹

²⁸ O documento em que essa afirmação aparece será apresentado no Capítulo 3. Por ora, abordaremos apenas algumas questões que tal afirmação levanta sobre os verbos FAZER, utilizado por Saussure nas anotações manuscritas, CRIAR, utilizado pelos editores da edição, e CONSTRUIR, utilizado por alguns leitores dos manuscritos e da edição do CLG.

²⁹ Nosso objetivo com tal informação não é validar ou não as opções dos editores, mas esclarecer a alternância entre os verbos criar e fazer no pensamento saussuriano. Quanto à substituição de “coisa” por “objeto”, outras passagens do manuscrito que serviu de fonte para essa proposição sustentam a escolha dos editores, como veremos no Capítulo 3.

No sétimo capítulo do livro *Le project de Ferdinand de Saussure*, publicado pela primeira vez em Paris no ano 2010 e traduzido no Brasil em 2014, Rossitza Kyheng, em estudo intitulado “*Les points de vue et la construction de l’objet en linguistique selon Saussure*”³⁰, denomina a relação entre o ponto de vista e o objeto de outra forma, não à maneira dos editores ou à maneira de Saussure. Nesse trabalho, como esclarece o título, ela é concebida enquanto uma relação de construção.

Esse estudo, que cerca, tal qual se anuncia, a problemática também tema deste estudo, parte da afirmação de Saussure recolhida das anotações manuscritas e posteriormente editada de que “não nos é permitido, na Linguística, embora o façamos incessantemente, falar ‘de uma coisa’ de diferentes pontos de vista, ou de uma coisa em geral, porque somente o ponto de vista FAZ a coisa” (SAUSSURE apud KYHENG, 2014[2010], p. 152). Tal afirmação coloca, para Kyheng, a questão da complexidade da linguagem, constituída, segundo Saussure, por fatos heterogêneos, e, portanto, a multiplicidade de pontos de vistas a partir dos quais tratá-la. É o que postula o genebrino ao considerar a impossibilidade de abordar a linguagem em sua totalidade e, portanto, a necessidade de tomar este objeto por este ou por aquele lado.

Kyheng esclarece que a complexidade de abordagem da linguagem apontada por Saussure deve considerar uma distinção importante a respeito do objeto, que, a nosso ver, dá as bases para seu entendimento de que os pontos de vista *constroem* o objeto. Para ela, levando em conta o que é proposto por Saussure, é preciso ter em mente a diferença entre a linguagem enquanto objeto real que fundamentalmente se distingue da linguagem enquanto objeto de estudo.

Ora, a *linguagem objeto real*, com uma existência objetiva fora dos estudos científicos, não se confunde com a *linguagem, objeto de estudo* desta ou daquela ciência. Assim, o binômio teoria/realidade fundamenta uma diferenciação entre a linguagem objetiva, fenômeno “complexo, multiforme, heteróclito” e “escanchado sobre domínios diversos” (LLG, *Cours* III, C, p. 263), e a linguagem tal como nos é apresentada por diferentes ciências e que é um objeto construído. (KYHENG, 2014[2010], p. 153, grifos da autora.)

³⁰ Utilizaremos as citações retiradas do texto já traduzido para o português.

A conhecida distinção entre objeto real e objeto de estudo³¹, tematizada pela autora, já visitou por várias vezes e de modos distintos as reflexões filosóficas e epistemológicas. Por meio dela, sabe-se, a realidade científica é distinguida da realidade ela mesma. Assim, enquanto a última diz respeito à existência objetiva das coisas, a primeira refere-se a uma realidade construída pela razão. Em sua *Crítica da Razão Pura*, o filósofo Immanuel Kant, por exemplo, postula a diferença entre o que é empírico e o que é fenômeno, isto é, tudo que é representado por um sentido, dando vistas à impossibilidade de tomarmos as coisas enquanto realidades em si, fora de nosso conhecimento sensível. Vejamos, a título de exemplo, como o filósofo esclarece essa distinção:

Queremos provar que nossas intuições são apenas representações de fenômenos, que não percebemos as coisas como são em si mesmas, nem suas relações são como se apresentam a nós, e que, se tirássemos nosso sujeito ou tão somente a formação subjetiva dos sentidos em geral, desapareceriam toda a constituição, todas as relações dos objetos no espaço e no tempo, e mesmo espaço e tempo, pois tudo isso, como fenômeno, não pode existir em si, mas apenas em nós. (KANT, 2009[1781], 43)

De outro modo, sob um viés epistemológico, é com base na distinção entre a existência objetiva das coisas e a realidade moldada pelo pensamento racional, que Bachelard, epistemólogo de cujas proposições Kyheng vale-se em sua reflexão, concebe o objeto científico enquanto fruto de uma construção, que emerge da relação entre o cientista e a realidade concreta.

No que tange à Linguística, particularmente, com base na proposta bachelardiana e em análise à teoria saussuriana, Kyheng procura marcar a distinção que se faz a partir do par teoria *versus* realidade. Desse modo, a linguagem enquanto realidade, constituída por fatos heterogêneos, é aquela em sua existência primeira, isto é, na vida dos indivíduos que a utilizam. Por outro lado, a linguagem enquanto objeto de um estudo científico é construída pelas várias ciências que abordam esse fenômeno complexo³². Assim entendida, trata-se de um objeto resultante de uma construção do pensamento formal.

³¹ Também postulados, respectivamente, como objeto teórico e objeto empírico.

³² No que tange à Linguística, é preciso destacar que, no conjunto heterogêneo da linguagem, Saussure estabelece a língua como objeto de estudo científico. Por essa

É nesse sentido que, embora ela alerte não pretender entrar no debate entre positivistas e construtivistas e nem fazer de Saussure um construtivista a contra gosto, Kyheng abre a possibilidade de inscrever o pensamento saussuriano no construtivismo bachelardiano.

A problemática dos pontos de vista, assim colocada, incita, decerto, a inscrevê-la no quadro das epistemologias construtivistas, recordando, com Bachelard, que, para o conhecimento científico, “nada é dado, tudo é construído”. (KYHENG, 2014[2010], p. 153)

É preciso lembrar que a proposta de Bachelard se fez anos depois da morte de Saussure. No entanto, parecem-nos claras as razões de Kyheng ao postular uma aproximação entre o que é defendido pelo epistemólogo — no conhecimento científico, nada é dado, tudo é construído — e a concepção saussuriana de que o objeto linguístico não é dado de antemão: é criado por um ponto de vista.

Tomar a relação entre o ponto de vista e o objeto como construção não é uma exclusividade do pensamento de Kyheng (2014[2010]). Uma posição semelhante pode ser vislumbrada no estudo “*Modélisation, langage et langue chez Saussure*” assinado por Béatrice Turpin e publicado em 1993 nos CFS³³. Nesse estudo, as razões que levam Turpin a conceber o objeto como construto do ponto de vista é a distinção postulada por Saussure entre língua e linguagem que instala, na perspectiva da autora, uma separação, antes mobilizada por De Mauro (1973) para pensar a teoria saussuriana, entre a matéria e o objeto. A nosso ver, tal separação em muito se aproxima daquela entre objeto real e objeto de estudo da qual Kyheng se vale para afirmar que o ponto de vista constrói o objeto saussuriano.

Segundo Turpin, a distinção instaurada entre língua e linguagem por Saussure aparece pela primeira vez em notas à Primeira Conferência ministrada pelo suíço na Universidade de Genebra. Nessa ocasião,

razão, parece-nos válido tomar a língua enquanto objeto, e não a linguagem, como o faz Kyheng. Nesse sentido, concordamos com a distinção entre matéria e objeto evidenciada por De Mauro (1957, p. 414-415) no pensamento de Saussure, segundo a qual a matéria é a massa heteróclita de manifestações da linguagem, suscetível de ser estudada por múltiplas disciplinas, enquanto o objeto da Linguística, isto é, a língua, é o produto ordenado no curso de uma pesquisa, isto é, constitui matéria já tratada. Essa posição poderá ser mais esclarecida logo adiante em leitura ao trabalho de Turpin (1993).

³³ Nesse estudo, Turpin (1993) não levanta a questão da autenticidade ou não da edição do CLG, como o faz Kyheng (2007), para quem, já apontamos, somente os textos autênticos são capazes de validar ou invalidar as formulações saussurianas.

Saussure ressalta a separação entre tais conceitos, apontando a língua como generalização da linguagem. Desse modo entendido, Saussure postula que o linguista deve partir das línguas para chegar à linguagem, num sentido que vai do particular para o geral. Bem se sabe, como destaca Turpin (1993), que, no curso dos anos que a compreensão em torno da língua e da linguagem se inverte, a primeira ganha os contornos que, nos cursos de abertura, são atribuídos à segunda.

A respeito da generalização que caracteriza a linguagem para Saussure nesse primeiro momento, Turpin (1993) atesta ser uma influência do pensamento de Whitney. Isso porque Saussure atribui ao linguista americano o papel de ser o primeiro a abordar a língua de um ponto de vista geral. No entanto, se, por um lado, para Whitney, a generalidade refere-se “ao corpo inteiro da linguagem humana em todas as suas manifestações e todas as relações que ela oferece”³⁴ (Whitney apud Turpin, 1993, p. 160), por outro, não é dessa generalidade de que fala Saussure. Para Turpin (1993, p. 160) “a generalização não é, portanto, aqui completamente a mesma em Whitney: a linguagem é o resultado analítico de um ponto de vista — não um dado bruto mais o resultado de uma abstração: um resultado analítico ‘em nome das leis da perspectiva’³⁵”³⁶. Assim, se, para Whitney, a generalização está para o todo das manifestações linguísticas — isto é, o que há de geral nelas –, para Saussure, defende a autora, a generalização está para o resultado de um processo analítico possível a partir de um ponto de vista.

A argumentação de Turpin (1993) guia-se, então, em direção às relações que se pode estabelecer entre o conceito de linguagem e de matéria e, de outro lado, de modo já habitual, entre a língua e o objeto. Para tanto, ela se vale do que defende De Mauro em sua edição

³⁴ Tradução nossa de: “[...] le corps entier du langage humain dans toutes ses manifestation et toutes les relations qu’il offre.”

³⁵ A autora faz referência à questão da perspectiva tratada por Saussure no documento *Notes écrites en vue d’un article sur W. D. Whitney*. Nesta ocasião, Saussure argumenta em favor da convicção de que a ciência Linguística é dupla e que nela uma verdade não tem mais valor do que outra. Para tanto, ele toma uma casa como exemplo, afirmando que a impressão que recebemos em nossa retina é completamente outra se a olharmos à distância de cem metros. Os dois modos de olhar a casa não são independentes, no entanto, um não precede do outro nem conhecer o estado anterior da casa serve para explicar seu estado atual.

³⁶ Tradução nossa de: “La généralisation n’est donc pas ici tout à fait la même que chez Whitney: le langage est le résultat d’un point de vue – non pas un donné brut mais le résultat d’une abstraction; un résultat analytique ‘au nom des lois de la perspective’.”

crítica: a importância de uma separação entre o objeto, resultado de uma abstração — portanto, resultado analítico de um ponto de vista — e a matéria, tal qual ela se apresenta antes de qualquer análise, isto é, antes de que sobre ela se opere qualquer abstração ou generalização.

Quanto a essa distinção, apresentada por De Mauro na nota 40 de sua edição crítica em discussão ao capítulo “Matéria e tarefa da linguística: suas relações com as ciências conexas” do CLG, a autora esclarece, à esteira do que é postulado por ele, que o objeto diz respeito ao tratamento da matéria, em outras palavras, o objeto é a matéria já tratada. A matéria, por outro lado, segundo o que esclarece a autora em retomada ao crítico italiano, constitui todos os fatos de linguagem. A nosso ver, essa distinção traçada por Saussure entre a matéria da Linguística e o objeto, esclarecida por De Mauro, compõe diálogo com aquela postulada por Bachelard e retomada por Kyheng. Assim, o objeto real está para a matéria bruta, constituída dos fatos heterogêneos, enquanto o objeto construído está, no pensamento saussuriano, para o objeto mesmo da Linguística: a língua.

Na compreensão de Turpin, a abstração concernente ao objeto é evidenciada na afirmação saussuriana de o ponto de vista cria o objeto.

Nessa afirmação de Saussure, não se pode compreender que o objeto se reduz à representação que temos dele. Distinguir e separar matéria e objeto permite, ao contrário, evitar essa deriva idealista: o ponto de vista é o discurso que produz o objeto, mas esse discurso é ele mesmo apoiado pela matéria. O modelo de formalização determina o ângulo de visão do objeto. Assim, por exemplo, a linguagem não é a mesma para o linguista e para o especialista em acústica. A maneira como este último percebe seu objeto não pode ser de nenhuma ajuda para o linguista. Um está interessado apenas em sons — para estudar os parâmetros físicos — o outro está interessado na língua.³⁷ (TURPIN, 1993, p. 162)

Nesse sentido, atesta Turpin (1993), o objeto da Linguística deve ser tomado como uma construção teórica, uma vez que tal objeto

³⁷ Tradução nossa de: “Dans cette affirmation de Saussure, il ne faut pas comprendre que l’objet se réduit à la représentation que l’on en a. Distinguer et séparer matière et objet permet au contraire d’éviter cette dérive idéaliste: le point de vue, c’est le discours qui produit l’objet, mais ce discours est lui-même étayé par la matière. Le modèle de formalisation détermine l’angle de vision de l’objet. Ainsi, par exemple, le langage n’est pas le même pour le linguiste et pour l’acousticien. La manière dont ce dernier perçoit son objet ne peut être d’aucun secours pour le linguiste. L’un ne s’intéresse qu’aux sons – pour en étudier les paramètres physiques – l’autre s’intéresse à la langue.”

constitui o resultado de um ponto de vista: “O *objeto* da linguística é, portanto, a *língua* como *sistema*, objeto sendo aqui de início entendido no sentido *construção teórica*, resultado de um ponto de vista determinado”³⁸ (TURPIN, 1993. p. 163). Pela interpretação da autora, bem se vê que generalização, abstração e construção teórica são termos que colocam em causa o resultado analítico de um ponto de vista.

Embora a edição do CLG não explicita em que repousa o ato de criação que o ponto de vista opera em relação ao objeto, depreendido da proposição saussuriana em estudo, esse ato foi lido, em diferentes momentos, enquanto uma construção. Desse modo, a afirmação de que o ponto de vista cria objeto foi tomada como correlativa à de que o ponto de vista constrói o objeto, tendo em vista, sobretudo, a distinção entre objeto real e objeto construído, segundo Kyheng (2014), e entre matéria e objeto, segundo em Turpin (2013). Passemos, na seção seguinte, à busca pela compreensão desse objeto criado/construído pelo ponto de vista que igualmente, sob a perspectiva da dificuldade, a edição deixou escapar.

1.3 Qual objeto é criado pelo ponto de vista?

Um esforço para facilitar a compreensão da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, veiculada pela edição do CLG, coloca em causa a determinação do próprio objeto de que se fala. Qual é, afinal, o objeto criado pelo ponto de vista, segundo Saussure? Uma reflexão representativa da busca por essa informação nas fontes manuscritas é a proposta de Kyheng (2014[2010]) no estudo já abordado. Nele, a partir de edição do manuscrito *De l'essence double du langage* e do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f., a autora estabelece duas escalas sob as quais, na sua visão, o ponto de vista opera: a escala global, isto é, no âmbito do objeto linguagem, e a escala local, no nível dos objetos linguísticos ou entidades linguísticas.

[...] a operação intelectual pela qual as entidades linguísticas são criadas “supõe um ponto de vista que serve de critério” (ELG, p. 23) e coloca a questão da legitimidade dos pontos de vista a partir dos quais esses objetos são construídos em escala local; o reconhecimento da es-

³⁸ Tradução nossa de: “L’objet de la linguistique est donc la *langue* comme *système*, objet étant ici d’abord entendu au sens de *construction théorique*, résultat d’un point de vue déterminé. “

sência dupla da linguagem como fundadora de um domínio particular, cujo estudo Saussure confia à linguística, impõe à linguística que assumira um ponto de vista que leve em conta essa dualidade em escala global. Os dois aspectos da problemática dos pontos de vista agem conjuntamente: a construção dos objetos locais depende inteiramente do ponto de vista lançado sobre a linguagem mesma, a partir de qualquer ciência ou disciplina que faz dela seu objeto de estudo central ou periférico. (KYHENG, 2014[2010], p. 155)

A escala global é a escala de uma ciência. Nela, o ponto de vista, em um campo visual determinado, é um ângulo particular. “Assim, pois, falar do ponto de vista global de uma ciência é só uma maneira de assinalar seu posicionamento específico com relação ao objeto estudado” (KYHENG, 2014[2010], p. 156). Este ângulo visual fixado pela própria ciência é um feixe de pontos de vista e pode, por isso, ser designado, para Kyheng, como “abordagem”, tal como abordagem linguística, abordagem psicológica e abordagem antropológica. Desse modo entendido, o ponto de vista de uma ciência resta, na compreensão da autora, em seu modo de abordagem do objeto, o que, a nosso ver, não difere das diferentes perspectivas científicas possíveis para esse objeto.

Na compreensão da leitora saussuriana, o conceito de ponto de vista possui papel importante na elaboração de Saussure para a construção do objeto linguagem e na consequente instituição de um campo próprio ao estudo desse objeto. Do mesmo modo, a autora destaca o papel do ponto de vista na compreensão da essência dupla do objeto e na crítica traçada por Saussure ao tratamento da língua como dois domínios relativamente autônomos. Kyheng ainda procura demonstrar como essa essência intimamente dupla da linguagem incide também na construção — operada pelo ponto de vista — dos objetos linguísticos, isto é, objetos em escala local.

Segundo a autora, Saussure via-se persuadido de que “o objeto não é analisável antes de ter uma existência definida” (SAUSSURE apud KYHENG, 2014[2010], p. 167) e, por isso, instaurou uma busca ontológica por objetos passíveis de análise. Dela, Saussure conclui que, em matéria de Linguística, os objetos não são, como em outras ciências, imediatamente acessíveis, preexistentes ou capturáveis. “Os objetos linguísticos não são dados naturalmente, mas construídos secundariamente por uma operação intelectual, mesmo quando se trata dos fatos mais tangíveis que se possa imaginar na linguagem, como os fatos

vocais” (KYHENG, 2014[2010], p. 167). É, pois, a procura por objetos linguísticos tangíveis e a conclusão de que na Linguística os objetos não são dados naturalmente que levam Saussure, conforme Kyheng, ao argumento da existência relacional dos objetos linguísticos.

Os objetos primários são para Saussure “espécies” especiais que “não comportam indivíduos” e resultam do estabelecimento de um elo de identidade entre dois fatos particulares julgados idênticos. O que o leva a substituir a questão dos fatos pela do elo que os une, em conformidade com sua concepção da natureza relacional das unidades linguísticas. (KYHENG, 2014 [2010], p. 169)

É preciso destacar, nas considerações da autora, a conclusão de que o fato propriamente dito, na teoria saussuriana, dá lugar ao elo ou à relação que o julga semelhante a outro fato. Conforme esse entendimento, para Saussure, se o fato linguístico não é imediatamente acessível, isto é, preexistente à análise, e, portanto, não comporta indivíduos, resta, então, substituir a questão do fato, ou nos termos de Kyheng, dos objetos primários, pela questão do elo ou da relação que se pode estabelecer entre ele e outro fato.

Para Kyheng, a existência relacional dos objetos linguísticos leva Saussure à questão do ponto de vista, dado que um objeto não existe fora de um ponto de vista determinado, isto é, fora de um ponto de vista que estabelece as relações que o constitui.

A constatação de que os objetos primários do conhecimento em linguística resultam de uma operação de abstração generalizadora, ela mesma pressupondo aplicação de um ponto de vista que serve de critério, desloca de imediato “o centro de gravidade” do problema da apreensão dos objetos para o dos pontos de vista. (KYHENG, 2014 [2010], p. 170-171)

Como esclarece a autora, então, a problemática da apreensão dos objetos, isto é, o estabelecimento dos fatos linguísticos observáveis, é deslocada por Saussure para a questão mesma dos pontos de vistas que os criam, a qual parece ser, para o genebrino, a problemática mais importante. Se, no que tange à língua, os fatos não são dados em si mesmos, mas em suas relações, é preciso ocupar-se, então, dos pontos de vista a partir dos quais tais relações são estabelecidas. Acompanhem, mais uma vez, as palavras de Kyheng:

Na linguística podemos nos perguntar se o ponto de vista de onde se encara a coisa não é a coisa toda e, por conseguinte, em definitivo, se

partimos num único ponto de algo concreto, ou se jamais houve outra coisa que não nossos pontos de vista indefinidamente multiplicáveis. (SAUSSURE apud KYHENG, 2014 [2010], p. 171)

Não podemos deixar de destacar a radicalidade de tal compreensão que coloca, no centro do pensamento saussuriano, a questão do ponto de vista. Se, na Linguística, não há nada que preexiste ao ponto de vista, não seria então o próprio ponto de vista a questão principal? Se não há nada de concreto de onde se pode partir, no estudo da língua, parece, então, que não há nada além de pontos de vista multiplicáveis. É com base nisso que, para Kyheng, Saussure levou a questão do ponto de vista a fundo, chegando até mesmo a se perguntar se essa, mais do que a questão dos objetos, não era a questão principal: “Toda a linguística equivale [...] materialmente à discussão dos pontos de vista legítimos: sem isso não há objeto”. (SAUSSURE apud KYHENG, 2014[2010], p. 175).

De maneira sumarizada, para Kyheng, então, a constatação da existência relacional dos objetos leva Saussure ao conceito de ponto de vista, deslocando o cerne da própria questão do objeto para a dos pontos de vista a partir do qual se pode tratá-lo. De nossa parte, tendo em vista a estreita associação entre a noção de relação e de ponto de vista na teoria saussuriana, nesta seção introduzida, acreditamos que a noção de ponto de vista, mobilizada pelo genebrino na tarefa de delimitação do objeto, espraia-se, ao longo de sua elaboração teórica, sobretudo, a partir da noção de relação, de maneira a sustentar a distinção entre sincronia e diacronia e o conceito de língua enquanto sistema. É o que procuraremos demonstrar nas análises desenvolvidas na segunda parte desta obra.

1.4 A língua é um ponto de vista?

Nesta seção, trataremos de uma leitura que, ainda pelo viés da dificuldade, apresenta uma proposta de solução para a indagação que coloca em causa a possibilidade de estarmos frente ao mesmo objeto quando Saussure afirma, em fragmentos da edição, que o ponto de vista cria o objeto e quando ele estabelece a língua como objeto da ciência linguística, o que possibilita compreender que o ponto de vista cria a língua. Na esteira de André-Jean Pétroff (2004), mais do que dizer que a língua é o objeto da Linguística e que o ponto de vista cria esse objeto, dir-se-á que a língua é um próprio ponto de vista. Não há

dúvidas de que esta é uma formulação pouco comum e que merece, portanto, uma leitura mais atenta.

Entender a língua saussuriana como um ponto de vista não é uma exclusividade da leitura de Pétroff. Exemplo disso é a afirmação de Milner (2002, p. 27) segundo a qual “para compreender a tese positiva³⁹ [de que o objeto da Linguística é a língua], é preciso reconhecer que a língua é a princípio um *ponto de vista*”⁴⁰. Ainda, a proposta de Suenaga (1997), que aproxima os estudos de Benveniste aos de Saussure, para quem afirmar a língua enquanto ponto de vista é correlativo a afirmar que a língua é um sistema:

[...] essa ideia de língua como ponto de vista é correlativa à famosa concepção de língua como um sistema de diferenças negativas. Mas não desenvolverei isso, apenas noto algumas consequências dessa concepção: 1) não é o objeto correspondente que determina o valor de um sinal, mas sua coexistência com os outros sinais, ou seja, a divisão entre eles; 2) as diferenças negativas, por definição, não atingem a consciência do sujeito como tal, ele apenas deve se submeter à distribuição de valores impostos por sua linguagem. Daí a linguagem como ponto de vista sofrido pelo sujeito. (SUENAGA, 1997, p. 126)

Se, por um lado, Milner (2002) e Suenaga (1997) apresentam essa possibilidade sem tratá-la a fundo, por outro, Pétroff (2004) esclarece as razões que o levam a entender que a língua, para Saussure, é um ponto de vista. Essa é a proposta que se acompanha no livro *Saussure: la langue, l'ordre et le désordre*. Nele, de maneira geral, Pétroff dedica-se à questão do tempo no pensamento de Saussure, a partir da convicção de que essa noção figura como peça central da epistemologia do genebrino. Tendo isso em vista, ele demonstra como um evento ou uma transformação ou uma mudança, na concepção de Saussure, resultado do acaso, introduz uma desordem num estado de língua e como uma ordem, isto é, um novo estado de língua, coloca-se no lugar.

No intuito de demonstrar como “a desordem é a origem de uma nova ordem”⁴¹, isto é, como um evento ou uma mudança altera a or-

³⁹ Em análise aos aspectos que estabelecem a produção teórica de Saussure como uma teoria científica, Milner (2002) esclarece que a tese negativa de Saussure é a linguagem não é o objeto da Linguística, e que a tese positiva é o objeto da Linguística é a língua.

⁴⁰ Tradução nossa de: “Pour comprendre la thèse positive, il faut reconnaître que la langue est d’abord un *point de vue*.”

⁴¹ Tradução nossa de: “Le désordre est à l’origine d’un nouvel ordre.”

dem ou organização do sistema, mas restabelece necessariamente em seguida uma nova ordem (PÉTROFF, 2004, p. 27), Pétroff, a partir da análise dos documentos saussurianos — os quais, segundo ele, apresentam “um conjunto de questões fundamentais concernentes às relações do linguista e de seu objeto, a língua e as línguas”⁴² (PÉTROFF, 2004, p. 53) –, elenca três dados fundamentais ou três evidências a respeito do objeto língua e que constituem para ele os prolegômenos da teoria saussuriana, isto é, as verdades fundamentais desse pensamento que devem ser tomadas *a priori*, que colocam em evidência a questão do ponto de vista em Saussure.

A primeira evidência é a ausência de substância que implica a primazia do ponto de vista do observador e dos sujeitos falantes. “O que se toma como objeto é unicamente e exclusivamente um produto de um ponto de vista”⁴³ (PÉTROFF, 2004, p. 53).

A segunda evidência é o princípio da dualidade dos fenômenos linguísticos. Desse modo, ressalta Pétroff, há sempre a necessidade de dois pontos de vista para observar o fenômeno linguístico, uma vez que é preciso levar em conta que estamos sempre frente a uma constante dualidade. “Esses dois pontos de vista induzem, portanto, dois objetos de estudo, opostos e complementares, que não existem a não ser um para o outro, um pelo outro”⁴⁴. (PÉTROFF, 2004, p. 53).

A terceira evidência é a contingência absoluta das transformações do acaso possíveis pelas mudanças dos pontos de vista dos falantes (Pétroff, 2004, p. 27) e que coloca em causa a questão central do tempo. Para Saussure, ressalta Pétroff, tudo se transforma. O que provoca tais transformações é unicamente o acaso.

É ao tratamento da primeira evidência, a qual ganha no livro do autor um capítulo especial, “*L’illusion de la substance: matière et point de vue*”, que aqui daremos destaque. Nele, Pétroff estabelece uma articulação importante entre a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, apresentada pela edição no capítulo “Objeto da linguística”, e a compreensão de que a língua é uma forma e não uma substância, que comparece, por duas vezes, no capítulo “O valor linguístico”. É,

⁴² Tradução nossa de: “[...] un ensemble de questions fondamentales concernant les rapports du linguiste et de son objet d’étude, la langue ou les langues.”

⁴³ Tradução nossa de: “Ce que nous prenons pour un objet est uniquement et exclusivement le produit d’un point de vue.”

⁴⁴ Tradução nossa de: “Ces deux point de vue induisent donc deux objets d’étude, opposés et complémentaires, qui n’existent que l’un par l’autre, l’un pour l’autre.”

portanto, por meio de análise às fontes manuscritas de Saussure, mais precisamente de suas edições, que Pétróff ressalta ser possível essa articulação, a seu ver negligenciada pela edição do CLG.

Em sua reflexão, Pétróff parte da compreensão saussuriana de que a língua não é uma sustância. Por isso, como concebida pelo genebrino, é objeto sem comparativo, uma vez que depende de um ponto de vista, seja de seus sujeitos falantes seja dos linguistas que se põem à sua observação. Desse modo, retoma o semiologista, diferentemente de outras ciências que podem observar seus objetos a partir de diferentes pontos de vista, na Linguística, há uma anterioridade do espírito em relação ao objeto, isto quer dizer que não há objeto naturalmente dado anterior à análise.

É nesse sentido, atesta o autor, que, para Saussure, “todo fenómeno linguístico é o produto de um *ponto de vista*”⁴⁵ (PÉTROFF, 2004, p. 55, grifo do autor). Essa é a reflexão que se apresenta no manuscrito N9, também denominado *Notes pour un livre sur la linguistique générale*. Nele, esclarece Pétróff, Saussure vale-se de uma curta série de exemplos para explicitar que a identidade de qualquer realização da língua, seja de uma vogal ou de um termo, por exemplo, depende inteiramente de um ponto de vista.

Nada existe, portanto, fora de um ponto de vista que preside as distinções. Nada é dado anteriormente: nenhuma coisa, nenhum objeto é dado em um só instante. Em conclusão, nós estamos também diante de uma verdade que dá singularmente para refletir: é o ponto de vista que CRIA (que FAZ) as coisas. (SAUSSURE apud PÉTROFF, 2004, p. 56).

Quanto a essa afirmação de Saussure, que coloca em causa a relação entre o observador e o objeto linguístico, Pétróff (2004) afirma que foi completamente obscurecida pela interpretação não menos tímida dada pelos editores do CLG. Isso o leva a afirmar que “a forte ideia de que a língua é um ponto de vista aparece de forma fortemente degradada”⁴⁶ e que “a importância heurística que Saussure dá ao conceito de ponto de vista é completamente destruída em um ‘diríamos que’ surpreendente”⁴⁷ (PÉTROFF, 2004, p. 57). É preciso lembrar

⁴⁵ Tradução nossa de: “[...] tout phénomène linguistique est le produit d’un *point de vue*.”

⁴⁶ Tradução nossa de: “[...] l’idée forte que *la langue est un point de vue* apparaît sous ne forme nettement dégradée.”

⁴⁷ Tradução nossa de: “L’importante heuristique que donnait Saussure à ce concept de point de vue est complètement détruite dans un ‘on dirait’ surprenant.”

que nas páginas da edição do CLG a relação entre o ponto de vista e o objeto é assim colocada: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, *diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto*” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 39, grifo nosso). Desse modo, o que, para Pétroff (2004), está colocado na formulação dos editores é uma dúvida sobre a relação e entre o objeto e o ponto de vista, conceito este que, doravante, é, a seu ver, definitivamente ignorado na edição. É por isso que, para o autor, há um erro da edição no que tange a esse postulado teórico, figurado na eliminação do conceito de ponto de vista.

Além do mais, para Pétroff (2004), a relação entre a compreensão da ausência de substância no fenômeno linguístico — expressa na edição do CLG nas formulações estabelecidas pelos editores de que a língua “produz uma forma, não uma substância” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 160) e de que “a língua é uma forma, e não uma substância” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 170) — e a compreensão segundo a qual o ponto de vista cria o objeto, claramente postulada pelo raciocínio de Saussure que se dá na edição do manuscrito analisada por ele, foi quase que completamente rompida.

É preciso esclarecer que, enquanto a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto é alocada, como já vimos, no capítulo “O objeto da Linguística”, as formulações dos editores a partir das quais é possível compreender a língua como forma e não substância aparecem nas páginas iniciais do capítulo sobre “O valor linguístico” e nas páginas finais, como uma espécie de fechamento do capítulo. A primeira delas, de que a língua *produz uma forma e não uma substância*, ao que tudo indica, teve como fonte, tal qual De Mauro (1973, p. 463) presta-se a esclarecer, anotações de Riedlinger do segundo curso ministrado por Saussure em Genebra. Acompanhemos tal reflexão:

O que é notável é que o som-pensamento (ou pensamento-som) envolve divisões que são as unidades finais da Linguística. Som e pensamento só podem ser combinados por essas unidades. Comparações com duas massas amorfas: água e ar. Se a pressão atmosférica muda, a superfície da água decompõe-se em uma sucessão de unidades: a onda (= cadeia intermediária que não forma substância). Essa ondulação representa a união e, por assim dizer, o acoplamento do pensamento com essa cadeia sonora, que é ela mesma amorfa. Sua combinação produz uma forma. O terreno da Linguística é o que poderíamos chamar, em sentido amplo, o campo comum, das articulações, ou seja, *articuli*, pequenos membros nos quais o pensamento toma consciência [...] por um som. Fora dessas

articulações, dessas unidades, fazemos pura psicologia (pensamento) ou fonologia (som).⁴⁸ (DE MAURO, 1973, p. 463)

A segunda e última formulação dos editores a esse respeito, *a língua é uma forma, e não uma substância*, é associada, por Engler em sua edição crítica, à discussão que Saussure faz no manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*, como já afirmamos, o manuscrito é fonte da formulação de que o ponto de vista cria o objeto.

Nas palavras dos editores do CLG, a questão é assim colocada:

[...] *a língua é uma forma, e não uma substância*. Nunca nos compenetrarmos o bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria substância no fenômeno linguístico. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 170).

Nas anotações de Saussure, esclarece Rudolf Engler que a questão da substância aparece do seguinte modo:

(*De outro modo*): Como a linguagem não oferece (sob) nenhum(a) de suas manifestações uma (matéria [rasurado] **substância**), mas somente ações combinadas (ou isoladas) de forças fisiológicas, físicas, mentais, e como, no entanto, todas nossas distinções, toda nossa **terminologia**, **toda nossa maneira** de falar são moldadas sob (essa) **suposição (involuntária)** de uma (substância), não podemos recusar, antes de tudo, a reconhecer que a teoria da linguagem deverá ter como tarefa essencial desvendar o que são as nossas distinções primeiras.⁴⁹ (SAUSSURE apud ENGLER, 1968, p. 276, grifos da edição)

⁴⁸ Tradução nossa de: “Ce qui est remarquable, c’est que le son-pensée (ou la pensée-son) implique des divisions qui sont les unités finales de la linguistique. Son et pensée ne peuvent se combiner que par ces unités. Comparaisons avec deux masses amorphes: l’eau et l’air. Si la pression atmosphérique change, la surface de l’eau se décompose en une succession d’unités: la vague (=chaîne intermédiaire qui ne forme pas substance). Cette ondulation représente l’union, et pour ainsi dire l’accouplement de la pensée avec cette chaîne phonique, qui est elle-même amorphe. Leur combinaison produit une forme. Le terrain de la linguistique est le terrain qu’on pourrait appeler dans un sens très large le terrain commun, des articulations, c’est-à-dire des *articuli*, des petits membres dans lesquels la pensée prend conscience (...) par un son. Hors de ces articulations, de ces unités, ou bien on fait de la psychologie pure (pensée), ou bien de la phonologie (son).”

⁴⁹ Tradução nossa de: “(Aliter): Comme le langage n’offre (sous) aucun(e) de ses manifestations une (matière [biffé] **substance**), mais seulement des *actions* combinés (ou isolés) de forces physiologiques, physiques, mentales, et comme néanmoins toutes nos distinctions, toute notre **terminologie**, **toutes nos façons** de parler sont moulées sur

Para Pétroff, que, à primeira vista, desconsidera as anotações do aluno e se volta, em sua análise, apenas para o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*, a afirmação de que a língua é uma forma e não uma substância, além de desarticulada daquela de que o ponto de vista cria o objeto, também guarda equívocos. Isso porque a noção de forma é insuficientemente definida por Saussure e, ao contrário do que postula a edição, não opera como um dado imediato. Para o semiologista, da maneira como é colocada pelos editores, não está explícito que mesmo a forma dependerá do ponto de vista dos sujeitos falantes.

A forma será sempre variável, provisória, inesperada, pois ela depende inteiramente dos pontos de vista suscetíveis dos sujeitos falantes. Quando o ponto de vista dos sujeitos falantes muda no curso do tempo, as formas mudam também. O ponto de vista é, portanto, anterior à forma. A forma é assim criada a cada instante pela articulação pensamento / linguagem. [...] O conceito de forma é, portanto, o mínimo que podemos dizer, assaz mal definido neste lugar do *Curso de Linguística Geral*. Mas, o que é preciso, sobretudo, lamentar é o desaparecimento, a retratação do conceito de ponto de vista na teoria saussuriana, o que é capital no nível metodológico. (PÉTROFF, 2004, p. 58)

Assim, tendo em vista a imprecisão em torno da noção de forma, que na edição do CLG não se apresenta associada ao conceito de ponto de vista, Pétroff atesta que a afirmação de que a língua é forma e não uma substância é mais do que contestável. A seu ver, “o que provavelmente resumirá melhor o pensamento de Saussure sobre esse ponto será: a língua é um ponto de vista e não uma substância”⁵⁰ (PÉTROFF, 2004, p. 62).

No entanto, afirmar a língua como sendo produto de um ponto de vista, quer dizer, que a língua é um ponto de vista, instaura, segundo Pétroff (2004, p. 63), uma problemática para a objetividade científica. Isso porque a questão do ponto de vista parece pertencer claramente ao domínio da subjetividade: é o espírito quem estabelece as relações constitutivas dos fenômenos linguísticos. Quanto à rela-

(cette) **supposition (involontaire)** d'une (**substance**), on ne peut se refuser, avant tout, à reconnaître que la théorie du langage aura pour plus essentielle tâche de démêler ce qu'il en est de nos distinctions premières.”

⁵⁰ Tradução nossa de: “Ce qui probablement resumerait le mieux la pensée de Saussure sur ce point serait: *La langue est un point de vue et non une substance.*”

ção entre o observador e o objeto observado, nos termos de Saussure, entre o espírito e o objeto, Pétroff relembra que, em discussão acompanhada nas páginas da edição, Saussure mostra-se explicitamente a favor da análise subjetiva dos sujeitos falantes em comparação com a análise objetiva dos gramáticos.

Apesar disso, Pétroff defende que o desaparecimento quase definitivo do conceito de ponto de vista no CLG e a afirmação de que a língua é forma e não substância eliminam o papel dos sujeitos falante e, conseqüentemente, o ponto de vista que cria as formas. De sua parte, argumenta que é a ausência de substância e a primazia do ponto de vista que explicam a compreensão central de Saussure de que tudo não é mais que diferenças.

O mais importante é, então, compreender que, se as entidades não existem a não ser por suas diferenças, nada existe antes da diferença. É, portanto, o ponto de vista que permite distinguir as entidades. [...] Para determinar o que é um fato linguístico, o linguista deverá, então, de início definir seu próprio ponto de vista de observação porque não existe nada além da pesquisa de relações de identidade. Toda relação de identidade depende de um ponto de vista que é adotado.⁵¹ (PÉTROFF, 2004, p. 64-65)

Disso resulta que tudo depende de uma crítica dos pontos de vista, como postula Saussure nas edições dos manuscritos selecionados por Pétroff. Será esse o problema científico, não mais a busca illusória de substância nos fenômenos linguísticos.

1.5 As falhas do CLG: uma interdição para o ponto de vista-objeto saussuriano?

Neste primeiro capítulo deste livro, visitamos leituras do ponto de vista-objeto em Saussure que se fizeram pela via da dificuldade. Por essa perspectiva, há, em primeiro lugar, um reconhecimento da importância capital da afirmação segundo a qual é o ponto de vista

⁵¹ Tradução nossa de: “Le plus important est donc de bien comprendre que si les entités linguistiques n’existent que par leurs différences, rien n’existe avant la différence. C’est donc le point de vue qui permet de distinguer des entités. (...) Pour déterminer ce qu’est un fait linguistique, le linguiste devra donc d’abord définir son propre point de vue d’observation car il n’existe rien d’autre que la recherche de relations d’identité. Toute relation d’identité dépend du point de vue qui est adopté”.

que, na Linguística, cria seu objeto. Tal admissão, no entanto, foi, no mais das vezes, acompanhada da denúncia de que, quanto à famosa asserção saussuriana, a edição do CLG foi falha em diversas maneiras.

Para Engler (1974-75, 1977, 2001), como vimos, a edição desconstruiu a reflexão que se dá nas anotações manuscritas que lhe serviram de fonte; ainda, apagou a multiplicidade e o dinamismo dos pontos de vista e dos objetos; e mais, ignorou a crítica dos pontos de vista, necessária quando se reconhece a variedade deles e a tarefa de se estabelecer aqueles que são legítimos.

Para Pétróff (2004), por seu turno, o texto de 1916 desvinculou a sentença de que o ponto de vista cria o objeto da discussão em torno da não substancialidade do fenômeno linguístico, ponto de partida do raciocínio de Saussure que se dá nos documentos autógrafos; além disso, eliminou definitivamente o conceito de ponto de vista das reflexões saussurianas; também, relativizou o papel do ponto de vista frente ao objeto da Linguística, ao modalizar a asserção a partir da expressão “diríamos que”.

É, então, a partir da observação das falhas ou fraturas, nos termos de Silveira (2007), e com o objetivo de supri-las ou de curá-las que, pela perspectiva da dificuldade, as fontes manuscritas e, no mais das vezes, suas edições, são visitadas. Há, portanto, a tentativa de alcançar uma verdade do pensamento saussuriano — a que, segundo essa interpretação, o CLG não está habilitado — a respeito do conceito, assim denominado por Pétróff (2004), de ponto de vista e de sua tarefa no que concerne ao objeto.

Dessa busca, alguns desfechos: objeto e ponto de vista constituem-se num julgamento de identidade (Engler, 1974-1975); o ponto de vista é a maneira de estudar o objeto (Engler, 1977); não há objeto na Linguística a não ser pelo ponto de vista (Engler, 1977); há uma pluralidade de pontos de vista, legítimos ou não, com os quais se criam objetos, daí a necessidade de uma crítica comparativa dos pontos de vista (Engler, 1977); na Linguística, a discussão dos fatos deve ser substituída pela discussão dos pontos de vista (Engler, 2001 e Kyheng (2014[2010])); o ponto de vista constrói o objeto (Kyheng, 2014[2010] e Turpin, 1993); o objeto criado pelo ponto de vista é o objeto de estudo, em distinção ao objeto real (Kyheng, 2014[2010]); o objeto da Linguística, isto é, a língua como sistema, é resultado de uma construção do ponto de vista, e, portanto, distinto da matéria (Turpin, 1993); o ponto de vista cria o objeto global, que é a linguagem [língua], e também ob-

jetos locais (Kyheng, 2014[2010]); não há objetos linguísticos tangíveis, há apenas objetos cuja existência é relacional, daí o papel do ponto de vista na criação dos objetos (Kyheng, 2014[2010]); a língua é um ponto de vista e não uma substância (Pétroff, 2004).

Conhecidas as razões que levaram leitores saussurianos a abordarem a afirmação em estudo pela via da dificuldade, isto é, apontando as falhas da edição e os caminhos para superá-las em análise aos documentos manuscritos, passamos, no capítulo seguinte, a uma leitura que se faz por outra perspectiva: a do enigma. Assim, se há aspectos constitutivos da edição que autorizam uma leitura do CLG pela via da dificuldade, há também uma possibilidade de leitura dessa afirmação na edição de outra maneira, pela via do enigma.

Antes de prosseguirmos, é preciso ressaltar que a distinção estabelecida por nós entre enigma e dificuldade nos modos de leitura da questão do ponto de vista-objeto em Saussure, pautada no que postula Silveira (2007), não procura invalidar as discussões a esse respeito que se fazem pela via da dificuldade, acompanhadas neste capítulo inicial. Com essa separação, intentamos demonstrar como operou a leitura desse postulado teórico saussuriano, que colocou em questão, sobretudo, o reconhecimento ou relegação da edição. De nossa parte, parece-nos que tomar o enigma enquanto chave de leitura da produção de Saussure apresenta-nos outras possibilidades de compreensão dessa elaboração.

Capítulo 2

Do enigma: outra maneira de ler o ponto de vista-objeto

A passagem de difícil para estranho [...] tem consequências, já que dificuldade impõe, por oposição, um esforço para facilitar essa leitura [...] e estranhamento impõe outra posição diante do texto: a de fazer dele um enigma.

Silveira (2007)

Ainda com o objetivo de explicitar de que maneira a temática do ponto de vista-objeto saussuriano foi lida, neste capítulo, trataremos de outro modo de abordagem da afirmação de Saussure segundo a qual o ponto de vista cria o objeto: aquela que se faz pela via do enigma.

Esse modo de leitura, que incide tanto sobre a edição do CLG como sobre os manuscritos saussurianos, também já fora esclarecido por Silveira (2007). Quanto à edição, diz respeito à maneira de abordagem em que as falhas de compreensão de seus leitores não são tomadas enquanto uma dificuldade inscrita na má interpretação dos organizadores do CLG e, conseqüentemente, nos equívocos decorrentes disso.

Assim sendo, esclarece Silveira (2007), pela perspectiva do enigma, aqueles que se dispõem a ler a edição vão despidos do interesse de encontrar, em comparação com as anotações dos alunos e em consulta aos materiais autógrafos, a cura para suas fraturas. Vão, desse modo, instigados pela busca de chave para um enigma estabelecido no texto mesmo do CLG. Quanto à leitura dos documentos autógrafos de Saussure, a abordagem pela via do enigma, como pontua Silveira (2007, p. 36), dá outras possibilidades de leitura da teoria saussuriana, que não deixam, por isso, de dialogar com aquela feita pelos editores do texto de 1916.

No capítulo que se inicia, trataremos de uma chave de leitura que, no que tange ao ponto de vista-objeto saussuriano, não configura uma dificuldade, mas um enigma. Desse modo entendido, não diz respeito às críticas concernentes à edição e a seu modo de apresentação da questão tema desta investigação. Trata-se de leituras que, portanto, não tomam as falhas do CLG como interdição para a com-

preensão da asserção do linguista genebrino, mas fazem do ponto de vista-objeto em Saussure uma questão constitutiva de um enigma. Nesse sentido, colocam-se frente a ela no intuito de balizar sua importância para o pensamento saussuriano e na procura pelos efeitos dessa afirmação para a produção teórica de Ferdinand de Saussure.

É com o objetivo de dar voz a essas reflexões, destacando, especialmente, de que maneira elas leram o ponto de vista-objeto saussuriano pela via do enigma, que realizaremos leituras dos trabalhos de Engler (1995) e de Normand (2009[2000]; 2011), representativas desse modo de abordagem. A seleção do primeiro está no fato de que, embora, por vezes, o organizador da edição crítica tenha lido a questão do ponto de vista pela via da dificuldade, nesse trabalho ele apresenta outro modo de tomar a edição e os documentos saussurianos, que não uma leitura direcionada para a correção dos equívocos da edição, como em Engler (1977). Na ocasião de 1995, Engler mostra-se empenhado em ressaltar a importância do que ele chama de teorema epistemológico dos pontos de vista — afirmando que, talvez, trate-se do fundamento da teoria linguística postulada por Saussure — bem como de recolher os efeitos disso para o pensamento do suíço. Assim, num primeiro momento, explicitaremos o que leva Engler a tomar a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto como um teorema, para, em seguida, explicitar a leitura que ele faz dessa questão pela via do enigma, que o leva a sustentar a centralidade do teorema.

Na seção 2.2, apresentamos a reflexão de Normand (2009[2000]; 2011), a nosso ver, bastante representativa da maneira de ler Saussure pela via do enigma. Silveira (2007) já havia observado que esse era o modo de posicionar-se frente à edição escolhido pela parisiense. No que concerne especificamente à questão do ponto de vista em Saussure não é diferente. Embora ela se valha da reflexão de Engler (1995), que recorre a outros documentos saussurianos para sustentar a relevância do ponto de vista-objeto, em seu estudo, Normand, pela via da edição, tira consequências epistemológicas importantes dessa questão para os demais itens da teoria saussuriana, atestando que se trata do princípio epistemológico que rege todos os outros. Dessa maneira, num primeiro momento, esclarecemos por que Normand denomina o ponto de vista-objeto saussuriano como um princípio epistemológico, para, em seguida, percorrer a leitura que ela faz dele pela perspectiva do enigma, que permite conceber o ponto de vista-objeto como aquele que domina todos os outros princípios postulados por Saussure.

2.1 O teorema epistemológico do ponto de vista: o fundamento da teoria saussuriana

[...] *La réflexion de Saussure offre comme en antidote le théorème épistémologique des points de vue: ce théorème permet l'introduction de problèmes et préoccupations nouvelles selon les besoins de l'étude linguistique. Car Saussure ne conçoit pas l'objet linguistique comme donné mais comme 'inventé', organisé par l'homme ('inventé' étant pris ici dans le sens étymologique de 'rencontré', 'perçu - aperçu'). Le théorème des points de vue (qui me semble le fondement de toute la linguistique saussurienne) dit:[...] «Ici [en linguistique] il y a d'abord des point de vue, justes ou faux, <mais uniquement des points de vue> à l'aide desquels on CREE <secondairement> les choes. [...]».*
(Engler, 1995)

Austríaco de formação suíça, Engler foi profundo conhecedor dos documentos saussurianos — dentre os quais estão anotações manuscritas de Saussure, anotações dos alunos, a *Collation*¹ dos editores, cartas enviadas e recebidas pelo genebrino que testemunham, de certo modo, seu percurso teórico, e mesmo variadas bibliografias a respeito da teoria do mestre genebrino². Foi, além do mais, catalogador de manuscritos saussurianos na Universidade de Genebra, dentre eles o que, certamente, mais tem chamado atenção dos estudiosos nos últimos anos: *De l'essence double du langage*.

Seus trabalhos em torno da produção de Saussure revelam, não só um forte interesse pelo acervo saussuriano e pelo processo de edição do CLG — como se lê em seu artigo *The making of the Cours de linguistique générale* (Engler, 2006), em que o autor se vale de cartas para traçar um retrato dos bastidores da edição — mas também que Engler foi um grande estudioso da teoria saussuriana e discutiu importantes conceitos do linguista.

¹ *Collation* é o manuscrito redigido por Sechehaye no processo de edição do CLG. Nos termos de Sofia (2015), pode-se até dizer que ele desempenhou o papel do primeiro esboço do CLG.

² No *Cahiers Ferdinand de Saussure* (ou *Cahiers*) de 1974-1975, Engler foi instituído responsável pela publicação anual de bibliografia de interesse saussuriano. A partir de então, tornou-se regular a apresentação de textos, comentários, análises, edições e críticas a respeito do pensamento de Saussure nessa revista. Além disso, por muitos anos, Engler atuou como presidente do comitê da revista, anualmente publicada pelo *Cercle Ferdinand de Saussure*.

No conjunto de estudos teóricos também filológicos empreendidos por ele, que toma como objeto os *corpora* saussurianos, o austríaco, mais de uma vez, faz referência à afirmação de Saussure objeto de nosso estudo, abrindo espaço para um modo distinto de compreendê-la: enquanto teorema epistemológico dos pontos de vista que talvez, a seu ver, constitui o fundamento de toda teoria saussuriana.

Esse modo de nomear tal reflexão, enquanto teorema epistemológico, pode ser vislumbrado, por exemplo, em 1997, na apresentação do manuscrito *De l'essence double du langage* em edição do CFS. Nella Engler atesta que esse documento faz parte de um outro projeto saussuriano, ou, em suas palavras “entra no contexto” do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f., fazendo menção ao teorema do ponto de vista, desenvolvido nesse documento.

“O texto que publicamos entra no contexto de N9 (Robert Godel, Les sources manuscrites du *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure, Genève, Droz — Paris, Minard, 1957, p. 42s; CLG/E fasc. 4, no. 3295-3296: Teorema do ponto de vista)”³ (ENGLER, 1997, p. 200).

As razões para Engler nomear a reflexão em torno do ponto de vista podem ser mais bem entendidas em seu estudo “*La forme idéale de la linguistique saussurienne*”⁴, publicado anos antes da apresentação do EDL, em 1995, e que compõe o livro *Saussure and linguistics today*, organizado por Tullio de Mauro e Shigeaki Sugeta.

É preciso pontuar, em primeiro lugar, que nesse estudo⁵ Engler dá vistas a uma outra posição frente à edição do CLG, afastando-se do seu próprio modo de proceder em ocasiões de crítica ao livro póstumo. Nessa circunstância, embora Engler não deixe de ressaltar que, quanto ao ponto de vista, a edição moderou a posição radical de Saussure, ele parte, num âmbito mais geral, em defesa do CLG, distanciando-se daqueles que o veem como uma obra apócrifa e falsa. A respeito dela, ele afirma:

³ Tradução nossa de: “Le texte que nous publions entre dans le contexte de N9 (Robert Godel, Les sources manuscrites du *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure, Genève, Droz — Paris, Minard, 1957, p. 42s; CLG/E fasc. 4, no. 3295-3296: Théorème du point de vue”.

⁴ Agradeço a Giuseppe D'Ottavi que, tão prontamente, tornou possível nosso acesso a esse texto.

⁵ Embora Engler tenha prometido desenvolver a temática dos pontos de vista no artigo de 1974-1975, ao que tudo indica, apenas nesse estudo a questão é de fato desenvolvida.

É o texto que fez história, a partir do qual a recepção foi feita, o texto que foi discutido amargamente, mas que também torna possível conhecer as teorias saussurianas da maneira mais rápida e econômica. Alguns estudiosos dizem hoje que ele é apócrifo e distorce o pensamento de Saussure: não concordo com isso. [...] De qualquer maneira, o que se chama Saussure autêntico é tão difícil de interpretar, e quem tenta muito rapidamente corre o perigo de forjar outro Saussure “apócrifo”.⁶ (ENGLER, 1995, p. 17)

Por outro lado, Engler atesta a importância das publicações das notas manuscritas também das anotações dos cursos, as quais, longe de buscar um Saussure autêntico, têm função de controlar as interpretações que se possa fazer do CLG. Desse modo colocado, parece-nos bastante possível aproximar o que defende Engler, na introdução de seu texto, — que a função das anotações manuscritas é moderar as leituras do CLG — com aquilo postulado por Silveira (2007), para quem uma leitura dos manuscritos tece diálogo com aquela feita pelos editores. Esclarecemos nossa aproximação: embora, para Engler (1995), a leitura dos manuscritos deve guiar ou controlar a leitura e as interpretações possíveis do CLG e, para Silveira (2007), inversamente, a leitura do CLG pode ser parâmetro para a leitura dos manuscritos, isto é, ler o manuscrito está articulado com modo como a produção saussuriana foi lida pelos editores, ambos, a nosso ver, ressaltam o fato de que tais leituras não se fazem separadamente.

Além disso, para Engler, a investigação das anotações manuscritas de Saussure permite colocar uma nova série de questões e estudar o que o autor chama de forma “ideal” — com aspas apresentadas por ele — da linguística saussuriana, a partir da qual é possível esclarecer as ideias diretrizes do pensamento de Saussure — ou seja, as ideias que o tornam mais limpo, mais claro.

Assim, no intuito de traçar um esboço do cerne do pensamento do genebrino com base nos diferentes *corpora* saussurianos, Engler procura esclarecer tais ideias diretrizes que aparecem no CLG acom-

⁶ Tradução nossa de: “C’est le texte qui a fait histoire, à partir duquel la réception s’est faite, le texte qui a été discuté âprement, mais qui permet aussi de prendre connaissance des théories saussuriennes de la manière la plus rapide et la plus économe. Il y a des chercheurs qui disent aujourd’hui qu’il est apocryphe et fausse la pensée de Saussure: je ne suis pas de cet avis. [...] D’ailleurs, ce qu’on appelle le Saussure authentique est tout aussi difficile à interpréter, et qui s’y essaie court rapidement le danger de se forger un autre Saussure ‘apocryphe’ [...]”

panhando os seguintes pontos: “autoapreciação, Epistemologia, domínio da Linguística, dicotomias, princípios, visão geral, inserção no pensamento linguístico contemporâneo”⁷ (ENGLER, 1995, p. 19). Daremos ênfase, em nosso estudo, sobretudo, ao segundo ponto, “Epistemologia”, centrado no teorema epistemológico do ponto de vista. No entanto, parece-nos fundamental passar antes pelo primeiro ponto da reflexão de Engler — autoapreciação — uma vez que, ao debruçar-se sobre o modo como as reflexões de Saussure eram concebidas por ele mesmo, Engler dá direção para o entendimento do ponto de vista-objeto saussuriano enquanto um teorema.

Ao abordar o primeiro ponto de sua série, Engler atesta que “[...] segundo a apreciação mesma de Saussure, sua teoria linguística não é um sistema lógico ou dedutivo, ela se resume a uma série de delimitações”⁸ (ENGLER, 1995, p. 18). Para Engler, esse modo de conceber sua teoria se deve ao conhecido fato de que a Linguística Geral de Saussure não ganhou uma forma definitiva por suas próprias mãos. Em variadas circunstâncias, retoma o austríaco, Saussure limitou-se a conceber seus registros como aforismos. É o que acontece, por exemplo, no manuscrito 18 do conjunto 3951, catalogado por Godel e nomeado por ele como *Aphorismes*, em cujas páginas Saussure nega que as verdades encontradas por ele sejam axiomas, princípios ou teses e certifica que se trata simplesmente de aforismos, delimitações, limites:

Algumas verdades que são encontradas [o tempo todo]. - Não falemos de axiomas, nem de princípios, nem de teses. Eles são <simplesmente e> no puro sentido etimológico de aforismos, *delimitações*. [] <mas []> limites entre os quais se encontra constantemente a verdade, a partir de qualquer lugar que partamos.⁹ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 19)

A afirmação de Saussure a respeito de seu fazer, destacada por Engler (1995), no excerto anterior, levanta algumas questões que merecem atenção. Em primeiro lugar, pontuamos o fato de que, embora Saussure defina suas ponderações nesse contexto específico “simplesmente” co-

⁷ Tradução nossa de: “auto-appréciation, épistémologie, domaine de la linguistique, dichotomies, principes, vue d’ensemble, insertion dans la pensée linguistique contemporaine”.

⁸ Tradução nossa de: “[...] selon l’appréciation de Saussure lui-même, sa théorie linguistique n’est pas un système logique ou déductif, elle se résume en une série de délimitations.”

⁹ Tradução nossa de: Quelque vérités qui se retrouvent [tout le temps]. - Ne parlons ni d’axiomes ni de principes, ni de thèses. Ce sont <simplement et> au pur sens étymologique des aforismes, des *délimitations*. [] <mais[]> des limites entre lesquelles se retrouve constamment la vérité, d’où que l’on parte.

mo “limites”, não devemos descartar a importância das delimitações saussurianas, que adquiriram, no interior de sua teorização, grande importância epistemológica e, portanto, papel fundamental no estabelecimento de sua teoria linguística. É o que se pode dizer, por exemplo, dos próprios limites desenhados por Saussure entre a Linguística e as ciências conexas e seus consequentes pontos de contato, também aqueles entre a língua e a fala, entre a sincronia e a diacronia etc.

Em segundo lugar, sublinhamos o fato de que, na contramão do que atesta o genebrino sobre tais anotações em particular, diferentes autores, considerando o pensamento saussuriano de modo abrangente, elencaram axiomas e princípios postulados por ele, que condizem com uma verdadeira teoria linguística. Exemplarmente, é o que faz Normand (2011) ao estabelecer os quatro princípios epistemológicos que fundamentam a teoria da linguística saussuriana e que serão acompanhados por nós na próxima seção.

Igualmente, Milner (2002, p. 25-26), em seu *Le périple structural* e em análise à teoria saussuriana, destaca três princípios que, segundo o modelo aristotélico, definem uma teoria científica e nos quais o pensamento de Saussure apoiou-se a) “a unicidade do objeto e a homogeneidade do domínio”¹⁰; b) “o princípio do mínimo e do máximo”¹¹, para o qual “um número máximo de teoremas deve ser reduzido a um número mínimo de axiomas, exprimidos por um número mínimo de conceitos primitivos”¹²; e c) o princípio da evidência dos axiomas e conceitos primitivos. Assim, para ele:

Do ponto de vista desse modelo, a organização geral do *Cours* pode ser resumida facilmente: o objeto da Linguística é a *língua*. Os axiomas são reduzidos a um: a língua é um sistema de signos. Os conceitos primitivos são reduzidos a um: o conceito de signo. A partir deste axioma único, supostamente óbvio, e deste conceito único, não definido, seguem em lei todos os teoremas da ciência linguística. (MILNER, 2002, p. 26)¹³

¹⁰ Tradução nossa de: “[...] l’unicité de l’objet et de l’homogénéité du domaine.”

¹¹ Tradução nossa de: “[...] le principe du minimum et du maximum.”

¹² Tradução nossa de: un nombre maximum de théorèmes doit être déduit d’un nombre minimum d’axiomes, exprimés par un nombre minimum de concepts primitifs.

¹³ Tradução nossa de: Du point de vue de ce modèle, l’organisation générale du Cours se résume aisément: l’objet de la linguistique est la langue. Les axiomes se réduisent à un seul: la langue est un système de signes. Les concepts primitifs se réduisent à un seul: le concept de signe. De cet axiome unique, réputé évident, et de ce concept unique, non défini, suivent en droit tous les théorèmes de la science linguistique.

Engler (1995), do mesmo modo, também contraria o posicionamento de Saussure no que diz respeito ao modo de conceber suas elaborações, no entanto, elenca outras razões — que não as de Milner (2002), pautadas no modelo aristotélico de teoria científica — que o levam a constatar no pensamento de Saussure teoremas epistemológicos, sobretudo, a partir de afirmações mesmas do genebrino que deixam entrever uma necessidade de teorização. Tais razões são vislumbradas, em entrevistas dadas por Saussure a dois de seus alunos, a primeira a Riedlinger em 19 de janeiro de 1909 e a segunda a Gautier em 6 de maio de 1911. Acompanhem os trechos selecionados por Engler (1995).

[Entrevista de Riedlinger de 19 de janeiro de 1909] O que torna a dificuldade do tema é que ele pode ser tomado, como certos teoremas da Geometria, de vários lados: tudo é corolário um do outro na Linguística Estática: quer falemos de unidades ou de diferenças, quer de oposições, etc., isso equivale à mesma coisa.¹⁴ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 21)

Nesse excerto, como se lê, Saussure trata da Linguística Estática, apontando as dificuldades dessa temática e estabelecendo uma comparação importante. O embaraço do tema reside no fato de que ele pode ser tomado por variados lados, tal qual, parece-nos, uma figura geométrica. Por esse motivo, como na geometria — âmbito da matemática que, numa compreensão simplória, presta-se à investigação das formas, dos espaços e, sob uma perspectiva espacial, também dos volumes das figuras –, requer que nos valamos de teoremas, os quais, por sua vez, requerem demonstrações. Outro aspecto relevante é que, para Saussure, nesse estudo, tudo é corolário. A partir dessa compreensão e do ponto de vista lógico, então, as proposições e os conceitos, como exemplifica Saussure (unidades, diferenças, oposições), ao mesmo tempo que dependem de outros que, em elaboração, precedem-nos e acrescentam a esses últimos aspectos antes obscuros.¹⁵ Esse aspecto da Linguística Estática ressaltado por Saussure é

¹⁴ Tradução nossa de: “Ce qui fait la difficulté du sujet, c’est qu’on peut le prendre, comme certains théorèmes de géométrie, de plusieurs côtés: tout est corollaire l’un de l’autre en linguistique statique: qu’on parle d’unités, de différences, d’oppositions etc., cela revient au même.”

¹⁵ Compreender os conceitos saussurianos como corolários remete-nos à reflexão de Silveira (2013), segundo a qual a elaboração de Saussure no documento *De l'essence*

esclarecido quando, em trecho seguinte, o linguista concebe a teoria da língua enquanto um sistema. Vejamos:

A língua é um sistema fechado e a teoria deve ser tão fechada quanto a língua. Este é o ponto difícil, pois não é nada de postular afirmações, visões sobre a língua, uma após outra; o todo é coordenado em um sistema (Entrevista de Riedlinger, 19-1-1909)¹⁶ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 19)

O trecho em destaque esclarece algo relevante: o modo como, para Saussure, em uma teoria linguística, tudo é coordenado em um sistema, como na própria língua. Tal compreensão deixa à mostra um dilema de Saussure, quando se considera também suas anotações no manuscrito *Aphorismes*, já mencionadas por nós, dando vistas ao abismo que se colocava entre o estudioso e sua Linguística ideal. Para Saussure, como destaca Engler (1995) e como se acompanha no último excerto, uma teoria linguística não poderia resumir-se a um encadeamento de afirmações ou a uma série de visões sobre a língua — ou, ainda, a uma série aforismática como ele faz no documento *Aphorismes*. Parece-nos ser essa a razão para Engler afirmar que Saussure sentia-se pouco capaz frente às dificuldades da Linguística Estática, justificando a inviabilidade de um livro escrito por ele. Sobre isso, Saussure afirma a Riedlinger: “Quanto a um livro sobre esse tema, não podemos pensar nisso: ele deve, diz M. Saussure, dar o pensamento definitivo de seu autor” (RIEDLINGER apud ENGLER, 1995, p. 19).

Engler (1995) destaca também um trecho da entrevista de Saussure a Gautier em que, uma vez mais, o genebrino faz referência aos sistemas geométricos e a seus teoremas, dando as bases para o editor crítico tomar a teoria saussuriana não como aforismos, mas como teoremas pertencentes a um sistema.

[Entrevista Gautier de 6 de maio de 1911] No momento, a Linguística Geral parece-me um sistema de Geometria. Chegamos a teoremas que devem ser demonstrados. Mas descobrimos que o Teorema 12 é, em ou-

double du langage dá-se de forma espiral. Desse modo entendido, nesse contexto, a formulação de um conceito implica, necessariamente, a tomada e retomada de outros, e, ao mesmo tempo, avanços.

¹⁶ Tradução nossa de: “La langue est un système serré, et la théorie doit être un système aussi serré que la langue. Là est le point difficile, car ce n’est rien de poser à la suite l’une de l’autre des affirmations, des vues sur la langue; le tout est de les coordonner en un système.”

tra forma, o mesmo que o Teorema 33. Primeira verdade: a língua é distinta da fala. Agora me parece que se chega a essa primeira verdade de várias maneiras opostas. [] Então, sim, o essencial é o problema das unidades. [].¹⁷ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 21)

Como se vê no excerto anterior, Saussure volta, dois anos mais tarde, à analogia com a Geometria, em entrevista dada a outro de seus alunos, Gautier. Dessa vez, Saussure compara a Linguística Geral a um sistema de Geometria. Para exemplificar com dados realmente linguísticos, Saussure recorre a uma primeira verdade da Linguística Geral: a língua é distinta da fala, aspecto trabalhado em aula anterior à entrevista. Segundo Godel (1957, p. 30), que em suas *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* reproduz a carta de modo integral. Na aula da véspera, Saussure havia tratado sobre as entidades concretas da língua. Vejamos as anotações de Dégallier a esse respeito:

Quais são as entidades concretas que compõem a língua? Na língua, as unidades ou entidades não são dadas: para as discernir, é preciso uma operação positiva e diversas precauções para não se deter em unidades aparentes, mas não linguísticas (sílabas, por ex.) 1) Jamais dissociar os dois elementos do signo: conjunto de sons ou conceitos, separados, são abstrações; o conceito não é mais que o valor de uma imagem acústica (comparação com a alma e o corpo, a água). 2) Delimitar as entidades linguísticas na cadeia da fala, tomada como documento da língua, dividindo de acordo com o sentido e comparando as cadeiras diferentes em que o mesmo conceito coincide com a mesma sequência acústica e (sem força, a força do vento). Isso não fornece uma definição de palavra.¹⁸ (SAUSSURE apud GODEL, 1957, p. 30).

¹⁷ Tradução nossa de: “ [Entretien Riedlinger du 19 janvier 1909] Ce qui fait la difficulté du sujet, c’est qu’on peut le prendre, comme certains théorèmes de géométrie, de plusieurs côtés: tout est corollaire l’un de l’autre en linguistique statique: qu’on parle d’unités, de différences, d’oppositions etc., cela revient au même. [Entretien Gautier du 6 mai 1911] Pour le moment, la linguistique générale m’apparaît, comme un système de géométrie. On aboutit à des théorèmes qu’il faut démontrer. Or on constate que le théorème 12 est, sous un autre forme, le même que le théorème 33. Première vérité: la langue est distincte de la parole. [] Or il me semble qu’on vient à cette première nécessité par plusieurs voies opposés. [] Ensuite, oui, ce qui est essentiel, c’est le problème des unités. []”

¹⁸ Tradução nossa de: “Quelles sont les entités concrètes qui composent la langue? Dans la langue, les unités ou entités ne sont pas données: pour les discerner, il faut une opération positive et diverses précautions pour ne pas s’arrêter à des unités apparents, mais non linguistiques (syllabes par ex.) 1) Ne jamais dissocier les deux éléments du sig-

A partir desse breve percurso pelas entrevistas dos alunos, vemos como Engler viu-se autorizado a tomar enquanto teoremas formulações saussurianas. Isso é legitimado em nota, na qual ele afirma que “autorizamos-nos sob a base das entrevistas de Riedlinger e Gautier a falar agora de teoremas”. (ENGLER, 1995, p. 22). Embora as razões do autor em falar de teoremas no pensamento do mestre genebrino restrinjam-se, neste estudo, às entrevistas dos alunos, parece-nos válido lembrar que, em diferentes ocasiões de reflexão que apresentam no CLG, Saussure também estabelece analogias entre a língua e, num âmbito maior, a Matemática. É o que sucede ao conceber a língua pela fórmula $1 + 1 + 1 + 1... = I$ (padrão coletivo) e a fala pela fórmula $(1 + 1' + 1'' + 1''')...$ (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51-53); também quando estabelece que “estudar um estado de língua vem a ser, praticamente, desdenhar as transformações pouco importantes, do mesmo modo que os matemáticos desprezam as quantidades infinitesimais em certas operações, tal como no cálculo do logaritmos” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51-53); ainda quando propõe o cálculo da quarta proporcional para pensar os fenômenos da analogia (SAUSSURE, 2012[1916], p. 218); dentre outros.

No que tange à proposta de Engler, voltemos, então, a um teorema particular: aquele sobre o ponto de vista, que aqui mais nos interessa. A questão do ponto de vista é tratada especialmente no segundo tópico apresentado por Engler, deste modo introduzido: “2. [...] A essa sorte de abdicação, o pensamento de Saussure oferece como antídoto o teorema epistemológico dos pontos de vista: esse teorema permite a introdução de novos problemas e preocupações de acordo com as necessidades do estudo linguístico”¹⁹ (ENGLER, 1995, p. 22). Aqui, como se vê, o teorema aparece em uma função relevante: a de antídoto. Mas, questionamo-nos: o que o antídoto do teorema dos pontos de vista estaria por combater? A resposta a essa indagação encontra-se nas palavras mesmo de Saussure reiteradas pelo editor crítico do CLG:

Não há tema mais árduo que este: é preciso retomar, para refutar, tudo o que Paul e os modernos escreveram. [] A melhor maneira de proceder

ne: suite de sons ou concept, pris à part, sont des abstractions; le concept ne doit être que la valeur d'une image acoustique (comparaisons de l'âme et du corp, de l'eau). 2) Délimiter les entités linguistiques dans la chaîne de la parole, prise comme document de langue, en divisant selon le sens et sens et en comparant des chaînes différentes où le même concept coïncide avec la même suite acoustique (à bout de *force*, la *force* du vent). Ceci ne donne pas une définition du *mot*.”

¹⁹ Tradução nossa de: 2.[...] la réflexion de Saussure offre comme en antidote le théorème épistémologique des points de vue: ce théorème permet l'introduction de problèmes et de préoccupations nouvelles selon le besoins de l'étude linguistique”

seria pegar as expressões das quais se servem os bons linguistas quanto eles falam de fenômenos estáticos, e ver os erros e as ilusões que elas contêm.²⁰ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 22)

Na visão de Amacker (1997), Engler (1995), ao propor o teorema epistemológico dos pontos de vista enquanto um antídoto, ressaltou sua função no combate aos erros e às ilusões dos linguistas de que fala Saussure. Dessa maneira, a introdução da reflexão sobre o ponto de vista demarca a posição de Saussure frente à Linguística de sua época e ao modo de proceder dos linguistas, uma vez que esse teorema é a possibilidade de introduzir na Linguística problemas e preocupações incomuns às análises — ao que tudo indica, histórico-comparatistas, — então vigentes. Aqui, lemos, tal qual acompanharemos na seção seguinte com a abordagem de Normand, a importância epistemológica da discussão sobre o ponto de vista, que é ressaltada enquanto agente na passagem da reflexão linguística do século XIX para o que mais tarde se reconhecerá como Linguística moderna. Em outros termos, parece-nos possível afirmar, em consonância com o que postula Engler, que o gesto epistemológico operado por Saussure, ao conceber que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto, é constitutivo, num âmbito maior, da ruptura com a Linguística do XIX e do evento de fundação da Linguística moderna.

No intuito de fundamentar a importância do teorema do ponto de vista — que concebe, na visão de Engler (1995, p. 22), o objeto linguístico não como dado, mas como inventado, no sentido de ser organizado pelo homem, reencontrado, percebido — o autor retoma seu contexto de elaboração, isto é, as *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f., codificado por Godel como N9, observando como esse teorema está intimamente associado a um problema de ordem. Para Engler (1995), nos casos em que os objetos são dados, isto é, quando preexistem à análise, há uma ordem a ser descoberta. No entanto, na proposta de Saussure — segundo a qual os objetos são criados a partir de pontos de vista, não há ordem fixa. Vejamos:

Aqui [na Linguística] há de início pontos de vistas, justos ou falsos, <mas unicamente pontos de vista> a partir dos quais CRIAMOS <secun-

²⁰ Tradução nossa de: Il n'y a pas de sujet plus ardu que celui-là: il faudrait reprendre, pour le réfuter, tout ce que Paul et les modernes ont écrit là-dessus. [] La meilleure manière de procéder serait de prendre les expressions dont se servent les bons linguistes quand ils parlent de phénomènes statiques, et de voir les *erreurs* et les *illusions* qu'elles contiennent.

dariamente> as coisas. [...] Estamos proibidos em linguística <embora não paremos de fazer> de falar *de uma coisa* sob diferentes pontos de vista,<ou de uma coisa em geral>, porque é o ponto de vista que FAZ a coisa.²¹ (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 22)

Não temos <jamais> o direito de considerar um lado da linguagem como <anterior e> superior aos outros, e, antes de tudo, servir de ponto de partida. Teríamos o direito de fazê-lo se houvesse um lado que fosse dado fora dos outros, isto é, fora de toda operação de abstração e de generalização de nossa parte; mas basta refletir para ver que não há um só que seja nesse caso.²² (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 22-23)

A respeito do ponto de vista em Saussure, Engler (1995) propõe mais uma leitura que merece destaque, pois dá vistas aos desdobramentos da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto para o pensamento de Saussure, de forma bastante singular. A partir de sua interpretação dada à questão do ponto de vista, em que vislumbramos uma abordagem pela via do enigma, Engler postula que o teorema epistemológico do ponto de vista deve ser considerado em de três níveis diferentes: o inferior, em que está a análise subjetiva do sujeito falante; o intermediário, em que está a análise do linguista; e o superior, o nível do mundo geral. Acompanhemos essa formulação:

[...] é preciso considerar o teorema do ponto de vista sob três níveis diferentes, o nível linguístico, de onde partimos, e o nível intermediário; no nível inferior encontramos o teorema do postulado da análise subjetiva dos sujeitos falantes que cria os estados sincrônicos e a ‘realidade’ consciente da língua; no nível superior do mundo geral a discussão moderna parece exceder Saussure, que insiste, aqui como ele faz para a divisão em sincronia e diacronia, sobre o status especial da Linguística em comparação com as outras ciências e parece admitir em particular

²¹ Tradução nossa de: “Ici [en linguistique] il y a d’abord des points de vue, justes ou faux, <mais uniquement des points de vue> à l’aide desquels on CRÉE <secondairement> les choses. (...) Il nous est interdit en linguistique <quoique nous ne cessions de le faire> de parler «d’une chose» à différents points de vue, <ou d’une chose en générale>, parce que *c’est le point de vue qui FAIT la chose.*”

²² Tradução nossa de: On n’a <jamais> le droit de considérer un côté du langage comme <antérieur et> supérieur aux autres, et devant servir de point de départ. On en aurait le droit, s’il y avait un côté qui fût donné hors des autres, c’est-à-dire hors de toutes opérations d’abstraction et de généralisations de notre part; mais il suffit de réfléchir pour voir qu’il n’y en a pas un seul qui soit dans ce cas.

que, nas ciências naturais, o mundo preexiste segundo uma organização dada.²³ (ENGLER, 1995, p. 23)

Segundo o que propõe Engler, então, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto coloca em causa, num nível inferior, a análise subjetiva do sujeito falante. Desse modo entendido, num primeiro nível de compreensão do postulado saussuriano, o ponto de vista de que se trata é o daqueles que falam. É o ponto de vista do sujeito falante que, como destaca Engler, cria os estados sincrônicos, cria a realidade da língua. Lembremos, com Saussure, que o que é real na língua é o que existe na consciência dos sujeitos falante.

A respeito da articulação de Engler entre a afirmação saussuriana do ponto de vista-objeto e a análise do sujeito falante, é preciso observar que na edição do CLG tais questões são tratadas em ocasiões de reflexão distintas. A primeira, como já pontuamos, aparece no capítulo “Objeto da Linguística”, em lugar central. A segunda, pode-se dizer, em lugar marginal: nos “Apêndices da segunda e da terceira partes” da edição. Isso não impede que Engler recupere os desdobramentos da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto na reflexão em que Saussure se põe a distinguir a análise subjetiva do sujeito falante, que dá uma perspectiva do que realmente existe na língua, da análise objetiva dos gramáticos, calcada em entidades abstratas.

Nesse último quadro de elaboração, Saussure diferencia a análise objetiva, fundamentada na história e operada pelo gramático-historiador, daquela empreendida pelos sujeitos falantes, a partir do sentimento mesmo do sujeito falante, e fundamentada diretamente nos fatos da língua (SAUSSURE, 1916[2002], p. 244). Lembremos com Saussure que:

a sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e sufi-

²³ Tradução nossa de: “ [...] il faut considérer le théorème des points de vue à trois niveaux différents, le niveau ‘linguistique’ d’où nous sommes partis étant le niveau intermédiaire: au niveau inférieur nous retrouvons le théorème dans le postulat de l’analyse subjective des sujets parlants qui crée les états synchronique et la ‘réalité’ consciente de la langue ; au niveau supérieur du monde en générale la discussion moderne semble dépasser Saussure, qui insiste, ici comme il le fait pour la division en synchronie et diachronie, sur le statut spécial de la linguistique par comparaison avec les autres sciences et semble admettre en particulier que dans les sciences naturelles, le monde préexiste selon une organisation donnée.”

ciente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 132)

Ainda segundo o que interpreta Engler (1995), a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto pode ser tomada em um segundo nível de compreensão, ou no que ele chama de nível intermediário. É o nível de análise linguística. Desse modo entendido, Engler dá vistas à compreensão de que, nesse nível, o ponto de vista de que se trata é o ponto de vista de análise do linguista, que cria seus objetos a partir das operações de abstração e de generalização, destacadas do texto saussuriano, uma vez que tais objetos não são dados de antemão à análise.

De forma inovadora, mas bastante concisa, Engler (1995) propõe um último nível de compreensão da afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto. É o nível superior, o do mundo em geral. Quanto a ele, Engler (1995) ressalta que a discussão moderna — ao que tudo indica, sobre o modo de conceber os objetos nas ciências em geral — extrapola a proposta de Saussure que insistiu no caráter distinto da Linguística em relação às outras ciências. Como defendeu Saussure, a Linguística distingue-se fortemente de outras ciências, sobretudo, as naturais, porque nelas os objetos são dados previamente. Para Wells²⁴, por outro lado, ressalta Engler (1995, p. 23), “as observações de Saussure valem para todas as ciências”. Assim, considerando o nível superior de abordagem do teorema do ponto de vista, em sua perspectiva, suspenso da teorização saussuriana, Engler propõe:

Pode-se também argumentar, quanto à posição original de Saussure, que resta introduzir pelo menos duas considerações adicionais: o homem vê e concebe o mundo através de sua semiologia, a língua em particular; e o homem é formado pela língua, tal como ela opera.²⁵ (ENGLER, 1995, p. 23)

Para fundamentar ambas as compreensões possíveis num nível superior de análise do teorema do ponto de vista — quais sejam, de que o homem vê e concebe o mundo através de sua semiologia e de

²⁴ Apesar de essa ser uma compreensão relevante, não há maiores referências à figura de Wells no artigo de Engler, impossibilitando-nos de apresentar maiores desdobramentos dessa reflexão.

²⁵ Tradução nossa de: “On peut arguer aussi, quant à la position originare de Saussure, qu’il reste à introduire au moins deux considérations supplémentaires: l’homme voit et conçoit le monde à travers sa sémiologie, la langue en particulier ; et l’homme tel qu’il est est formé par la langue, telle qu’elle opère.”

que o homem é formado pela língua–, Engler vale-se de anotações manuscritas de Saussure, as quais foram codificadas por Godel, no conjunto de manuscritos 3951, como N12 e que recebem do catalogador o mesmo nome do documento-fonte da afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto: *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 12f.²⁶ Em tais anotações, Saussure postula que:

[...] Se um objeto pudesse, onde quer que esteja, ser o termo sob o qual é fixado o signo, a Linguística deixaria instantaneamente de ser o que é, <do topo> até <a base>; além disso, o espírito humano, ao mesmo tempo, como <é evidente a partir dessa discussão>²⁷. (SAUSSURE apud ENGLER, 1995, p. 24)

Com base nisso, Engler lança mão da discussão traçada por Saussure a respeito da natureza do signo linguístico. Trata-se de uma reflexão, bem se conhece pelas páginas do CLG, que nega a existência do signo enquanto nome de um objeto e que, portanto, interdita a compreensão da língua enquanto uma nomenclatura. Segundo Engler, o signo, então, não constitui a reprodução mental do objeto, mas vale a partir da repartição dos signos sobre o conjunto de coisas no mundo.²⁸ Com base no que postula Saussure sobre o signo, Engler propõe:

Devemos concluir que, falando, aplicamos um signo ao objeto, classificamos, interpretamos o mundo. Ora, o que implica a aplicação do ins-

²⁶ Embora tenham recebido um mesmo nome, o manuscrito N9 *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f. e o manuscrito N12 *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 12f. foram arquivados separadamente. No que tange ao conteúdo, enquanto o primeiro apresenta uma discussão da inexistência de substância na língua e da questão do ponto de vista em seu estudo, o segundo apresenta uma distinção bastante preliminar entre sincronia e diacronia. Nesta obra, valem-nos do segundo documento apenas oportunamente, uma vez que nosso foco está centrado, sobretudo, no primeiro documento. No entanto, uma análise conjunta deles, a qual destaca a produtividade teórica da noção de relação nesses documentos, pode ser acompanhada em Marques (2016).

²⁷ Tradução nossa de: “[] Si un objet pouvait, où que ce soit, être le terme sur lequel est fixé le signe, la linguistique cesserait instantanément d’être ce qu’elle est, depuis <le sommet> jusqu’<à la base> ; du reste, l’esprit humain, du même coup, comme <il est évident à partir de cette discussion>.”

²⁸ A relação entre signo e objeto ou entre signo e referente, que a reflexão sobre a natureza do signo linguístico de Saussure toca, já suscitou ao longo da história das recepções saussurianas uma série de debates, dentre os quais está o afamado texto de Benveniste, homônimo ao capítulo do CLG, *Natureza do signo linguístico*, publicado em 1939. Neste estudo, não adentraremos a tal questão, pois, a nosso ver, foge ao escopo de nossa proposta. Por isso, no que tange ao que propõe Engler, limitamo-nos a apresentar a compreensão do autor, voltando o foco, sobretudo, para a questão do ponto de vista e da identidade que, segundo ele, tal modo de compreender o signo implica.

trumento semiológico? Implica um julgamento de identidade entre signo e objeto designado. Falando, o homem não é mais dependente de um mundo exterior que o domina; na concepção saussuriana, é realmente “sujeito”.²⁹ (ENGLER, 1995, p. 24)

Para Engler, então, se o falante estabelece uma relação de identidade entre o signo e o objeto designado, ao falar, numa operação linguística, o linguista estabelece, por sua vez, uma relação entre um ponto de vista e um julgamento de identidade. Desse modo entendido, para Saussure, argumenta Engler, escolher um ponto de vista “consiste muito concretamente em ‘identificar’, considerar como *idênticos* dois fenômenos como, por exemplo (e é o exemplo saussuriano), dois fragmentos da cadeia articulatória *nü* em francês e em grego” (ENGLER, 1995, p. 25). É nesse sentido que, segundo Engler, Saussure apresenta três pontos de vista e três julgamentos de identidade, fonológico, sincrônico e diacrônico, e estabelece apenas os dois últimos como linguísticos. Acompanhemos a retomada por Engler dos exemplos saussurianos.

Tabela 1 – Pontos de vista e julgamentos de identidade (ENGLER, 1995, p. 25)

identité	cantare	cantare	= phonologie
identité	cantare sens et emplois	cantare sens et emplois	= synchronie
identité	cantare	chanter	= diachronie

Para Engler, ao pressupor o ponto de vista ligado ao julgamento de identidade, Saussure constitui domínios científicos e abre porta para a constituição de outras disciplinas e para outros julgamentos de identidade correspondentes a outros pontos de vista: “os atos de fala, por exemplo, a Sociolinguística, uma sintaxe gerativa, a Linguística Cognitiva, *sob uma delimitação exata de seu domínio na Linguística saussuriana*” (ENGLER, 1995, p.25, grifos do autor)³⁰. Desse modo en-

²⁹ Tradução nossa de: “Il faut en conclure qu’en parlant on applique un signe à l’objet, on classe, on interprète le monde. Or qu’implique l’application de l’instrument sémiologique? Elle implique un jugement d’identité entre signe et objet designé. L’homme en parlant n’est plus tributaire d’un monde extérieur qui le domine; dans la conception saussurienne il est vraiment ‘sujet’.”

³⁰ Tradução nossa de: “[...] les speech acts, par exemple, la socio-linguistique, une syntaxe générative, la linguistique cognitive *sous la réserve d’une délimitation exacte de leur domaine à l’intérieur de la linguistique saussurienne.*”

tendido, na visão de Engler, ao estabelecer o papel do ponto de vista na operação do linguista, Saussure abriu possibilidades para a própria constituição das diferentes disciplinas ou domínios científicos.

A partir das reflexões de Engler, acompanhadas no artigo de 1995, é possível observar que a questão do ponto de vista-objeto é lida nessa ocasião para além da dificuldade imposta pela edição de Bally e Sechehaye. Por uma perspectiva que sustentamos ser do enigma, Engler propõe a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto como teorema epistemológico, possivelmente, como o nó das reflexões saussurianas. Isso porque compreender que na Linguística o objeto não é dado, é inventado, permite que Saussure introduza novas problemáticas nesse campo de investigação. Desse modo, a língua passa a ser compreendida como um objeto organizado, na visão de Engler, pelo próprio homem. Ainda pela perspectiva do enigma, Engler recolhe os efeitos desse teorema em outras reflexões saussurianas, argumentando que ele pode ser lido em dois níveis, o de análise do sujeito falante e o de análise do linguista, já evidenciados por Saussure, e, ainda, propõe um novo: o nível de análise do mundo em geral. Por esse nível de compreensão, afirmar que o ponto de vista cria o objeto é afirmar que o homem vê e concebe o mundo através da língua e que, nesse sentido, o homem é formado pela língua.

Conhecida essa primeira reflexão representativa do modo de abordar o ponto de vista-objeto pela via do enigma, passemos, na seção seguinte, à reflexão de Normand sobre essa mesma questão.

2.2 O ponto de vista é um princípio epistemológico

O princípio [epistemológico] do ponto de vista é o que domina todos os outros; foi o que permitiu a Saussure desbloquear a passagem obstruída pelo comparatismo e abrir um novo campo de pesquisa.
(Normand, 2011)

Em sua reflexão, Silveira (2007) já havia notado que tomar a edição do CLG pela via do enigma era o modo de leitura escolhido por Claudine Normand. Trata-se de um importante nome do quadro de investigação estruturado nas últimas décadas acerca do *saussurismo* ou do *saussurianismo* — para fazermos uso dos termos empregados pela própria linguista parisiense (Normand, 2009[2000]). Nas palavras da autora brasileira:

Vê-se que o percurso de Normand lhe dá condições de sustentar uma posição particular em relação ao CLG, a Saussure e a seus manuscritos e, sem dúvidas, em relação com outros estudiosos do assunto. Portanto, quando, nesse mesmo trabalho, ela afirma “apesar das preocupações dos editores, se lê, mais que em filigrana, as críticas de Saussure a respeito de seus contemporâneos. Os manuscritos explicam essa crítica de forma, muitas vezes, radical [...]”, sabemos que ela se refere a Bouquet. De fato, Bouquet [...] afirma: “Que o autor de *Mémoire* considere a linguística pouco lúcida em relação ao seu objeto real é algo que se lê em filigrana ao longo de seus escritos e de suas aulas”. (SILVEIRA, 2007, p. 39)

À esteira do que propõe Silveira (2007), sustentamos que, no que diz respeito à questão do ponto de vista-objeto em Saussure, Normand igualmente opta por fazer uma leitura pela via do enigma. Desse modo, embora ciente da problemática a respeito da apresentação da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto na edição, a linguista procurou balizar, sobretudo, a partir do texto estabelecido em 1916, seus efeitos para o pensamento do linguista genebrino.

O livro *Saussure*, publicado pela primeira vez em 2000, pela *Société d'Édition Les Belles Lettres*, e assinado por Claudine Normand, é bastante exemplar do modo de abordagem que se faz da edição pela via do enigma, que, como propõe Silveira (2007), diz de outra posição frente ao burburinho da autenticidade do CLG. Quanto ao seu modo de ler Saussure, Normand é bastante clara:

[...] esse texto, muitas vezes reeditado e traduzido, continuarei segundo a tradição, a chamá-lo de *Saussure*. Não se trata, evidentemente, de ignorar os trabalhos filológicos, mas de resguardar-lhes seu papel de complemento e correção eventual, recusando que eles sejam obstáculos a uma primeira reflexão sobre o *Curso* como texto, único texto facilmente legível de modo corrente, um texto para ser lido como tantos outros o fizeram com grande proveito. (NORMAND, 2009[2000], p. 18)

Sua tomada de posição não é sem razão. É necessidade imposta àqueles que, interessados pela produção teórica de Saussure e em meio aos debates do último século, veem-se impelidos a posicionar-se. “Trata-se de um novo momento em que o estatuto do CLG demanda uma posição do seu leitor e não só dos linguistas, porque nenhuma área que queira se valer das elaborações de Saussure poderá ir adiante sem se posicionar a partir do momento que houve a exposição dessa fratura no CLG [...]” (SILVEIRA, 2007, p. 37).

A tendência é, sobretudo hoje, de retornar ao “autor” em busca do que se presume que, como pessoa, ele desejasse comunicar. Tende-se, então, a invalidar o caminho da leitura precedente, julgada redutora: certa hermenêutica recobre a semiótica; o “verdadeiro” Saussure importa mais que esse curso póstumo, publicado sob seu nome e sem sua consulta. Se escolhi comentar essa obra “apócrifa”, foi para fazer justiça àquele que teve suas consequências e que sempre pode vir a tê-las, falando de modo diferente a cada um de nós segundo seu próprio itinerário através da selva das pesquisas linguísticas. (NORMAND, 2009[2000], p. 19)

Ainda no que concerne ao itinerário de leitura da edição, é preciso destacar que em diferentes instâncias de reflexão Claudine Normand (2000[2009], 2009, 2011, entre outras) escolheu tratar da produção linguística de Ferdinand de Saussure por meio da Epistemologia. Exemplarmente, neste mesmo livro, *Saussure*, há diversas conclusões que remetem ao fazer epistemológico do genebrino. “Interrogar-se sobre o que se faz em uma descrição e em uma reflexão sobre uma língua, buscar qual é o modo de proceder adequado, é tomar uma posição epistemológica” (NORMAND, 2009[2000], p. 35).

É o que testemunha, igualmente, o capítulo “O CLG: uma epistemologia e uma metodologia” desse mesmo livro, no qual Normand aponta que Saussure é responsável por elaborar o que deve ou deveria ser uma Linguística nova, isto é, a Linguística sincrônica, estabelecendo uma ruptura com o século da história e dando a resposta à pergunta de sua época: “Como fazer uma linguística geral?” (NORMAND, 2009[2000], p. 83).

Embora ela observe, em um de seus últimos trabalhos publicados, que há outras possibilidades de leitura dessa teoria, a seu ver sempre abordagens pessoais que supõem escolhas e interpretações — mas também esquecimentos e reduções (Normand, 2011, p. 11), a escolhida por ela é aquela pela qual se vê em Saussure uma mudança decisiva e original, por vezes, também chamada de crítica e de radical.

A escolha por esse modo de abordagem é justificada por Normand no artigo “Saussure: uma epistemologia da linguística” o qual, assim como uma de suas importantes obras acima referenciada, recebe o nome daquele cuja produção teórica é tema — *Saussure* — para se referir ao conjunto de reflexões a ele atribuídas. Pelo recurso do subtítulo, o nome Saussure — ou mais precisamente sua reflexão, quando considerada a relação metonímica — ganha contornos mais precisos e é definido como uma Epistemologia da Linguística.

Para explicitar sua escolha de leitura, a autora levanta uma primeira questão: “por que se deter sobre a epistemologia” (NORMAND, 2011, p. 13) quando Saussure sequer emprega esse termo? A linguista francesa explicita que, em primeiro lugar, apesar da ausência de menção ao termo Epistemologia, “Saussure manifesta uma exigência dessa ordem em todos seus textos, ainda que seu pensamento não deva ser reduzido a isso” (NORMAND, 2011, p. 13). Quanto à essa exigência, é preciso esclarecer, por diversas vezes, seja em anotações manuscritas, seja em conversas com alunos e mesmo em carta a colegas — tal qual elucidaremos logo adiante —, Saussure mostrou-se insatisfeito com a Linguística de seu tempo, denunciando imprecisões na terminologia e erros significativos na compreensão dos fenômenos linguísticos. Em segundo lugar, para Normand, o retorno que se faz a Saussure no auge do Estruturalismo exige um novo enfoque sobre a contribuição teórica e metodológica do mestre genebrino, que desse conta da maneira como Saussure desvinculou “a pesquisa linguística da simples coleta empirista dos dados, assim como das generalizações vazias sobre a linguagem” (NORMAND, 2011, p. 13).

Uma segunda questão colocada pela autora é “o que se chama de epistemologia” (NORMAND, 2011, p. 14) quando se concebe que Saussure é uma Epistemologia da Linguística? Para responder tal pergunta, Normand (2011) recorre aos usos do termo Epistemologia nas tradições filosóficas. Segundo ela, esse termo foi empregado apenas nos anos 20 e 30 do século XX com o advento do Círculo de Viena, significava literalmente “discurso ou estudo do conhecimento” (NORMAND, 2011, p. 14). A respeito dele, Normand afirma que:

Designará, então, uma teoria normativa da Ciência que pretende reger o discurso científico em geral e avaliar, segundo critérios rigorosos, as produções que se apresentam como fazendo parte dele, tendo como modelo as ciências naturais. (NORMAND, 2011, p.14)

Considerando o excerto em destaque, poderíamos, a partir de uma compreensão apressada de Saussure enquanto uma Epistemologia nos termos das tradições filosóficas — apresentados pela autora — compreender o pensamento saussuriano enquanto uma teoria normativa da ciência Linguística e, portanto, balizador dos discursos que pretendem integrar o saber dessa ciência, pautada, sobretudo, nos modelos das ciências naturais. Dessa maneira de compreensão, pelo

menos dois pontos causam-nos estranhamento: i. que a teoria saussuriana pudesse ser tomada como normativa e ii. que ela se pautasse em modelos das ciências naturais, quando, sabemos, Saussure mostrava-se em direção contrária àqueles que tomam a língua seja pelo viés normativo seja à luz ciências naturais.

Nosso desconforto em relação ao ponto i. é minimizado por Normand mesma quando trata dos reais interesses de Saussure, ligados, sobretudo, a uma retificação da terminologia em uso:

Saussure, ainda que marcado pela ideologia positivista da época, não tem a ambição filosófica e logicista de Carnap ou de Russel; para ele, tratava-se, em primeiro lugar, de apenas retificar a terminologia em uso, a seu ver, confusa e insuficiente. Sabe-se através de cartas e de diversas notas que ele frequentemente se irritava com o pouco de exigência nesse domínio por parte dos linguistas de sua época. Era preciso, primeiramente, levá-los a ter mais rigor nos termos e, portanto, no pensamento. (NORMAND, 2011, p. 14)

A retificação da terminologia mencionada pela autora é uma intenção declarada na conhecida carta escrita por Saussure e enviada a Meillet em 1894, na qual Saussure denuncia a inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar ao linguista de que espécie é a língua em geral.

[...] É, em última análise, apenas o lado pitoresco da língua, o fato que a faz diferente de qualquer outra como pertencente a algumas pessoas com certas origens, o lado quase etnográfico que conserva um interesse para mim: e precisamente não tenho mais o prazer de entrar nesse estudo sem um pensamento bem concebido e aproveitar de um ambiente particular. Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral vêm estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não ter que cuidar da linguagem em geral. Apesar disso, isso irá acabar em um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei porque não há nenhum só termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. E só depois, confesso, é que posso retomar meu trabalho do ponto que eu havia deixado. Esta disposição, talvez estúpida, explicará a Duvau porque, por exemplo, ensaiei ao longo de um ano a publicação de um artigo que não oferecia, materialmente, nenhuma dificuldade — sem chegar a outro lu-

gar além de evitar expressões logicamente odiosas, porque isso exigiria uma reforma radical³¹. (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 94)

A respeito dessa intenção manifesta que exige, vale ressaltar, uma *reforma radical*, como salienta Saussure, Normand (2011, p. 15) pontua, todavia, que não se pode simplesmente mudar as palavras quando o que está em questão são conceitos de uma ciência: “[...] o que seria preciso fazer é perseguir a crítica terminológica pela elaboração de uma teoria realmente científica da linguagem e das línguas”. Saussure, na compreensão de Normand (2011), não visava uma teoria geral do conhecimento, mas sim estabelecer princípios críticos para a prática dos linguistas: “uma epistemologia, portanto, mas própria a um domínio de pesquisa específico, a Linguística, em um determinado momento de seu desenvolvimento” (NORMAND, 2011, p. 15).

Quanto ao ponto ii. de nosso desconforto, os modelos das ciências naturais aos quais se refere Normand (2011) remetem, como se pode acompanhar no excerto anterior, à ideologia positivista da época, que se preocupava em delimitar claramente o objeto de uma ciência bem como seu campo de aplicação (NORMAND, 2009[2000], p. 38). A respeito disso, a autora, em diferentes estudos, mostra-se convencida de que Saussure, à esteira de Auguste Comte, postulador da filosofia positiva, guardava o cientificismo típico de sua época, evidenciado no seu rigor em delimitar o objeto próprio à ciência da língua. Todavia, é preciso esclarecer, no pensamento de Normand, de que maneira Saussure comparece às discussões de seu século:

Então, Saussure seria um positivista? Sim, sem nenhuma dúvida quando se trata ‘de ensinar aos linguistas o que eles fazem’, para que ces-

³¹ Tradução nossa de: “C’est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d’une langue, celui qui fait qu’elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c’est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n’ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l’ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d’objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n’aie pas de plus cher voeu que de n’avoir pas à m’occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j’expliquerai pourquoi il n’y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j’accorde un sens quelconque. Et ce n’est qu’après cela, je l’avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l’avais laissé. Voilà une disposition, peut-être stupide, qui expliquerait à Duvau pourquoi par exemple j’ai fait traîner plus d’un an la publication d’un article qui n’offrait, matériellement, aucune difficulté, - sans arriver d’ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu’il faudrait pour cela une réforme décidément radicale.”

sem de misturar épocas ou de recorrer a metáforas ridículas, bem como para que definam com clareza seu objeto. Mas, quando esse objeto se furta, quando o fato linguístico depende do ponto de vista adotado para defini-lo, quando se é obrigado a admitir que a mudança é o princípio da existência de qualquer língua natural, haveria uma unificação possível dos discursos e até mesmo uma ciência possível da língua? [...] Digamos que seja um positivismo ultrapassado, que irrita com suas exigências tanto quanto interroga com suas questões sempre em aberto; a abundância dos debates é testemunha disso. (NORMAND, 2009[2000], p. 123-124)

Ainda no que diz respeito ao modo de leitura de Normand, calcado, como temos demonstrado, na Epistemologia, é importante destacarmos também o pensamento filosófico a que ela se filia, seguido no artigo “Saussure: uma epistemologia da linguística”, a ser mais bem desenvolvido na subseção 2.2 desse capítulo.

Nesse trabalho, ela afirma que Epistemologia “é também o termo empregado na tradição francesa oriunda de Bachelard (que seguirei aqui), que se distingue das precedentes pelo lugar dado à história no estudo das teorias” (NORMAND, 2011, p.14). Esse pensamento é visitado pela linguista em suas reflexões, sobretudo, a partir da noção de ruptura ou de mudança, que ganha em sua reflexão os outros sinônimos: novidade/mudança crítica, novidade/mudança radical e que dão as bases para o conceito de corte epistemológico, conforme postulado por Bachelard. Assim, se, por um lado, Bachelard concebe o corte epistemológico para pensar a história do conhecimento no âmbito da Física, Normand, por outro lado, vale-se desse conceito para dizer da ruptura instaurada pelo pensamento de Saussure no campo dos estudos linguísticos.³²

Esclarecer o modo como a teoria saussuriana é tomada por seu aspecto epistemológico, na reflexão de Normand, tem um papel significativo para a compreensão estabelecida por ela da questão tema deste estudo: o ponto de vista-objeto saussuriano. Isso porque, como elucida a epígrafe que abre esta seção, Normand postula que o ponto de vista é um princípio *epistemológico* regente dos demais.

³² Como acompanhamos no Capítulo 1, Kyheng (2014[2010]) vale-se da concepção bachalerdiana de que nada é dado, tudo é construído para aproximar o pensamento saussuriano do construtivismo. Em sua reflexão, Normand vale-se da proposta de Bachelard para pensar a produção de Saussure. Ela faz uso da noção de corte epistemológico para isso.

Como acompanharemos adiante, um princípio, segundo a autora, constitui uma proposição fundamental, a partir da qual, em conjunto com outras, constitui-se uma base teórica, em seu caso de análise, do pensamento saussuriano. Em sua proposta, tal princípio é caracterizado, ainda, pelo qualitativo epistemológico, em consonância com a perspectiva mesma de leitura aderida pela linguista.

Outro aspecto que merece destaque nessa compreensão é que, para Normand (2011), o princípio epistemológico do ponto de vista domina todos os demais princípios da teoria saussuriana, a saber, tudo o que está no sentimento dos falantes é fenômeno real; a língua não é nomenclatura, pois é uma forma e não uma substância; o que é absoluto é o movimento da língua no tempo. Além disso, destacamos, no entendimento da autora, a importância que o princípio epistemológico do ponto de vista adquire na passagem do comparatismo para um novo campo de estudos, a saber, a Linguística moderna.

Depois de introduzirmos os principais aspectos da compreensão de Normand a respeito da teoria saussuriana, de modo geral, e a respeito do ponto de vista-objeto, de modo específico, a serem mais bem investigados adiante, parece-nos clara uma aproximação com o posicionamento de Engler, acompanhado na seção 2.1 deste livro, no que tange à mesma questão.

Um primeiro ponto de contato é que, a nosso ver, ambos os autores leram a questão do ponto de vista-objeto pela via do enigma, procurando balizar os efeitos dessa reflexão para a produção teórica de Saussure. Uma segunda aproximação é que, tanto para Engler quanto para Normand, a afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto guarda um aspecto epistemológico. Para o austríaco, trata-se de um *teorema epistemológico*. Para a francesa, por seu turno, de um *princípio epistemológico*. Além do mais, ao tematizarem sobre esse postulado da teoria saussuriana, ambos destacam a importância dessa afirmação seja para uma ruptura com os estudos da época — para Engler ela é antídoto, para Normand ela é corte³³ — para o advento da nova Linguística que se dá a partir de Saussure³⁴.

³³ O entendimento de que a reflexão acerca do ponto de vista-objeto saussuriano configura um corte epistemológico é uma interpretação de nossa parte, possível quando se toma o conjunto de reflexões de Normand.

³⁴ É preciso esclarecer que a abordagem pela via do enigma não é correlativa à tomada da reflexão saussuriana pelo viés da Epistemologia. É possível conceber a produção teórica de Saussure enquanto enigma, sem, contudo, valer-se da Epistemologia para sua

Os pontos de contato na leitura dos autores sobre a questão do ponto de vista-objeto são esclarecidos por Normand mesma, quando faz referência explícita ao artigo escrito por Engler (1995) no qual ele argumenta em favor de um teorema epistemológico e que já tratamos na seção anterior. Em sua reflexão, Normand (2001, p. 17) afirma: “retomo, por várias vezes, um artigo de Engler sobre ‘a forma ideal da Linguística saussuriana’, em que ele destaca o que chama de ‘teoremas’”, autorizando o entendimento de que o ponto de vista-objeto é tomado por ela enquanto um princípio epistemológico em consonância com o pensamento de Engler.

Conforme vimos na seção anterior, Engler (1995) vale-se, sobretudo, de duas entrevistas dadas por Saussure a seus alunos para defender que a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto é um teorema saussuriano. Segundo ele, são elas que o autorizam a chamá-lo assim. Isso nos possibilita afirmar que Engler realiza uma abordagem filológica do ponto de vista-objeto saussuriano. No entanto, dado ao seu modo de entender esse teorema, é claro que Engler vale-se da Epistemologia para concebê-lo, o que nos autoriza a nomear sua abordagem duplamente como filológica e epistemológica.

Normand (2011) faz igualmente uma abordagem epistemológica do ponto de vista-objeto saussuriano, justificando seu posicionamento a partir da assunção de filiação à posição de Engler, como vimos em citação anterior. Apesar disso, a autora percorre caminhos distintos de análise para defender o fato de que o ponto de vista-objeto saussuriano é um princípio epistemológico que domina todos os outros, diferentes daqueles percorridos por Engler para atestar que se trata de um teorema epistemológico.

Apesar da abordagem epistemológica que ambos os estudiosos dão à questão do ponto de vista em Saussure, é preciso destacar que um teorema difere-se de um princípio. Enquanto um teorema é a consequência de uma série de postulados de uma teoria, o princípio é a tese zero ou uma afirmação primeira da qual parte uma teoria. Com base nesse entendimento, a compreensão de Engler de que a afirmação de que o ponto de vista cria um objeto constitui um teorema saussuriano parece-nos mais adequada em comparação à compreen-

compreensão. O que destacamos é que tanto Engler quanto Normand leram, nas ocasiões a serem tratadas neste capítulo, a teoria de Saussure conjuntamente pela via do enigma e a partir de uma abordagem epistemológica.

são de Normand, levando em conta todo trabalho de demonstração de Saussure a respeito da natureza do objeto da Linguística. É por isso que, neste estudo, também referimo-nos ao postulado saussuriano como um teorema, em consonância com o que propõe Engler, embora sustentamos ser bastante pertinente a reflexão trazida por Normand e o lugar de destaque dado à assunção em estudo, como passamos a acompanhar adiante.

2.2.1 *O princípio que domina os demais*

Traduzido para integrar o livro “As bordas da linguagem”, publicado em 2011 em terras brasileiras e organizado pela também pesquisadora saussuriana Eliane Silveira, o texto “Saussure: uma epistemologia da linguística” traz à baila a proposta que vê, na reflexão linguística de Saussure a respeito do ponto de vista e de seu papel na criação do objeto, a formulação de um princípio epistemológico. Nesta análise, ele ganha, ainda, o estatuto de princípio epistemológico que domina os demais. Dentre os diversificados trabalhos de Normand, é o que mais nos chama atenção, pois coloca, como se vê, a afirmação saussuriana dos pontos de vista, sentença-objeto de nossa pesquisa, no âmago da Epistemologia do autor.

Após justificar sua leitura pelo viés da epistemologia, como tratamos na seção 2.2 desse capítulo, Normand (2011) esclarece que sua proposta neste trabalho é colocar em evidência os princípios epistemológicos formulados por Saussure.

Designo, por esse termo [princípios epistemológicos], certo número de proposições fundamentais que ele constrói explicitamente para si, à medida de sua reflexão, assim como tantas regras imperativas para pensar e analisar os fenômenos observáveis. Essas proposições, enunciadas em várias oportunidades no *Curso* e em seus manuscritos, constituem a base teórica a partir da qual são elaborados os conceitos e o método, em sua novidade radical. (NORMAND, 2011, p. 16)

A leitura de Normand (2011) guia-se, desse modo, em direção à defesa de que, em seu curso, reconhecidamente, aquele editado por Bally e Sechehaye, também em suas anotações manuscritas, Saussure elabora princípios do que deveria ser uma verdadeira ciência linguística, cujo objeto integral e concreto é a língua, rigorosamente distinta da linguagem e da fala. Tais princípios, conforme afirma a autora,

constituem i. proposições fundamentais da reflexão de Saussure e ii. regras imperativas ao pensamento e à análise dos fenômenos observáveis, formuladas ao passo de sua reflexão e que são, na perspectiva do mestre, imprescindíveis àqueles que se propõem ao estudo da língua.

Desse modo entendido, à esteira do que atesta Normand (2011), os princípios ou proposições fundamentais servem, na elaboração do genebrino, como base teórica, ou — arriscamos uma analogia — como pedra angular, uma vez que funcionam como elemento essencial que dá existência ao fundamento de uma construção, em nosso caso particular, à construção teórica na qual se reconhece o berço da Linguística Moderna.

É a partir desse alicerce, constituído por um certo número de proposições essenciais, que se dá a formulação dos conceitos e dos métodos saussurianos, nos quais repousam, na perspectiva de Normand (2011), a novidade radical da teoria linguística de Saussure que, a um só tempo, o distanciará dos estudos vigentes, operando, com isso, um corte epistemológico no quadro de investigação da língua, e o impulsionará a uma Linguística antes impensada.

Normand (2011) elenca, então, quatro princípios epistemológicos no conjunto da elaboração teórica de Saussure: i. “o ponto de vista que cria o objeto”; ii. “tudo o que está no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real”; iii. “a língua não é uma nomenclatura, pois é uma forma e não uma substância”; e iv. “o que é absoluto é o movimento da língua no tempo”.

Deles, Normand (2011) destaca o primeiro afirmando que se trata do princípio que domina todos os outros. Conforme a autora e, parece-nos, à esteira de Engler (1995) — para quem o teorema do ponto de vista é o fundamento de toda a teoria saussuriana — foi esta proposição fundamental “que permitiu a Saussure desbloquear a passagem obstruída pelo comparatismo e abrir um novo campo de pesquisa” (NORMAND, 2011, p. 17). É a ela que Saussure chega, pontua a linguísta, ao se perguntar “Unde exoriar?": “[...] há vários caminhos possíveis, conforme o ponto de vista que se adote; nenhum é exclusivo, mas necessário para se obter um método de descrição na escolha de um deles (NORMAND, 2011, p. 17).

No intuito de explicitar a importância desse princípio, Normand (2011) esclarece que a afirmação em torno do ponto de vista coloca-nos em dois níveis de abstração. O primeiro é que o ponto de vista escolhido determinará o que será considerado fatos linguísticos: i. a

língua em seu uso atual ou ii. suas mudanças. Isso supõe que sejam tratados separadamente, ou seja, a partir de pontos de vistas distintos, um estado de língua e a história da língua, isto é, suas mudanças no tempo. Essa é, segundo a autora, uma divisão importante e antes impensada, que separará os fenômenos linguísticos em si de suas causas históricas e que dará, como sabemos, as bases para a distinção saussuriana fundamental entre a Linguística Sincrônica e a Linguística Diacrônica. Conforme pontua a autora, estamos falando de uma

[...] decisão metodológica [...] contrária aos hábitos da época, essa separação, que parece afastar os resultados atuais de suas ‘causas’ históricas, não será admitida facilmente; porém, mais difícil ainda é a afirmação mais fundamental e contraintuitiva que a subentende: não há fenômenos linguísticos independentes do ponto de vista que se tome sobre eles. (NORMAND, 2011, p. 17)

Na edição do CLG, atesta Normand (2011), a questão do ponto de vista aparece seguida da indagação em torno do objeto integral e concreto da Linguística — até então sequer colocada pelos linguistas do final do milênio. Segundo a autora, o ponto de vista-objeto saussuriano aparece no livro póstumo, sem grandes explicações, em resposta à dificuldade de delimitação do objeto. No entanto, ela destaca, em anotações manuscritas — já mencionadas por Engler e as quais trataremos no Capítulo 3 deste livro — Saussure dedica-se largamente a essa importante problemática que “abala todas as certezas dos descritores comparatistas” (NORMAND, 2011, p. 18) e que coloca a própria questão da Semiologia: “qual é o modo de existência da língua, que espécie de ‘realidade’ permite dizê-la ‘concreta’?” (NORMAND, 2011, p. 18). Isso se deve ao fato de que a asserção de que o ponto de vista cria o objeto apregoa, “contrariamente à crença empirista que deseja que *dados* sejam imediatamente observáveis, [que] os *atos* são construídos a partir de hipóteses e somente assim são tratáveis” (NORMAND, 2011, p. 20).

O segundo nível de abstração, conforme a autora, consequente do primeiro princípio elaborado por Saussure, está na organização que se dá à massa de pequenos fatos empíricos desconexos recolhidos da comparação e história de línguas muito diversas ao longo daquele século e que, a nosso ver, responde à seguinte questão: a que se deve esse papel fundamental do princípio do ponto de vista destacado por Normand? Era preciso depreender dessa massa de comparações uma coerência e uma generalidade exigidas pelo avanço científico e pelo

programa de uma Linguística Geral. Fazia-se necessário adotar em cada disciplina pontos de vista — fonético, morfológico, sintático — e distinguir aquele que toma a língua em seu uso atual, a sincronia, daquele que toma a língua em sua história, isto é, a diacronia. A essa delimitação fundamental, aponta a autora, outras se vincularão: o ponto de vista da língua, cuidadosamente distinto do ponto de vista da fala; o ponto de vista particularmente abstrato do sistema, que pressupõe um funcionamento e relações mútuas; o ponto de vista semiológico, segundo o qual o signo é uma entidade psíquica de duas faces.

Assim, cada um desses pontos de vista escolhe uma perspectiva claramente delimitada sobre o objeto, a partir da qual é possível definir suas propriedades. Esse princípio geral impõe, por asserções quase axiomáticas, o golpe de forças de uma abstração, pois nada do que está lá determinado é diretamente observável; não observamos um sistema, nós o supomos e o demonstramos; o mesmo ocorre com a clivagem do signo linguístico em significante e significado. Cada ponto de vista define um domínio de observáveis, segundo uma epistemologia, neste estágio, positivista, que só é redutora caso se interprete como uma exclusão definitiva o que é somente um gesto de delimitação necessário em um determinado momento, para esclarecer as confusões e retificar o método. (NORMAND, 2011, p. 19)

Ainda no que concerne a tal compreensão da autora, o princípio do ponto de vista impõe, para o linguista, uma abstração, tendo em vista que nada do objeto está determinado, isto é, nada é diretamente observável. Ela exemplifica: não se pode observar um sistema, pode-se apenas supor sua existência. Do mesmo modo, não se pode observar a cisão entre o significante e o significado. Se entendemos bem, a abstração de que fala Normand (2011) reside na necessidade que o linguista tem de abstrair-se dos fenômenos observáveis, para conceber um funcionamento que não é tangível. A respeito disso, é válido diálogo com a análise empreendida pela autora no artigo “Proposições e notas para uma leitura de Ferdinand de Saussure”, em que ela argumenta em favor de uma passagem do procedimento empírico — baseado na observação dos fenômenos evidentes — para o procedimento dedutivo — que independe da observação, uma vez que se chega a ele por meio de raciocínios lógicos — por parte do genebrino.

A abordagem indireta e cada vez mais complicada do problema do objeto — contrária às evidências do senso comum e da tradição gramatical –, o exame de noções teóricas do ponto de vista de seu valor operatório

e a reformulação de conceitos na passagem de identidade-realidade a valor parecem características de um procedimento científico que se liberta do empirismo. (NORMAND, 2009[1970], p. 34)

É possível encontrar, nas ambiguidades do texto do CLG, ecos dessa dualidade [indução e dedução] que é da época, mas tentamos mostrar que Saussure optava, em definitivo, por um método claramente dedutivo, que ele distingue radicalmente do senso comum. Nós o aproximaríamos, portanto, mais de especialistas como Claude Bernard e Chevreul que, em sua própria disciplina, sustentavam ainda mais claramente a necessidade de se definir o fato como abstração e de se refutar o empirismo [...]. (NORMAND, 2009[1970], p. 34)

Embora, nesse trabalho em específico, Normand (2009[1970]) dê ênfase ao abandono das noções de identidade e de realidade para uma adesão à noção de valor, por Saussure, e ao caráter dedutivo das reflexões em torno do sistema e das relações, presumidos pelo genebrino, podemos pensar a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto nesses mesmos moldes. Isso porque sua validade está no fato de que o objeto não é dado a priori, não é objeto empírico que pode ser observado a partir de diferentes pontos de vista. É objeto criado, feito pelo próprio ponto de vista, o que supõe deduções e não observações.

O segundo dos princípios epistemológicos elencado por Normand (2011) é a afirmação saussuriana de que tudo o que está no sentimento dos falantes é fenômeno real. Tal formulação aparece na edição do CLG em capítulo dedicado às entidades concretas da língua, no qual Saussure parte do entendimento de que os signos que compõem a língua não são abstrações, mas objetos reais. Quanto a essa afirmação, parece-nos válida de antemão uma distinção entre a abstração de que fala Normand e a de que fala Saussure, sob o risco de uma contradição.

Ao que nos parece, Normand diz da abstração operada pelo próprio linguista frente à análise da língua, que não deve se limitar à observação pura e simples dos fenômenos linguísticos, uma vez que é preciso fazer abstração deles para poder concebê-los, tal qual defende Claude Bernard e Chevreul, enquanto fatos. Saussure, por seu turno, ao se referir à abstração dos signos linguísticos, diz de sua realidade, portanto, de sua existência concreta.

Na tentativa de esclarecer essa distinção, consideremos o que diz o genebrino: “A entidade linguística só existe pela associação do signifiicante e do significado; se se retiver apenas um desses elementos, ela desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstra-

ção (SAUSSURE, 2012[1916], p. 147). Pode-se dizer, então, que a existência concreta de um signo repousa na associação entre as partes que o constitui, isto é, entre o significante e o significado. A retenção de uma delas — o isolamento seja do significante seja do significado — é uma abstração do linguista. Em outras palavras, é uma ação unicamente possível pelo fazer de um linguista, uma vez que na língua, de nenhuma maneira, o significante encontra-se separado do significado.

Esse caráter existencial das entidades concretas — só existem quando o significante e o significado estão associados — é, segundo Saussure, o primeiro princípio que as domina. O segundo é que uma entidade linguística, para ser determinada, precisa estar delimitada, isto é, separada de tudo que a rodeia na cadeira da fala. É, pois, sobre as dificuldades dessa delimitação que Saussure passa a refletir, atestando que, se para o linguista, a dificuldade em delimitar as entidades da língua é uma realidade, para os falantes, por outro lado, esse embaraço não existe. “Sem dúvidas, os falantes não conhecem essas dificuldades; tudo o que for significativo num grau qualquer aparecer-lhes como um elemento concreto, e eles o distinguem infalivelmente no discurso” (SAUSSURE, 2002[1916], p. 151).

De acordo com Normand, a conclusão a que Saussure chega na edição e que, para ela, constitui o segundo princípio, cujas fontes foram, como ela atesta, uma longa nota sobre a morfologia, opera uma inversão no quadro dos estudos linguísticos. Isso porque, se, por um lado, a Linguística vigente debruçava-se na descrição fonológica, morfológica, lexical e etimológica das línguas, a partir dos *corpora* clássicos, para classificá-las em famílias, Saussure propõe, por outro lado, que a pesquisa linguística se debruce na fala dos usuários da língua, com o objetivo de recolher de lá seus dados para análise. Cabe ao linguista descrever o saber momentâneo dos falantes em relação à língua, os quais suprimem toda a sucessão da língua no tempo, tornando para si a diacronia inexistente, para conhecer as regras que permitem o funcionamento sincrônico da língua.

Para Normand, há duas consequências metodológicas desse segundo princípio. A primeira está no fato de que, ao propor uma Linguística que procura seus dados nos falantes, os quais desconhecem a sucessão da língua no tempo, mas fazem funcionar seu mecanismo, Saussure propõe que se substituam os dados imediatos retirados dos *corpora* clássicos para descrição de elementos fonéticos, morfológicos e lexicais por fatos teoricamente construídos. Para Normand (2001),

Saussure estava por instaurar uma ruptura epistemológica com o século de história, para inaugurar uma teoria dos observáveis, conforme exigência das ciências físicas.

Levando em conta os trabalhos dos linguistas de sua época, instituir uma prática descritiva desse gênero podia parecer algo revolucionário; era retirar a linguística do círculo das ciências ditas ‘históricas’ (interpretativas) para tentar dar-lhes o estatuto de ciência de observação, até mesmo, de experimentação, pelo recurso aos testemunhos dos sujeitos falantes considerados como dados. (NORMAND, 2011, p. 22)

O que se vislumbra, dessa maneira, é uma mudança do ponto de vista do estudioso para o ponto de vista do falante, conforme postula Normand (2009[2000]):

A inversão operada por Saussure é a de definir o campo da linguística, colocando-se desde o começo na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. Para tanto, é necessário afastar-se, a princípio, [d]o conjunto constituído pela massa de saber gramatical (comparativo e histórico) e dos comentários acumulados pela tradição; deixar de tomar como quadro evidente da descrição o que é resultado de séculos de reflexão sobre a linguagem e, então, questionar o ponto de vista dos estudiosos: o locutor ordinário não é um estudioso, mas mesmo assim, ele sabe falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber da língua, deixando de lado o saber sobre a língua. (NORMAND, 2009[2000], p. 45)

A segunda consequência desse princípio que, se é preciso levar em consideração o que é significativo para o falante, portanto, o signo em sua totalidade, o linguista não está mais colocado frente à relação estabelecida pela problemática lógico-filosófica entre os nomes e as coisas, mas frente a um “mecanismo linguístico [que] é infinitamente mais complexo do que um simples processo de nomeação” (NORMAND, 2011, p. 23). Essa segunda consequência nos coloca diante, então, do terceiro princípio epistemológico elencado por Normand.

A terceira proposição fundamental do pensamento saussuriano, para Normand, é aquela segundo a qual a língua não é uma nomenclatura, pois é forma e não substância. A linguista afirma que a ela estão vinculados os demais conceitos da teoria da língua, formando um sistema teórico. Para sustentar esse argumento, ela relembra os contextos que levam na edição à afirmação de Saussure. Conforme se

acompanha no CLG, Saussure conduz, em primeiro lugar, o entendimento de que o signo linguístico é coisa dupla, para desenvolver, em seguida, um esquema de delimitação das unidades da língua. Esse esquema, elaborado no coração da teoria do valor, coloca em jogo a relação que se dá, por meio da língua, entre a massa de pensamento e a massa sonora, que levará Saussure a se referir ao terceiro princípio: “A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe em que os elementos das duas ordens se combinam; *essa combinação produz uma forma, não uma substância.*” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 160).

Os caminhos de leitura trilhados pela autora no esclarecimento desse princípio é, bem se vê, aqueles desenhados pela edição. Embora ela tenha ressaltado a importância do ponto de vista para os outros princípios e, portanto, para esse, uma relação entre o primeiro e o terceiro princípio não é, a nosso ver, bem explorada pela edição, o que limita a articulação entre eles pela interpretação de Normand. Como vimos com Pétroff (2004), Saussure elabora, em suas anotações manuscritas, a formulação de que o ponto de vista cria o objeto, nos termos do documento, e de que o ponto de vista faz sozinho a coisa, devido a sua inconformidade frente à assunção de uma matéria ou, em sua reformulação, de uma substância nos fenômenos linguísticos. Assim, Saussure demonstra a inviabilidade dessa concepção, o que o leva ao entendimento chave de nossa investigação. Apesar disso, bem se vê, a articulação entre o princípio de que o ponto de vista cria o objeto e de que a língua é forma e não substância nos parece bastante possível pela via mesma da edição, considerando que esta foi a trajetória percorrida por Normand em sua análise.

Ainda quanto à máxima de que a língua é forma e não substância, Normand (2011) retoma a comparação que Saussure estabelece entre a concepção de valor e o jogo de xadrez, analogia que lhe “permite representar, ao mesmo tempo, as relações recíprocas dos elementos e sua indiferença ao suporte material das peças (sua substância); [e] coloca em evidência o caráter formal do sistema, reduzido a um jogo de relações” (NORMAND, 2011, p. 25). Aqui, uma vez mais a partir da edição, a articulação entre a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto e a de que a língua é um sistema de signos, constituído por um jogo de relação, pareceu possível pela leitura que se faz nas páginas mesmas da edição.

Embora essa comparação elucide bem o fato de que tanto as peças do jogo quanto os elementos da língua adquirem realidade somente no uso social, Normand chama atenção para seus limites, uma

vez que, “diferentemente do jogo, cujas regras são fixadas por uma convenção, que os jogadores aceitam, mas poderiam eventualmente modificar, a língua, para seus locutores, é uma ‘herança’ imposta pela coletividade, que eles somente podem apreender em seu uso social sem modificá-la deliberadamente (NORMAND, 2011, p. 25).

No jogo, uma peça pode ser substituída desde que respeitado seu valor. Na língua, uma mudança dessa ordem requer, ainda, a adesão da coletividade, sem que isso se dê de modo consciente. São nessas condições que se dão as mudanças da língua. É pensando nisso que a autora elenca, então, o quarto e o último princípio do pensamento saussuriano: “O que é absoluto é o princípio do movimento da língua no tempo” (SAUSSURE apud NORMAND, 2011, p. 26). Ela destaca, tal qual postula Saussure, que as incessantes mudanças da língua, imperceptíveis aos falantes, são consequências da natureza social da língua, herdada e transmitida, e da natureza arbitrária do signo, que a livra das mudanças repentinas e ao acaso.

2.3 O que se recolhe de um enigma?

Neste segundo capítulo, percorremos leituras do ponto de vista-objeto que se fizeram pela via do enigma. Por essa perspectiva de leitura, a questão do ponto de vista-objeto é tomada a partir de seus efeitos, de seus desdobramentos para o pensamento saussuriano. Embora tais leituras não ignorem as falhas da edição no que concerne ao postulado de Saussure — lembremos que, para Engler (1995), a edição moderou a posição radical do genebrino e que, para Normand (2011), a proposição sobre o ponto de vista e o objeto aparece no CLG sem grandes explicações — o foco da leitura desenvolvida por eles está em desvendar a teoria saussuriana, recolhendo as consequências da escandalosa proposição de Saussure.

Assim, por essa via de análise, Engler denomina a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto como o teorema epistemológico dos pontos de vista e propõe, ainda, que ele seja possivelmente o fundamento de toda a teoria saussuriana. A radicalidade dessa leitura, que coloca o ponto de vista-objeto na base do pensamento de Saussure, está no fato de que, para o austríaco, ao propor que, na Linguística, os objetos não são dados, são inventados, isto é, apercebidos pelo homem, Saussure rompe com a Linguística histórico-comparatista e introduz outras problemáticas no campo de estudos da linguagem.

Ainda pela perspectiva do enigma, Engler explicita diferentes níveis de compreensão de que o ponto de vista cria o objeto e propõe um novo nível para se tomar a afirmação saussuriana. Segundo ele, como vimos, é possível compreender tal afirmação na Linguística de Saussure em um nível inferior, aquele em que se dá a análise do sujeito falante, e em um nível intermediário, aquele em que se dá a análise do linguista. De sua parte, ele propõe ainda, embora extrapole os objetivos de Saussure, recolher os efeitos dessa afirmação para o modo de compreender o mundo em geral. Em um nível superior de compreensão, é possível afirmar, a partir do entendimento de que o ponto de vista cria o objeto, que o homem vê o mundo a partir da língua e que, nesse sentido, o homem é constituído pela língua.

No que tange à reflexão de Normand, vimos como a autora, sob um viés epistemológico, isto é, balizando a força do pensamento saussuriano em relação à Linguística de seu tempo, coloca a questão do ponto de vista-objeto também no centro da teoria linguística de Saussure ao propor que tal compreensão é o princípio epistemológico que domina todos os outros. Vimos com ela que um princípio epistemológico é uma proposição fundamental que constitui a base teórica a partir da qual Saussure elabora seus conceitos e seu método.

Assim, sob a perspectiva do enigma, Normand, além de atestar a importância dessa afirmação para o pensamento de Saussure, explicita de que maneira ela sustenta outras compreensões veiculadas pelo CLG, como as de que tudo que está no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real, de que a língua não é uma nomenclatura, pois é forma e não substância, e a de que o que é absoluto é o movimento da língua no tempo.

A partir dessas leituras, é possível observar que o que se pode recolher do enigma saussuriano é sua centralidade para a elaboração que se apresenta na edição do CLG e seu modo de operar em diferentes compreensões que ela traz, o que nos possibilita articular a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto a outras reflexões postuladas por Saussure.

Considerações Parciais

Entre a dificuldade e o enigma: a escolha por uma chave de leitura

Depois de visitados, nesta primeira parte de nossa investigação, os modos como a questão do ponto de vista em sua relação com o objeto foi lida ao longo das recepções saussurianas, parece-nos oportuno estabelecer nossa chave de leitura para, nos capítulos seguintes, prosseguirmos com nossa investigação. Como procuramos demonstrar nos capítulos 1 e 2 de nosso estudo, a sentença saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto foi lida principalmente de duas maneiras: uma delas, pela via da dificuldade; outra, pela via do enigma. Ambas, à esteira do que é proposto por Silveira (2007), dizem da maneira como a edição foi tomada por aqueles que se debruçaram frente a ela.

De nossa parte, acreditamos que responsabilizar a edição pelas falhas de leitura e partir em busca de respostas para tais questões nos manuscritos saussurianos não esgota os efeitos dessa afirmação para a proposta do genebrino. É por isso que, para nós, a dificuldade em torno dela não está numa falta de elementos que pode ser suprida em consulta às fontes autógrafas, mas na compreensão de seu funcionamento para a teoria linguística de Saussure.

Desse modo, o que nos toca circunscreve-se num enigma: por que, na reflexão saussuriana, a questão do ponto de vista titubeia entre, de um lado, uma posição central, tendo em vista ser fator determinante para a criação do objeto científico, e, de outro lado, uma posição tão marginal, quando se considera a imprecisão ou silenciamento em torno dela?

Não foi, portanto, no intuito de suprir a falta de informação da edição do CLG que nos colocamos frente à enigmática questão do ponto de vista e do objeto. Posicionamo-nos frente a ela convencidos da necessidade de, tal qual postula Silveira (2007, p. 36), “admitir uma leitura da edição [e, em nosso caso, do ponto de vista e do objeto propagados por ela] em que as falhas de compreensão não configurem uma dificuldade, mas um enigma”.

Assim, nesta pesquisa, de modo distinto do que é feito por aqueles que buscam um verdadeiro Saussure, adotaremos o posicionamento de Silveira (2007), que soube, a um só tempo, ler a importância da edição para a propagação do pensamento de Saussure sem esconder seu interesse pelo movimento, assim nomeado por ela, de elaboração teórica sobre a língua que se dá nas fontes manuscritas, aquelas em que, como demonstra o trabalho da autora, as rasuras, os incisos e os brancos testemunham o fazer de uma teoria sobre a língua. É, pois, assim que passamos adiante a uma leitura dos documentos saussurianos.

SEGUNDA PARTE

**O ponto de vista-objeto:
uma incursão pelas
elaborações saussurianas**

Na primeira parte deste livro, com o objetivo de delinear um quadro teórico com o qual fosse possível estabelecer uma interlocução, dedicamo-nos a um pequeno número de estudos que, antes de nós, debruçaram-se frente à afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto. Com base nas reflexões apresentadas, elencamos duas principais maneiras pelas quais esse importante postulado da produção teórica de Ferdinand de Saussure foi lido: uma que se fez pela via da dificuldade; outra, pela via do enigma.

Ambas, à esteira do que é proposto por Silveira (2007), já esclarecemos, dizem respeito ao próprio modo de conceber a edição póstuma do CLG, seja como uma vulgata, seja, tal qual se fez tradicionalmente, como de autoria do linguista genebrino. Pela perspectiva da dificuldade, a edição é, pois, relegada em prol da análise das fontes manuscritas ou de suas edições, em vistas de se ter nelas a pureza de um pensamento autêntico. Pela perspectiva do enigma, por outro lado, as fraturas do CLG, concernentes às suas particularidades editoriais, quando problematizadas, não figuram um impeditivo para a reflexão de Saussure creditada pelo texto de 1916.

Fundamentados nesse último modo de proceder, passamos, nesta segunda parte, a uma incursão pelos próprios documentos saussurianos. A partir da perspectiva do enigma, tomamos a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto para além de uma dificuldade de compreensão advinda do texto estabelecido por Bally e Sechehaye. Interessa-nos, então, mais investigar o funcionamento e os desdobramentos da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto para o pensamento de Saussure do que circunscrever uma investigação que se limita à busca de informações negligenciadas pelos editores do CLG. Acreditamos que o conhecimento do pano de fundo que dá sustentação às reflexões acerca do ponto de vista-objeto na edição, de certo modo já introduzido na primeira parte deste livro, mostra-se mais pertinente quando associado aos efeitos dessa reflexão para a teoria linguística saussuriana, que, apesar das dificuldades, não deixaram de ser lidos ao longo dos mais de cem anos de publicação do CLG.

É partindo disso que, para proceder com a análise dos *corpora* saussurianos dirigida por nosso enigma, propomos percorrer, neste ponto de nossa investigação, dois trajetos de análise ou caminhos de leitura, os quais nomeamos como sendo i. leitura pela vista ampliada e ii. leitura pela vista desarmada, em analogia à própria visão humana. Esclarecemos, pois, nossa aproximação.

A visão humana é desarmada quando desprovida de aparelhos auxiliares, é também denominada vista a olho nu. De outra forma, pode

ser armada quando ampliada por intermédio de instrumentos óticos que nos permitem enxergar corpos muito pequenos, como os microrganismos observados pelos microscópios; seres ou objetos longínquos, como os astros vistos pelos telescópios; ainda, através dos corpos ou dos objetos, como pelo raio x. Todos esses instrumentos auxiliares da visão, de modo geral, ampliam a capacidade humana de enxergar.

Em conformidade com o que se passa na visão humana, no quadro específico de análise da elaboração de Ferdinand de Saussure em que nosso estudo se insere, a *leitura pela vista armada ou ampliada* pode ser definida como aquela que faz uso auxiliar dos aparelhos críticos que, ao longo do primeiro centenário de publicação do CLG, foram constituindo a fortuna crítica saussuriana. Tais aparelhos possibilitam-nos enxergar, no âmbito mais restrito que circunda a edição do CLG, seus pormenores editoriais, isto é, as fontes utilizadas pelos editores, o modo como elas foram recortadas e organizadas no livro póstumo, as formulações que são próprias de Bally e Sechehaye e que se distinguem daquelas formuladas pelo próprio Saussure, dentre outros aspectos.

As edições críticas do CLG estabelecidas por Godel (1957), Engler 1989[1968], De Mauro (1973), também as edições dos cadernos dos alunos organizadas por Komatsu e Harris (1993) e Komatsu e Wolf (1996 e 1977) e ainda a *Collation* dos editores funcionam como lentes para uma visão ampliada da produção saussuriana. No âmbito mais geral que engloba os diferentes documentos de Saussure, a publicação de uma série de materiais autógrafos, biográficos e bibliográficos do genebrino, muitos desconhecidos na ocasião de edição do CLG e para os quais as lentes da história cumpriram de lançar luz, também têm cumprido o papel de aparelhos óticos. É o que bem faz, por exemplo e dentre tantas outras, a publicação dos *Écrits de linguistique générale* editados por Bouquet e Engler em 2002.

De outro lado, o que propomos como *leitura pela vista desarmada ou vista a olho nu* diz respeito àquela que se faz do CLG sem o uso dos numerosos aparelhos críticos. Tendo em vista que nos situamos há mais de um século de sua publicação e considerando os variados estudos e descobertas desde esse evento editorial, a proposta de leitura do CLG pela vista desarmada, isto é, por si só, pode de imediato parecer ingênua e anacrônica. É possível que se leia hoje a edição de 1916 sem se valer das lentes que dão vistas aos pormenores de sua textualidade, como a recente edição e publicação da *Collation* de Sofia (2015)?

A nosso ver, esse tipo de leitura do CLG ainda é bastante provável. Diferentemente do que ocorre na França, por exemplo, lugar em que, segundo Normand (2009[2000], p. 17), “o texto saussuriano era acessí-

vel apenas em uma edição crítica cujo aparelho de notas, precioso para uma leitura aprofundada, incita pouco a uma primeira aproximação”, no Brasil, a tradução do CLG, embora conte com um prefácio que explicita sua natureza, não é acompanhada do cabedal crítico que propõe De Mauro (1973), por exemplo. No país, as edições críticas, no mais das vezes, ainda são acessíveis a um restrito número de estudiosos que se ocupam da investigação dessa teoria. O que o público não especializado tem tido maior acesso são os famosos *Escritos* de Bouquet e Engler (2002), disponíveis nas livrarias e nas bibliotecas, bem como as pesquisas feitas nos últimos anos no país e que constituem o saussurianismo brasileiro. No que tange às edições críticas, no entanto, seu acesso parece ainda limitado. Esse fato não tem impedido, por outro lado, que a teoria saussuriana e seus desdobramentos para a ciência linguística sejam hoje conhecidos, estudados e disseminados em todo o solo brasileiro. É importante, mais uma vez, destacar que a edição do CLG figura ainda como porta de entrada para os estudos saussurianos. A travessia por ela é, portanto, o caminho mais provável para aqueles que buscam conhecer ou investigar a teoria linguística de Saussure.

É preciso esclarecer que o par leitura pela vista ampliada *versus* leitura pela vista desarmada está, em nossa investigação, associado ao par enigma *versus* dificuldade, mas dele se distingue. Isso porque, enquanto o primeiro diz respeito ao uso ou não das ferramentas críticas disponíveis ao tratamento das variadas questões da teoria saussuriana, no nosso caso específico, o ponto de vista-objeto, o segundo par, tal qual se depreende do que propõe Silveira (2007), diz do modo de conceber a edição do CLG e o posicionamento resultante disso. Acompanhemos no quadro adiante como nossas distinções articulam-se com o que é proposto pela autora:

Quadro II – Modos e abordagens de leitura da produção teórica de Saussure.

Vista armada ou ampliada (Modo de leitura que se faz com o uso de aparelhos críticos da fortuna saussuriana)	Abordagem pela via da dificuldade (Perspectiva de leitura que aponta para as dificuldades de compreensão do CLG e parte em busca de um Saussure autêntico nas fontes manuscritas, conforme Silveira, 2007)
	Abordagem pela via do enigma (Perspectiva de leitura pela qual se admite que as falhas de compreensão não configuram uma dificuldade, mas um enigma, conforme Silveira, 2007)
Vista desarmada ou vista a olho nu (Modo de leitura que se faz do <i>Curso de Linguística Geral</i> sem o uso de aparelhos críticos)	Abordagem pela via do enigma

Conforme o que propomos, acreditamos que o modo de leitura pela vista ampliada pode sustentar uma abordagem tanto pela via da dificuldade como pela via do enigma. Embora, no que tange à questão do ponto de vista-objeto em Saussure, os aparelhos críticos foram utilizados sobremaneira para demonstrar uma dificuldade de leitura na edição, há casos em que o conhecimento dos pormenores editoriais dessa questão não invalida seu tratamento como enigma. É o que ocorre com Normand (2011), conhecedora de tais aparelhos ou ferramentas constitutivas da leitura armada, que a despeito disso não invalida o CLG, mas procura sustentar, a partir da leitura mesma da edição, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto como o princípio epistemológico regente da teoria de Saussure.

Por outro lado, o modo de leitura pela vista desarmada tem se mostrado válido para aqueles que a abordam não obstante suas circunstâncias de edição. Abdicar do uso das ferramentas críticas na leitura do CLG é pouco comum àqueles preocupados com a autenticidade do pensamento saussuriano. Por essa razão, a leitura sem o uso de aparelhos óticos críticos tem servido, claro, àqueles que desconhecem as condições editoriais do CLG e, destacamos, àqueles cientes de tais condições, mas que persistem em reconhecer o papel da edição como marco da ciência linguística e trata das questões suscitadas por ela como constitutivas de enigmas engendrados por sua leitura.

Assim, pensando a problemática central de nossa investigação, propomos, nesta parte de cunho analítico, uma leitura da questão do ponto de vista-objeto em Saussure, em um primeiro momento, equipada pelos aparelhos críticos — isto é, pela vista ampliada —, mas direcionada pela perspectiva do enigma e, num segundo momento, sem o uso deles, isto é, pela vista desarmada.

No capítulo 3, “O enigma pela vista ampliada: panoramas escritos”, dedicamo-nos à leitura de dois manuscritos saussurianos: *Notes pour un livre sur la linguistique générale* (NLG ou N9) e *De l'essence double du langage* (EDL). O primeiro, presumidamente escrito entre os anos 1893-1894, segundo Godel (1957), constitui a fonte da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto. O segundo, descoberto em 1996 e considerado pela literatura saussuriana o manuscrito mais consequente de Saussure (SOFIA, 2012), entra, segundo Engler (1997), no contexto do manuscrito NLG.

No capítulo 4, intitulado “O enigma pela vista ampliada: panoramas editoriais”, propomos uma análise de diferentes documentos

saussurianos que nos permitem estabelecer um panorama editorial de nossa questão no CLG. Para tanto, partimos de uma análise crítica do Prefácio à edição, passamos pela leitura da *Collation*, para tratar pontualmente do lugar de tal reflexão na edição do CLG, e vistamos as edições das anotações dos alunos “tais quais eram”³⁵, para investigar de que maneira a questão do ponto de vista-objeto aparece nas aulas de Saussure. Acreditamos que, assim, será possível ver os pormenores editoriais do “trabalho minucioso de colocação e arranjo” de Charles Bally e Sechehaye e conhecer melhor as razões que levam o tratamento do ponto de vista-objeto na edição ser tão criticada por certos leitores saussurianos.

No que tange às análises propostas nos capítulos 3 e 4, que se dão a partir da vista ampliada, vale ressaltar, uma vez mais, que, embora o uso dos aparelhos críticos da teoria saussuriana tem servido inúmeras vezes à perspectiva da dificuldade, no que cerne à problemática da questão do ponto de vista-objeto, nosso intuito de se valer deles tem outro propósito que não a crítica à edição do CLG.

É preciso destacar, além disso, que, a respeito da questão do ponto de vista-objeto em Saussure, a leitura dos manuscritos e dos cadernos dos alunos parece-nos mais significativa quando colocada em relação ao que é conhecido pelas páginas do CLG. É por isso que, no desenvolvimento desses capítulos, não nos furtaremos a esclarecer algumas questões, recorrendo aos postulados da teoria saussuriana que aparecem na edição de 1916. Lembremos que a questão que o enigma constitutivo de nossa investigação instaurou-se a partir dessa edição.

No Capítulo 5, intitulado “O enigma da esfinge pela vista desarmada” propomos, a partir de uma leitura pela vista desarmada, isto é, sem o uso de aparelhos críticos, um olhar para o movimento teórico que se dá na edição. A partir desse exame, objetivamos estabelecer o lugar da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto na edição e ainda calcular seus efeitos para a reflexão ali disposta. Desse modo, intentamos evidenciar de que maneira, no contexto da edição, o ponto de vista compareceu à empreitada epistemológica de Saussure de delimitação do objeto científico próprio à Linguística.

³⁵ O uso das aspas justifica-se aqui porque, embora a principal razão para as edições críticas do CLG e as edições dos cadernos dos alunos seja a busca por dados autênticos, todas elas são, do mesmo modo, fruto da atividade de um editor, a qual supõe procedimentos, no mais das vezes, contraditoriamente, semelhantes àqueles operados por Charles Bally e Albert Sechehaye.

Nossa proposta de análise, nesse quadro, tem como objetivo, à esteira do que propõe Normand (2009[2000]), ler o *Cours* em sua novidade epistemológica. Portanto, suspenderemos o uso de aparelhos óticos, nesta ocasião particular de investigação, as edições críticas do CLG, que nos permitem enxergar seus pormenores editoriais, para examinar a edição como fora lida em seus primeiros anos de publicação, momento em que, como aponta Silveira (2007), por seu efeito tão forte, não foi colocada em xeque.

Assim, depois de conhecidas as razões que fundamentam as críticas a respeito do modo como a questão do ponto de vista-objeto foi tratada na edição e depois de uma leitura minuciosa dela, será possível sustentarmos que, a despeito das fraturas da edição (SILVEIRA, 2007) expostas pela perspectiva da dificuldade, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, apesar do lugar pontual que ocupa na edição, espraia-se nas demais reflexões saussurianas veiculadas pelo CLG de modo a sustentá-las teoricamente. A nosso ver, isso explica o fato de, embora aparentemente ser marginalizada pela edição, tendo em vista seu apagamento ao longo do texto, ela é condição *si ne qua non* para outras reflexões da teoria linguística de Saussure.

Capítulo 3

O enigma pela vista ampliada: panoramas escritos

Neste capítulo, propomos uma análise do enigma do ponto de vista-objeto saussuriano a partir do modo de leitura que denominamos como vista armada ou vista ampliada. Esse modo de ler a produção teórica de Ferdinand de Saussure diz respeito, já esclarecemos na introdução desta parte, àquele que se faz com o uso auxiliar de diferentes ferramentas de leitura, que lançam luz aos panoramas editoriais do CLG também aos panoramas escritos da fortuna saussuriana.

No exame proposto neste capítulo, dedicamo-nos à leitura do enigma do ponto de vista-objeto fazendo uso de aparelhos que nos dão vista aos documentos autógrafos de Saussure. Reservamos ao capítulo seguinte uma leitura com as ferramentas que nos permitem vislumbrar os panoramas editoriais do texto estabelecido por Bally e Sechehaye em 1916.

Assim, com o objetivo de investigar a relação entre o ponto de vista e o objeto nos manuscritos saussurianos, passamos, no capítulo que ora introduzimos, à leitura de dois documentos que as lentes das catalogações, das transcrições, das edições e das publicações deram-nos a conhecer: i. *Notes por un livre sur la linguistique générale* 10f. (NLG/N9) e ii. *De l'essence double du langage* (EDL).

Nossa proposta é, tal qual propõe Silveira (2007), dar um passo atrás no evento da fundação da Linguística que se dá a partir da edição do CLG e, em nosso caso específico, um passo atrás na constituição do enigma do ponto de vista-objeto no texto de 1916 e analisar o movimento de Saussure em seu processo de elaboração teórica. Portanto, é o momento anterior à edição do CLG que aqui interessa, mais especificamente, é a produção que se dá acerca da assunção de que o ponto de vista cria o objeto nos manuscritos saussurianos.

Os próprios escritos de Saussure constituirão as fontes consideradas em nossa investigação. Isso nos distancia de alguns autores que, requerendo a autenticidade do pensamento de Saussure — a qual não

é nosso objetivo — acreditam encontrá-la em edições dos manuscritos. É preciso lembrar que, tais edições, no mais das vezes, a partir de um processo de higienização do texto, apagam as rasuras, preenchem as lacunas, o que, como defende Silveira (2007), acaba por descartar importantes marcas do movimento teórico de Saussure, causando, com isso, uma perda significativa quando se tem em foco o processo de sua elaboração teórica.¹

No entanto, para uma compreensão ampliada da natureza desses documentos, é preciso que nos valhamos do que esclarecem os diversos dados apresentados pela crítica saussuriana, constituída em torno desses documentos ao longo dos últimos anos, e que atestam, como veremos logo a seguir, uma aproximação entre os manuscritos selecionados.

3.1 *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. e De l'essence double du langage*

O primeiro documento a ser considerado em nossa análise é o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10 feuilles*. Segundo o que esclarece a edição crítica do CLG proposta por Rudolf Engler, esse manuscrito constitui a fonte utilizada pelos editores para a proposição de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto. Em nossa investigação do enigma do ponto de vista-objeto pela vista ampliada, esse manuscrito constitui o *corpus* principal. É nele que Saussure propõe a discussão que o levará à conclusão enigma de nossa investigação.

De acordo com Godel, o catalogador do manuscrito, esse conjunto de notas foi doado à Biblioteca de Genebra em 1955 por Jacques de Saussure e Raymond de Saussure, junto com outros documentos saussurianos. Lá ele foi arquivado sob a inscrição Ms. fr. 3951/9 — por isso referido pela literatura como N9, notas 9 — e nomeado pelo próprio catalogador. Segundo hipótese levantada por Godel, essas anotações foram escritas entre os anos de 1893 e de 1894 e constituem “fragmentos de um livro inacabado” (GODEL, 1954, p. 48), presumida-

¹ Em seu trabalho *Quelques problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Ferdinand de Saussure*, Sofia (2012) dá-nos uma boa perspectiva da organização do texto saussuriano *De l'essence double du langage* por Rudolf Engler e traz uma análise minuciosa das várias versões editadas que esse texto ganhou, balizando os efeitos das operações editoriais no texto de Saussure.

mente, o livro de Linguística Geral prometido por Saussure em carta enviada a Meillet no ano de 1894 (GODEL, 1969[1957], p. 36). É, inclusive, em função dessa carta que, segundo Chidichimo (2018), Godel chega a essa possível datação.

Embora o nome dado por Godel mostre que se trata de um agrupamento constituído por 10 folhas, ele é, na verdade, constituído por 15 folhas, parte delas numerada — vale destacar, pelo próprio catalogador — e parte sem numeração, o que nos leva a acreditar que as folhas sem numeração foram acrescentadas em momento posterior à primeira organização, resultando na seguinte ordem: 1, 2, 3, 4, s/p, 5, 6, s/p, 7, s/p, 8, s/p, 9, 12, s/p. Como se vê, não há paginações 10 e 11.

Além disso, é preciso salientar que a materialidade das folhas que constituem o manuscrito é diversa. Parte das anotações é feita em folha quadriculada — as páginas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 12 — enquanto as demais são feitas em folha sem pauta, o que levanta a forte possibilidade de, embora agrupadas por Godel, terem sido escritas por Saussure em ocasiões distintas. É preciso lembrar, em consonância com o que faz Chidichimo (2018, p. 8), que a ordem crítica dada pelos filólogos — e, em nosso caso, o próprio agrupamento — figura apenas uma possibilidade, uma hipótese, uma vez que, em muitos casos, a ordem cronológica da escrita e dos projetos de Saussure perdeu-se.

O segundo documento que tomaremos como objeto de análise é o manuscrito *De l'essence double du langage*. Trata-se de um dos conjuntos de documentos saussurianos mais recentemente encontrado — apenas em 1996 — em estufa de um hotel pertencente à família de Saussure. Desse grupo, no qual estão também notas até então desconhecidas para os cursos de Linguística Geral, ele é, certamente, o que mais se destaca. Isso em razão de, primeiro, ser imenso e constituído por uma mesma materialidade — várias folhas da mesma natureza, agrupadas em um envelope — e, segundo, porque Saussure faz, por diversas vezes e de diferentes modos, menção à dupla essência da linguagem, por isso, é assim mesmo nomeado por Rudolf Engler, responsável por sua catalogação quando doado à Biblioteca de Genebra.

Devido ao aspecto mais definitivo de sua reflexão, quando comparadas às numerosas anotações esparsas e inacabadas de Saussure, as 274 folhas organizadas duas vezes por Engler, Archives de Saussure 372 e Archives de Saussure 372/bis², trouxeram para o campo de

² Em nosso estudo, consideraremos esta organização, porque é a de que dispomos.

investigação das ideias saussurianas e das ideias linguísticas novas perspectivas. Além disso, aqueceram as conjecturas a respeito do livro prometido por Saussure em carta a Meillet, e que acompanharemos adiante. Se antes, segundo o que propõe Godel, o manuscrito N9 era presumidamente anotações para o livro prometido por Saussure, agora o EDL apresenta-se como o documento mais provável, ou mais definitivo, desse empreendimento.

Além da hipótese de uma publicação que aproxima os manuscritos N9 e EDL, outros aspectos desses documentos os convergem. Isso levou Engler a atestar, em apresentação feita do *De l'essence double du langage* nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, em 1997, como relativo ao N9. Vejamos:

Entre os documentos recentemente encontrados pela família de Saussure e enviados por ela à Biblioteca Pública e Universitária (BPU) de Genebra, as *Notes personnelles de Ferdinand de Saussure sur la linguistique générale* — próximas daquelas analisadas por Robert Godel e publicadas no CLG/E (vol. 1 ‘Synopsis’ et fasc. 4 ‘Notes personnelles’) chegam hoje³. (ENGLER, 1997, p. 200)

O texto que nós publicamos [*De l'essence double du langage*] entra no contexto de N9 [*Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*] (Robert Godel, Les sources manuscrits du *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure, Genebra, Droz — Paris, Minard, 1957, p. 42s; CLG/E fasc. 4, no. 3295-3296: Teorema do ponto de vista.⁴ (ENGLER, 1997, p. 200)

Nas palavras de Engler, o EDL entra no contexto do N9, como ele informa, aquele que trata do “Teorema do ponto de vista”. É o que igualmente propõe Chidichimo (2018), a partir de uma análise filológica, que aponta vários aspectos que aproximam esses documentos e que, além disso, defende a possibilidade de algumas folhas do manuscrito N9, por sua temática e materialidade, pertencerem ao EDL, a saber: as folhas de 1 a 6, escritas em papel quadriculado, iguais àquelas

³ Tradução nossa de: “Parmi des documents récemment retrouvés par la famille de Saussure et remis par elle à la Bibliothèque publique et universitaire (BPU) de Genève, des *Notes personnelles de Ferdinand de Saussure sur la linguistique générale* – proches des celles analysées par Robert Godel et publiées dans le CLG/E (vol. 1 ‘Synopsis’ et fasc. 4 ‘Notes personnelles’) sont venues au jour.”

⁴ Tradução nossa de: “Le texte que nous publions entre dans le contexte de N9 (Robert Godel, Les sources manuscrits du *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure, Genève, Droz – Paris, Minard, 1957, p. 42s; CLG/E fasc. 4, no. 3295-3296: Théorème du point de vue).”

utilizadas para a escrita dos manuscritos da estufa ou da *orangerie*. Dentre os aspectos para os quais convergem esses documentos, para o autor, está a discussão sobre o ponto de vista.

As concordâncias materiais podem ajudar-nos a restabelecer os vínculos entre os documentos e a verificação textual é outro elemento contrastante para um julgamento filológico. Do ponto de vista argumentativo, na BGE Ms.fr. 3951/9, f.1-6 Saussure discute a identidade das formas linguísticas (usando os exemplos de *aka* e *chanter*: cantar, também presentes em ED) e a questão do ponto de vista que deve ser usado para estudar os fenômenos de língua. Identidade e ponto de vista são dois temas recorrentes em ED (ver, por exemplo, ELG, p. 21-23, 31-34). Dada a coincidência do material, uso, temas, terminologia, a hipótese de que essas seis primeiras folhas pertencem à ED poderia ser apoiada.⁵ (CHIDICHIMO, 2018, p. 16)

É devido aos diferentes aspectos que apontam para uma aproximação entre esses documentos e à centralidade da questão do ponto de vista saussuriano em cada qual que julgamos pertinente uma leitura de ambos os documentos. Todavia, dada a extensão do EDL e a pluralidade de questões abordadas por Saussure, como destaca Silveira (2013, p. 10), sempre relativas ao objeto da Linguística, nossa leitura do EDL será dirigida particularmente pela questão do ponto de vista-objeto, que, em nosso estudo, mais nos interessa. Desse modo, será lido a partir do diálogo que ele estabelece com o N9 no que tange à questão do ponto de vista.

Assim, é em função da centralidade do manuscrito N9, em nosso estudo, que partimos dele, embora a crítica saussuriana aponte para uma ordem cronológica inversa, segundo a qual o EDL teria sido escrito em 1891, dado a uma de suas folhas estarem no verso de um convite de casamento com mesma data, enquanto o N9, dois ou três anos depois, entre 1893-1894, foi possivelmente posterior ao primeiro. É a partir dis-

⁵ Tradução nossa de: “Le concordanze materiali ci possono aiutare a ristabilire dei legami tra i documenti e la verifica testuale è un ulteriore elemento contrastivo per un giudizio filologico. Dal punto di vista argomentativo, in BGE Ms.fr. 3951/9, f.1-6 Saussure discute di identità delle forme linguistiche (utilizzando gli esempi di *aka* e di *chanter*: cantare, presenti anche in ED) e della questione del punto di vista che dev’essere utilizzato per studiare i fenomeni del linguaggio. Identità e punto di vista sono due temi ricorrenti in ED (cfr. p. es. ELG, p. 21-23, 31-34). Considerata la coincidenza del materiale, dell’uso, di tematiche, della terminologia, si potrebbe sostenere l’ipotesi che questi primi sei fogli appartengano a ED.”

so que Chidichimo (2018) levanta a seguinte problemática, a qual, longe de ser solucionada por nós, será pelo menos problematizada:

A presença do ED e as Notas mostra um problema em relação à temporalidade da redação dos manuscritos: questiona-se se Saussure continuou trabalhando com ED em uma campanha de redação seguinte, a de 1893-94, ou se esses manuscritos fazem parte de ED e datam de 1891 e foram separadas por diferentes razões (reutilização para o ensino durante os cursos, uma tentativa subsequente de redigir um texto geral) do grupo original de ED pelo próprio Saussure.⁶ (CHIDIDIMO, 2018, p. 12)

Por fim, é preciso destacar, ainda que evidente, que o manuscrito EDL não era conhecido pelos editores do CLG, tampouco entrou no processo de edição do texto de 1916. Assim, embora nosso enigma parta do que se apresenta no *Cours*, não podemos hoje ignorar a discussão que Saussure faz sobre o ponto de vista no documento descoberto apenas em 1996 e, portanto, descartar uma leitura desse enigma a partir das lentes que a história das ideias saussurianas encarregou-se de construir. É por isso que, neste estudo, a leitura do EDL também é fundamental.

3.2 O ponto de vista faz [sozinho] a coisa: a fonte do enigma

A motivação para a associação entre a carta, escrita por Saussure e enviada à Meillet, e o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f., feita por Godel tanto em seu livro publicado em 1957 como em anotações no próprio documento, antes mencionada, parece estar no fato de que nesta carta Saussure mostra-se insatisfeito com a terminologia de seu tempo, o que o levaria a escrever um livro explicando por que nenhum termo empregado na Linguística fazia sentido para ele. Retomemos a afamada carta de outro modo já tratada no Capítulo 2 deste livro.

[...] estou bem desgostoso com tudo isso [questões acerca da acentuação e da entonação do lituano], e com a dificuldade que há em geral em escrever somente dez linhas com senso comum em matéria de fatos da

⁶ Tradução nossa de: “La presenza di ED e delle Notes mostrano un problema riguardo alla temporalità della redazione dei manoscritti: ci si domanda se Saussure abbia continuato ancora a lavorare su ED in una seguente campagna di scrittura, quella del 1893-94, oppure questi manoscritti siano una parte di ED e risalgano al 1891 e siano stati separati per ragioni diverse (riutilizzo per la didattica durante i corsi, un tentativo successivo di redazione di un testo generale) dal gruppo originale di ED dallo stesso Saussure.”

linguagem. Preocupado, sobretudo, por muito tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos, vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista o que ele faz; reduzindo cada operação em sua categoria pretendida; e ao mesmo tempo a grande presunção de tudo o que pode ser feito na Linguística. É, em última análise, apenas o lado pitoresco de uma língua, aquele que o diferencia de todos os outros como pertencente a certo povo com certas origens, é esse lado quase etnográfico que me interessa: e precisamente não tenho mais o prazer de poder entrar nesse estudo sem pensar duas vezes, e apreciar o fato particular de um ambiente específico. Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral vêm estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não ter que cuidar da linguagem em geral. Apesar disso, isso irá acabar em um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há nenhum só termo empregado na Linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. E só depois, confesso, é que posso retomar meu trabalho do ponto que eu havia deixado. Essa disposição, talvez estúpida, explicará a Duvau por que, por exemplo, ensaiei ao longo de um ano a publicação de um artigo que não oferecia, materialmente, nenhuma dificuldade — sem chegar a outro lugar além de evitar expressões logicamente odiosas, porque isso exigiria uma reforma radical.⁷ (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 94).

⁷ Tradução nossa de: “[...] je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu’il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l’immensité du travail qu’il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu’il fait*; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue; et en même temps l’assez grande vanité de tout ce qu’on peut faire finalement en linguistique. C’est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d’une langue, celui qui fait qu’elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c’est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n’ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l’ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d’objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n’aie pas de plus cher vœu que de n’avoir pas à m’occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j’expliquerai pourquoi il n’y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j’accorde un sens quelconque. Et ce n’est qu’après cela, je l’avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l’avais laissé. Voilà une disposition, peu-

Como se lê nas linhas epistolares, Saussure é enfático em expressar seu aborrecimento com o que se fazia em matéria de linguagem, demonstrando diferentes preocupações, quais sejam: i. a classificação lógica dos fatos de linguagem; ii. a classificação dos pontos de vista sob os quais tratá-los; iii. a necessidade de mostrar ao linguista o que se faz; iv. a necessidade de reforma radical da terminologia linguística absolutamente insuficiente; v. a necessidade de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral; vi. o fato de não poder atribuir-se sentido aos termos empregados na Linguística; vii. o fato de as expressões linguísticas serem logicamente odiosas.

Segundo De Mauro (1973, p. 356), à esteira do que propõe Godel,

Desse trabalho de ‘reforma decididamente radical’ tentado entre 1893 e 1894 não restam mais que poucas notas manuscritas. Aquele redigido sob a forma mais definitiva é a nota 9 na qual ele precisa por que a língua é uma forma e não uma substância. Esse esclarecimento foi provavelmente fundamental na biografia intelectual de Saussure⁸. (DE MAURO, 1973, p. 356)

Quanto à articulação entre a carta, o livro e a nota 9, De Mauro ainda elucubra:

O livro ao qual ele se refere certamente foi redigido provavelmente duas vezes: várias páginas de notas não publicadas o atestaram. Ele já estava em dúvida na data da carta? Saussure não teria falado de sua intenção antes de ter colocado algumas notas no papel. Mas o rascunho permaneceu inacabado.⁹ (DE MAURO, 1973, p. 356)

A possibilidade, mencionada por De Mauro no último excerto em destaque e levantada por Godel (1957), de Saussure ter escrito as ano-

t-êtr e stupide, qui expliquerait à Duvau pourquoi par exemple j’ai fait traîner plus d’un an la publication d’un article qui n’offrait, matériellement, aucune difficulté, sans arriver d’ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu’il faudrait pour cela une réforme décidément radicale.”

⁸ Tradução nossa de: “De ce travail de ‘réforme décidément radical’ tenté entre 1893 e 1894 ne restent que peu des notes manuscrites. Celle rédigée sous la forme plus définitive est la note 9 dans laquelle il précise pourquoi la langue est une forme et non pas une substance. Cet éclaircissement a probablement été fondamental dans la biographie intellectuelle de Saussure.”

⁹ Tradução nossa de: “Le livre auquel il fait allusion a été certainement ébauché probablement même à deux reprises: plusieurs pages des notes inédites l’attestent. Il l’était sans doute déjà à la date de lettre? Saussure n’eût pas parlé de son intention avant d’avoir au moins jeté quelques notes sur le papier. Mais l’ébauche est restée inachevée.”

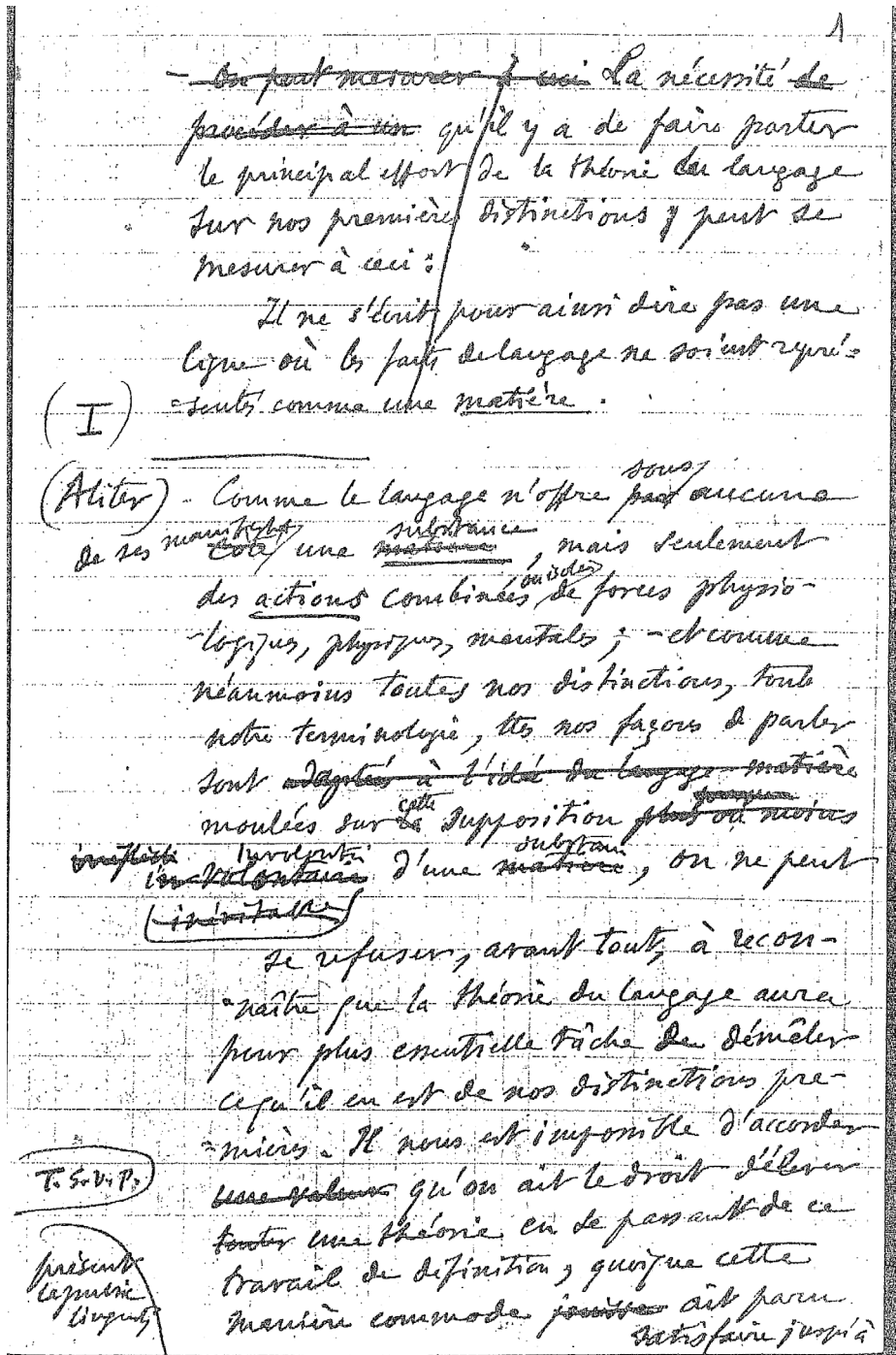
tações para o livro em dois diferentes momentos teria levado o catalogador a dar um mesmo nome para dois conjuntos de anotações manuscritas distintas: i. *Notes por un livre sur la linguistique générale* 10f., a nota 9, e ii. *Notes por un livre sur la linguistique générale* 19f., as notas 11-12 do arquivo Ms. fr. 3951. Enquanto, no primeiro documento, Saussure põe-se a explicar, como esclarece De Mauro, por que a língua é forma e não substância, no segundo documento, Saussure desenvolve a distinção entre evento e acontecimento, estabelecendo as bases para o par sincronia e diacronia.

Considerando o que esclarece De Mauro (1973, p. 356), a nota 9 teria sido a primeira a ser escrita e, somente em novembro de 1894, Saussure teria iniciado a segunda. A partir desse dado filológico, seria possível compreender então, como aparentemente faz Godel, que a discussão sobre sincronia e diacronia é posterior àquela da substância e do ponto de vista, quiçá resultante dela. Apesar da importância dessa última reflexão, comumente associada à questão do ponto de vista — ponto de vista sincrônico, ponto de vista diacrônico — concentremos nossa análise no primeiro documento, procurando entender os fundamentos da relação que se põe entre o ponto de vista e o objeto.

Quanto à hipótese levantada por Godel de que o manuscrito N9 constitui parte das anotações para o livro de Linguística Geral, ela parece ser calcada, sobretudo, na reflexão saussuriana que se apresenta na folha marcada pelo catalogador como a número 1. Nela, Saussure coloca em discussão duas importantes questões que aparecem, no prelúdio desse documento, de maneira intimamente relacionada: a inadequação da terminologia da teoria da linguagem advinda da equívoca suposição de substância no fenômeno linguístico. Vejamos na figura 1.

Como se pode acompanhar nos dois primeiros parágrafos da folha, separado do restante por um pequeno traço horizontal, Saussure ressalta a necessidade de se concentrar no que ele chama de “principal esforço da teoria da linguagem”, a saber, suas distinções primeiras. A necessidade destacada por ele, que aparece, em um primeiro momento, no excerto completamente descartado por uma rasura diagonal, é colocada adiante, no último parágrafo da folha, de outra maneira: “a teoria da linguagem terá, como principal tarefa, que esclarecer a que pertence nossas distinções primeiras” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 1).

Figura 1 Reprodução de página 1 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.



—Podemos medir assim A necessidade de proceder um que há de concentrar o principal esforço da teoria da linguagem sobre nossas primeiras distinções {x} pode ser medido assim: Não se escreve, por assim dizer, uma linha em que os fatos da linguagem não são representados como uma matéria.

(I) _____

(Ao contrário) - Como a linguagem não oferece <sob> nenhuma <de suas manifestações> ~~tudo~~ uma matéria <substância>, mas somente ações combinadas <ou isoladas> de forças psicológicas, físicas, mentais; - e como, não obstante, todas as nossas distinções, toda nossa terminologia, todas as nossas maneiras de falar são ~~adotam~~ a ideia da linguagem material moldadas sobre a <essa> suposição ~~mais ou menos involuntária~~ <xxx> <involuntária> de uma matéria <substância>, não se pode ~~inevitável~~ deixar de reconhecer, antes de tudo, que a teoria da linguagem terá, como principal tarefa, que esclarecer a que pertence as nossas primeiras distinções. É impossível, para nós, aceitar ~~um valor~~ que se tem o direito de construir ~~todas~~ uma teoria abstendo-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda {x} pareça satisfazer, até <agora o público linguístico> <T.S.V.P>

O que leva Saussure a uma reformulação, no que tange a essa proposição em específico, parece ser, à primeira vez, uma questão estilística: “o principal esforço da teoria da linguagem” dá lugar a “a teoria da linguagem terá, como principal tarefa”. A substituição de “esforço” por “tarefa” e o modo prospectivo de construir suas afirmações, “há de realizar” ou “a teoria da linguagem terá como principal tarefa”, dão-nos vistas a um exercício epistemológico de Saussure, que, preocupado com a Linguística de seu tempo, ou mais precisamente, com toda sua terminologia, propõe o trabalho imperativo de definição de suas distinções primeiras.

Em consonância com o que se apresenta na carta, nessa primeira folha do N9, a preocupação terminológica de Saussure é reforçada por uma crítica dirigida ao público linguístico: “é impossível, para nós, aceitar ~~um valor~~ que se tem o direito de construir ~~todas~~ uma teoria abstendo-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda pareça satisfazer, até <agora o público linguístico>” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 1). A desaprovação de Saussure em relação ao que é feito pelo público linguístico de até então — construir teorias linguísticas sem qualquer trabalho de definição — parece refletir uma vez mais aquilo já confessado pelo linguista a Meillet.

Não é difícil observar como essa preocupação epistemológica que aparece no manuscrito pode ser associada ao que se estabelece, por exemplo, no conhecido capítulo da matéria e da tarefa da Linguística

no CLG. Dentre as tarefas apresentadas pela edição está a de “delimitar-se e definir-se a si própria”. Delimitar-se, definir-se a si mesma, definir sua terminologia, definir seu objeto, ações que, juntas e dentre tantas, parecem constituir o gesto epistemológico de Saussure no fazer de sua Linguística.

A segunda questão que merece ser destacada na análise da primeira folha do manuscrito é, como já introduzimos, a da substância no fenômeno linguístico. Bem se vê pelas rasuras, que essa questão aparece num primeiro momento circunscrita no termo “matéria” que dá lugar em todas as suas ocorrências ao termo “substância”. Como vimos no primeiro capítulo deste livro, a problemática da substância foi, por vezes, retomada ao longo da história da recepção saussuriana concernente à questão do ponto de vista, para sustentar a crítica à edição do CLG, segundo a qual o conceito de ponto de vista foi desarticulado de sua reflexão original, isto é, a de que a linguagem não oferece, em suas manifestações, substâncias (Pétroff, 2004).

A nosso ver, a questão da substância tratada por Saussure no contexto do manuscrito pode, em certa medida, lançar luz ao fato de, em sua carta, o suíço tecer crítica à terminologia corrente e evidenciar a consequente necessidade de reformá-la. É o que se deduz da dificuldade em se escrever a respeito dos fatos da linguagem reclamada em ambos os contextos. Na carta, Saussure mostra-se insatisfeito com a dificuldade que tem de escrever “somente dez linhas com senso comum em matéria de fatos da linguagem” (SAUSSURE apud BENVENISTE, 1964, p. 94), enquanto que no manuscrito sequer uma linha: “Não se escreve, por assim dizer, uma linha em que os fatos da linguagem não são representados como uma matéria” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 1).

No contexto do manuscrito, bem se vê, a problemática da matéria/substância é aludida como a razão principal para se concentrar sobre as distinções primeiras da linguagem. Isso se deve ao fato de que, para o linguista, como se vê na folha em destaque, a linguagem não *oferece*, em nenhuma de suas manifestações, substância, mas apenas ações combinadas, ou isoladas — como ele acrescenta em inciso — de forças fisiológicas, físicas e mentais.

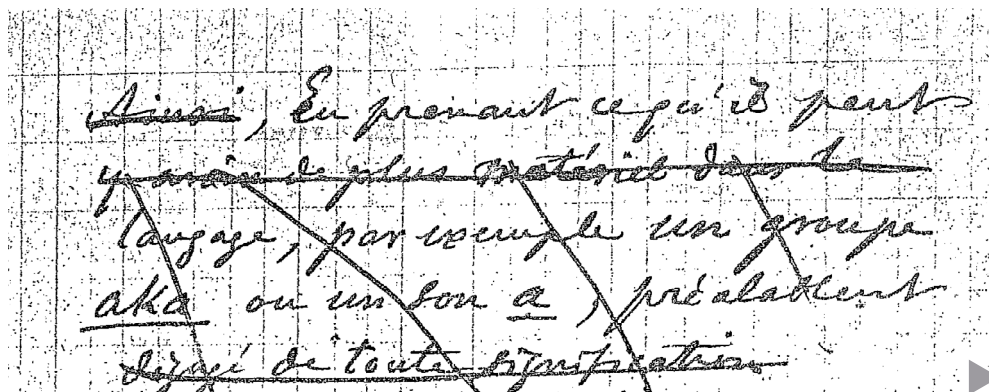
Na edição do CLG, a questão da não substancialidade da língua aparece atrelada à reflexão do valor linguístico, cujas fontes são, segundo De Mauro (1973, p. 461), as últimas aulas do terceiro curso ministrado por Saussure. O último período que fecha o capítulo do valor é bastante representativo da preocupação saussuriana que se apresenta em ocasião

das formulações em torno da não substancialidade linguística: “Nunca nos compenetraremos o bastante dessa verdade, pois todos os *erros de nossa terminologia*, todas as *maneiras incorretas de designar as coisas da língua* provêm da suposição involuntária de que *haveria* uma substância no fenômeno linguístico” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 170, grifo nosso).

No que concerne à afirmação destacada do CLG, observemos que Saussure mostra-se novamente enfático quanto à inadequação da terminologia e certo de que é a suposição de que haveria substância no fenômeno linguístico que implica as maneiras erradas de designar as coisas da língua.

Outro aspecto para o qual chamamos a atenção é o fato de, na ocasião do manuscrito, Saussure argumentar que a linguagem não *oferece*, em nenhuma de suas manifestações, uma substância, enquanto, no contexto do CLG, a ênfase que se dá é à falsa suposição de que *haveria* substância no fenômeno linguístico e a consequente compreensão de que não há substância na língua. Para nós, o modo como Saussure aduz no manuscrito, afirmando que a linguagem não *oferece*, esclarece, de certo modo, o passo dado por ele na folha seguinte que, à primeira vista, poderia parecer contraditório. Isso porque, no desenvolver de sua reflexão, Saussure passa a argumentar que, mesmo tendo em conta o que há de mais material na linguagem, ela não passa de uma série de ações combinadas, mas quando julgamos duas séries de ações como concordantes, *fazemos* delas substâncias. Desse modo entendido, embora a língua não ofereça, em suas manifestações, qualquer substância, *fazemos* substâncias quando estabelecemos uma relação entre dois fenômenos e os julgamos concordantes. Acompanhemos as palavras de Saussure:

Figura 2 Reprodução de página 2a do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.



y avoir de le langage ^{à la fin} de plus matériel,
 et de plus simple, de plus et de
 plus indépendant du temps, par
 exemple « le groupe aka » ou « la
 voyelle a », préalablement déchargés de
 toute signification, de toute idée d'em-
 ploi, cela ne représente rien qu'une
~~ensemble d'acti~~ série d'actions,
 que nous jugeons concordantes. A
 l'instant où nous les jugeons concordantes,
 nous faisons de aka ou a une
 substance. Or ~~cette opération n'a eu~~
~~lien avec autre d'un point de vue~~
~~parfaitement terminée~~
 il est impossible de se rendre compte
 de ce que vaut cette substance, sans
 s'être rendu compte ^{« Dupéto »} ~~vue~~ au nom
 duquel nous la créons.

Assim, Tomando o que pode haver de mais material na linguagem, por exemplo um grupo aka ou um son a, anteriormente destituído de toda significação que há na linguagem <de uma vez> o mais material, e de mais simples, de mais e de mais independente do tempo, por exemplo “o grupo aka” ou “a vogal a”, anteriormente destituída de toda significação, de toda ideia de emprego, ela não representa nada além de um conjunto

~~de ação~~ série de ações, <fisiológicas> que nós julgamos concordantes. No momento em que nós a julgamos concordantes, nós fazemos de *aka* ou de *a* uma substância. Ora ~~essa operação só tem ligação em virtude de um ponto de vista perfeitamente determinado~~ é impossível de levar em conta o que vale essa substância, sem se levar em conta <o ponto de vista> em nome do qual nós a criamos.

Consideremos o exemplo dado por Saussure na Figura 2, com vistas a uma melhor compreensão da criação de substâncias no estudo linguístico. Tomando o que há de mais material, de mais simples, de mais independente do tempo no termo, como “o grupo *aka*” ou a vogal “*a*”, destituídos de toda significação, de todo emprego, eles não representarão mais que uma série de ações fisiológicas, destituída de qualquer substância. No momento em que a julgamos concordantes, pelo que se pode deduzir, quando estabelecemos uma relação entre “o grupo *aka*” e a vogal “*a*”, tornamos “o grupo *aka*” e a vogal “*a*” *em* uma substância. Essa substância só pode ser entendida em função do ponto de vista em nome do qual ela foi criada. Saussure propõe, então, que essa ligação entre um e outro só existe em virtude de um ponto de vista determinado. Mas ele rasura e recomeça. “É impossível levar em conta o que vale essa substância, sem levar em conta o ponto de vista em nome do qual nós a criamos” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 2a).

A partir do que propõe Saussure, entende-se, então, que a língua não oferece substância, mesmo em seus aspectos mais materiais. No entanto, quando se estabelece uma relação, julgando duas séries de ações concordantes, fazemos delas uma substância, que, por sua vez, é criada em função de um ponto de vista. Aqui, bem se vê, o conhecido papel do ponto de vista na criação do objeto é o mesmo frente às substâncias do estudo linguístico: a partir de uma relação, um ponto de vista determinado — ao que tudo indica, o ponto de vista do linguista em sua análise — cria-se uma substância. Assim, se no texto de 1916 o ponto de vista cria o objeto, nesse ponto da reflexão de Saussure, o ponto de vista cria a substância.

A relação que Saussure estabelece entre o ponto de vista e a substância, nas páginas analisadas, resta assaz intrigante. Essa compreensão diferencia-se daquela também veiculada pela edição do CLG, segundo a qual a língua produz uma forma e não uma substância, que, lembremos, na visão de Pétróff (2005), poderia ser reformulada como: a língua é um ponto de vista e não uma substância. Considerando especialmente o que Saussure propõe no contexto em questão, entendemos que: a língua não oferece substância; é o ponto de vista

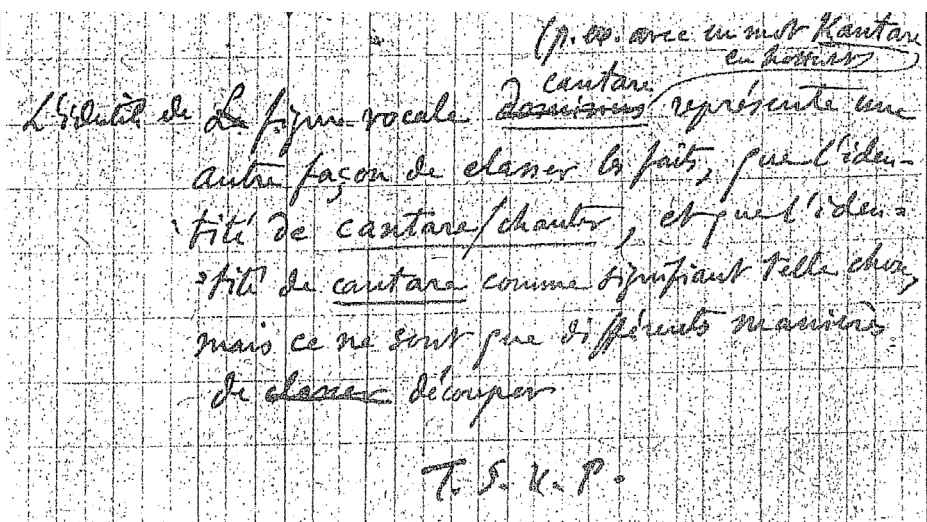
que cria a substância a partir das relações que o linguista estabelece. Desse modo, enquanto, no contexto do CLG, a substância é eliminada como possibilidade da língua, no contexto do manuscrito, ela se faz presente enquanto uma criação do ponto de vista.

A folha seguinte do manuscrito apresenta novos desdobramentos para o papel do linguista e de seu ponto de vista frente aos fenômenos da língua. Examinemos:

Figura 3 Reprodução de página 2b do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

21

— On n'a ^{jamais} ~~pas~~ le droit de considérer un côté ~~quel qu'il soit~~ du langage comme antérieur & supérieur aux autres, ~~et~~ et devant servir de point de départ. On en aurait le droit, s'il y avait un côté qui fût donné; ~~mais il n'y en a pas un seul.~~ Il ~~ne~~ semble par exemple par la figure vocale ~~peut être~~ par la figure ~~vocale~~ hors des autres, c.à.d. hors de l'opération d'abstraction et de généralisation de notre part; mais il suffit de réfléchir ~~quelques minutes~~ pour voir qu'il n'y en a pas un seul, qui soit de ce cas. Il peut sembler par ex. ^(qu'on ait le droit de partir) de la figure vocale.



- Não temos xxx <jamais> o direito de considerar um lado qualquer que seja da linguagem como <anterior e> superior aos outros, xx para servir como ponto de partida. Teríamos o direito, se houvesse um lado que fosse dado, mas não há um só. Parece-nos, por exemplo, que a figura vocal pode ser que a figura vocal fora de outros, isto é, fora de toda operação de abstração e de generalização de nossa parte; mas é suficiente refletir alguns minutos para ver que não há um só que seja o caso. Pode parecer por exemplo, <que temos o direito de partir> das figuras vocais, por exemplo, da figura vocal[] <A identidade da> A figura vocal dominus <cantare por exemplo com a palavra kantare em hotentote> representa uma outra maneira de classificar os fatos, que a identidade cantare/chanter, e que a identidade de cantare como significante de tal coisa, mas não são mais que diferentes maneiras de classificar-recortar. T.S.V.P

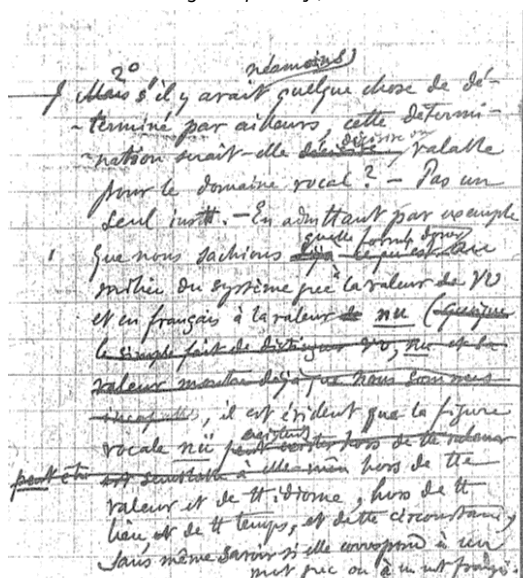
A problemática que se coloca para Saussure no desenvolvimento da sua reflexão e que, a nosso ver, traz novas implicações para a relação do linguista e de seu objeto, é o fato de não haver na linguagem um lado que seja anterior ou superior a outro e que poderia servir de ponto de partida para sua análise. Segundo o que postula Saussure na folha em destaque, só poderíamos ter o direito de eleger um dos lados da linguagem como anterior ou superior, se esse lado fosse dado, mas, em trecho rasurado, ele postula que não há um só lado que seja dado. Ele reformula: não há um lado que seja dado fora dos outros, e complementa: fora de toda operação de abstração e de generalização de nossa parte.

Nesse ponto da reflexão, chamamos a atenção para dois aspectos: o primeiro é que nenhum lado da linguagem é dado fora dos outros e o segundo que nenhum lado da linguagem é dado fora da operação de abstração e de generalização feita pelo linguista. Assim, se um la-

do da linguagem implica, necessariamente, outro lado, tomar tais lados de maneira separada, na visão de Saussure, só é possível a partir de uma abstração e de uma generalização, em outras palavras, de uma operação intelectual que isola um aspecto do fenômeno linguístico das suas reais condições de existência. Tem-se, por isso, como resultado da operação, algo abstrato. É nesse sentido que, ainda que possamos crer ter na figura vocal o ponto de partida mais adequado para análise — é preciso lembrar que o aspecto vocal do fenômeno linguístico é aquele que se mostra empiricamente —, isolá-lo de outros aspectos constitutivos da língua, como a significação, por exemplo, é um processo de abstração resultante de uma análise. Dessa maneira, considerar que existe, por exemplo, i. uma relação de identidade entre a figura vocal *cantare*, do latim, e a figura vocal *kantare*, do hotentote; ii. entre a figura vocal *cantare*, do latim, e a figura vocal, *chanter*, do francês; iii. ainda entre a figura vocal *cantare* e seu significado constituem, apenas, maneiras de “recortar”, nos termos de Saussure, o fenômeno linguístico.

Embora nenhum lado do fenômeno seja o mais indicado para funcionar como ponto de partida da análise, uma vez que não há lado que seja naturalmente dado sem os demais, Saussure propõe que nos coloquemos no domínio dos fatos vocais, para demonstrar que mesmo nesse domínio não há nada de definido. Vejamos:

Figura 4 Reprodução de fragmento da página 4b do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.



2° Mas se houvesse <entretanto> qualquer coisa de determinada por alhures, essa determinação seria decisiva <decisiva> ou válida para o domínio vocal? — Nem por um instante. — Admitindo-se, por exemplo, que soubéssemos já o que é <qual fórmula dar> ao sistema grego o valor de VU e em francês o valor de nu (algum o simples fato de distinguir vu, nu e o valor mostra já que somos incapazes, é evidente que a figura vocal nu pode existir fora de todo valor sensível a si mesma existe fora de todo valor e de todo idioma, fora de qualquer lugar, e de todo tempo, e de toda circunstância, sem mesmo saber se ela corresponde a uma palavra grega ou uma palavra francesa.

2º Mas se houvesse <entretanto> qualquer coisa de determinada alhures, essa determinação seria ~~decisiva~~ <decisiva> ou válida para o domínio vocal? – Nem por um instante. – Admitindo-se, por exemplo, que soubéssemos já o ~~que é~~ <qual fórmula dar> ao sistema grego o valor de VU e em francês o valor de nu (algum o simples fato de distinguir vu, nu e o valor mostra já que somos incapazes, é evidente que a figura vocal nü pode existir fora de todo valor <talvez seja> sensível a si mesma existe fora de todo valor e de todo idioma, fora de qualquer lugar, e de todo tempo, e de toda circunstância, sem mesmo saber se ela corresponde a uma palavra grega ou a uma palavra francesa.

Dentre os exemplos mobilizados por Saussure na Figura 4 para demonstrar que não há qualquer coisa de determinada no fenômeno linguístico e nem mesmo no domínio vocal, que poderia se dizer o mais material, Saussure vale-se daquele exemplo já conhecido pelo CLG, a figura vocal nü, nesse contexto, porém, em associação à figura vocal VU. A respeito da primeira, Saussure afirma que ela pode existir fora de todo valor e de todo idioma, tomada fora de qualquer circunstância, tempo e lugar, de forma que não soubéssemos se ela é, afinal, uma palavra grega ou francesa. Sua existência está no fato de que a declaramos idêntica a ela mesma. No entanto, só podemos declará-la assim a partir da invocação de um ponto de vista determinado. Vejamos o que explica Saussure na página seguinte:

Figura 5 Reprodução de página entre as páginas 4 e 5 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

Elle existe, parce que nous la
déclarons identique à elle-même.
Mais nous ne pouvons pas la
déclarer identique à elle-même
sans invoquer ^{l'existence} d'un point de
vue : autrement nous pourrions
et aussi bien déclarer identique
à elle-même cantare : chanter. Mais
faisons donc tacitement appel, pour
proclamer l'existence de nü, au juge-
ment d'identité prononcé par l'ouïe,
de même que nous faisons appel
pour affirmer l'existence ^{l'existence} de cantare
à une autre cantare : chanter.
Après d'identité, découle d'un
autre ordre de jugement; mais dans
un aucun cas nous ne devons
recourir à une opération déterminée
de l'esprit. L'illusion des choses
qui seraient naturellement données
dans le langage est profonde.

multo positiva

Ela existe porque nós a declaramos idêntica a si mesma. Mas não podemos declará-la idêntica a si mesma sem a invocação <tácita> de um ponto de vista: senão, poderíamos, do mesmo modo declarar idêntica a si mesma cantare: chanter. Apelamos, então, tacitamente para proclamar a existência de nü, ao julgamento de identidade pronunciado de ouvido, do mesmo modo que apelamos para afirmar a identidade <existência unida> de cantare e chanter a uma outra sorte de espécie de identidade, decorrente de uma outra ordem de julgamento; mas em nenhum caso deixamos de recorrer a uma operação determinada do espírito: é ilusão de coisas que sejam naturalmente dadas na linguagem é profunda.

Ela existe porque nós a declaramos idêntica a si mesma. Mas não podemos declará-la idêntica a si mesma sem a invocação <tácita> de um ponto de vista: senão, poderíamos, do mesmo modo declarar idêntica a si mesma cantare:chanter. Apelamos, então, tacitamente para proclamar a existência de nü, ao julgamento de identidade pronunciado de ouvido, do mesmo modo que apelamos para afirmar a identidade <existência unida> de cantare e chanter a uma outra sorte de espécie de identidade, decorrente de uma outra ordem de julgamento; mas em nenhum caso deixamos de recorrer à operação determinada <muito positiva> do espírito: a ilusão de coisas que sejam naturalmente dadas na linguagem é profunda.

Detenhamo-nos um pouco mais na explicação dada por Saussure a respeito de nü, que não se reduz àquela apresentada pelo CLG, segundo a qual ela poderá constituir coisas perfeitamente diferentes conforme a maneira de considerá-la. Segundo o que postula Saussure no manuscrito e como se acompanha na Figura 5, para declarar que uma figura vocal existe na língua proclamamos sua identidade consigo mesma, a qual pode ser percebida pela orelha. Considerando apenas o aspecto fônico, diz-se que uma figura vocal existe na língua porque é possível identificá-la com outras iguais a ela mesma. Desse modo entendido, a existência de uma figura vocal é confirmada a partir da identificação de unidades análogas, discernidas pelo linguista, na cadeia da fala.

Saussure ressalta que é necessário distinguir a identidade de uma figura vocal consigo mesma e proclamar sua existência na língua (nü: nü, logo nü existe enquanto figura vocal no francês) — para nos valermos dos termos saussurianos, numa sincronia dada — daquela que se estabelece entre, por exemplo, cantare: chanter, isto é, que considera dois estados de língua distintos. Trata-se de diferentes ordens de julgamento, “mas em nenhum caso deixamos de recorrer à operação determinada muito positiva do espírito” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. s/p entre fº4 e fº5). Assim, tanto para estabelecer a identidade/existência de uma figura vocal num momento dado quanto para estabelecer a identidade de uma figura vocal em estados de língua diferentes, recorreremos a uma operação muito positiva do espírito. Como veremos adiante, em todos os casos, trata-se de uma relação criada, estabelecida pelo espírito, pelo ponto de vista do linguista. Não se pode, desse modo, ter a “ilusão de que as coisas seriam naturalmente dadas na linguagem” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. s/p entre fº4 e fº5). São fruto de um “recorte”, são substâncias/objetos criados pelo ponto de vista da análise.

Tendo em vista a análise desenvolvida por Saussure, segundo a qual a identidade é resultado de uma operação do espírito, porque pode

ser estabelecida por diferentes pontos de vista, é válido lembrar que o suíço estava inserido no contexto histórico e investigativo da Gramática Comparada, que tinha como foco mais amplo o estabelecimento dos parentescos linguísticos do ramo indo-europeu. O mecanismo utilizado pelos gramáticos do século XIX para atestar as relações de parentescos entre as línguas, a partir do método comparativo, era a identidade que se podia estabelecer entre o elemento de uma língua e o elemento de outra língua, e que poderia apontar para um processo de evolução. Considerando isso, a análise que Saussure realiza nas páginas do manuscrito N9, acompanhada de um profundo exercício teórico, provoca por isso mesmo, os estudos de seu tempo, que, segundo o que se presume da crítica traçada por Saussure, tomavam as identidades estabelecidas como sendo fenômenos dados pela própria língua e não enquanto relações criadas, unicamente, por seus pontos de vista de análise.

É com esse intuito, parece-nos, que Saussure lança mão de uma problematização no estabelecimento mesmo da identidade, que deve ter, a seu ver, explicitado o ponto de vista que a criou. As identidades não são dadas, são estabelecidas a partir de uma operação do espírito, de uma operação de análise, de uma operação de abstração e de generalização. Cabe ao linguista, explicitar em nome de qual ponto de vista essa identidade é estabelecida. Assim, será possível falar que “cantare, do ponto de vista da figura vocal que a representa é idêntica àquela palavra *cafre* em samoyède; [que], do ponto de vista da continuação regular, é idêntica ao francês *chanter*; [que], do ponto de vista de seu valor em latim, é []” (SAUSSURE, 1983-1984?, p. 5).

Figura 6 Reprodução de primeira página entre as páginas 6 e 7 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

— Il y a différents genres d'identité.
C'est ce qui crée ^{des faits} des faits linguistiques,
de différents ordres. Hors d'une relation
quelque d'identité, ^{un fait linguistique} ~~il n'y a pas~~ pas. Mais
la relation d'identité ^{est} peut d'un
point de vue ^{remettre} en décide d'adopter;
il n'y a donc aucun rudiment
de fait linguistique hors du point
de vue défini qui préside aux distin-
ctions

- Há diferentes gêneros de identidade.
É isso que cria < diferentes ordens > de fatos linguísticos
de diferentes ordens. Fora de uma relação
de identidade, ~~eles não existem~~ < um fato linguístico >
qualquer não existe. Mas
a relação de identidade depende de um
ponto de vista < variável > que se decide adotar; não há,
portanto, nenhum rudimento
de fato linguístico fora do ponto
de vista definido que preside às distin-
ções.

- Há diferentes gêneros de identidade. É isso que cria <diferentes ordens> de fatos linguísticos de diferentes ordens. Fora de uma relação de identidade, eles não existem <um fato linguístico> não existe. Mas a relação de identidade depende de um ponto de vista <variável> que se decide adotar; não há, portanto, nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista definido que preside às distinções.

Chamamos a atenção para os novos desdobramentos que a reflexão de Saussure ganha e que podem ser acompanhados na Figura 6. Segundo o que postula o genebrino, os diferentes gêneros de identidade criam diferentes ordens de fatos linguísticos que só existem nessas relações de identidade. Como propõe Saussure, fora das relações de identidade, um fato linguístico não existe. Mas é preciso considerar que essa relação, por sua vez, depende de um ponto de vista. É por isso que, defende Saussure, não há nenhum rudimento de fato linguístico fora do ponto de vista, fora da análise, fora do recorte feito pelo linguista.

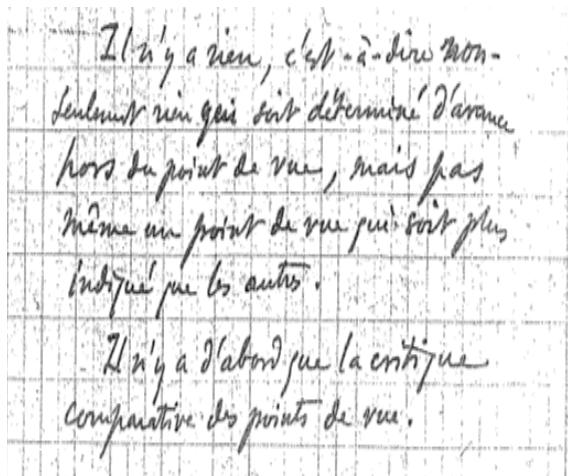
A nosso ver, a reflexão do fragmento em destaque traz importantes aspectos que é preciso considerar. Nele, como se pode ver, o ponto de vista é determinante para a própria existência dos fatos linguísticos, não enquanto realidade para os sujeitos falantes, mas enquanto fenômenos passíveis de serem analisados pelos linguistas. Ora, se a linguagem não oferece, em nenhuma de suas manifestações, substância, em que seria possível repousar a análise do linguista, então? Saussure reforça que não há fato linguístico fora das relações de identidade. Não há relações de identidade fora da adoção de um ponto de vista determinado. Não há fato linguístico fora do ponto de vista. Assim, se a língua não oferece materialidade primeira que possa ser analisada é, então, o próprio ponto de vista da análise que faz o fato linguístico. O ponto de vista cria a substância. O ponto de vista cria o fato linguístico.

Como pode se ver, no desenvolver da reflexão que se dá no manuscrito N9, cada vez mais é atribuída ao ponto de vista função primordial. Para o genebrino, não há nada determinado de antemão fora de um ponto de vista. Igualmente, não há nenhum ponto de vista mais indicado que o outro ou superior aos outros. O que há, de início, para ele e como destaca Engler (1974-1975, 1977) em suas análises, é a crítica comparativa dos pontos de vista.

Se não há nada de determinado que possa ser tomado como fato de análise, somente o ponto de vista, que por sua vez não é mais ou menos indicado do que outros, o que resta para começar é, segundo Saussure, uma crítica comparativa dos pontos de vista. A respeito dessa crítica, tratada por Engler (1974-1975), levantamos, na seção 1.1,

o seguinte questionamento: do que se trata a crítica comparativa dos pontos de vista e como ela pode ser estabelecida?

Figura 7 Reprodução de fragmento da página 6 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.



Não há nada, isto é não – somente nada que seja determinado de início fora de um ponto de vista, nem mesmo um ponto de vista que seja mais indicado do que os outros.

Não há nada a princípio que não a crítica comparativa dos pontos de vista.

Não há nada, isto é, não – somente nada que seja determinado de início fora de um ponto de vista, nem mesmo um ponto de vista que seja mais indicado do que os outros. Não há nada a princípio que não a crítica comparativa dos pontos de vista.

Em leitura à Figura 7, tem-se, apenas, que é preciso decidir qual ponto de vista adotar, como vimos nas páginas anteriores: aquele que, por exemplo, cria a identidade entre uma figura vocal em épocas distintas, aquele que cria uma identidade entre a figura vocal e seu significado, aquele que cria uma identidade com ela mesma. O ponto de vista preside as distinções, por isso, é preciso definir qual, dentre aquelas possíveis, será adotado.

A questão da crítica comparativa dos pontos de vista torna a aparecer uma vez mais ao longo de todo o manuscrito, porém, em um trecho rasurado e completamente descartado, como se pode observar na última linha da Figura 8, apresentada adiante. Isso nos leva a acreditar que, apesar de ter sua importância destacada para a reflexão que se apresenta nesse documento por Engler (1974-1975), essa não parecia, nessa ocasião, um ponto amadurecido para Saussure. Desse modo, nos vemos, impedidos, por ora, de responder a segunda parte de nosso questionamento que indaga de que maneira a crítica comparativa dos pontos de vista poderia ser estabelecida. Vejamos como aparece essa questão na Figura 8 do ponto de vista.

Figura 8 Reprodução de fragmento da página 7 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

~~Le lien qu'on établit entre les choses~~
 À mesure qu'on approfondit la matière ^{proposée} de l'étude
 linguistique, plus on se convainc ^{de} de cette véri-
 té, qui donne ^{impulsion} à réfléchir: que le lien
 qu'on établit entre les choses préexiste ^{dans ce} aux choses
 elles-mêmes, et sert à les déterminer.
 Ailleurs il y a des choses, ^{des objets donnés} quel on considère
 est libre de considérer ^{en} différents points de vue. Ici
 il y a d'abord des points de vue, justes ou faux,
 à l'aide desquels on ^{seulement} crée les choses. Ces créations
 se trouvent correspondre à des réalités quand le point
 de départ est juste, ou n'y pas correspondre dans le cas
 contraire: mais dans les deux cas aucune chose n'est
 donnée: aucun objet n'est donné ^{un seul instant et par}
~~donné~~ ^{par la critique des points de vue}

mais uniquement des points de vue
T.S.V.P.

A ligação que se estabelece entre as coisas À medida que mais se aprofunda a matéria <proposta> ao estudo linguístico, mais fica-se convencido <mais> dessa verdade que leva <é inútil observar> muito <singularmente a refletir: que a ligação que se estabelece entre as coisas preexistem <nesse domínio> <às coisas às próprias coisas, e serve para determiná-las. Alhures há as coisas <os objetos dados>, que se considere é livre de se considerar <em seguida> de diferentes pontos de vista. Aqui, há de início os pontos de vista, justos ou falsos, <mas unicamente os pontos de vista> com a ajuda dos quais CRIAMOS <secundariamente> as coisas. Essas criações são correspondentes à realidade quando o ponto de partida é justo, ou não há correspondência no caso central: mas nos dois casos nenhuma coisa, não é dada nenhum objeto é dado <um só instante em> antes de uma crif que pela crítica dos pontos de vista.

Num tom quase de confissão, parece-nos, a respeito de sua própria prática investigativa, Saussure afirma que, cada vez mais, fica convencido de que, no estudo linguístico, as relações entre as coisas preexistem às próprias coisas e servem para determiná-las. É nessa ocasião da reflexão que Saussure recorre ao modelo do que ocorre alhures para afirmar que, em outros lugares, as coisas, os objetos são dados e, por isso, podem ser considerados, em seguida, de diferentes pontos de vista, enquanto, na Linguística, nada de semelhante acon-

tece. A referência ao que ocorre fora da Linguística pode ser facilmente associada à problemática que abre o capítulo “Objeto da Linguística” no CLG, segundo a qual “outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 39).

Nessa altura da reflexão que Saussure desenvolve no manuscrito, a problemática em torno da substância linguística, que pareceu, em um primeiro momento, ter dado lugar a dos fatos linguísticos, agora dá lugar às coisas — termo dotado de imprecisão, quando se tem conta uma reflexão teórica — ou aos objetos, que se alterna com o termo “objeto”. O que Saussure passa a defender, tal qual se observa na Figura 8, é que na Linguística as coisas, os objetos não são dados. O que há de início são pontos de vistas, que podem ser justos ou falsos, com a ajuda dos quais CRIAMOS secundariamente as coisas ou os objetos.

A respeito dessa compreensão, destacamos dois aspectos. O primeiro diz respeito à caracterização dos pontos de vista que se tem de início, que podem ser, segundo Saussure, justos ou falsos. Embora nesse momento de reflexão Saussure não esclareça o que defina que os pontos de vista sejam justos ou falsos, para nós, é possível articular ao que, no documento *De l'essence double da langage*, ele trata como ponto de vista legítimo, discussão a ser retomada adiante na seção 3.2 deste capítulo.

O segundo aspecto, ainda concernente à Figura 8, é o fato de Saussure escrever, em letras maiúsculas, a operação do ponto de vista em relação às coisas e aos objetos: “com a ajuda dos quais CRIAMOS secundariamente as coisas ou os objetos”, dando uma vez mais destaque para o papel do ponto de vista no estudo linguístico.

O que Saussure defende ao longo de sua reflexão desenvolvida no manuscrito N9 é dessa vez, como se vê na Figura 9, tomado como uma profissão de fé: enquanto, em outros domínios, é possível falar das coisas ou dos objetos a partir de diferentes pontos de vista, na Linguística não há, de início, objetos dados por si mesmos, isto é, objetos que se oferecem à observação. Tudo o que ele procura aduzir, em um trecho repleto de rasura que demonstra um intenso trabalho de produção teórica, é que não se pode acreditar que na Linguística as coisas pudessem ser tomadas a partir de várias ordens como se fossem dadas em si mesmas.

Figura 9 Reprodução de fragmento da página 8 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique* 10f., conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

Voici notre profession de foi en matière linguistique.
 En d'autres domaines on peut parler des choses
 "à tel ou tel point de vue", certain qu'on est
 de retrouver un terrain ferme dans la chose.
 En linguistique, nous nous ~~qui nous essentiellement~~
~~de~~ en principe, qu'il y ait des objets donnés,
 qu'il y ait des choses ~~qui consistent d'exister quand on~~
~~consistent~~ ~~parle de ces choses à différents~~
~~points de vue. Si on le fait, absolues, et qu'en~~
~~puisse par conséquent se permettre d'imaginer~~
~~que ces choses o le permette de considérer des choses~~
~~dans plus d'une plusieurs ordres, comme si elles~~
~~existèrent absolument d'une existence à elles-mêmes~~
~~pas subordonnés à une autre existence et à leur propre~~

*exist. Aut
 hors d'un
 ordre
 déterminé
 d'une autre
 respectif
 ad hoc*

Eis aí a nossa profissão de fé em matéria de Linguística. Em outros domínios, pode-se falar de coisas "de tal ou tal ponto de vista", com a certeza de encontrar um terreno firme nas coisas no próprio objeto. Na Linguística, nós negamos, que essencialmente de em princípio, que haja objetos dados, que haja coisas <existissem fora de uma ordem perfeitamente determinada de sua ordem respectiva> e que se pudesse por consequência falar de coisas sob diferentes pontos de vista. Se fizéssemos isso, absolutos, <que continuem a existir quando se passa de uma ordem de ideias a outra> e que se pudesse por consequência se permitir imaginar que as coisas permitir de considerar "as coisas" nas <mais de um> várias ordens, como se elas existissem absolutamente de uma existência subordinada a xxx <como se elas fossem dados por si mesmas>.

É nesse sentido que, em página intitulada *Resumo + geral*, Saussure elabora a proposição enigma de nossa investigação e propõe que é o ponto de vista que sozinho faz a coisa para o linguista. Vejamos:

Figura 10 Reprodução de fragmento de página entre páginas 8 e 9 do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique 10f.*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fs. 3951/9.

4X

Résumé le + général

Voici le sens le plus général de ^{quel} nous
 avons cherché à établir: - Il nous est interdit
 en linguistique de parler "d'une chose" à dff.
 = ^{quelque chose considéré} ~~points de vue~~ ~~parce~~ ^{FAIT}
 que c'est le point de vue ^{qui fait la chose}
^{même chose}

Plutôt que surgir une expression de ce
 genre (p. ex. egros au point de vue vocal,
 au point de vue étymologique, au point de vue
 de ses dérivés, au point de vue de ...), il y a
 dans L'air une confusion d'idées - flaquant,
 puisqu'on commence par faire de egros quelque
 chose ~~qui n'est pas défini~~, ~~qui serait supérieur~~
~~à tout point de vue~~, ~~qui est supérieur à tous~~
~~les façons de le considérer~~,
~~qui planerait au dessus de toutes les~~
~~façons~~ ^{serait défini} ~~qui subsisterait comme un à travers plusieurs~~
~~façons~~ ~~et qu'on se demande immédiatement~~
~~à quoi la plus~~
~~de supérieur aux points de vue, et qu'il est alors~~
~~évidemment impossible de saisir son essence~~
~~de l'essence de l'egros~~ ^{mais}
 qui peut se considérer à mille points de vue,
 et qui serait donc indépendant de tous.
 Mais qu'on essaie de définir egros hors
 d'un point de vue déterminé!

qu'on nous
 ne pouvons
 cela faire,

il n'y a
 pas quelque
 chose
 de

Resumo o + geral: ~~x~~ Eis o sentido mais geral que procuramos estabelecer: - Para nós, é proibido, na Linguística, <embora não cessemos de fazer> falar de “uma coisa” de diferentes pontos de vista [x]<ou de uma coisa em geral> porque é o ponto de vista <mesmo e o ponto de vista faz> <mesmo sozinho> <sozinho> que faz ^{FAZ} a coisa. Quando surge uma expressão desse gênero (por exemplo eqvos do ponto de vista vocal, do ponto de vista etimológico, do ponto de vista das derivações, do ponto de vista de ...) há no ar uma confusão de ideias — flagrante, já que se começa por fazer de eqvos alguma coisa <que não é definida, que será superior a todo ponto de vista, que é superior a toda maneira de x considerar, que pairaria acima de tudo o que subsistirá <será dado> como um através de várias maneiras e que se xxx imediatamente com a mais de superior dos pontos de vista, e que é absolutamente impossível de ver onde está a unidade xxx de eqvos mais que se pode considerar de mil pontos de vista, e que seria, portanto, independente de todos eles. Mas, tente-se definir eqvos fora de um ponto de vista determinado!

Pelo que se observa a partir da Figura 10, a escrita da proposição por nós investigada, e que constitui o enigma deste estudo, não se deu sem um intenso trabalho de elaboração teórica, desenvolvido por Saussure. Como demonstram as variadas rasuras, incisos e correções em torno da sentença de que o ponto de vista FAZ sozinho a coisa, Saussure procurou a melhor maneira de reduzir, em uma única proposição, o que demonstrou ao longo de todo o manuscrito e que, agora, é nomeado como resumo mais geral.

Assim, se seu ponto de partida é a incongruente suposição de que a língua oferece substância, se seu trajeto é a demonstração de que os fatos linguísticos são resultantes das relações estabelecidas pelo espírito a partir das operações de abstração e de generalização, sua conclusão é que nada preexiste ao ponto de vista e que, portanto, ele faz os objetos na Linguística. Há nesse documento, como pode-se ver pela análise dos trechos selecionados, um esforço para demonstrar a natureza distinta do objeto na Linguística. Há, portanto, uma operação teórica de demonstração que converte para o teorema, assim nomeado por Engler, de que o ponto de vista faz sozinho — na falta de um vocabulário especializado ou na terminologia ainda por se estabelecer — a coisa, o objeto para o linguista.

3.3 *De l'essence double du langage*: o objeto da Linguística não existe para começar

Uma análise do manuscrito *De l'essence double du langage*, com vistas ao enigma do ponto de vista-objeto, permite-nos observar que, na reflexão proposta por Saussure neste documento, a questão do ponto de vista

aparece de maneira atrelada à discussão sobre a identidade na Linguística, problemática que, para Saussure, não cessa de se colocar quando se busca o princípio primeiro e último da dualidade incessante da linguagem.

Segundo a proposta de organização dada por Rudolf Engler às folhas do manuscrito, Saussure parte de uma comparação entre as identidades linguísticas e aquelas fixadas por uma espécie química ou por uma espécie zoológica, que leva o linguista à conclusão de que, em nosso domínio, os elementos são destituídos de qualquer unidade natural, uma vez que sua dualidade coloca-nos, ao mesmo tempo, em um domínio físico e psicológico.¹⁰

Numa tentativa de demonstrar que a identidade linguística deve figurar como o ponto de partida da análise do linguista, na folha numerada por Engler como 2b, Saussure lança mão da discussão dos pontos de vista. Vejamos:

Figura 11 Reprodução de página 003_f005 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

2 b (Position des identités)

~~Allons de dire pas :~~

On n'est pas dans le vrai, en disant : un fait de langage veut être considéré à plusieurs points de vue ; ni même en disant ce fait de langage sera réellement 2 choses différentes selon le point de vue. Car on commence par supposer que le fait de langage est donné hors du point de vue.

¹⁰ É válido lembrar que, na edição do CLG, a dualidade linguística ou, em outros termos, as duas partes constituintes do signo linguístico serão compreendidas por Saussure como ambas pertencentes ao domínio psíquico. Isso nos mostra que, na reflexão do EDL, a questão da substância linguística ou da materialidade física do significante ainda estava por ser resolvida.

Il faut dire : primordiallement il existe des points de vue ; ~~il n'existe et~~ ^{il n'existe} et il est ^{simple} impossible de ^{saissir} fixer un fait de langage avant de ~~devenir~~ ^{devenir} fixé les

~~La possibilité d'établir, au nom~~
d'un principe ~~avons commencé par~~

Considera-
-tion ~~fin~~ L'identité que nous ~~établissions~~, ~~au nom~~
d'un principe, tantôt au nom de tel fait
tantôt au nom de tel autre, entre 2 termes
est ~~absolument~~ ^{qui} eux-mêmes ~~très vari~~ de
nature variable, est absolument le seul
fait premier ~~sur lequel s'exerce la~~
le seul fait simple d'où part l'investiga-
-tion linguistique.

(Posição das identidades) Não dizemos: Não se tem razão em dizer: um fato de linguagem precisa ser considerado sob vários pontos de vista; nem mesmo em dizer que esse fato será, realmente, duas coisas diferentes segundo o ponto de vista. Porque se começa supondo que o fato de linguagem é dado fora do ponto de vista. É preciso dizer: primordialmente existe pontos de vista: ^{senão} ele não existe e é <simplesmente> impossível de fixar <perceber> um fato de linguagem antes de ter fixado-os [] A possibilidade de estabelecer, em nome de um princípio A identidade que <começamos> a estabelecer em nome de um princípio ora em nome de um fato de uma <consideração> ora em nome de outra, entre 2 termos é absolutamente, <que> são eles mesmos muito vari de natureza variável, é absolutamente o único fato primeiro sob o qual se exerce a o único *fato simples* de onde parte a investigação linguística.

Nessa folha, intitulada como “*Position des identités*” pelo genebrino, Saussure inviabiliza o imaginário de que é possível considerar um fato de linguagem a partir de vários pontos de vista ou de que um fato de linguagem poderá ser coisas perfeitamente distintas a depender do ponto de vista. Se assim o fosse, seria possível supor que há fato de linguagem fora do ponto de vista. Saussure afirma, então, que os pontos de vista preexistem ao fato — “primordialmente, existem pontos de vista”.

Como pode-se observar, no contexto do EDL, Saussure elabora reflexão análoga àquela já lida por nós nas folhas 7 e 8 manuscrito N9, por nós reproduzidas respectivamente nas figuras 8 e 9 da seção anterior. Embora essas folhas do N9 não entrem no conjunto daquelas hipoteticamente pertencentes ao EDL, segundo o que propõe Chidichimo (2018), elas trazem reflexão bastante próxima do que propõe Saussure em discussão à posição das identidades no EDL. Assim, se nesse último contexto “primordialmente, existem pontos de vista”, no contexto do N9, “*há de início os pontos de vista, justos ou falsos, <mas unicamente os pontos de vista> com a ajuda dos quais CRIAMOS <secundariamente> as coisas.*”

No contexto do EDL, Saussure destaca que, sem os pontos de vista, não há como *perceber* um fato de linguagem. Desse modo entendido, se como postula Saussure no N9, a língua não *oferece*, em nenhuma de suas manifestações substâncias, aqui, não há como perceber os fatos sem um ponto de vista. Um fato de linguagem passa a existir quando percebido — nos termos do N9, recortado, criado — pelo ponto de vista do linguista. É com base nisso que Saussure propõe que é a identidade que se estabelece entre os termos — como vimos anteriormente, fruto de uma relação criada a partir de um ponto de vista dado —, o único fato primeiro de onde parte a investigação linguística.

Chamamos a atenção, ainda, para a associação entre *os pontos de vista* e *os fatos de linguagem*. São esses últimos, conforme Saussure, criados pelos primeiros. Observamos, aqui, um aprimoramento da nomenclatura, se compararmos com a instância de elaboração a respeito dos pontos de vista que se dá no manuscrito N9. Se nele os pontos de vista criam, tal qual postula Saussure a partir de uma alternância terminológica, as *substâncias*, as *coisas*, os *objetos*, no contexto do EDL, o ponto de vista cria o *fato* de linguagem.

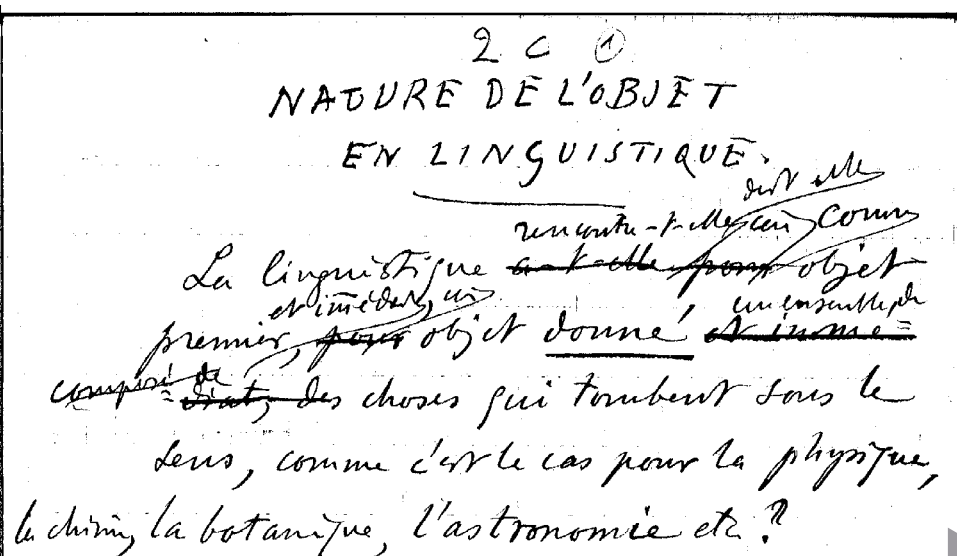
A nosso ver, o aprimoramento da terminologia, no que tange ao termo *coisa*, em específico, poderia colocar questões para a cronologia dos documentos. Lembremos que, para Godel, o N9 foi escrito entre os anos 1893-1894 e o EDL, para Engler, em 1891. Partindo dessas hipóteses filológicas, Saussure teria, num contexto posterior, passado a utilizar “coisa” ao invés de “fato de linguagem” utilizado por ele num primeiro momento, enquanto nos parece lógico o caminho inverso, em que a imprecisão do vocábulo *coisa* dá lugar a uma nomenclatura mais apropriada para uma reflexão científica.

No entanto, apesar de o termo *fato* parecer mais específico para a formulação de uma teoria, quando comparado ao termo *coisa*, o que se

observa no EDL é que ele resta problemático para Saussure e, a nosso ver, o tratamento que o suíço dá a ele, no desenvolver dessa sua reflexão, é central para a questão do ponto de vista. Isso porque o que ele propõe, nas páginas seguintes, aponta para a direção a inviabilizar a noção de fato — o qual pode ser entendido como algo que possui uma existência em si mesmo, ou cuja existência pode ser constatada de modo indiscutível — no tratamento dos fenômenos linguísticos. Como Saussure propõe, na Figura 11, anteriormente destacada, o ponto de vista preexiste a qualquer fato. Logo, na Linguística, os fatos não podem ser da mesma ordem daqueles observados por outras ciências. Nelas o ponto de vista é posterior aos fatos e diz respeito ao modo de observá-los, já na Linguística o ponto de vista antecede aos fatos, desse modo entendido, os fatos só podem ser resultantes dos pontos de vista, uma vez que não são dados de antemão.

Nas páginas que imediatamente se seguem, segundo organização de Engler, Saussure propõe-se a tratar do que ele intitulou “*Nature de l’objet en linguistique*”. Em um trecho permeado por rasuras que acabam por descartar grande parte do que fora escrito por ele, o genebrino procura, em comparação com objetos de outras ciências, esclarecer, por oposição, porque o fato linguístico é distinto, desenvolvendo as proposições por nós acompanhadas em análise à Figura 11.

Figura 12 Reprodução de página 003_f006 do manuscrito *De l’essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.



- En aucune façon et à aucun mo-
- ment: elle est placée à l'extrême
opposée des sciences qui peuvent partir
de la donnée des sens, pour s'élever
de là aux plus hautes

Une succession de sons, ^{vocaux} ~~comme~~
par exemple mer (m + e + r) est
M. et une entité ^{rentrant} ~~relevant~~ du domaine
de l'acoustique, ou de la physiologie;
elle n'est pas une entité linguistique; ni
à aucun titre, dans cet état,
~~mediate, ni immediate.~~

Une langue existe si à m + e + r
s'attache une idée.
~~Cette constatation n'est pas une constatation. Elle~~
~~seulement de la signification qu'il n'y~~
~~aura plus jamais moyen, ni dans les~~
~~plus vastes considérations sur le langage, ni~~
~~dans les plus hautes déductions philosophiques~~
~~ni dans les bases rigides d'une philosophie de la langue.~~

NATUREZA DO OBJETO EN LINGUISTIQUE A linguística tem por <encontra diante de si como> objeto primeiro <e imediato> por <um> objeto dado e imediato <um conjunto composto> de coisas evidentes como é o caso da Física, <da Química>, da Botânica, da Astronomia etc? De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir do dado dos sentidos, para ascender de para os mais altos. A Uma sucessão de sons vocais, como <vocais> por exemplo mer (m +

e + r) é<, talvez,> uma entidade que cai que regressa ao domínio da acústica, ou da Fisiologia; ela não é <de jeito nenhum, nesse estado> mediato nem imediato. Uma língua existe se, a *m + e + r*, se vincula uma ideia. Essa constatação é muito banal para atrair a atenção. Ela [] Somente significa que não haverá mais maneira, nem nas mais verdadeiras considerações sobre a linguagem, nem nos xxx últimos detalhes mais mecânicos graves regras de uma gramática do seu de[]

Figura 13 Reprodução de página 003_f007 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

2 < (2)

~~regles~~ ~~plus infimes~~ et même ~~et d'ailleurs~~
~~ment redigées~~ et les chants

ni de les plus justes considérations
 philosophiques sur le langage, ni dans
 la plus maladroite et la plus infime
 des règles empiriques d'une grammaire de
 d'un maître d'école de supprimer
 la valeur directe ou indirecte
 de l'idée l'idée, comme une des
 données fondamentales ou fait lin-
 guistique.

Dès lors le fait linguistique
~~est double~~, ou le fait premier
 proposé à l'attention du linguiste
 est un fait essentiellement double;
 dénué d'existence si on tente
 de lui enlever sa dualité.

premier
 double
 l'implication

C'est ici qu'intervient L'ERREUR
 FONDAMENTALE consistant à
 croire que c'est cela qui est la dualité
 du langage.

Cette constatation paraît
 banale il suit :

1° Qu'il n'y a point d'entité linguis-
 tique donnée par le sens même qui
 peut être donnée par le son.

regras mais minuciosas e mesmo ridiculamente escritas — nem as mais justas <e mais altas considerações> filosóficas sobre a linguagem, nem nas mais nem e mais minuciosas regras empíricas de uma gramática de de um professor para suprimir o valor direto ou indireto da ideia, a ideia, como um dos dados fundamentais <indispensáveis> ao fato linguístico. Portanto, o fato linguístico é duplo, ou o fato primeiro proposto à atenção do linguista é um fato essencialmente duplo <puramente e simplesmente> sem existência, se alguém tentar remover dele sua dualidade. É aqui que o ERRO FUNDAMENTAL que consiste em acreditar que é isso que é a dualidade da linguagem.

A questão da natureza do objeto da Linguística é ainda desenvolvida nas duas páginas que se seguem, nas quais Saussure se põe a demonstrar: i. que a identidade linguística não é dada pelos sentidos do corpo; ii. que a identidade linguística não é simples; iii. que a unidade de cada fato da linguagem já é resultante de uma unidade complexa que une o signo (significante) e a significação (significado); e iv. que a classificação dos fatos da linguagem deve ter em mente objetos heterogêneos. Concentremos, porém, nossa atenção, na primeira parte dessa reflexão, reproduzida nas figuras 12 e 13. Embora nessas páginas Saussure não toque a questão do ponto de vista — como se vê, não há menção a esse termo — e embora a grande totalidade da Figura 13 esteja rasurada, sua leitura é relevante para nossa questão porque Saussure traz nelas encaminhamentos importantes para a questão

do fato linguístico, que dão vistas a uma insatisfação com o modo que essa noção vinha sendo tratada pela Linguística vigente.

Em primeiro lugar, como se verifica na Figura 12, Saussure res-salta que, de nenhuma maneira e em nenhum momento, a Linguísti-ca encontra diante de si um *objeto dado* como na Física, na Química, na Botânica e na Astronomia. Ela está situada no extremo oposto das ciências que partem dos *dados do sentido*. Lembremos, como ele coloca no manuscrito N9, que “alhures, há coisas <objetos dados> que se pode considerar que se é livre de considerar em seguida de diferentes pontos de vista”, enquanto, na Linguística, nada de semelhante acontece.

Dessa maneira, bem se vê pela discussão do autor no EDL, a pro-blemática do objeto da Linguística, ou especificamente, da natureza desse objeto, está centrada no fato de ele não se apresentar aos senti-dos do observador. Seus fenômenos não podem, por isso, ser observa-dos imediatamente. Para explicitar sua questão, Saussure lança mão, uma vez mais do domínio acústico, nomeado por ele no manuscrito N9 de domínio da figura vocal, e do domínio fisiológico. Não podemos considerar que estamos frente a uma entidade linguística quando se tem uma sucessão de sons como *mer* (m + e + r).

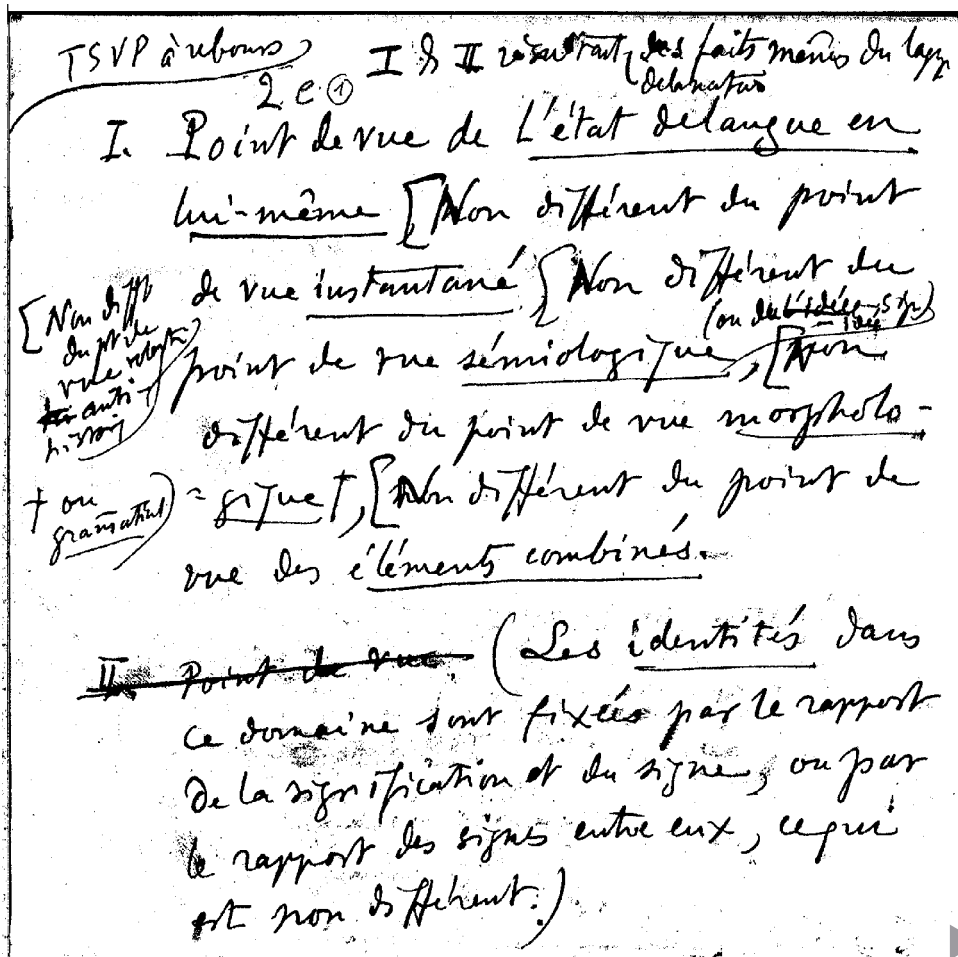
Não há dúvidas de que o que postula Saussure nessas páginas é uma crítica endereçada à Linguística Histórico-Comparativa de sua época, que, embora centrou-se na hipótese de uma língua mãe pa-rra o ramo indo-europeu, caracterizou-se, sobretudo, por uma prática empirista. Em investigação à evolução da língua, detinha-se no que encontravam de mais material no fenômeno linguístico, as mudanças dos sons, as mudanças fonéticas, a partir do estabelecimento de uma identidade linguística.

O que Saussure procura combater, como se pode observar na dis-cussão estabelecida e rasurada na Figura 13, é a falsa crença, advin-da até mesmo das altas considerações filosóficas, de se estar frente a uma entidade linguística quando se tem em conta apenas um lado da dualidade incessante da linguagem, o som, quando a ideia desse som é suprimida. Não se pode tomá-lo como sendo um fato linguístico. Não se pode tomá-lo como um fato, cuja existência seja evidente, seja indiscutível. Para Saussure, o que distingue o fato linguístico é ele ser essencialmente duplo, composto também pela ideia, pelo domínio psi-cológico, que não se apresenta aos sentidos do linguista. Desse modo, a atividade do linguista está no ponto de junção de dois domínios, no ponto de junção dessa dualidade incessante. Abster-se dessa dualidade

é suprimir a existência do fenômeno linguístico. É nesse sentido que Saussure passa a defender que o fato linguístico jamais é simples, é sempre complexo, porque tem em sua essência uma dualidade que une domínios distintos, o do signo, isto é, das figuras vocais, e de sua significação, isto é, das ideias.

Ainda voltado para a questão da identidade linguística, em folhas adiante, Saussure desenvolve uma reflexão acerca dos pontos de vista e das respectivas maneiras de considerar as identidades linguísticas em cada um deles, detalhando os quatro pontos de vista possíveis no estudo dos fatos da linguagem e trazendo novas perspectivas para os fatos linguísticos.

Figura 14 Reprodução de página 003_f011 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.



II. Point de vue des identités transversales, ^{2^{ème}} Non ^{du} point de vue diac =
chronique [Non différent du point
 de vue phonétique] ^{du signe = figure vocale} [non différent, du
 point de vue des éléments isolés.]

Non de la figure
 vocale
 non sont.

signifié
 de l'idée
 mais et

signifié
 de la
 fonction
 de signe,

ce qui est
 d'ailleurs
 la même chose en vertu
 de I.

~~III. Point de vue scientifique~~

artificiel

(Les identités de ce domaine
 sont ^{d'abord données} données par celles du
 précédent; mais après cela des
 = viennent ^{le 2^{ème}} une 2^{ème} ordre d'identités
 linguistiques, irréductibles à l'analyse)

<TSVP para trás> I e II resultam <da natureza> dos fatos da linguagem. I Ponto de vista do estado da língua nele mesmo [Não difere do ponto de vista instantâneo [Não difere do ponto de vista semiológico, <(ou do signo-ideia)> <Não difere do ponto de vista da vontade anti-histórica> Não difere do ponto de vista morfológico <ou gramatical> [Não difere do ponto de vista da vontade anti-histórica. [Não difere do ponto de vista dos elementos combinados. II. Ponto de vista (As identidades neste domínio são fixadas pela relação da significação e do signo, ou pela relação dos signos entre eles, o que não é diferente). II. Ponto de vista das identidades transversais [Não <difere> do ponto de vista diacrônico [Não difere do ponto de vista fonético <ou do signo = figura vocal> <ou da figura vocal não {xx} separada da ideia, mas é separada da função de signo o que é altures a mesma coisa em virtude de I.> [Não difere do ponto de vista dos elementos isolados. III. Ponto de vista científico-artificial (As identidades desse domínio são dadas <a princípio, necessariamente,> pelas do precedente; mas depois disso, elas se tornam uma 2ª ordem de identidades linguísticas, irreduzíveis à precedente.

Como pode ser visto na página aqui reproduzida na Figura 14, o primeiro ponto de vista estabelecido por Saussure é o ponto de vista do estado de língua em si mesmo que não se diferencia, segundo ele, dos pontos de vista: instantâneo, semiológico (do signo-ideia), da vontade anti-histórica, morfológico ou gramatical e dos elementos combinados. Bem se vê, nessa primeira definição, uma pluralidade de questões que dão corpo às ideias conhecidas, sobretudo, a partir do CLG, como a sincronia saussuriana. O segundo é o ponto de vista das identidades transversais que não diferem dos pontos de vista diacrônico e fonético (isto é, da figural vocal separada da ideia e, portanto, separada de sua função de signo) e dos elementos isolados. A pluralidade de itens elencados dá corpo ao que se reconhece como a diacronia saussuriana.

Ao distinguir a primeira ordem de ponto de vista da segunda, Saussure evidencia que a identidade no primeiro domínio é fixada por uma relação entre a significação e o signo, termo que, nesse contexto de reflexão, está próximo do que, mais tarde, cristaliza-se pelo conceito de significante. Além disso, ela é fixada entre os próprios signos. Tal reflexão em muito se aproxima com o que se estabelece na teoria do valor, conhecida a partir do CLG, segundo a qual a relação entre as partes do signo, isto é, a própria significação, e a relação entre os signos, o valor linguístico, não se diferem.

A nosso ver, ao explicitar em que consiste a segunda ordem de pontos de vista, em consonância com o que é desenvolvido ao longo do manuscrito, Saussure procura demonstrar que as identidades transversais não devem ser consideradas como sendo verdadeiros fatos linguísticos. Nesse âmbito, em que as identidades são tomadas através do tempo, as figuras vocais aparecem já destituídas das ideias, já destituídas de toda a função de signo, já recortadas da dualidade incessante da linguagem.

Nesse domínio, as identidades transversais são dadas pelo ponto de vista do estado da língua, criando uma nova ordem de identidades que não são mais, por sua vez, redutíveis às primeiras. A complexidade dessa discussão não nos impede de relacionar àquilo que será postulado por Saussure e veiculado na edição do CLG que coloca em causa a relação entre as identidades diacrônicas e as identidades sincrônicas:

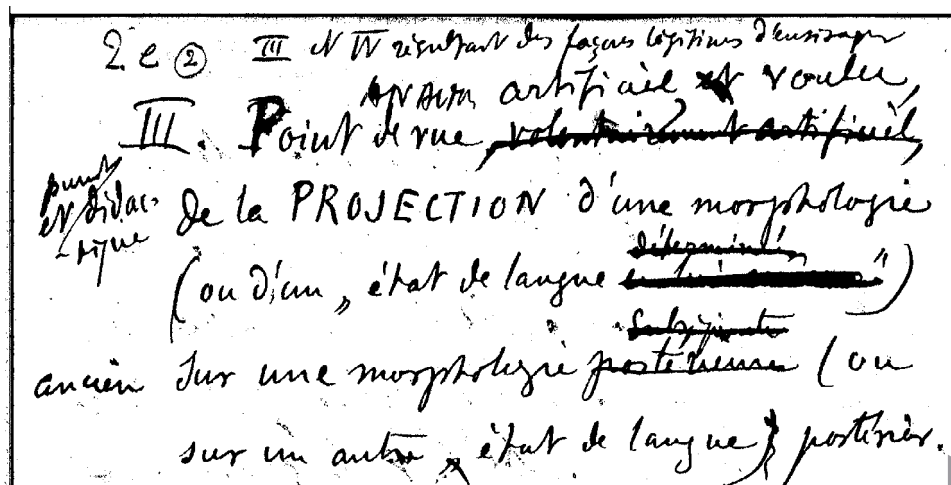
Ora, a identidade diacrônica de duas palavras tão diferentes quanto *calidum* e *chaud* significa simplesmente que se passou de uma a outra por meio de uma série de identidades sincrônicas na fala, sem que jamais o

vínculo que as une tenha sido rompido pelas transformações fonéticas sucessivas. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 242)

Afirmar que *calidum* (quente) do latim é idêntico a *chaud* (quente) do francês e, dessa maneira, estabelecer uma identidade diacrônica entre esses termos, segundo a qual o termo francês é resultado de uma evolução fonética do termo em latim, significa, segundo Saussure, que se passou de uma série de identidades sincrônicas, que coloca em causa uma relação entre a figura vocal e seu significado correspondente, sem que essa relação se perdesse ou fosse rompida. É o que esclarece melhor a relação colocada por Saussure no EDL, segundo a qual as identidades transversais ou diacrônicas são dadas pelas identidades instantâneas ou sincrônicas, sem, no entanto, ser redutíveis a elas.

Na Figura 15, acompanhamos a elaboração saussuriana sobre outros dois pontos de vista da língua. O que ele estabelece como sendo o terceiro ponto de vista é o anacrônico, também considerado como um ponto de vista: artificial, intencional, puramente didático, da projeção de uma morfologia antiga sobre uma morfologia de um estado de língua, que não difere do ponto de vista anacrônico retrospectivo e do ponto de vista etimológico. Por sua vez, o que ele estabelece como o quarto e último ponto de vista é o histórico. Trata-se da fixação de dois estados de língua sucessivos, que são tomados cada um em si, num primeiro momento, e subordinados um ao outro, num segundo momento. Vejamos como se dá essa elaboração em leitura à Figura 15.

Figura 15 Reprodução de página 003_f011 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.



(le moyen à l'aide duquel peut s'opérer
cette projection et la considération des identités
transversales, II), combinée avec la
considération du ~~1er état~~ I morpho-
logique du 1^{er} état - selon I).

RETROS
I. 2^e P.

Nom ~~du~~ point de vue ~~ANTÉCHRONIQUE~~

Ce point de vue est le point de vue

ETYMOLOGIQUE, comprenant d'autres

choses encore que ce qu'on appelle ordi-

nairement l'étymologie. Un de ses caractères

per rapport à IV est de ne pas tenir compte de l'ép. Ben

IV. Point de vue ~~SCIENTIFIQUE~~ ^{HISTORIQUE} de la

~~comparaison raisonnée~~ ^{fixation} de 2 états

de langue ^{suivants} pris chacun en lui-même,

~~plus~~ d'abord, ~~puis~~ ~~ensuite~~ et sans

subordination de l'un à l'autre, suivie

de l'explication

ou il faudrait

III e IV resultam das maneiras legítimas de considerar III. Ponto de vista ^{ANACR artificial} e intencional e puramente didático e voluntariamente e artificial, da PROJEÇÃO de uma morfologia (ou de um estado antigo de língua ^{determinado} ~~xxxxxx~~) sobre uma morfologia ^{subsequente} posterior (ou sobre um outro estado de língua) posterior. (O meio com a ajuda do qual pode se operar essa projeção é a consideração das identidades transversais, II), combinada com a consideração do 1º estado – conforme I). Não difere do ponto de vista ANACRÔNICO RETROSPECTIVO Este ponto de vista é o ponto de vista ETIMOLÓGICO compreende outras coisas além do que se chama normalmente de Etimologia. Um de seus caracteres, por relação a IV, é de não levar em conta a época B nela mesma. IV Ponto de vista ^{HISTÓRICO} científico da ~~comparação~~ fixação racional de 2 estados ^{sucessivos} da língua tomados cada um em si mesmo mais de início ~~então-unidos~~ e sem subordinação um a outro, seguida da explicação.

Se por um lado, os pontos de vista I e II, tratados na Figura 14, podem ser mais facilmente associados ao que Saussure compreenderá posteriormente como o ponto de vista sincrônico e o ponto de vista diacrônico, por outro lado, os pontos de vista III e IV de que fala Saussure na reflexão do EDL, reproduzidos na Figura 15, requerem um maior esforço para sua compreensão. Isso porque, ao caracterizar o ponto de vista III, o suíço vale-se de múltiplas definições tomando como correlatas as características de ser anacrônico, artificial, intencional e didático. Quanto ao ponto de vista IV, por seu turno, o linguista limita-se a explicitar, nesta ocasião de reflexão, que ele estabelece uma sucessão entre dois estados de língua, considerando cada um em si mesmo e subordinando-os posteriormente um ao outro.

Embora não se encontre no CLG, texto fundamental da teoria linguística de Saussure, uma passagem em que a discussão a respeito dos pontos de vista III e IV sejam colocados nos mesmos termos utilizados no EDL, a diferenciação entre eles, a nosso ver, pode ser mais bem explicitada a partir dos limites que Saussure procurou estabelecer, em diferentes momentos, a perspectiva comparativa e a perspectiva histórica.

Uma primeira distinção entre elas é lida no capítulo do CLG “Visão geral da história da Linguística”. Nesse capítulo, Saussure apresenta uma distinção entre os estudos da Linguística propriamente dita, reconhecidamente a Linguística Histórica, e aqueles desenvolvidos pela Gramática Comparativa, que, segundo Saussure, incontestavelmente “teve o mérito de abrir um campo novo e fecundo” embora não tenha chegado a constituir uma verdadeira ciência (SAUSSURE, 2012[1970], p. 34). A denúncia que se faz à Gramática Comparada — a de que ela

“foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 34) - é o mérito atribuído por Saussure à nova escola dos neogramáticos. Para ele, “seu mérito constituiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação, e por ela encaixar os fatos em sua ordem natural” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 35-36). Desse modo compreendido, o que fundamentalmente distingue uma escola de outra é a perspectiva de análise. De um lado, tem-se a Gramática Comparativa que se limitou à comparação: “esse método exclusivamente comparativo acarreta todo um conjunto de conceitos errôneos, que não correspondem a nada na realidade e que são estranhos às verdadeiras condições de toda linguagem” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 34). De outro, tem-se os estudos históricos, inaugurados pelos românicos e pelos germanistas, que colocaram os resultados da comparação numa perspectiva evolutiva, dando luz à história da língua.

Uma outra reflexão que lança luz à discussão que se faz no EDL é aquela estabelecida por Saussure no capítulo “As duas perspectivas da linguística diacrônica” da quinta parte do CLG. Nele, Saussure esclarece que a perspectiva prospectiva é aquela que acompanha o curso do tempo, de modo a fixar a história de uma língua em todos os seus detalhes, enquanto o método retrospectivo é aquele que retoma o curso do tempo.

Enquanto a prospecção se reduz a uma simples narração e se funda inteiramente na crítica dos documentos, a retrospectiva exige um método reconstrutivo, que se apoia na comparação. Não se pode estabelecer a forma primitiva a de um signo único e isolado, ao passo que dois signos diferentes, mas da mesma origem, como o latim *pater*, sânscrito *pitar-*, ou radical do latim *ger-o* e o de *ges-tus*, deixam já entrever, por via de sua comparação, a unidade diacrônica que os vincula ambos a um protótipo suscetível de ser reconstituído pela indução. Quanto mais numerosos forem os termos de comparação, mais precisas serão tais induções, e elas rematarão — se os dados forem suficientes — em verdadeiras reconstruções. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 282)

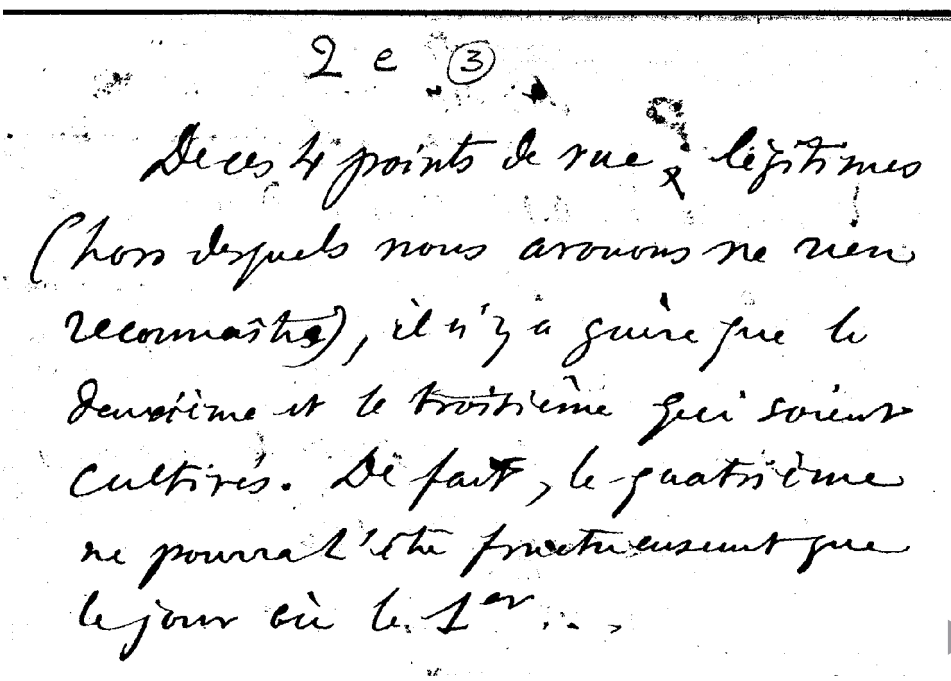
Embora a distinção entre a perspectiva comparativa e a perspectiva histórica, acompanhada no primeiro capítulo do CLG, não se reduza à distinção entre a perspectiva prospectiva e a perspectiva retrospectiva — como ressalta Saussure, o estudo histórico da língua deve se valer da retrospectiva quando faltam meios para constituir prospectivamente sua história — esse capítulo do CLG também nos

esclarece o que Saussure postula em folha reproduzida por nós na Figura 15. Segundo o excerto em destaque, a retrospecção é indutiva, isto é, estabelecida a partir de conjecturas, por isso caracterizada por Saussure no EDL como um ponto de vista artificial. De outro lado, a prospecção leva em conta a história de uma língua, nos termos do EDL, a sucessão de dois estados da língua.

A partir da luz que o CLG lança à discussão dos pontos de vista que se faz no EDL, pode-se compreender, então, que o ponto de vista III, anacrônico retrospectivo, diz respeito àquele que não leva em conta uma cronologia, mas projeta um estado de língua mais antigo sobre outro estado posterior, sem considerar o curso do tempo que levou um a outro. É a partir da comparação que as identidades desses estados são projetadas em relação. De outro lado, o ponto de vista histórico é aquele que considera uma sucessão, leva em conta, então, a evolução linguística e, para isso, vale-se da subordinação de um estado de língua a outro, que juntos compõem a história de uma língua.

Em página seguinte do manuscrito, Saussure tece críticas ao modo de proceder da Linguística então vigente. Vejamos como essa crítica faz-se.

Figura 16 Reprodução de página 003_f014 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.



Ce qui est en revanche ~~très~~
 vivement cultivé, c'est la confusion lamentable
 de ces différents points de vue, jusqu'à
 les ~~se~~ ouvrages les plus élevés
 les plus hautes prétentions scientifiques.
 Il y a ^{la} certainement, très souvent,
 une véritable absence de réflexion
 de la part de l'auteur. Mais ajoutons
 tout de suite ~~ici~~ une profession de foi: autant
 nous sommes convaincus ^{à tort ou à raison} qu'il faudra
 finalement en venir à tout réduire
 théoriquement à nos 4 points de vue
 légitimes reposant sur 2 points de
 vue nécessaires, autant nous
 doutons qu'il devienne jamais
 possible d'établir avec pureté la
 quadruple ou ~~seule~~ ^{la seule} terminologie,

Desses 4 pontos de vista legítimos (fora dos quais admitimos nada reconhecer), quase que só o segundo e o terceiro são cultivados. De fato, o quarto só poderia sê-lo, proveitosamente, no dia em que o primeiro []. O que é, ao contrário, muito [vivamente] cultivado é a confusão lamentável desses diferentes pontos de vista, até mesmo g os trabalhos de mais que elevam as mais altas pretensões científicas. Há, certamente, com muita frequência, uma verdadeira ausência de reflexão da parte dos autores. Mas acrescentemos, imediatamente, aqui uma profissão de fé: assim como estamos convencidos,

com ou sem razão, que é preciso finalmente reduzir teoricamente os nossos 4 pontos de vista legítimos, que repousam sobre 2 pontos de vista necessários, duvidamos também que alguma vez seja possível estabelecer com pureza a quádrupla ou, ao menos, a dupla terminologia que é preciso.

Segundo o que esclarece Saussure na Figura 15, dos quatro pontos de vista apresentados, além dos quais ele diz nada reconhecer, somente o segundo, o ponto de vista das identidades transversais, e o terceiro, o ponto de vista anacrônico retrospectivo, eram, para ele, cultivados. Desse modo entendido, estavam descartados das análises linguísticas de até então o primeiro ponto de vista, o da sincronia, e o último ponto de vista, o histórico. A nosso ver, tal afirmação levanta uma problemática, uma vez que, como propomos em articulação ao que se apresenta no CLG, o último dos pontos de vista era cultivado pela Linguística Histórica que, tal como propõe Saussure, tomava a língua em uma sucessão temporal, com vistas a sua evolução. No entanto, em seguida, Saussure ensaia um adendo desse primeiro parecer: “De fato, o quarto só poderia sê-lo, proveitosamente, no dia em que o primeiro []”. Esse acréscimo leva-nos a entender que, embora o ponto de vista histórico pudesse ser cultivado, ele não o era proveitosamente em razão de algo relacionado ao ponto de vista dos estados da língua falhar. Lembremos que, segundo o que o ponto de vista histórico pensado por Saussure previa, era preciso tomar, primeiramente, cada estado de língua em si, para, em um segundo momento, esclarecer a subordinação entre um ao outro.

Como se pode ver na Figura 15, Saussure denuncia, então, uma confusão entre os pontos de vista, presente até mesmo em grandes obras científicas. Para ele, faltava reflexão por parte dos autores. Era “preciso tudo reduzir teoricamente aos nossos quatro pontos de vista legítimos que repousam sobre dois pontos de vista necessários”, o primeiro e o segundo. Vê-se nessa passagem uma crítica à Linguística vigente que acaba por misturar esses pontos de vista.

Ainda nessa figura, chamamos a atenção para o modo como Saussure fecha essa reflexão, mostrando-se duvidoso de que seria possível estabelecer essa quádrupla ou dupla terminologia dos pontos de vista. De fato, a quádrupla terminologia não parece ter se cristalizado como a dupla terminologia. Como as lentes da história nos possibilitou ver, essa dupla terminologia é reconhecidamente o par saussuriano sincronia e diacronia que se tornou uma distinção fundamental para o campo de estudos da ciência linguística e constitui hoje dois de seus conceitos basilares.

Após a discussão dos quatro pontos de vista legítimos, que parece, ainda que timidamente, conversar com aquela da crítica dos pontos de vista mencionada no manuscrito N9 e que não ganha maiores desdobramentos na reflexão de Saussure, a questão do ponto de vista aparece atrelada à discussão feita por Saussure no EDL a respeito da abordagem do objeto na Linguística. Na folha numerada como 3a pelo catalogador do manuscrito, Saussure destaca a dificuldade de abordar por inteiro o objeto complexo que é a linguagem e estabelece que aquele que se coloca diante de tal objeto terá que abordá-lo por um de seus lados e jamais poderá abordá-la por inteiro. O caráter especial desse objeto, esclarece Saussure, está no fato de que nele não podemos descobrir indivíduos, seres ou quantidades determinados em si mesmos.

Figura 17 Reprodução de fragmento da página 004_f001 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

'nécessité' immédiate et d'inhérent à
 Or il y a ceci de primordial dans la
 nature du langage que par quelque côté qu'on
 essaie de l'attaquer, — justifiable ou non —
~~il n'y aura point d'individus~~, ou ne pourra
 jamais ~~par~~ découvrir d'individus, c'est à dire d'êtres
 déterminés en eux-mêmes.

Ora, há de primordial na <e inerente à> natureza da linguagem o fato de que, por qualquer lado que se tentar abordá-la — justificável ou não — não se terá ponto de indivíduos; não se poderá jamais descobrir, aí, indivíduos, ou seja, seres determinados neles mesmos;

A problemática levantada por Saussure nessa página coloca-nos a frente, uma vez mais, da questão da generalização, também explorada pelo linguista no manuscrito N9. Naquele contexto, como vimos, ela apareceu atrelada à operação de abstração, na compreensão de que, na Linguística, não há nada fora das operações de abstração e de generalização do linguista. Na ocasião de reflexão do EDL, como se pode acompanhar nas figuras 16 e 17, embora dissociada da abstração, a generalização é evocada com função análoga a do texto N9. Aqui, Saussure postula que não há indivíduos, seres, quantidades — no N9,

substâncias — a partir dos quais se pode operar uma generalização. Ao contrário, tudo que há, de início, é a própria generalização e não há nada fora dela. O que ela supõe, no entanto, é a escolha de um ponto de vista a partir do qual ela opera.

Figura 18 Reprodução de fragmento da página 004_f002 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

(ou de quantités) déterminées ~~et les mêmes~~
 sur lesquels s'opère ensuite la gé-
 néralisation. Mais il y a D'ABORD
 la généralisation, et il n'y a rien en dehors
 d'elle : or comme la généralisation sup-
 pose un ~~critère~~, un point de vue qui
 sert de critère, et les premières et les
 plus ~~simples~~ ^{irréductibles} entités dont peut s'occuper
 le linguiste sont déjà le produit d'une
 opération de son ^{latente ou} esprit. Nous Il en
 résulte immédiatement que toute la linguistique
 revient non pas mais matérielle-
 ment à la discussion rais des points de vue
 légitimes : sans quoi il n'y a pas d'objet.

(ou de quantidades) determinadas nas mesmas sob as quais se opera, em seguida, a generalização. Mas há DE INÍCIO a generalização, e não há nada fora dela: ora como a generalização supõe um critério um ponto de vista que serve de critério, [x] as primeiras e mais <irredutíveis> simples entidades com as quais se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação de seu <latente do> espírito. O que resulta imediatamente que toda a Linguística se resume não [...] mas materialmente à discussão raei dos pontos de vista legítimos: sem a qual não há objeto.

Desse modo entendido, todas as entidades das quais se valem os linguistas já são resultados de uma generalização, já são resultados da operação latente do espírito, já são resultados de sua operação intelectual. Como a linguagem não oferece “seres” e “entidades” para seu estudo e, portanto, tudo que o linguista dispõe é resultado de sua própria razão, de sua própria generalização, de seu próprio ponto de vista, tem-se então, como Saussure propõe nas linhas finais da figura 17, que a Linguística resume-se à discussão dos pontos de vista legítimos sem a qual não há objeto.

Uma discussão mais detalhada a esse respeito passa a ser feita por Saussure na folha seguinte, codificada por Engler como 3b. Nela, Saussure argumenta em favor de que é um erro, ao falar de um objeto a partir de um ponto de vista, acreditar que, por isso, encontra-se no referido ponto de vista. É a partir disso que Saussure propõe uma compreensão radical que concentra, pode-se dizer, as ideias que vinham sendo desenvolvidas: para começar, o objeto da Linguística não existe fisicamente.

Figura 19 Reprodução de página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

1/8
3b
et subtil de l'essence
Le ~~continuel~~ défaut des distinctions linguistiques est de croire qu'en parlant d'un objet à un certain point de vue on est ~~donc~~ ^{en fait}, de ce fait, dans ledit point de vue; ~~Rappelons~~ ce qui est dans les neuf dixièmes des cas c'est ~~juste le contraire~~ ^{un faux} pour une raison très simple: Rappelons-nous en effet que l'objet en linguistique n'existe pas, ^{pour lui-même} ~~n'existe pas~~ du moins que ~~pas~~ n'est pas déterminé, ~~il n'existe et il n'est~~ en lui-même, dès lors parler d'un objet, ~~est~~ com...

~~monter par invocar nommer un~~
~~objet, c'est commencer par invocar un~~
 point de vue A ~~très déterminé~~.

~~Après lui avoir donné un nom,~~
~~distinguer et nommer un certain objet~~
 selon A, qui n'a d'existence que selon
 A et absolument pas de l'ordre A, nous
 et qui ne serait pas même une chose
 délimitée hors de l'ordre A; - nous
 nous imaginons qu'en à l'instant où
 on se transporte dans B on peut sub-
 itement user de l'objet précédent comme
 composé il est permis parfois de voir
 peut-être (dans certains cas) de voir comment

O contínuo <e sutil> erro <de todas as> distinções linguísticas é acreditar que falando de um objeto de um certo ponto de vista estamos no pont, de fato, no dito ponto de vista; Lemb-que é em nove décimos dos casos é falso <justamente o contrário que é verdade> por uma razão muito simples: Lembremo-nos, com efeito, que o objeto da Linguística não existe <para começar> não existe apenas pelo menos-isso passar e menos de que não é determinado, ele não existe e ele não é de]] em si mesmo. Assim, falar de um objeto é começar por invocar nomear um objeto, é com por <não é nada mais do que> invocar um ponto de vista A bem determ[.]. Depois dele de ter dado um nome, distinguido e de nomear um certo objeto segundo <abandonado o ponto de vista> A, que não tem existência segundo A d absolutamente a não ser na ordem A, nós não imaginamos que em nenhum instante onde se transporta do B onde subitamente usa o objeto precedente como composto e que não seria mesmo uma coisa delimitada fora da ordem A, é permitido, por vezes ver talvez (em certos casos), ver como se apresenta esse objeto da ordem A, visto como

Figura 20 Reprodução de trecho da página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

36 ② ~~selon A~~ /
 Le présente est objet, vu selon B.
~~Mais à ce moment on oublie~~
~~régulièrement l'existence relative de~~
~~l'objet~~ A ce moment est-on dans
le point de vue A ou le point de
vue B ? Régulièrement il sera
 répondu qu'on est dans le point de
 vue B ; ~~mais nous affirmons~~ c'est
 parce qu'on a cédé une fois de plus
 à l'illusion des êtres linguistiques menant
 une existence indépendante. La plus
 difficile, ~~mais la plus~~ à saisir,
 mais la plus bénéficiante des vérités
 linguistiques est de comprendre qu'à
 ce moment on n'a pas cessé de
 au contraire de rester ^{fondamentaler} dans le point de vue A, parce
 du seul fait qu'on fait usage d'un ^{terme} ~~entité~~ de
 l'ordre A, dont la notion même nous
 échapperait selon B.

O presente, esse objeto, vai segundo B. Mas depois esquecemos regularmente a existência relativa de o objeto Neste momento, estamos no ponto de vista A ou do ponto de vista B? Regularmente será respondido que estamos no ponto de vista B; mas dizemos porque que cedemos uma vez mais à ilusão dos seres linguísticos mesmos uma existência independente. A mais difícil, mas a mais de entender, mas a mais benéfica das verdades linguísticas é entender que naquele momento não paramos de <pelo contrário,> permanecer <fundamentalmente> no ponto de vista A, porque <único fato> de que usamos uma entidade termo de ordem A, cuja noção mesma nos escapará segundo B.

Nas figuras 17 e 18, em que reproduzimos as páginas codificadas pelo catalogador do EDL como 3a e 3b, acompanhamos uma discussão saussuriana em que o foco está na confusão entre os pontos de vista, advindo da equívoca compreensão de que os objetos linguísticos são seres que possuem existência independente. Embora nesta ocasião, como se pode ver em leitura às páginas em destaque, Saussure não tenha se valido dos mesmos termos utilizados no N9 para sua problematização, como “matéria” e “substância”, sua preocupação, tal qual no manuscrito analisado na seção anterior, volta-se para a questão da terminologia linguística e da suposição de que os objetos linguísticos são dados de antemão.

O ponto de partida dessa reflexão, como demonstra a Figura 17, é o erro que há nas distinções linguísticas em acreditar que se pode falar de um objeto a partir de um certo ponto de vista e de acreditar que, de fato, encontra-se esse ponto de vista ao tratar do objeto. Como ressalta Saussure, é preciso lembrar que o objeto da Linguística não existe para começar, isto quer dizer que não é determinado em si mesmo como se pudéssemos falar dele a partir de diferentes pontos de vista que considerassem seus diferentes lados. É nesse sentido que, postula o linguista, falar de um objeto, isto é, dar nome a esse objeto, só é possível se recorremos a um ponto de vista A determinado. Esse objeto A, esclarece Saussure, só tem existência nessa ordem A, fora dela ele não tem absolutamente nenhuma existência. Por isso, não pode ser tomado numa ordem B, por exemplo, uma vez que sua existência limita-se à primeira ordem.

Na Figura 18, chamamos a atenção para o trecho rasurado nas primeiras linhas e que faz referência à “existência relativa do objeto”. Embora rasurado por Saussure, a nosso ver, ele nos dá vistas a um melhor compreensão do que propõe o genebrino nessas páginas e sustenta nosso argumento de que a noção de ponto de vista está, na teoria linguística do genebrino, imbricada na noção de relação. Se os objetos da Linguística não constituem seres que possuem existência independente dos pontos de vista, eles são, portanto, relativos, no sentido de que exprimem uma relação para cada um desses pontos de vista. Como vimos no N9, trata-se de uma relação de identidade criada por um ponto de vista.

A título de exemplificar suas reflexões sobre a confusão das distinções linguísticas, isto é, da terminologia, advinda da confusão dos pontos de vista e da suposição de que se trabalha com objetos dados

na Linguística, Saussure vale-se do termo “palavra” para demonstrar que as análises linguísticas, ao se valerem desse termo, acabavam por misturar os pontos de vista de análise.

Figura 21 Reprodução de trecho da página 004_f004 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

Ainsi bien des linguistes ~~peu~~ ^{peuvent}
~~s'être placés~~ ^{se placent} ~~à décrire les choses~~ ^{être sur un terrain}
 est physiologico-acoustique en faisant
 abstraction du sens du mot pour

Assim, muitos linguistas que pensam <estar situado> reduzem as coisas estar sob o terreno fisiológico-acústico ao fazer abstração do sentido da palavra para

Figura 22 Reprodução de página 004_f005 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

36 ③
 en considérer les éléments vocaux, ~~ou~~
 en disant que le mot champ au
 point de vue vocal est identique au mot
chant; ~~et~~ en disant que le mot
~~n'est pas complet si on~~ ^{comporte} une
 partie vocale qu'on va considérer, plus
 une autre partie ... etc. Mais d'où
 prend-on d'abord qu'il y a un mot?
 lequel aura devra être considéré à
~~un~~ ^{un} à différents points de vue? On ne tire
 cette idée elle-même que d'un certain

point de vue, car il m'est impossible
 de voir d'accorder que le mot, au milieu de
 tous les usages qu'on en fait, soit quel-
 que chose de donné, ~~en lui-même~~ et
 qui s'impose à moi comme la présence
 la perception d'une couleur

Le fait est que tant qu'on parle du mot a,
 du mot b, ou simplement du mot, on reste
 fondamentalement dans le donné MORPHO-
 LOGIQUE, en dépit de tous les points
 de vue qu'on prétend introduire, parce
 que le mot relève de l'ordre d'idées mor-
 phologiques, et qu'il n'y a pas de distinctions
 linguistiques indépendantes, ~~de sorte~~ T.S.K.P.

(est
 distinct
 par)

considerar seus elementos vocais ou dizendo que a palavra champ do ponto de vista vocal é idêntica à palavra chant; etc dizendo que a palavra ~~não está completa~~ se comporta uma parte vocal que se vai considerar, mais uma outra parte ... etc. Mas de onde se supõe, de início, que há uma palavra que deverá ~~será~~ deverá ser considerada <em seguida> de diferentes pontos de vista? Só se obtém essa ideia mesma de um determinado ponto de vista, porque é impossível de ~~conceder~~ <de ver> que a palavra, em meio a todos os usos que dela se faz, seja qualquer coisa dada em si mesma e que se imponha a mim como a percepção de uma cor [] O fato é que, quando se fala da palavra a, da palavra b ou, simplesmente da palavra, fica-se fundamentalmente no dado MORFOLÓGICO, a despeito de todos os pontos de vista que se pretenda introduzir, já que a palavra <é uma distinção> que vem da ordem das ideias morfológicas, e que não há distinções linguísticas independentes, ~~de sorte~~ T.S.V.P

A partir do que Saussure propõe no que reproduzimos nas figuras 18 e 19, vê-se que sua insatisfação estava, em primeiro lugar, no fato de muitos linguistas pensarem estar no terreno que ele denomina psicológico-acústico ao abstraírem o sentido da palavra e atestarem, por

exemplo, a identidade entre *champ* e *chant*. No entanto, para Saussure, a questão é ainda anterior: de onde pode-se supor que há, que existe uma palavra, em outros termos, o que permite afirmar que *champ* e *chant* sejam palavras distintas e que podem ser consideradas de diferentes pontos de vista? Para Saussure, o simples fato de se valer do termo *palavra* para o tratamento da identidade, bem se vê, estabelecida a partir do ponto de vista da figura vocal, aponta para uma confusão de pontos de vista. Isso porque sabe-se que fundamentalmente o conceito de *palavra* é morfológico e não deveria ser, portanto, tomada para uma discussão concernente a questões fisiológico-acústicas. É nesse sentido que, segundo o linguista, a constante necessidade de se determinar os objetos em cada ordem de análise da língua está na ausência total de entidades concretas, desse modo, resta ao linguista valer-se de entidades criadas por ele mesmo ou por seu próprio ponto de vista.

Figura 23 Reprodução de página 004_f007 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch_saussure_372bis.

54. 36 (5)
 éternellement donc le grammairien
 ou le linguiste ~~prend pour entité~~
~~concrète~~ nous donne pour entité
 concrète, et pour entité abstraite
 servant de base à ses opérations,
 l'entité abstraite et relative qu'il
 vient de ^{d'imaginer} ~~de définir~~ dans un chapitre
 précédent.
 Imaginez ce cercle vicieux, qui
 ne peut être brisé qu'en se ~~laissant~~
~~clairement compte une fois pour~~
~~toutes du néant de toute distinction~~
~~linguistique hors de la détermi-~~
~~nation exacte du~~

~~Substituant une fois pour toutes~~
~~en linguistique le POINT DE~~
~~VUE comme~~ la discussion des
 points de vue à celle des "faits",
 puisqu'il n'y a pas la moindre
 trace de fait linguistique hors
 d'un ~~point de vue donné~~.
 pas ~~C'est-à-dire~~ la moindre possibilité
 d'apercevoir un fait linguistique
 ou de déterminer
 hors de l'adoption préalable d'un
 point de vue.

Eternamente portanto o gramático ou o linguista toma por entidade concreta nos dá por entidade concreta, e por entidade absoluta que serve de base para as suas operações, entidades abstratas e relativas que ele acaba de recortar <de inventar> num capítulo precedente. Imenso círculo vicioso, que não pode ser rompido sem que se perceba claramente de uma vez por todas nada de toda distinção linguística fora da determinação exata do substituindo de uma vez por todas na Linguística o PONTÔ DE VISTA como a discussão dos pontos de vista àquela dos "fatos" já que não há o menor traço de fato linguístico fora de um ponto de vista dado isto é a menor possibilidade de perceber <ou de determinar> um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista.

No último excerto do EDL que recortamos para leitura, lançamos luz à conclusão a que Saussure chega a partir das reflexões desenvolvidas nesta primeira parte do documento e que procuramos destacar. A partir do que reproduzimos na Figura 20, vê-se como Saussure tece crítica aos gramáticos e aos linguistas que tomavam por concretas e absolutas certas entidades, como a palavra, por exemplo, quando na verdade estavam frente a entidades abstratas e relativas por eles mesmos forjadas. A questão principal, no entanto, está no fato de que os gramáticos e linguistas só podem trabalhar com entidades abstratas e relativas porque o fenômeno linguístico, o objeto, não é dado em si

mesmo, não tem existência independente. É nesse sentido, então, que, para Saussure, é preciso, de uma vez por todas, substituir a discussão dos fatos pela discussão dos pontos de vista, uma vez que, segundo ele, não há o menor traço de *fato linguístico* ou sequer a menor possibilidade de perceber ou de determinar um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista.

3.4 Das substâncias e dos fatos aos pontos de vista: a natureza do objeto da Linguística

Em análise ao manuscrito fonte de nosso enigma, realizada na seção 3.2 deste capítulo, demonstramos como Saussure parte de uma insatisfação com a terminologia linguística, que pressupunha a existência dos fenômenos linguísticos enquanto substâncias, para propor que não existe nada que seja dado fora do ponto de vista escolhido para a análise. Desse modo entendido, é o próprio ponto de vista que cria, que faz as coisas, os objetos, na Linguística.

Essa mesma insatisfação com a terminologia ou com as distinções linguísticas, ponto de referência central da afamada carta de Saussure enviada a Meillet, também pode ser lida, como demonstramos na seção 3.3, no documento EDL. Nele, Saussure sustenta que o objeto da Linguística não existe para começar, uma vez que nada se apresenta à análise do linguista de antemão. Nenhuma de suas entidades, embora concretas, são de fato físicas, porque a existência dos fatos em linguística está condicionada ao ponto de vista escolhido para a análise. Não há, na Linguística, objetos físicos, indivíduos dados em si mesmos. Tudo o que existe são pontos de vista, são relações criadas por eles. É nesse sentido, então, como postula Saussure, que é preciso substituir a discussão dos fatos na Linguística pela discussão sobre os pontos de vista.

A partir de nossas análises, foi possível observar que o ponto de partida de Saussure em direção à conclusão de que o ponto de vista cria o objeto, no primeiro manuscrito analisado, e de que é preciso substituir a questão dos fatos pela dos pontos de vista, no segundo manuscrito, está em sua insatisfação com a terminologia corrente. No entanto, o ponto de chegada de Saussure não é mais da mesma ordem. Isso porque, embora, em um primeiro momento, a preocupação repouse nas distinções linguísticas e no modo de proceder da Linguística vigente, a reflexão de Saussure que coloca

em causa o conceito de ponto de vista é resultante da própria natureza do objeto que Saussure estava por estabelecer. Desse modo, o que parecia ser um problema terminológico revela-se com um problema epistemológico.

Como observa Normand (2011, p. 15), não se pode simplesmente mudar as palavras, quando o que está em questão são conceitos de uma ciência: “[...] o que seria preciso fazer é perseguir a crítica terminológica pela elaboração de uma teoria realmente científica da linguagem e das línguas”. Assim, tanto o que ele propõe no N9 como no EDL está para além de uma simples questão terminológica. Está para a própria natureza do objeto da Linguística que cumpria demonstrar.

Capítulo 4

O enigma pela vista ampliada: panoramas editoriais

A proposta deste capítulo é, ainda fazendo uso de ferramentas que nos permitem uma visão ampliada, investigar o enigma do ponto de vista-objeto com foco, desta vez, nos panoramas editoriais do CLG. Para tanto, a leitura que propomos, no capítulo que iniciamos, vale-se de diferentes aparelhos críticos que nos permitem enxergar os pormenores do texto estabelecido por Bally e por Sechehaye e que podem dar-nos uma perspectiva ampla da questão do ponto de vista em sua relação com o objeto, estabelecida por Saussure e veiculada a partir da edição de 1916.

Assim, interessa-nos, num primeiro momento, lançar luz aos bastidores da edição com foco na relação entre o ponto de vista e o objeto, procurando investigar de que maneira a reflexão desenvolvida pelo genebrino no manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f.*, acompanhada por nós na primeira seção do capítulo anterior, compareceu no processo editorial do *Cours*. A partir disso, acreditamos, será possível examinar as razões das críticas lançadas ao CLG no que tange à apresentação de nosso enigma no texto publicado.

Para tanto, partimos do prefácio dos editores à edição do CLG que, a nosso ver, também figura-se como uma ferramenta para uma leitura ampliada da edição e de nosso enigma e, por isso, será considerada por nós neste capítulo. Em seguida, detemo-nos no documento nomeado *Collation*, que constitui uma prévia do que viria a ser o CLG, especialmente em duas folhas que nos dão vistas aos ensaios do que constituirá a primeira parte do capítulo “*Objeto da Linguística*”.

Num segundo momento, procuramos identificar o lugar da reflexão sobre o ponto de vista-objeto nas anotações dos alunos, no intuito de observar como ela comparece nas aulas ministradas por Saussure, as quais figuraram a base principal a partir da qual o CLG constituiu-se. A nosso ver, a análise dos cadernos dos alunos mostra-se pertinente, tendo em vista que as críticas lançadas à edição do CLG pautam-se no modo como se apresentam as ideias de Saussure

advindas do manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f. Nenhuma delas se propõe a investigar o lugar da assunção de que o ponto de vista cria o objeto e seus efeitos na ocasião dos cursos ministrados por Saussure em Genebra.

Para nós, uma análise dessa envergadura mostra-se importante porque, em primeiro lugar, ao tratar do ponto de vista e de sua relação com o objeto na teoria saussuriana e ao lançar críticas à edição relativas a esse quesito, os autores adeptos à perspectiva da dificuldade não se questionaram como tal questão foi abordada pelo próprio genebrino em seus cursos, que, vale lembrar, é a base para a edição de 1916. Em segundo lugar, tal análise é pertinente quando nos questionamos se é possível recuperar a compreensão capital de que o ponto de vista cria o objeto no pensamento de Saussure desenvolvido ao longo de seus três seus cursos.

Assim, com o intuito de demonstrar que, embora aparentemente ausente nas aulas de Saussure, a questão do ponto de vista-objeto circunscribe as reflexões saussurianas nos cursos, passamos à análise dos cadernos dos alunos, demonstrando de que maneira isso se dá. Para tanto, consideramos as edições de Komatsu e de Wolf do *Premier cours de linguistique générale* (1907) *d'après les cahiers d'Albert Riedlinger* (PCLG), publicada em 1996, do *Deuxième cours de linguistique générale* (1908-1909) *d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois* (SCLG) e do *Troisième cours de linguistique générale* (1910-1911): *d'après les cahiers d'Émile Constantin* (TCLG), organizada por Komatsu e por Harris em 1993.¹

Quanto às nossas estratégias de leitura das edições dos cadernos, é preciso esclarecer que não pretendemos uma leitura exaustiva. Não é, pois, nosso objetivo perseguir as aparições dos termos objeto e ponto de vista, mas sim examinar as reflexões relativas à compreensão de que o ponto de vista cria o objeto. Além disso, destacamos que essa leitura privilegiará aquilo que não se repete na edição do CLG, tendo em vista que as temáticas apresentadas no texto de 1916 serão foco de nossa análise no Capítulo 5 deste livro, quando trataremos de nosso enigma pela vista desarmada.

¹ É preciso esclarecer que o trabalho com as edições no lugar dos próprios cadernos dos alunos – ou de suas cópias – deve-se ao fato de que, diferentemente dos manuscritos saussurianos, os cadernos dos alunos restam, ainda, pouco acessíveis. Por isso, nossa análise, aqui, será empreendida a partir de suas edições. Por outro lado, optamos por não trabalhar apenas com a *Collation*, que, de certa maneira, reproduz esses cadernos, porque lá os conteúdos são apresentados depois de já tratados pelos editores.

4.1 Os esboços assaz antigos: a problemática da utilização e da combinação

O “Prefácio à Primeira Edição” do *Curso de Linguística Geral*, escrito em julho de 1915, ano anterior à publicação da edição, e assinado pelos organizadores da obra, é revelador de aspectos importantes da editoração do livro que propagou, às diferentes direções do globo, o pensamento fundador de Ferdinand de Saussure. Parte significativa do testemunho que nele se apresenta — bastante conhecida e referenciada ao longo dos mais de cem anos pós-publicação, e que, para nós, ainda merece destaque — é aquela que explicita as motivações dos discípulos saussurianos para a composição póstuma.

Segundo relatam, por vezes, foram espectadores da inquietude de Saussure frente à insuficiência dos princípios e dos métodos da Linguística. Tal inquietude, a nosso ver, faz eco com aquela que pode ser lida na carta escrita mais de uma década antes e enviada a Meillet, cuja leitura acompanhamos no capítulo anterior. Charles Bally e Albert Sechehaye veem, então, na ocasião dos cursos de Linguística Geral, ministrados na Universidade de Genebra entre os anos 1907 e 1911, o momento em que Saussure pode dar respostas — ainda que não definitivas, acreditamos² — àquelas perguntas que ele mesmo colocava. Tais reflexões de Linguística Geral, como se sabe, não vieram a público pelas mãos de Saussure. A respeito delas, Saussure nada publicou. “Todos que tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro” (BALLY; SECHEHAYE, 2012[1916], p. 24). Deixar esvaír as “ideias pessoais que [Saussure] amadurecera durante tantos anos” (BALLY; SECHEHAYE, 2012[1916], p. 24) não era, certamente, uma escolha plausível para os discípulos admiradores do pensamento saussuriano³.

O Prefácio, que ora retomamos, é revelador também dos impasses advindos dessa empreitada ambiciosa. Conforme o que nele se

² Afirmamos isso tendo em vista as constantes reformulações terminológicas operadas por Saussure e pelas dúvidas que confessou ter em conversas com um de seus alunos, Léopold Gautier (GODEL, 1969, p. 30).

³ O respeito e a admiração de Sechehaye pelo genebrino podem ser lidos em seu livro *Programme et méthodes de la linguistique théorique; psychologie du langage* (1908), na dedicatória feita a Saussure: “Foi o senhor que despertou em mim o interesse que tenho pelos problemas gerais da Linguística, e foi do senhor que recebi vários dos princípios que iluminaram meu percurso nestas pesquisas. Embora meu pensamento, na sequência, tenha tomado caminhos pessoais, ao escrever cada uma destas páginas minha ambição foi de merecer sua aprovação” (SECHEHAYE apud MERCER, 2016, p. 112).

apresenta, após a morte de Saussure, Bally e Sechehaye avistavam um simples arranjo das anotações do suíço com as de seus alunos. No entanto, de início, a correspondência entre aquilo escrito por Saussure e aquilo recebido e grafados por seus alunos mostrou-se laboriosa. “As gavetas de sua secretária não nos proporcionaram mais que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era *impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos*” (BALLY; SE-
CHEHAYE, 2012[1916], p. 24, grifo nosso).

Por ora, chamamos a atenção para o que os editores caracterizam no Prefácio como uma tarefa impossível, qual seja, utilizar e combinar os esboços autógrafos antigos às matérias dos três cursos, e que, adiante, serve-nos para uma problematização da questão do ponto de vista, a qual aqui mais nos interessa. Apesar da impossibilidade reclamada, ao longo do processo de editoração, a utilização e a combinação entre as notas manuscritas conhecidas e os cadernos dos alunos tornaram-se exequíveis. É o que, de maneira geral, as edições críticas de Godel (1969[1957]), retomadas mais tarde por De Mauro (1973[1969]), e de Engler 1989[1968] procuraram demonstrar: as minúcias dos arranjos de distintas anotações autógrafas de Saussure, aparentemente datadas de diferentes épocas, com as anotações retiradas dos cadernos de seus alunos.

Frente aos dilemas de publicar as anotações de Saussure e mesmo as dos alunos em suas formas originais ou de se limitar ao terceiro curso, segundo os editores, o mais definitivo, a opção foi por uma reconstituição ou síntese, baseada no terceiro curso, sem negligenciar “as riquezas abundantemente espalhadas nos dois outros” (p. 25). Não é demais esclarecer, como muitos já fizeram na história das ideias saussurianas, que a ordem dos editores privilegiou aquilo que, para eles, constitui a forma mais original do pensamento de Saussure e que aparece sobremaneira no último de seus cursos. É em razão disso que os editores do CLG renunciam a ordem cronológica em que os conteúdos foram ministrados por Saussure e organizam a edição ressaltando as proposições sobre a Linguística Sincrônica (cf. GODEL, 1969[1957], p. 99).

4.2 O *making off* do CLG e o ponto de vista-objeto: entre a inutilidade e o apagamento da questão

A afirmação saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto aparece na edição do CLG, como bem se sabe e como também explicitamos na introdução deste livro, em capítulo reservado ao tratamento

do “Objeto da Linguística”. Segundo De Mauro (1973, p. 416), com base na pesquisa realizada por Robert Godel — vale lembrar, o primeiro a tratar dos documentos manuscritos e das anotações dos alunos despendidos na organização do CLG —, as fontes utilizadas no primeiro parágrafo, que abre este capítulo, advêm da primeira lição do segundo curso, da primeira e da segunda lição do terceiro curso e de duas notas autógrafas de Saussure: uma, como veremos adiante, presumidamente escrita há quase uma década antes, outra na ocasião de preparação para o segundo curso.

A despeito do que trata cada uma dessas fontes, ponto inexplorado na ocasião da nota 46 de De Mauro (1973), chamamos a atenção, antes de tudo, para o fato de que os parágrafos da edição que guardam nosso enigma são resultados de uma investida combinatória, como vimos na seção anterior, reclamada como impossível: a utilização e a combinação dos esboços assaz antigos pareciam inconciliáveis com as anotações dos alunos. Isso posto, acompanhemos, de maneira mais esclarecedora, as temáticas de que tais fontes tratam e que, apesar da queixa dos editores, foram possíveis de ser combinadas.

De modo um tanto mais elucidativo, em sua edição crítica, Engler 1989[1968] também estabelece as fontes utilizadas nos primeiros parágrafos do capítulo “Objeto da Linguística”, nos quais a questão principal de nosso estudo aparece. Vejamos, no quadro a seguir, uma reprodução, a nosso modo, do trabalho de Engler no que diz respeito a esse ponto específico da reflexão saussuriana tal como é colocada na edição do CLG. Na primeira coluna, pode-se acompanhar o texto do CLG. Na segunda do quadro, estão informados os cadernos que, possivelmente, foram utilizados pelos editores. Na terceira e última coluna, aparecem os prováveis manuscritos saussurianos utilizados como fonte.

Quadro I – Fontes dos primeiros parágrafos do capítulo
“O objeto da Linguística” do CLG segundo Engler (1989[1968]).

Capítulo III OBJETO DA LINGUÍSTICA	Cadernos dos alunos	Fontes manuscritas
§ 1. A LÍNGUA: SUA DEFINIÇÃO Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil:	Curso: III Aluno(s): Dégalier, Mme. Secheyaye e Joseph	
veremos mais tarde por quê. Limitemo-nos, aqui, a esclarecer a dificuldade.	Editores	

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre.		N9
Alguém pronuncia a palavra <i>nu</i> : um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra:		N9
como som, como expressão duma ideia,	Curso: III Aluno(s): Dégalier, Mme. Sechehay e Joseph	N9
como correspondente ao latim <i>nudum</i> etc.		N9
Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras.		N9
Além disso, seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra. Por exemplo:	Curso: II Aluno(s): Riedlinger, Gautier, Bouchardy	N22
1º As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um <i>n</i> existe somente pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica.	Curso: II Aluno(s): Riedlinger, Gautier, Bouchardy	
2º Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa, fisiológica e mental. E ainda mais?	Curso: II Aluno(s): Riedlinger, Gautier, Bouchardy	
3º A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível de conceber um sem o outro. Finalmente:	Curso: III Aluno Dégalier	N22
4º A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado.	Curso: II Aluno(s): Riedlinger, Gautier, Bouchardy	

Conforme se acompanha no quadro apresentado, segundo Engler (1989[1968]), as fontes utilizadas nos primeiros parágrafos do capítulo em questão foram: i. anotações de Dégalier, de Mme. Secheyay e de Joseph do terceiro curso ministrado por Saussure na Universidade de Genebra; iii. também anotações de Dégalier desse mesmo curso; principalmente ii. anotações de Riedlinger, de Gautier, de Bouchardy do segundo curso de Saussure; iii. o manuscrito N9, nomeado *Notes pour un livre sur la linguistique générale 10 f.*; iv. também o manuscrito N22, *Notes pour le 2e Cours de linguistique générale*.

Uma leitura classificatória do conteúdo que se apresenta na primeira coluna, na qual reproduzimos o texto do CLG, permite-nos elencar algumas temáticas que, juntas, constituem as reflexões desse primeiro parágrafo, e fazer correspondência delas com diferentes fontes. A primeira delas é a questão do objeto que coloca em causa i. a sua própria definição, ii. as características de integridade e de concretude e iii. as dificuldades da questão. Como se pode acompanhar na segunda coluna do Quadro I, a fonte que, segundo Engler, parece ter sido utilizada para tal formulação em específico são anotações do terceiro curso de Saussure.

A segunda questão que se coloca é aquela relativa à natureza do objeto da Linguística. Para esclarecer por oposição o que acontece nesse âmbito de investigação, Saussure recorre aos procedimentos de outras ciências, que trabalham com objetos dados previamente, para esclarecer que, na Linguística, nada de semelhante acontece. Para tanto, ele se vale do exemplo da palavra *nu* que pode ser tomada, por um observador superficial, como um elemento concreto. No entanto, sob um olhar mais atento, ela pode constituir coisas perfeitamente diferentes, tendo em vista as maneiras de considerá-las. Sobre este ponto, bem se vê, a fonte exclusivamente utilizada é o manuscrito N9. Todavia, para discriminar “as coisas perfeitamente diferentes” a que se chega, dependendo da maneira de considerar, os editores valem-se tanto do manuscrito N9 como das considerações do terceiro curso. O exemplo dado, a palavra *nu*, vale observar, é retirado do manuscrito N9.

Já a segunda parte do segundo parágrafo, que comporta, digamos, o supramundo da questão do ponto de vista-objeto, foi formulada, segundo o que propõe Engler, unicamente a partir da fonte N9. Como base nesse pormenor editorial, visualizado pela ferramenta de análise crítica da edição do CLG proposta pelo austríaco, questionamo-nos se Saussure não teria se valido dessa proposição ao longo dos

cursos ministrados por ele. Estaria ela ausente das aulas de Saussure? Em caso afirmativo, é possível, ou de que maneira o é, recuperar essa discussão nas anotações dos alunos? O que teria possibilitado a associação dessa temática que aparece nos esboços dos cadernos dos alunos, como fora feito pelos editores?

A respeito das fontes manuscritas utilizadas na primeira parte do capítulo “O objeto da Linguística”, nomeada “A língua: sua definição” e em que nosso enigma aparece⁴, De Mauro (1973[1967], p. 416) esclarece, a partir do que propõe Godel (1957), que foram utilizadas duas notas autógrafas. Uma datada de 1893-94, reconhecidamente o documento *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f. (N9), e outra sobre o trabalho de Secheyay, *Programme et Méthodes* (N21). Os estudos desenvolvidos por Engler 1989[1968], anos mais tarde, no entanto, dão vistas a uma série mais extensa de anotações que poderiam ter sido utilizadas para a composição em questão, são elas: *Notes pour le Cours II* (N22), *Status et motus* (N11 e N12)⁵, *Notes écrites en vue d’un article sur W. D. Whitney* (N10), *De l’articulation* (N14), *Phonologie* (N5)⁶.

Apesar disso, o que mais nos chama a atenção no tocante às notas e, em particular, à utilização da nota N9 são os esclarecimentos pontuados pelo crítico italiano. Segundo ele explicita, a utilização desse documento — lembramos a fonte para a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto — foi proposta por Secheyay. No entanto, Bally queria deixá-las de lado. Nas palavras do italiano: “A nota de 1893-94, que Bally queria deixar de lado, é utilizada no segundo parágrafo do capítulo: [para Robert Godel] ‘ela representa talvez o nó das reflexões de F. de Saussure’”⁷ (DE MAURO, 1973, p. 416).

⁴ No Quadro I, reproduzimos apenas os primeiros parágrafos dessa parte, tendo em vista que é neles que o nosso enigma circunscreve-se.

⁵ Este documento foi catalogado por Robert Godel com o nome *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 19f. e codificado como N11-12. Bem se vê, é homônimo ao manuscrito N9, *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f. A escolha de Godel em nomeá-los assim está no fato de que, segundo ele, ambos os documentos constituem investidas para o livro de Linguística Geral, no entanto, esboçados em momentos distintos (GODEL, 1969[1957], p. 32-33). Engler sugere, porém, outra nomenclatura para o documento N11-12: *Status et motus*. Para uma análise conjunta desses documentos, ver Marques (2016).

⁶ Com a descoberta de novos documentos em 1958, os manuscritos saussurianos então conhecidos receberam nova classificação por parte de Godel (1960, p. 4) o que faz com que o código dos documentos, N5, N21, por exemplo, varie na literatura saussuriana.

⁷ Tradução nossa: “La note de 1893-94, que Bally aurait voulu laisser de côté, est utilisée dans le second alinéa du chapitre: ‘il représente peut-être le noeud des réflexions de F. de S.’”

Para nós, a afirmação de De Mauro a respeito das notas que dão corpo ao nosso enigma também entendido — vale lembrar, como o teorema epistemológico que talvez funcione como o fundamento de toda a teoria saussuriana, para Engler (1995), ou como o princípio epistemológico regente de todos os outros, para Normand (2011) — é, no mínimo, impactante. Não bastasse as críticas à edição, de os editores terem negligenciado essa discussão no CLG, De Mauro lança luz à possibilidade de ela sequer ter aparecido na edição póstuma.

A informação de que Bally queria deixar de lado as anotações do documento N9 não ganha maiores desdobramentos no estudo de De Mauro (1973). No entanto, esse dado da filologia saussuriana, que coloca em causa a entrada ou não da discussão a respeito do ponto de vista na criação do objeto na composição do CLG, pode ser mais bem esclarecido em leitura ao próprio trabalho de Godel, de onde a informação filológica advém.

Segundo o que certifica Godel (1969[1957], p. 96), no capítulo *Le travail des éditeurs*, de suas *Sources manuscrites...*, à margem do documento *Extraits*⁸ — cópia feita por Sechehaye das anotações de Saussure disponibilizadas a ele — há anotações de ambos os editores. Nas bordas do extrato 9, anotações correspondentes ao manuscrito N9, encontram-se as seguintes afirmações, de Albert Sechehaye e Charles Bally, respectivamente: “Aqui está um ponto que *notre rédaction* apagou quase inteiramente” e “Inutilizável, como já observei no início: inutile para mim”⁹ (BALLY; SECHEHAYE apud GODEL, 1969[1957], grifo de Godel).

As palavras dos editores trazem para nosso estudo questões importantes. A primeira é o fato de Sechehaye, por si mesmo, reconhecer que a redação do CLG quase apagou inteiramente a discussão do manuscrito N9, isto é, do ponto de vista-objeto. A segunda é que Bally foi categórico em afirmar a inutilidade de tais notas autógrafas: eram, para ele, inutilizáveis, inúteis. A nosso ver, a confissão de Sechehaye e a assunção de Bally poderiam, para um leitor adepto à perspectiva da dificuldade, confirmar as críticas estabelecidas por Engler e por Pétroff, acompanhadas no primeiro capítulo deste livro, que embora

⁸ Em 1954, Godel publicou, na 12ª edição do *CFS*, as anotações de Saussure depois de já copiadas por Sechehaye e que foram arquivadas na Biblioteca de Genebra sob a inscrição Ms. Cours univ. 435. Segundo Sofia (2015), ao que tudo indica Sechehaye havia copiado as anotações de Saussure, porque tinha de devolver tais documentos.

⁹ Tradução nossa de: “Voilà un point de vue que *notre rédaction* efface quasi entièrement ” e “Inutilisable, qui a déjà noté au début: Inutile selon moi”.

não se valham desse dado filológico, acusam a edição por isso mesmo. Vale lembrar que, para eles, a edição descontextualizou a discussão do manuscrito N9 e quase apagou inteiramente o conceito de ponto de vista. Por essa via de análise, a caracterização do enigma do ponto de vista pelo atributo *apagamento* se mostraria ainda mais justificada.

De nossa parte, parece-nos válido sustentar que o modo como as anotações de Saussure sobre o ponto de vista são tratadas por Sechehaye e como são caracterizadas por Bally, isto é, como inúteis, permite-nos ver que as ideias de Saussure seguiram, ao longo de sua história, seu curso próprio, inimaginável, é claro, na ocasião de edição do CLG. Isso porque, embora quase inutilizada, sob a proposição de Bally, e quase apagada, pela redação de Sechehaye, a questão do ponto de vista em Saussure não deixou de ser lida, nas páginas da edição, a partir do que Normand (2009[2000], 2011) chamou de novidade radical.

Quem diria hoje, depois de tantos anos, que a discussão sobre o ponto de vista e seu papel na criação do objeto seria inútil? É o que Godel, já na ocasião de sua edição crítica, procura fortemente rebater, afirmando que talvez ela seja o nó do pensamento saussuriano. Parece-nos, então, que, a contragosto de Bally e do lugar restrito reservado a ela por Sechehaye, a questão do ponto de vista no pensamento de Saussure não pode ser apagada.

Apesar de sua pontualidade no texto de 1916, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto compõe coro com o cabedal teórico de Ferdinand de Saussure, o que, a nosso ver, levou Godel, Engler, Normand, Pétroff, para citar alguns, a observar sua centralidade para o pensamento do mestre. Resta-nos saber, e é o que procuraremos demonstrar adiante, de que maneira a força dessa reflexão, cuja tendência à inutilização e ao apagamento não foi capaz de aniquilar, pode ser lida em composição com as demais proposições saussurianas.

Ainda no que tange ao lugar do ponto de vista-objeto no processo de edição do CLG, chamamos a atenção para a *Collation* dos editores. Segundo Sofia (2015), a *Collation*, escrita por Sechehaye, constitui um esboço ou uma primeira versão do que seria o CLG. Esse documento, como foi arquivado, lança luz a um arranjo das anotações dos alunos. É, portanto, anterior à combinação dos escritos de Saussure. Por essa razão, a discussão sobre o ponto de vista ou, mais especificamente, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto não aparece no contexto inicial da *Collation*. No entanto, alguns aspectos dessa formação interessam-nos, pois, acreditamos, coloca questões importantes para

a combinação que os editores fazem entre a reflexão do N9 e os cadernos dos alunos. Acompanhem, pois, o esboço inicial do capítulo “Objeto da Linguística”.

Figura 24 Reprodução de página 14 da Collation. Fonte: SOFIA, 2015, p. 29.

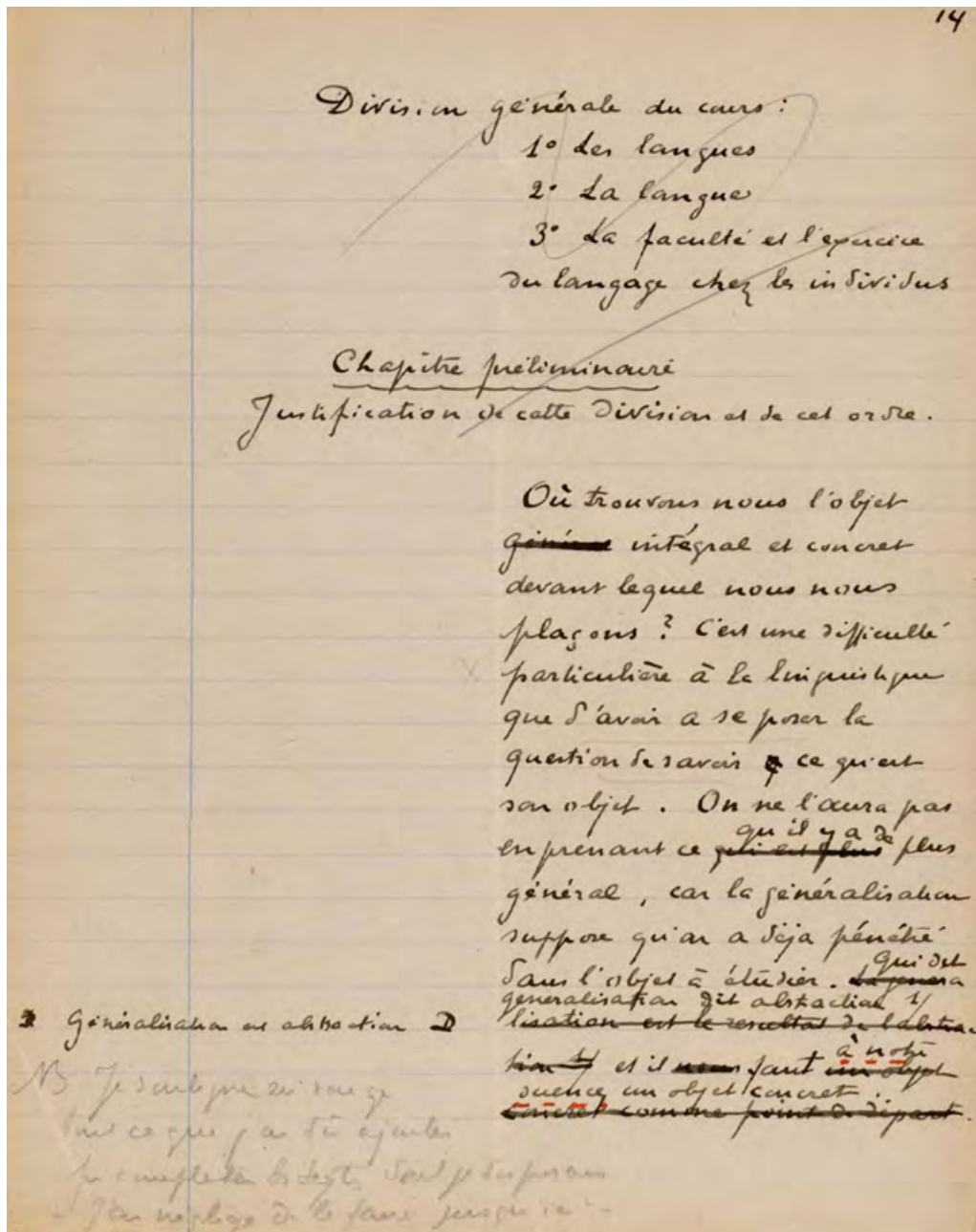


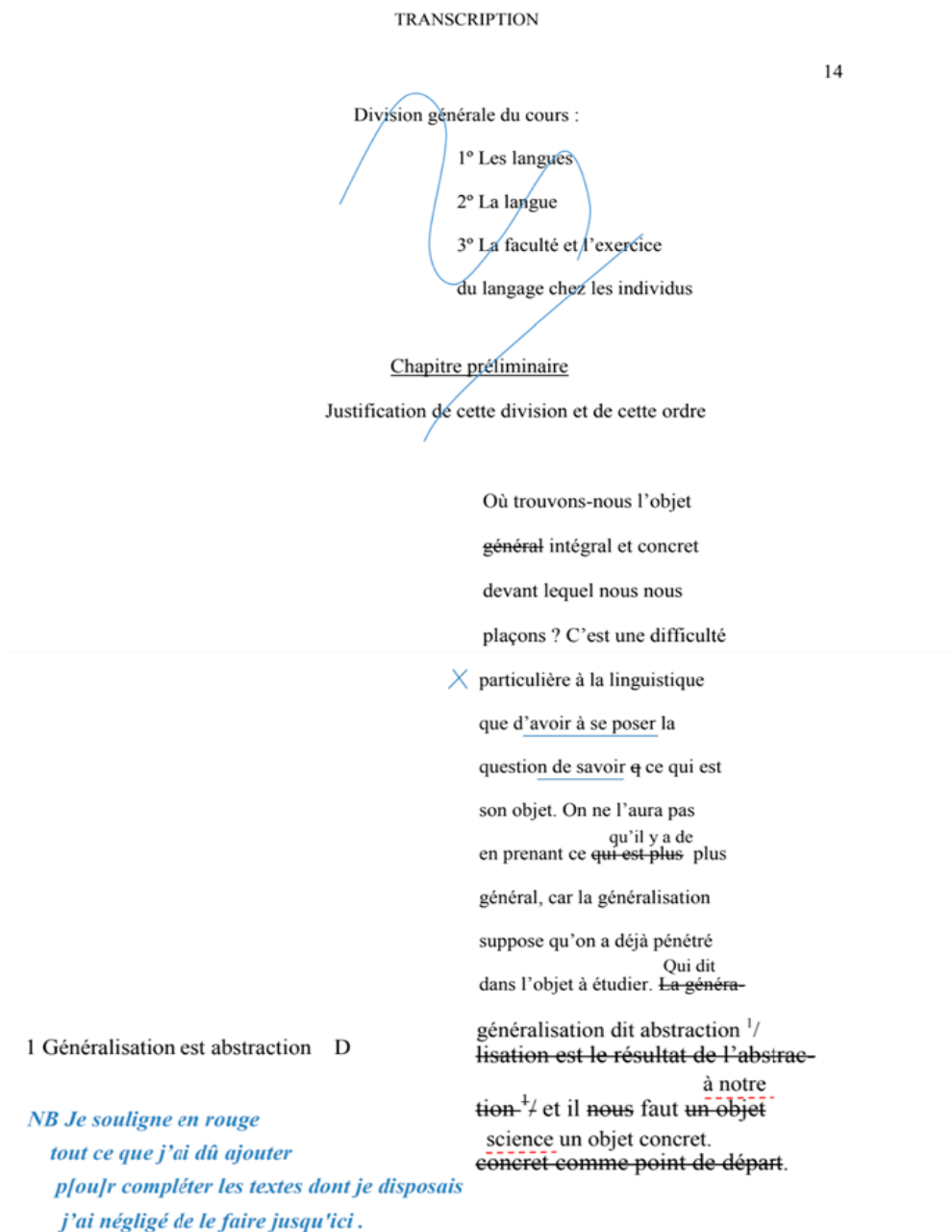
Figura 25 Transcrição da página 14 da Collation. Fonte: SOFIA, 2015, p. 30.

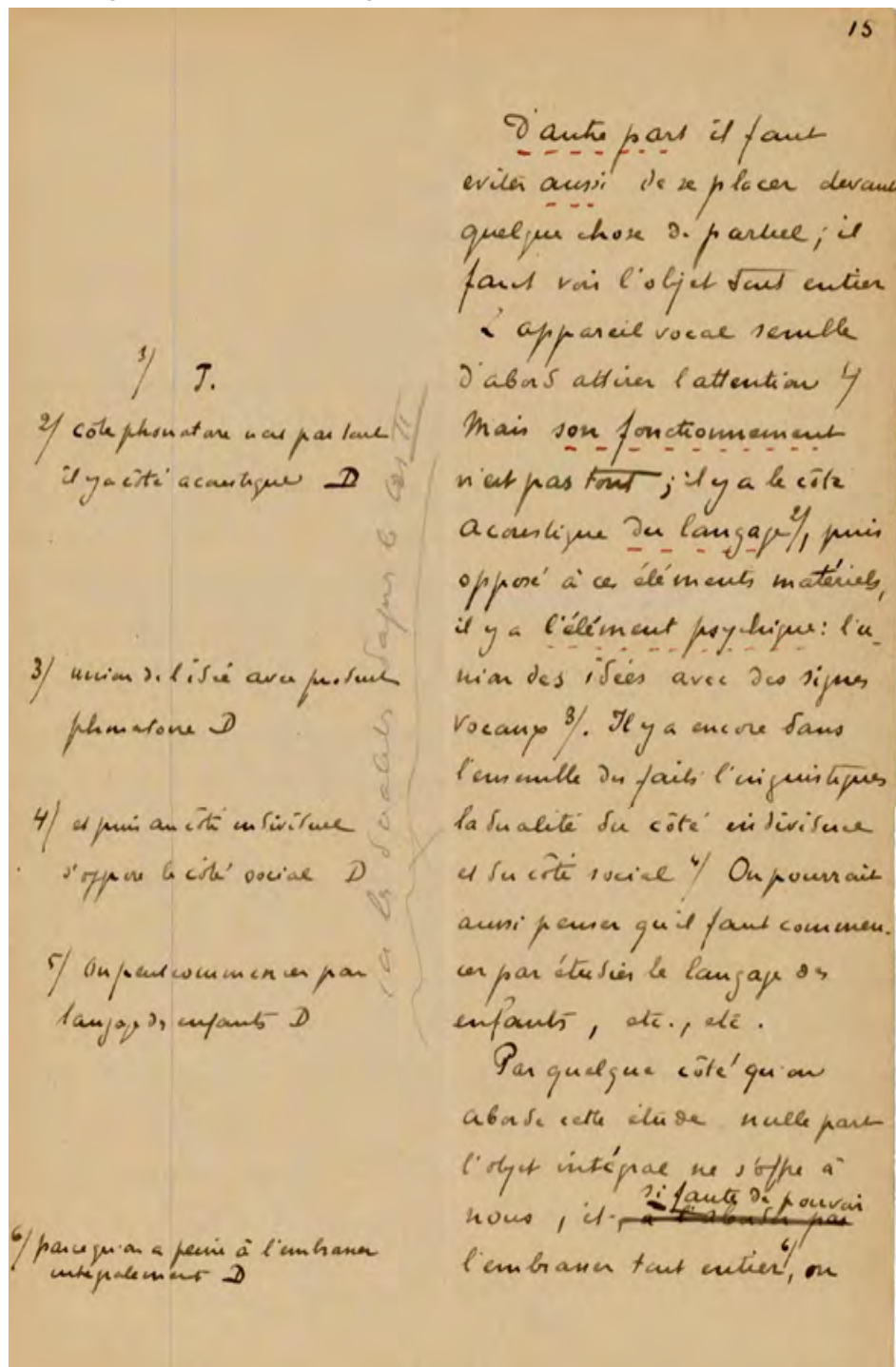
Figura 26 Reprodução de página 15 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 31.

Figura 27 Transcrição da página 14 da *Collation*. Fonte: SOFIA, 2015, p. 32.

TRANSCRIPTION

15

¹/ J.
²/ côté phonatoire n'est pas tout
il y a côté acoustique D
³/ union de l'idée avec produit
phonatoire D
⁴/ et puis au côté individuel
s'oppose le côté social D
⁵/ On peut commencer par
langage des enfants D
⁶/ parce qu'on a peine à l'embrasser
intégralement D

Ici les dualités d'après le *crs II*

D'autre part il faut
éviter aussi de se placer devant
quelque chose de partiel ; il
faut voir l'objet tout entier.
L'appareil vocal semble
d'abord attirer l'attention ¹/
Mais son fonctionnement
n'est pas tout ; il y a le côté
acoustique du langage ²/
opposé à ces éléments matériels,
il y a l'élément psychique : l'u-
nion des idées avec des signes
vocaux ³/
Il y a encore dans
l'ensemble des faits linguistiques
la dualité du côté individuel
et du côté social ⁴/
On pourrait
aussi penser qu'il faut commen-
cer par étudier le langage des
enfants, etc. etc. [⁵/
Par quelque côté qu'on
aborde cette étude, nulle part
l'objet intégral ne s'offre à
si ~~faute de pouvoir~~
nous, ~~et, à l'aborder par~~
l'embrasser tout entier ⁶/
on

Em análise às páginas selecionadas da *Collation*, que são acompanhadas de suas transcrições estabelecidas por Estanislao Sofia (2015), é possível observar que o texto de Sechehayé, sobreposto por observações de Bally escritas a lápis e em vermelho, é aquele que, mais tarde, nas páginas da edição, ganha lugar nos parágrafos iniciais do capítulo “Objeto da Linguística”. Como em sua versão final, a reflexão parte da dificuldade de estabelecer o objeto integral e concreto da Linguística, como vimos no Quadro I, problematizada por Saussure em seu terceiro curso.

Uma primeira questão que nas folhas em análise merece destaque é da relação entre generalização e abstração que, embora levantada no processo de edição, não aparece na versão final do CLG. Vejamos que, em um primeiro momento, na folha 14, o texto propõe que não é possível encontrarmos nosso objeto integral e concreto tomando o que é de mais geral. Isso porque a generalização pressupõe que já tenhamos penetrado no objeto a ser estudado. Além disso, a inadequação da generalização está no fato de que ela pressupõe abstração, um problema quando se tem em vista um objeto concreto.

A relação entre a generalização e a abstração parece ter figurado uma problemática para os editores. Vejamos como ela é, por diversas vezes, reformulada: ~~“A generalização é o resultado da abstração”~~. “Quem diz generalização diz abstração”. E, em um inciso lateral esquerdo, “Generalização é abstração”. Isso pode, talvez, ter sido a razão de ela ser retirada da reflexão acerca da constituição do objeto da Linguística. Por ora, chamamos a atenção para o fato de que, como vimos no capítulo anterior, tais operações, generalização e abstração, aparecerem tanto no contexto de reflexão do manuscrito N9 como do EDL de maneira intimamente associada à questão do ponto de vista e à tentativa de esclarecer a natureza dos objetos linguísticos e, diferentemente do que ocorre com os editores, elas não parecem ter sido um ponto de dúvida para Saussure. Isso nos leva a crer que tais operações figuravam como uma constante preocupação de Saussure na delimitação do objeto e, por isso, cabe ser mais bem investigadas quanto a sua presença nos cadernos dos alunos.

Quanto às reflexões da folha 15, chamamos a atenção para o fato de que elas se iniciam com o imperativo de não se colocar frente a algo parcial, correlativo à necessidade de observar o objeto todo inteiro. No entanto, a diversidade de lados pelos quais os objetos podem ser tratados, quais sejam, pelo lado acústico, pelo lado da união do signo com as ideias, pelo lado individual, pelo lado social, leva à conclusão

de que, em nenhum lado que se aborda, o objeto mostra-se integral. A nosso ver, tal conclusão leva à compreensão de que o objeto linguístico só pode ser tomado a partir de seus diferentes lados, tendo em vista que não se mostra de modo integral, o que abre espaço para a questão do ponto de vista. Apesar disso, como se pode ver no documento dos editores, nesta ocasião de elaboração teórica, retiradas de anotações do terceiro curso de Saussure, o objeto não é tomado enquanto criação do ponto de vista.

Os extratos do manuscrito N9 foram associados ao texto da *Collation*, certamente por Secheyaye, num momento posterior. Godel (1969[1957], p. 98) reforça o trabalho conjunto dos editores que “sempre confrontaram suas visões”¹⁰. Segundo ele, “podemos ter certeza de que cada capítulo ou parágrafo do livro foi discutido, e o texto definitivo estabelecido em um comum acordo”¹¹. No entanto, no que concerne às anotações do manuscrito N9, dentre outros itens, Godel (1969[1957], p. 97) mesmo destaca que a opinião de Secheyaye prevaleceu.

Como indicam as ferramentas críticas de leitura por nós utilizadas, a fonte para a elaboração da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto foi exclusivamente o manuscrito N9, escrito, é válido lembrar, muito antes dos cursos de Genebra. Ao que tudo indica, então, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto, pelo menos como antecipam as edições críticas e, pelo menos assim formulada, não se fez presentes nas aulas de Saussure. Apesar disso, pela leitura do trecho selecionado da *Collation*, é possível observar, em um primeiro momento, que a discussão feita no terceiro curso de Saussure circunda nosso enigma, sem, porém, tocá-lo.

Apesar disso, é preciso lembrar como fazem Komatsu e Wolf (1996), que muito do que fora dito por Saussure e anotado por seus alunos nunca se tornou conhecido pelo grande público. Embora a edição valha-se dessas anotações, o CLG é resultado de um recorte, de uma seleção, de uma síntese, como esclarecem os editores. Assim, movidos pelo interesse em investigar se e de que maneira nosso enigma comparece às aulas de Saussure, passamos, então, a uma leitura das anotações de alunos que participaram de seus cursos na Universidade de Genebra.

¹⁰ Tradução nossa de: “ont toujours confronté leurs vues”

¹¹ Tradução nossa de: “on peut être certain que chaque chapitre ou paragraphe du livre a été discuté, et le texte définitif établi d’un commun accord. “

4.3 O ponto de vista-objeto nos cursos de Linguística Geral: uma questão suspensa?

Considerando o que esclarecem as edições críticas do CLG, a asunção de que o ponto de vista cria o objeto parece, à primeira vista, não ter sido tema tratado por Saussure em suas aulas que tratam, vale lembrar da Linguística Geral e de seu objeto. Tal qual postula Engler, como vimos anteriormente, a única fonte utilizada para a proposição do enigma por nós investigado foi o manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique générale* 10f., cuja reflexão, já explicitamos na seção 4.2, fora alvo de uma dupla problemática editorial: a inutilidade, pela perspectiva de Bally, e o quase apagamento, pela redação de Sechehaye.

Em uma análise aprofundada dos cadernos de alunos que frequentaram os cursos ministrados pelo genebrino, que tenha como foco principal a questão do ponto de vista em sua relação com o objeto, o primeiro aspecto que é preciso destacar é que, tal como aparece na edição do CLG, a afirmação de que o ponto de vista cria o objeto de fato não se apresenta nas anotações de Albert Riedlinger, relativas ao primeiro e ao segundo curso, nem mesmo nas anotações de Émile Constantin, relativas ao terceiro. Essas últimas, vale lembrar, não foram utilizadas pelos editores, mas, como as primeiras, dão-nos um panorama das aulas de Saussure.

Todavia, o segundo aspecto que tal análise mostra-nos é que, embora aparentemente ausente das reflexões que Saussure desenvolve em suas aulas, com base no que explicitam os cadernos dos alunos, a discussão que coloca em causa o ponto de vista na criação do objeto da Linguística ganha corpo de outras maneiras ao longo dos cursos de Saussure. Assim, ainda que não se apresente nos termos da conhecida proposição de que o ponto de vista cria o objeto, tal asunção, a nosso ver, materializa-se em distintas reflexões que são desenvolvidas ao longo dos cursos de Linguística Geral dados por Saussure em Genebra.

Dessa maneira, se, por um lado, as edições críticas apontam para a ausência da questão ponto de vista-objeto nas aulas do genebrino, nossa análise aponta para uma conclusão distinta: a compreensão de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto não se recupera de maneira explícita nos cursos de Saussure, mas tacitamente em outras reflexões que juntas constituem o cabedal teórico do linguista.

Assim, é com o intuito de demonstrar de que maneira o enigma do ponto de vista-objeto é constituinte do pensamento de Saussure

em suas diferentes reflexões desenvolvidas em suas aulas que passamos à leitura de cadernos de seus alunos. Nosso objetivo é explicitar que algumas reflexões, abordadas em todos os três cursos, convergem para a distinta relação que o linguista estabelece com o objeto de sua ciência e que, a nosso ver, correlaciona-se com aquela estabelecida pelo enigma investigado.

Tomando tais itens teóricos com fio condutor de nossas análises e argumentação, avançamos, então, a uma leitura concomitante dos cadernos de Albert Riedlinger, do primeiro e segundo curso, e de Émile Constantin, do terceiro. Desse modo, renunciamos o processo de desenvolvimento das ideias de Saussure em seu três — uma vez que nossa perspectiva não será a cronológica, mas sim a temática — para dar ênfase às reflexões, comuns aos três cursos, em que repercute a questão do ponto de vista-objeto.

4.3.1 Uma vista d'olhos nos cadernos dos alunos

Uma leitura das edições dos cadernos dos alunos de que dispomos, com vistas à questão do ponto de vista e do objeto, permite-nos observar que, em todos os três cursos de Linguística Geral, para tratar da distinta natureza do objeto da Linguística, Saussure perseguiu a problemática que coloca em causa o que é abstrato e o que é concreto no campo de investigação da língua. Para nós, é no tratamento dessa questão, que se dá variadas vezes, de maneiras distintas e, ainda, permeada pelos vários conceitos e reflexões saussurianos, que o genebrino circunda o enigma do ponto de vista-objeto em suas aulas.

Como vimos em análise às anotações manuscritas de Saussure, desenvolvidas tanto a partir do manuscrito N9 como a partir do manuscrito EDL, na reflexão sobre a natureza dos objetos da Linguística e do conseqüente papel do ponto de vista frente a eles, Saussure lança mão da questão da abstração, argumentando que, em nosso domínio, os objetos não são dados de antemão, são resultados da operação do espírito, são resultados, pois, da operação de generalização e, destacamos, da operação de abstração.

Se, no contexto dos escritos, Saussure mostra-se certo de que a operação de abstração, também tomada como generalização, está atrelada ao fenômeno linguístico, que não apresenta em qualquer de suas manifestações substâncias, na ocasião de suas aulas ele percorre caminho de demonstração distinto. Procurando livrar nossa atenção da-

quilo que é resultado de pura abstração, isto é, procurando dar um passo atrás daquilo que já é resultado de uma operação intelectual — como, por exemplo, a categoria de palavra, unidade da análise morfológica do gramático — ele busca aquilo que constitui as realidades primeiras da Linguística, isto é, seus fatos concretos.

Assim, o que se observa é que, no contexto de elaboração teórica que se dá nos manuscritos, Saussure parece resolvido quanto à questão da operação de abstração e de generalização. Como vimos em análise à Figura 18, concernente ao EDL, Saussure atesta que as entidades com as quais o linguista pode operar já são produto de uma operação latente do espírito. No contexto de ensino, por outro lado, Saussure parte em busca das entidades linguísticas concretas para demonstrar que o objeto da Linguística não é dado de antemão.

Era preciso dar um passo atrás naquilo que havia se instituído no campo de estudos da língua, livrar a análise linguística da camada de abstração, para explicitar a verdadeira natureza do fato linguístico e as maneiras apropriadas de considerá-lo. Desse modo, ao percorrer a busca por entidades concretas, Saussure dá as bases para o entendimento de um objeto científico distinto, que não se apresenta de antemão como seres concretos, pois são resultados de relações entre relações, que são estabelecidas pelo espírito, do falante também do linguista/falante e nas quais estão a realidade, isto é, a concretude do fato linguístico.

Tendo isso em vista, em análise aos cadernos dos alunos, uma primeira discussão que, a nosso ver, é preciso destacar é a que Saussure estabelece, no Primeiro Curso de Linguística Geral, em que ele sustenta que a realidade dos fatos da língua não está na fisiologia fonológica. Nessa reflexão, Saussure postula, segundo as anotações dos alunos, a língua enquanto um sistema de signos e destaca, ao mesmo tempo, o fato de esse sistema ser feito por relação e a operação do espírito frente a esse sistema.

Chegamos à fisiologia fonológica através da escrita e na ocasião da escrita: tivemos que resolver o caminho das incertezas da escrita. Não se segue que a fisiologia fonológica seja um *a b c*, a base ou parte integrante da Linguística. Até agora, como já apontamos, não temos ainda fato linguístico: A língua é um sistema de signos: **o que faz a língua é a relação que estabelece o espírito entre os signos**. A matéria, nela mesma, desses signos pode ser considerada como indiferente. Nós somos obrigados, é verdade, a nos servir dos signos por uma matéria fônica e por uma só matéria, mas, mesmo se os sons mudam, a Linguística não se ocuparia disso:

desde que as relações permaneçam as mesmas. (ex. os signos marítimos: não será alterado o sistema se as cores das paletas desbotam!) Os sons são apenas o material necessário.¹² (SAUSSURE, 1996, p. 23, grifo nosso)

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer o contexto de reflexão de onde foi originalmente retirado esse excerto: trata-se de uma espécie de conclusão para as aulas sobre os Princípios Fonológicos. Em segundo lugar, é preciso destacar o posicionamento de Saussure sobre as questões da Fonologia fisiológica, isto é, da Fonologia que trata da produção e da percepção dos sons, que tal excerto retrata. Para o linguista, o tratamento fisiológico e fonológico dos sons, amplamente desenvolvido por ele na sua reflexão, não podia dizer-se linguístico. Tal assunção, certamente estranha ao modo de se fazer Linguística até então, é resultante de seu particular modo de compreender o que é a língua. Para Saussure, a língua é um sistema de signos e o que faz a língua é a relação que o espírito estabelece entre os signos. Não se tem ainda fato linguístico quando se considera apenas os sons.

Em terceiro lugar evidenciamos que, para explicitar sua compreensão de língua enquanto um sistema de signos, bem se vê, Saussure chama a atenção para as relações estabelecidas entre os signos desse sistema, pois são elas que o constituem. É preciso lembrar, para aqueles menos familiarizados com a teoria linguística saussuriana, que as noções de sistema e de relação são conceitos chave no pensamento do mestre e mesmo correlatos: um sistema pressupõe relações; funciona por meio delas; na proposição de Saussure, as relações constituem o sistema linguístico.

Além disso, voltemos nosso foco para o agente estabelecedor de tais relações: é o *espírito* que estabelece as relações entre os signos da língua. Parece-nos que não é demais esclarecer que o termo *espírito*, tal como fora utilizado na tradição filosófica, refere-se à mente,

¹² Tradução nossa de: “Nous sommes venus à la physiologie phonologique par l’écriture et à l’occasion de l’écriture: il fallait fixer le moyen de sortir des incertitudes de l’écriture. Il n’en résulte pas que la physiologie phonologique soit l’*a b c*, la base ou une partie intégrante de la linguistique. Jusqu’ici, comme nous le faisons déjà remarquer, nous n’avons pas fait de linguistique: La langue est un système de signaux: ce qui fait la langue c’est le rapport qu’établit l’esprit entre ces signaux. La matière, en elle-même, de ces signaux peut être considérée comme indifférente. Nous sommes obligés il est vrai de nous servir pour les signaux d’une matière phonique et d’une seule matière, mais même si les sons changeaient, la linguistique ne s’en occuperait pas, pourvu que les rapports restent les mêmes; (ex. des signaux maritimes: il ne sera rien change au système si les couleurs des palettes déteignent!) <Lessons ne sont que la matière nécessaire.>”

ao intelecto, à razão. Desse modo entendido, é a mente, a razão que estabelece as relações constitutivas do sistema que é a língua.

O esclarecimento que Saussure traça logo em seguida é de fundamental importância para a compreensão do sistema da língua proposto por ele. Tal como postula, a matéria da qual os signos valem-se nela mesma é indiferente. Isso porque são as relações primordiais para esse sistema, não a matéria de seus elementos, isto é, os sons. Eles constituem apenas material necessário. Na visão do linguista, é dessas relações, constitutivas do sistema e estabelecidas pelo espírito — como veremos adiante, na consciência do sujeito falante –, que a Linguística ou a análise do linguista deve ocupar-se.

Ao se referir ao *espírito* no excerto em estudo, Saussure não deixa claro que se trata do *espírito* do sujeito falante, ou do que se passa em sua consciência, mas é o que a sua teoria nos fará compreender. Quanto à função do *espírito*, é preciso adiantar, será correlata ao papel daqueles que se interessam em investigar o fenômeno linguístico. É nesse sentido que, a nosso ver, a função do espírito aproxima-se daquela designada pela edição do CLG: o ponto de vista.

Tendo em vista que é a consciência do sujeito falante que estabelece as relações entre os signos constitutivos do sistema e que o linguista deve-se colocar na posição do falante, é o linguista que, igualmente, estabelecerá tais relações. Desse modo entendido, parece-nos possível uma correlação com o papel do ponto de vista frente ao fenômeno linguístico. É o ponto de vista do linguista, que, adotando a posição do sujeito falante, cria as relações do sistema, cria, portanto, seu objeto de estudo.

Ainda no que diz respeito ao excerto em análise, é preciso pontuar que ele coloca em causa a imaterialidade dos fenômenos linguísticos que a compreensão de que a língua é um sistema e, mais precisamente, de que o ponto de vista ou o espírito faz a língua pressupõem. Para Saussure, como se pode ver, a matéria dos signos, embora necessária, é indiferente.

Tal reflexão também é desenvolvida no Segundo Curso de Linguística Geral, em que Saussure procura esclarecer a natureza distinta do objeto da Linguística em comparação a outras ciências em que os objetos e as unidades desses objetos são dados de antemão.

A linguagem, ao contrário, 1) tem fundamentalmente o caráter de um sistema que se baseia em oposições (como um jogo de xadrez <com as diferentes combinações de forças atribuídas às diferentes peças>). A lín-

gua está inteiramente na oposição de certas unidades e não possui outro substrato (a língua consiste apenas nessas unidades! Existe na linguagem apenas o jogo dessas unidades, aquele em relação ao outros)> não podemos ficar sem conhecer essas unidades; [...].¹³ (SAUSSURE, 1997, p. 18)

Desse excerto, em que Saussure vale-se do conhecido exemplo do jogo de xadrez para explicitar o funcionamento do sistema linguístico, chamamos a atenção para questão do substrato — nos termos do manuscrito N9, da substância — problematizada. A língua não possui outra essência senão as relações opositivas que se estabelecem entre suas unidades, o que impõem a necessidade de discernimo-las.

Para uma melhor compreensão da natureza dessas unidades, que possui uma essência relacional e não material, no Terceiro Curso de Linguística Geral, Saussure lança mão da problemática das entidades na Linguística, a partir de uma definição dada pelo dicionário ao termo entidade. Segundo o que ele estabelece:

Entidades: essência, o que constitui um ser (esta é a definição do dicionário). Em certos campos da ciência, temos diante de nós seres organizados, e falaremos dos seres. Em áreas como a da língua, **não podemos dizer que os diferentes seres se oferecem subitamente à visão**; é preciso escolher uma palavra. Entidade é, para nós, também: o ser que se apresenta.¹⁴ (SAUSSURE, 1993, p. 78)

O problema das entidades da língua está no fato de que, nesse campo de investigação, o que é essencial, isto é, o que constitui um ser, não se oferece subitamente à visão — nos termos da proposição por nós investigada, não precede o ponto de vista de quem se põe a observar a língua. Segundo o que propõe Saussure, é necessário escolher uma palavra, em outros termos, é necessário recortar, criar um objeto. É nesse sentido que Saussure destaca que o ser em Linguística não se apresenta à visão.

¹³ Tradução nossa de: “Le langage par contre 1) a fondamentalement le caractère d’un système qui est fondé sur des oppositions (comme un jeu d’échecs <avec les différentes combinaisons de forces attribuées aux différentes pièces>). La langue étant tout entière dans l’opposition de certain unités et n’ayant pas d’autre substrat (la langue ne consiste qu’en ces unités ! Il n’y a dans la langue que le jeu de ces unités les unes par rapport aux autres)> on ne peut pas se passer de connaître ces unités; [...]”

¹⁴ Tradução nossa de: “Entités: essence, ce qui constitue un être (c’est la définition du dictionnaire). Dans certains domaines de science, on a devant soi des être organisés, et on parlera d’êtres. Dans des domaines comme celui de la langue; il faut choisir un mot. Entité est pour nous <aussi>: l’être qui se présente.”

Quanto a esse obstáculo, Saussure ainda discorre sobre a dificuldade da questão.

Na língua tomada face a face, sem intermediários, não existem unidades nem entidades. **É necessário um esforço para entender o que forma as várias entidades contidas na língua ou para evitar tomar como entidades linguísticas o que são entidades de outra ordem.** Não estamos diante de seres organizados ou de coisas materiais. Estamos muito mal posicionados com a língua para ver entidades reais, uma vez que o fenômeno da linguagem é interno e fundamentalmente complexo. Pressupõe a associação de duas coisas: o conceito e a imagem acústica. **É por isso que se pode dizer que são necessárias uma operação positiva e a aplicação de atenção para discernir as entidades dentro da massa que forma a língua.**¹⁵ (SAUSSURE, 1993, p. 78)

O que se lê nesse excerto destacado mostra-se relevante para nosso argumento de que a questão do ponto de vista-objeto pode ser recuperada nas reflexões dos três cursos de Linguística Geral, porque está imbricada no todo da teoria linguística saussuriana. Primeiro, consideremos o que Saussure denomina língua tomada face a face, isto é, sem intermediários. A nosso ver, tomá-la assim é considerá-la antes da operação do linguista. Sem sua intermediação, arriscamos, sem o ponto de vista de sua análise, nem as unidades nem as entidades são dadas. É necessário um esforço, é necessário um ponto de vista para compreendê-las e para evitar o erro de tomar como entidade o que não é. Na língua, estamos mal posicionados para ver, para visualizar o que realmente existe, porque não temos seres organizados nem coisas materiais. Desse modo, nesse campo de estudo, é fundamental uma operação positiva, uma aplicação de atenção, um ponto de vista, para discernir o que há na massa da língua.

A problemática das entidades leva Saussure à concepção de unidades linguísticas distintas, definidas não por suas materialidades,

¹⁵ Tradução nossa de: “Dans la langue prise face à face, sans intermédiaires, il n’y a ni unités ni entités données. Il faut un effort pour saisir ce qui forme les diverses entités contenues dans la langue ou pour éviter de prendre comme entités linguistiques ce qui sont des entités d’un autre ordre. Nous ne sommes pas en face d’êtres organisés ou de choses matérielles. Nous sommes très mal placés avec la langue pour voir les entités réelles, puisque le phénomène de la langue est intérieur et fondamentalement complexe. Il suppose l’association de deux choses: le concept et l’image acoustique. C’est pourquoi on peut dire qu’il faut une opération positive et l’application de l’attention pour discerner les entités au sein de la masse que forme la langue.”

uma vez que nada pode ser visto sem a operação positiva do linguista — ou da “operação determinada <muito positiva> do espírito, nos termos do N9, também da aplicação de sua atenção, são definidas inteiramente por suas relações. Desse modo entendido, para Saussure, falar em fatos da língua é o mesmo que falar em relações.

Tudo voltará, portanto, ao sincrônico e ao diacrônico>. Haverá <em particular e> sobretudo fenômenos diacrônicos e sincrônicos. Haverá relações diacrônicas e relações sincrônicas¹⁶. **A questão que se coloca é em que está a diferença em se falar de fenômeno ou de relação.** Relação <ou fenômeno> supõe um certo número de termos pelos quais é produzido, <entre os quais ocorre.> Esses termos não são senão aquelas unidades nas quais fixamos nossa <atenção,> e será útil retornar às unidades falando de fenômeno; Este ponto de vista pode trazer à tona sua natureza. Vamos primeiro olhar para o próprio fenômeno. É absolutamente necessário opor-se aos fenômenos que são sincrônicos e aos fenômenos que são diacrônicos.¹⁷ (SAUSSURE, 1997, p. 78)

A dúvida em tratar a questão das unidades na Linguística enquanto relação ou enquanto fenômeno, acompanhada, nesse excerto, a nosso ver, remete, de certa maneira, à proposição de Saussure colocada no manuscrito N9, segundo a qual é preciso substituir, de uma vez por todas, a discussão dos fatos linguísticos pela discussão dos pontos de vista. Para nós, isso se sustenta pela natureza mesma dos fatos e dos fenômenos linguísticos que Saussure procura caracterizar e que são amplamente distintos do que se passa em outras ciências, nas quais é possível falar de seus objetos a partir de seus fatos e fenômenos. Se ser relacional é o que os caracterizam, mais do que sua na-

¹⁶ Embora não nos deteremos nessa ocasião na distinção entre sincronia e diacronia, a qual será tratada no capítulo seguinte, é válido observar como Saussure define os fenômenos sincrônicos e fenômenos diacrônicos como relações sincrônicas e relações diacrônicas, as quais também serão definidas na edição do CLG como ponto de vista sincrônico e ponto de vista diacrônico, o que nos permitirá demonstrar como a questão do ponto de vista recupera-se na noção de relação.

¹⁷ Tradução nossa de: “Tout se ramenera donc au synchronique et au diachronique. Il y aura <en particulier et> avant tout des phénomènes diachroniques et des phénomènes synchroniques. Il y aura des rapports diachroniques et des rapports synchroniques. La question se pose en quoi il est différent de parler de phénomène ou rapport. Rapport <ou phénomène> suppose un certain nombre de termes par lesquels il est produit, <entre lesquels il se passe.> Ces termes ne sont autres que ces unités sur lesquelles nous avons fixé notre <attention,> et il sera utile de revenir aux unités en partant du phénomène; <ce point de vue> peut en faire ressortir la nature.”

tureza material, é necessário, pois, que falemos de relações, as quais, é preciso destacar, cumprem ser estabelecidas pela massa falante, no funcionamento do sistema, também pelo linguista em sua análise. É o que reforça Saussure no trecho a seguir.

Veremos então uma coisa bastante curiosa: que não há uma diferença radical na Linguística entre fenômenos e unidades: paradoxo! **Mas toda unidade <linguística> representa uma relação, <todo fenômeno também.> Então tudo é relação:** é o pensamento que delimita as unidades, o som por si só não as delimita <antecipadamente:> sempre há uma relação com pensamento. Na álgebra, teremos apenas termos complexos: $\langle a/b, (a \times b) \rangle$ Todos os fenômenos são razões <entre> relações. (SAUSSURE, 1997, p. 78)

Lembremos, com Benveniste, que, na teoria saussuriana:

Cada uma das unidades de um sistema define-se assim pelo conjunto das relações que mantém com as outras unidades e pelas oposições em que entra: é uma entidade relativa e opositiva, dizia Saussure. Abandona-se, pois, a ideia de que os dados da língua valem por si mesmos e são “fatos” objetivos, grandezas absolutas, susceptíveis de se considerarem isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não têm valor a não ser como elementos de uma estrutura. (BENVENISTE, 2005 [1966], p. 23).

Quanto às relações constitutivas do sistema e sob as quais fixamos nossa atenção, é preciso destacar que, para corresponderem a algo concreto e não a abstrações, devem ser estabelecidas pelo linguista a partir de um critério bem definido, o que está na consciência de todos, isto é, na massa dos sujeitos falantes da qual o linguista também faz parte.

Critério do que é pura abstração <e do que é concreto. Em todo momento, fala-se do perigo de abstrações. Para perceber o que é, você precisa de um critério. Esse critério está na consciência de todos.> O que há no sentimento de quem fala, o que é sentido em qualquer grau é o significado e, então, poderíamos dizer que a concretude real não é tão fácil de entender na língua = o que é sentido, que por sua vez = o que é significativo até certo ponto. O que é significativo traduz-se em uma delimitação de uma unidade, é o significado que a cria, ela não existe antes: <não são as unidades que estão lá para receber um significado.> (SAUSSURE, 1993, p. 78)

Para averiguar a realidade das unidades discernidas em sua análise, o linguista deve valer-se do critério de existência na consciência de todos, inclusive a dele, sujeito falante. Verificar o que é significativo, portanto, concreto, real. Como destaca Saussure, é a partir desse critério — nos termos do EDL, desse “ponto de vista que serve de critério” — que as unidades existem, uma vez que não são delimitadas de antemão.

4.4 O ponto de vista-objeto nos cursos de Linguística Geral: uma questão latente

Pela análise dos cadernos dos alunos, observamos que neles a asunção de que o ponto de vista cria o objeto não se apresenta de modo explícito. Não há, nas anotações dos alunos, qualquer sentença que se assemelhe à famosa formulação saussuriana encontrada no manuscrito do fim do século XIX. No entanto, uma leitura mais atenta das reflexões mostra-nos que tal entendimento está subjacente a uma série de discussões realizadas por Saussure em suas aulas, o que aponta para um funcionamento conjunto e não isolado dessa compreensão para a teoria do mestre. Assim, parece-nos que a tendência à inutilização e ao apagamento, esclarecida na seção 4.2 deste capítulo, não poderia liquidar os efeitos dessa compreensão para o pensamento de Saussure. Isso porque o entendimento de que o ponto de vista cria o objeto está no modo mesmo de compreender a natureza do fato linguístico.

Assim, acreditamos que a proposição de que o ponto de vista cria o objeto recolhe-se nas reflexões saussurianas em ocasião dos cursos em Genebra i. no fato de que todo fenômeno linguístico é relação; e ii. no papel da operação do espírito — seja a consciência dos sujeitos falantes, seja a análise do linguista — frente a tais relações. Desse modo, é possível sustentarmos que, apesar da tendência ao completo apagamento dessa questão no CLG, outros aspectos sustentam esse modo de compreensão na teoria de Saussure, o que faz com que ela não seja suspensa do curso, mas aparece de maneira latente por ser constitutiva das reflexões do genebrino nessa ocasião.

Capítulo 5

O enigma da esfinge pela vista desarmada

*Não seria mais interessante ler o Curso diretamente,
como muitos de nós o fizemos na surpresa da
novidade e com a ingenuidade da ignorância [...]?*

Normand (2009[2000])

Neste capítulo, partimos em direção a uma leitura do enigma que se circunscreve entre o ponto de vista e o objeto da Linguística nas páginas da edição do *Curso de Linguística Geral*, obra a partir da qual ele se tornou conhecido. Nossa proposta é ler a assunção de que, em nosso domínio, o ponto de vista cria o objeto, desta vez, pela vista desarmada. Isso quer dizer que, para tal, não tomaremos como base de nossa leitura o aparato crítico da produção saussuriana, do qual já nos valem os capítulos anteriores.

Interessa-nos, neste capítulo final de nosso estudo, tomar o enigma do ponto de vista-objeto tal como fora veiculado pela edição póstuma outorgada a Ferdinand Saussure. Nosso intuito é demonstrar que é possível mensurar os efeitos da máxima saussuriana, foco de nossa investigação, no conjunto da elaboração teórica que se apresenta no CLG, ainda que sua edição tenha tendido para a inutilização e para o apagamento dessa questão. Como procuraremos demonstrar, apesar de inútil para Bally e de quase apagada por Sechehaye, a questão do ponto de vista resiste na reflexão saussuriana que se apresenta na edição, porque está imbricada, na teoria linguística de Saussure, na noção de relação, *sine qua non* para a compreensão de língua enquanto um sistema de signos.

Procuramos sustentar, ao longo deste capítulo, que, apesar de seu lugar aparentemente restrito na edição do CLG, a compreensão de que o ponto de vista cria o objeto está contida em outras proposições saussurianas, que se apresentam ao longo do CLG. Isso porque, para além das questões de perspectiva que suscita, o ponto de vista em Saussure não se limita a elas e tem importância teórica recolhida na complexidade da teoria linguística do genebrino.

No intuito de sustentar esse nosso argumento, passamos, então, a uma leitura do enigma lançado pela esfinge da edição — analogia possível quando se consideram as críticas feitas à tentativa de Bally e de Sechehaye de estabelecer um todo orgânico para as ideias de Saussure. Tomar a edição assim, em comparação à figura mitológica da esfinge, cujo corpo é de leão, a cabeça de humano, ainda, as asas de pássaro gigante, não é reproduzir o comportamento daqueles que, baseados no argumento da inautenticidade, tomam como problemático o fato de, na edição, as ideias serem de Saussure, mas o corpo ou a tessitura textual, dos editores.

Por nosso turno, trata-se de uma investida em problematizar o modo como, muitas vezes, sobretudo em afiliação à proposta de Bouquet (2004), a edição foi acusada de ser traiçoeira e impiedosa, uma verdadeira monstruosidade, tal qual a figura mitológica da esfinge. É preciso lembrar, no entanto, que, apesar de seu desarranjo corporal, a esfinge, sob a crença egípcia, é representativa de poder, de sabedoria. De outro lado, nosso intuito não é partir em favor de uma defesa da edição. Mas é reconhecer que, ainda que mais tarde tenha tido suas fraturas — ou desconjuntura — expostas por suas edições críticas, ela deixou suas marcas concretas e irrevogáveis no ato de fundação da Linguística Moderna, tal qual explicita Silveira (2007).

Assim, a despeito das falhas da edição concernentes à questão do ponto de vista-objeto, nessa reflexão, em que traçamos nossas últimas considerações sem pretender-nos conclusivos, propomos, tal qual sugere Normand, na passagem selecionada para epígrafe deste capítulo, tomar nosso enigma na surpresa da novidade e com a ingenuidade da ignorância. Tomá-lo assim não é fazer tábula rasa da problemática do enigma do ponto de vista-objeto no CLG, nem mesmo ignorar a contribuição de outros autores para as análises propostas, mas é não tomar as falhas da edição como limitantes para uma leitura dos efeitos desse enigma para o que se apresenta no CLG. Mais do que evidenciar os limites dados à reflexão sobre o ponto de vista em relação com o objeto em suas páginas, é balizar seus desdobramentos para o conjunto da reflexão linguística saussuriana que nelas se apresenta.

Quanto ao nosso caminho de leitura da edição, é preciso esclarecer, não será completamente linear. Isso quer dizer que, embora pararmos, na seção 5.1, dos capítulos iniciais do CLG, passamos, na seção 5.2, pelo capítulo “Objeto da Linguística”, e, por fim, detemo-nos no capítulo da “Linguística Estática e Linguística Evolutiva”. Valemo-nos,

em cada uma dessas seções, de reflexões que estão distribuídas em outros capítulos do CLG, na medida em que forem pertinentes para sustentarmos nossa argumentação.

5.1 A delimitação do ponto de vista da Linguística e a criação de seu próprio objeto

Subvertamos, por um momento, a ordem estabelecida pela edição do *Curso de Linguística Geral*, que toma como ponto de partida as fases pelas quais a Linguística passou antes de reconhecer seu verdadeiro e único objeto, para atentarmos à primeira discussão que, a nosso ver, é preciso considerar, quando se tem como foco o ponto de vista e o objeto, aquela que se apresenta no capítulo intitulado “Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas”.

Como elucida o título selecionado pelos editores, esse breve capítulo trata, num primeiro momento, daquilo que é estabelecido por Saussure como sendo a matéria da Linguística, qual seja, todas as manifestações da linguagem; e suas tarefas, a saber: i. fazer a descrição e a história de todas as línguas; ii. procurar o que é universal em todas elas; iii. delimitar-se e definir-se a si própria (SAUSSURE, 2012[1916], p. 37).

Como acompanhamos no primeiro capítulo deste estudo, a distinção que De Mauro (1973) faz, a partir dessas reflexões e também daquelas que se apresentam no capítulo “O objeto da Linguística”, já fora tomada por Turpin (1993) para uma reflexão que tem em seu bojo o ponto de vista e o objeto em Saussure. Como vimos, a separação que De Mauro (1973) postula entre matéria e objeto no pensamento saussuriano é a de que, enquanto a primeira é compreendida como todas as manifestações da linguagem antes de qualquer análise, o segundo é concebido como o resultado de uma análise ou uma abstração. Para Turpin (1993), tal distinção lança luz, então, à linguagem como matéria e à língua, por sua vez, como objeto, isto é, como o resultado analítico de um ponto de vista, o resultado de uma abstração.

De nossa parte, em nossa leitura, chamamos a atenção para o tratamento que Saussure dá, ainda neste capítulo, às relações entre a Linguística e as ciências conexas e que, a nosso ver, trazem uma preocupação epistemológica que tem em seu cerne a própria questão do objeto, qual seja, a delimitação do ponto de vista da Linguística para o objeto língua/linguagem. Nessa reflexão, Saussure põe-se a distinguir as perspectivas de análise da língua, uma vez que as questões linguísticas in-

teressam a tantas ciências e, com isso, evidencia os limites que, embora estreitos e pouco nítidos, é preciso estabelecer entre o ponto de vista da Linguística e o ponto de vista das ciências conexas.

[...] a Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, nas quais a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social. Dever-se-ia, então, incorporá-la à Sociologia? Que relações existem entre a Linguística e a Psicologia social? Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons; e já que a Linguística fornece à Psicologia social tão preciosos dados, não faria um todo com ela? [...] As relações da Linguística com a Fisiologia não são tão difíceis de discernir: a relação é unilateral, no sentido de que o estudo das línguas pede esclarecimentos à Fisiologia dos sons, mas não lhe fornece nenhum. Em todo caso, a confusão entre as duas disciplinas torna-se impossível: o essencial da língua, como veremos, é estranho ao caráter fônico do signo linguístico. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 38)

Com base no que o trecho selecionado permite observar, uma vez que os dados linguísticos são tomados como empréstimo por tantas ciências, como a Etnografia, a Pré-história, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Social, é preciso estabelecer o que distingue a investigação linguística e, portanto, seu ponto de vista de análise, daquelas desenvolvidas por outras ciências e nas quais também, ainda que de maneira distinta, o objeto língua/linguagem intervém. Embora vários fatores convirjam para a distinção entre a Linguística e tais ciências, é, bem se vê, o interesse por esse objeto que permite uma aproximação entre elas. É esse interesse que coloca a necessidade de discernir qual será o ponto de vista da ciência Linguística.

Além dos pontos que aproximam e dos pontos que distanciam a Linguística das outras ciências que se valem do objeto língua/linguagem para sua investigação, Saussure procura, ainda no capítulo em questão, separar o ponto de vista da ciência Linguística do ponto de vista do público geral, que toma as questões linguísticas a partir de uma compreensão comum e, como ele postula adiante no capítulo “Objeto da Linguística”, superficial.

Qual é, enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas têm a respeito ideias claras; não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos — historia-

dores, filólogos etc. — que tenham que manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente se ocupa dela pouco ou muito; mas — consequência paradoxal do interesse que suscita — não há domínio em que tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 38)

Como destaca Saussure, as questões linguísticas têm importância fundamental tanto para a vida dos indivíduos quanto para a vida em sociedade. Mais do que isso, elas constituem um fator mais importante do que qualquer outro. Não é demais observar nisso, destacamos, as razões para elas suscitarem tanto interesse por outros campos de investigação da vida humana. Além disso, por fazerem importante parte da vida dos indivíduos e das sociedades, para Saussure, seria absurdo restringi-la a um domínio de investigação exclusivo aos especialistas. Mas é, no entanto, paradoxalmente, em função desse interesse geral pelas questões da linguagem que se fecundam ideias absurdas a respeito do que é a língua/linguagem pelo grande público e que, para Saussure, precisam ser dissipadas pelo linguista.

Um exemplo de como o ponto de vista do grande público a respeito desse objeto é superficial e de como o ponto de vista das outras ciências é insuficiente no que tange aos fatos linguísticos pode ser acompanhado no capítulo “Objeto da Linguística”. Vejamos.

Há, inicialmente, a concepção superficial do grande público: ele vê na língua somente uma nomenclatura, o que suprime toda pesquisa acerca de sua verdadeira natureza. A seguir, há o ponto de vista do psicólogo, que estuda o mecanismo do signo no indivíduo; é o método mais fácil, mas não ultrapassa a execução individual, não atinge o signo, que é social por natureza. Ou ainda, quando se percebe que o signo deve ser estudado socialmente, retêm-se apenas os caracteres da língua que a vincula às outras instituições, às que dependem mais ou menos de nossa vontade; desse modo deixa-se de atingir a meta, negligenciando-se as características que pertence somente aos sistemas semiológicos em geral e à língua em particular. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 48)

O ponto de vista do grande público, como defende Saussure no trecho em destaque, é superficial, porque vê na língua uma nomenclatura, isto é, uma simples lista de termos que correspondem às coisas. De outro lado, o ponto de vista do psicólogo é insuficiente, porque toma o signo no indivíduo e desconsidera, portanto, sua natureza, que é social. De outra parte, ainda, aqueles que tomam o signo enquanto social acabam por considerá-lo como outras instituições e negligenciam seu caráter sistêmico.

Se, nas reflexões acompanhadas nos excertos anteriormente destacados, o afinco de Saussure está em delimitar um ponto de vista realmente linguístico, que se diferencia do ponto de vista de outras ciências também da concepção geral que tem o grande público a respeito da língua/linguagem, o que se acompanha no primeiro capítulo do CLG está, de outro lado, o cuidado do linguista genebrino de esclarecer de que maneira, num âmbito mais restrito, o próprio estudo linguístico limitou o ponto de vista de análise do seu objeto.

A historiografia das fases pelas quais a Linguística passou antes de reconhecer seu objeto — a saber, a Gramática, a Filologia e a Filologia Comparativa ou a Gramática Comparada — longe de apenas evidenciar os acontecimentos ao longo da história da investigação linguística, demonstra um posicionamento crítico, nos termos de Normand (2009[2000]), frente às reflexões que, até, então, circundavam os estudos da língua/linguagem.

Para Saussure, a Gramática possui sequer visão científica; por se limitar à formulação de regras, seu “ponto de vista é forçosamente estreito” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 31); a Filologia não tem a língua como único objeto, “quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos” (SAUSSURE, 2012[19716], p. 31); a Gramática comparada, por seu turno, teve grande mérito no que tange à abertura do campo de estudo, no entanto, falhou na delimitação de seu objeto. Seu método, esclarece Saussure, foi exclusivamente comparativo, o que acarretou uma série de conceitos errôneos que ignora as verdadeiras condições da linguagem.

O que Saussure chama de Linguística propriamente dita é compreendida nos estudos que se iniciam com as línguas românicas e germânicas que, segundo ele, dão à comparação o lugar que exatamente lhe cabe e contribuem para aproximar a Linguística de seu verdadeiro objeto. O mérito dessa escola está em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação, de maneira a encadear os fatos em sua ordem natural. O demérito, por sua vez, está no fato de que “por

grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 36).

A partir dos trechos selecionados, recortados da Introdução também da Primeira Parte do CLG, é possível observar que, ao tentar estabelecer um ponto de vista de análise para a Linguística, a partir de uma preocupação, bem se vê, epistemológica, Saussure encontra-se frente i. à pluralidade de ciências que se interessam pelas questões linguísticas e a consequente pluralidade de pontos de vista de estudo da língua; ii. ao ponto de vista do público em geral a partir do qual germinam ideias absurdas do que seja a língua, tal como a que a vê como uma nomenclatura; iii. aos pontos de vista da própria ciência dos fatos da língua que falsificaram o verdadeiro objeto da Linguística: a Gramática não possui objeto nem ponto de vista científico, a Filologia possui outros interesses que não a própria língua, a Gramática Comparada possui método, mas não questionou a natureza de seu objeto, a Linguística História não foi capaz de solucionar os problemas fundamentais da Linguística Geral.

Era preciso, primeiro, requerer o objeto língua/linguagem para a Linguística, quando várias ciências interessavam-se por ele. Era preciso também livrar a língua do ponto de vista superficial do público em geral, do qual, por servir dela para vida em sociedade, germinavam ideias absurdas, preconceitos, miragens e ficções. Era preciso livrar a língua das concepções e dos pontos de vista limitantes a seu respeito no interior da própria ciência que se dedicava aos fatos linguísticos. Era preciso, mais do que delimitar um ponto de vista linguístico, definir, criar o próprio objeto da Linguística, a partir de uma verdadeira teoria da língua — como postula Normand (2009[2000]). É nesse sentido que, a nosso ver, a preocupação epistemológica de Saussure de estabelecer o ponto de vista da Linguística para o objeto linguagem acaba por cernir-se no exercício teórico de concepção do próprio objeto.

Não era possível delimitar um ponto de vista ou apenas uma perspectiva para a Linguística quando, na verdade, era preciso conceber um objeto de natureza completamente distinta, antes impensado. É em razão disso que, para nós, a compreensão de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto, forjada por Saussure, torna-se uma verdade para o próprio exercício de elaboração teórica do mestre genebrino. Assim como o linguista precisa criar seus objetos a partir

de seu ponto de vista, em seu exercício de teorização, foi preciso que Saussure, para além de apenas delimitar o ponto de vista de análise da Linguística, concebesse, criasse um objeto para ela.

5.2 A proposição do enigma do ponto de vista-objeto

Na seção anterior, chamamos a atenção para o fato de que, num primeiro momento, a questão do ponto de vista pode ser lida, na teoria saussuriana apresentada nas páginas da edição do CLG, em reflexão que tem em seu cerne uma preocupação epistemológica de Saussure, qual seja: delimitar uma perspectiva de análise do objeto língua/linguagem que fosse própria à ciência Linguística — portanto, distinta das ciências conexas — de maneira a circunscrever seu próprio campo de investigação.

Observamos, no entanto, que tal inquietação não pode ser solucionada sem antes uma teorização a partir da qual fosse possível conceber o próprio objeto dessa ciência, inalcançado pelo ponto de vista das ciências conexas, também pelo ponto de vista do público em geral e, ainda, pelos pontos de vista das diferentes escolas pelas quais a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou.

Nesta seção, voltamos nossa atenção para o modo como se dá esse exercício de teorização, observando, desta vez, como a noção de ponto de vista, para além de apenas suscitar uma perspectiva de análise particular para a Linguística e mesmo para as disciplinas que a constitui, a Linguística Sincrônica e a Linguística Diacrônica, passa a compor o próprio cabedal teórico saussuriano quando é colocada no âmago da reflexão acerca do objeto da Linguística.

O exemplo mais importante — mas não o único — da força teórica do ponto de vista para o pensamento de Saussure encontra-se, certamente, no capítulo “Objeto da Linguística”, em que, como já mencionamos, o enigma do ponto de vista-objeto é forjado pelo linguista genebrino. Embora já tenhamos esclarecido, de diversas maneiras nos capítulos anteriores, o contexto em que o enigma é formulado, parece pertinente determos nossa atenção, uma vez mais, na reflexão que coloca o ponto de vista numa relação imprescindível com o objeto.

A problemática que introduz a reflexão desse capítulo é colocada nos seguintes termos “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê. Limitemo-nos, aqui, a esclarecer a dificuldade” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 124). A respeito dessa difícil indagação,

cuja resposta é, por um momento, suspensa, Normand (2009[2000]) afirma que se trata de uma pergunta surpreendente, viva e verdadeira que, até então, não se colocava. Constitui, em suas palavras,

a preparação da revisão necessária da terminologia e, portanto, da definição dos conceitos que servirão de base. Estes são elaborados com o cuidado de operar as demarcações fundadoras: elas vão definir o ponto de vista que o linguista deve adotar e que, simulando aquele do locutor, distancia-se do que Saussure chama de “ciências conexas” (história, sociologia, psicologia).” (NORMAND, 2009[2000], p. 50)

A dificuldade em estabelecer um objeto que seja, como o aposto entre vírgulas restringe, ao mesmo tempo integral e concreto, resta, segundo Saussure, no fato de que a Linguística diferencia-se das ciências cujos objetos são dados previamente, compreendemos, com isso, ciências em que os objetos são oferecidos de antemão, isto é, postos à disposição da análise do cientista, e nas quais, portanto, a determinação do objeto é sequer uma questão.

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. Alguém pronuncia a palavra *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão duma ideia, como correspondente ao latim *nudum* etc. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39)

Como postula o linguista suíço, no domínio de investigação da Linguística, os objetos não são dados previamente. Exemplo disso é retratado na crítica que Saussure tece, a partir do exemplo da palavra *nu*, à falsa impressão de um observador superficial de, tomando uma palavra qualquer pronunciada por alguém, acreditar estar frente a um objeto linguístico concreto, quando, na realidade, pode tratar-se de diferentes coisas conforme o modo de observar. É nesse sentido, então, que Saussure propõe que a relação entre o ponto de vista de análise e o objeto na Linguística é inversa: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior a outras” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39).

Tomando os dois primeiros parágrafos do capítulo “Objeto da Linguística”, vemos que a noção de ponto de vista, que Saussure lança mão para esclarecer a dificuldade de determinar o objeto em nosso domínio, poderia, à primeira vista, ser tomada como correlativa a “maneira de considerar” “o fato” também o “fenômeno linguístico”. Isso estaria em consonância com o que já fora defendido por Engler (1977) no artigo “*Premiers spécimens d’un index des matières au CLG/E*”.

Lembremos que, para o austríaco, em análise às anotações manuscritas, o ponto de vista em Saussure pode ser considerado como “a) maneira de estudar um objeto* dado”; também “b) modo de constituir e de estudar um objeto na Linguística (Semiologia inclusive): princípio metódico necessário que implica um julgamento de identidade*”; e, ainda, “c) modo de proceder no interior de um P ‘DE V’”¹ (ENGLER, 1977, p. 92).

Essa primeira via de análise, em que o ponto de vista refere-se à maneira de considerar o objeto, não se diferiria do que propõe Engler na definição a) “maneira de estudar um objeto* dado”, depreendida por ele, da análise às anotações manuscritas. A nosso ver, no entanto, reduzir a noção de ponto de vista à maneira de considerar ou à “maneira de estudar um objeto dado”, nos termos da proposição a) de Engler, não condiz com a complexidade da questão levantada nos parágrafos do CLG em análise.

Isso porque entendemos que, embora a proposição a) de Engler seja plausível para outras ciências, nas quais é possível considerar um objeto de diferentes maneiras, posto que já é dado, no âmbito da Linguística, não há sequer objetos anteriores que podem, em seguida, ser estudados de diferentes maneiras. Não é o objeto que precede o ponto de vista, é o próprio ponto de vista que, mais do que apenas considerar um objeto, acaba, em nosso domínio de investigação, por criá-lo. Desse modo, o que se propõe no CLG melhor poderia ser compreendido a partir da proposição b) de Engler que toma o ponto de vista enquanto maneira de *constituir* o objeto, que, como veremos adiante, incide no estabelecimento das relações constitutivas do sistema linguístico.

No que concerne à característica de integridade do objeto, levantada na problemática que introduz essa reflexão, Saussure explicita que o obstáculo está no fato de que “o fenômeno linguístico apresenta

¹ Tradução nossa de: a) façon d’étudier un objet* donné; b) façon de constituer et d’étudier un objet en linguistique (sémiologie incluse); c) façon de procéder à l’intérieur d’un P’ DE V’ (a/b).

perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39). A nosso ver, o que se lê nesse terceiro parágrafo do capítulo “O objeto da Linguística” é condizente com o segundo prolegômeno da teoria saussuriana esclarecida por Pétroff (2004), como vimos, adepto da perspectiva que vê na edição uma dificuldade. Para o semiologista, a segunda evidência do pensamento de Saussure é o princípio da dualidade dos fenômenos linguísticos, que, conseqüentemente, requer dois pontos de vista de observação do fato linguístico. “Esses dois pontos de vista induzem, portanto, dois objetos de estudo, opostos e complementares, que não existem a não ser um para o outro, um pelo outro”². (PÉTROFF, 2004, p. 53). A dualidade dos fatos, que implica a necessidade de dois pontos de vista de análise para cada critério de análise, como defende o semiologista, já fora exemplificada pela edição: o fato linguístico coloca em causa um lado acústico e outro articulatório; um aspecto fisiológico e outro mental; é individual e ainda social; é sistema e também evolução.

Frente à dualidade incessante da linguagem e o conseqüente fato de que “qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 39), Saussure previne:

[...] ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências — Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia etc. — que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 40)

A primeira objeção de Saussure, bem se vê, quando o que está em causa são as múltiplas dualidades da linguagem, é o fato de que, se consideramos apenas um lado do problema, podemos não perceber as dualidades e, desse modo, restringir o objeto. A segunda objeção é que, se estudarmos a linguagem em todas as suas dualidades ao mes-

² Tradução nossa de: “Ces deux points de vue induisent donc deux objets d’étude, opposés et complémentaires, qui n’existent que l’un par l’autre, l’un pour l’autre.”

mo tempo, teremos como objeto uma grande mistura de coisas com naturezas bem diversas.

É nesse sentido que Saussure propõe, então, uma solução para as dificuldades concernentes ao objeto da Linguística: colocar-nos no terreno da língua e tomá-la como norma para todas as outras manifestações da linguagem. Como ele destaca, “entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito (SAUSSURE, 2012[1970], p. 40). Distinta da linguagem, que é multiforme, heteróclita, isto é, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, “a língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2012[1970], p. 41).

A respeito dessa proposição, que recorta a língua enquanto o objeto da Linguística do todo constituído pela linguagem e que, indubitavelmente, traz novos e significativos encaminhamentos para esse campo de investigação, Lier De-Vitto (2017) destaca que:

[...] a língua (*la langue*) é a solução saussuriana para as dificuldades colocadas pelas abordagens gramatical e filológica da linguagem, que a fragmentam em facetas plurais (fonética, fonológica, morfológica, sintática, semântico-discursiva). Em direção contrária a essa dissecação da linguagem, Saussure afirma que “a língua é um todo em si mesma e um princípio de classificação”: “é a língua que faz a unidade da linguagem”. O objeto da Linguística é “objeto integral”, como sustenta Saussure, e delineado como um funcionamento (“forças em jogo, de modo perene e universal em todas as línguas). É “objeto concreto”, mas não com perfil de entidade, de substância, e sim como funcionamento regido por leis de referência internas ao sistema (por operações *in praesentia* e operações *in absentia*). (LIER DE-VITTO, 2017, s/p).

No que concerne, de outro lado, à característica de concretude dos objetos em Linguística — os quais, como vimos, por não terem existência concreta em si mesmos, podem constituir coisas perfeitamente distintas a depender dos pontos de vista que os cria —, ela ganha fôlego nas reflexões do CLG que se desenvolvem, especialmente, nos capítulos 1 e 2 da Segunda Parte, Linguística Sincrônica, a saber: “As entidades concretas da língua” e “Identidades, realidades, valores”.

No primeiro deles, o que antes era uma questão para Saussure, agora aparece como resolvido. “Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a Lin-

guística se ocupa; podem ser chamados *entidades concretas*” (SAUSSURE, 2012[1916]). Tal compreensão é já resultado das elaborações saussurianas que concebe, em primeiro lugar, a língua enquanto um sistema de signos — em que de essencial está a relação que eles estabelecem entre si e da qual cabe à Linguística ocupar-se — e o signo linguístico, por sua vez, enquanto entidade psíquica cujas partes estão unidas por uma relação de arbitrariedade, são elas o significante e o significado.

No capítulo das entidades concretas da língua, porém, o que Saussure procura esclarecer é a dificuldade que há em determinar tais entidades, uma vez que, na ciência linguística, como vimos no contexto de proposição de nosso enigma, os objetos não são dados de antemão.

Na maioria dos domínios que são objeto da Ciência, a questão das unidades sequer se esboça: são dadas de começo. Assim, em Zoologia, é o animal que se oferece desde o primeiro instante. A Astronomia opera também com unidades separadas no espaço: os astros; em Química, podem-se estudar a natureza e a composição do bicromado de potássio sem duvidar um só instante de que seja um objeto bem definido. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 151)

Novamente, Saussure é enfático em distinguir o que ocorre na Linguística, concernente à observação do objeto, das outras ciências, é válido observar, naturais. Nelas os objetos e suas unidades são dados de começo. O animal é unidade de estudo da Zoologia; o astro, da Astronomia. Na Química, a unidade básica da matéria, seu objeto, é o átomo, que pode ser tomado numa composição, como o bicromado de potássio, para usar o exemplo de Saussure. Se, na Linguística, o objeto não se apresenta de antemão, tampouco as unidades desse objeto.

Na concepção de Saussure, “a língua apresenta, pois, esse caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que é seu jogo que a constitui” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 152). Desse modo entendido, embora as entidades concretas, reais, da Linguística não se ponham à análise de antemão, para Saussure, não podemos deixar de acreditar que elas de fato existem e que são as relações estabelecidas entre elas que constituem seu jogo, seu sistema.

Segundo Saussure, essa constatação, de que a língua não oferece entidades perceptíveis à primeira vista, coloca uma problemática para a Linguística estática: qualquer noção primordial depende do que se toma como unidade. Em função disso, no capítulo “Identidades, rea-

lidades e valores”, Saussure apresenta uma reflexão sobre os termos identidade, realidade e valor sincrônico, problematizando os dois primeiros e dando preferência ao último para o tratamento da questão do objeto e de suas unidades na Linguística.

O dilema da identidade está no fato de que, embora, à primeira vista, possamos tomar como idênticos termos cuja ocorrência dá-se a partir de uma mesma porção sonora, a identidade pode ser comprometida pela não correspondência da ideia: “*adotar* uma moda” e “*adotar* uma criança” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 154), embora haja identidade da porção sonora, o sentido é completamente outro. É o que leva Saussure a concluir que o “vínculo entre dois empregos de uma mesma palavra não se baseia na identidade material nem na exata semelhança de sentido, mas em elementos que cumprirá investigar e que nos farão chegar bem perto da verdadeira natureza das unidades linguísticas” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 154).

Por sua vez, a problemática da realidade está em tomarmos conceitos abstratos e, portanto, extralinguísticos, dos quais se valem o gramático, tais como o de substantivo, de adjetivo etc., como se fossem realidades linguísticas. “A Linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos, e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. Mas como sabê-lo? E se forem fantasmas, que realidade opor-lhes?” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 155).

É frente à insuficiência da explicação dada às relações a partir da noção de identidade — é preciso destacar, amplamente perseguida pelos estudos comparativos para o estabelecimento dos parentescos linguísticos — e ao perigo de trabalharmos com conceitos que sequer são realidades na língua que Saussure propõe que tomemos a questão da unidade na Linguística pelo aspecto do valor, que recobre, para ele, as de unidade, de entidade concreta e de realidade e que é, a seu ver, o aspecto primordial.

Para escapar às ilusões, devemos nos convencer, primeiramente, de que as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação. Mas se procuramos apreendê-las, tomaremos contato com o real; partindo daí, poder-se-ão elaborar todas as classificações de que tem necessidade a Linguística para ordenar os fatos de sua competência. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 156)

Frente ao fato de que o objeto da Linguística e de que suas unidades não se apresentam de antemão e ao propor que tomemos tal

problemática pelo aspecto do valor, Saussure destaca a natureza relacional dos fatos linguísticos que só pode, assim, ser criada pelo ponto de vista de análise.

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. [...] Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam à significação. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 164-165)

A proposta de Saussure em tomarmos a questão do objeto pelo aspecto do valor é capital para colocar no bojo da discussão do objeto da Linguística, isto é, do sistema da língua, e de suas unidades, a noção de relação. É nesse sentido que, para Normand (2009[2000], p. 79), “ao termo *unidade* — que implica sempre a possibilidade de isolar elementos — e ao termo *entidade* — que uma interrogação filosófica –, preferir-se-á, pois, *valor*, que **supõe a existência de uma relação**”. (NORMAND, 2009[2000], p. 79, grifo nosso).

Ainda, nas palavras da autora:

é impossível apreendê-las [as unidades linguísticas] fora do sistema específico em que elas são tomadas, pois **é nele que está seu modo de realidade**; elas só possuem existência para um locutor nas relações recíprocas que mantêm e que lhes dão sentido. Abordadas **fora dessas relações**, as unidades linguísticas não passam de elementos materiais desprovidos de significação; em outras palavras, **elas não são mais linguísticas** (NORMAND, 2009 [2000], p. 50, grifos nossos).

Assim, como propõe o mestre genebrino:

Unidade e fato de gramática não se confundiriam se os signos linguísticos fossem constituídos por algo mais que diferenças. Mas sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordemos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente. Dito de outro modo, a língua é uma forma e não substância. Nunca nos compenetrámos o bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm

da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 169-170)

Entendemos, então, a partir do que vimos anteriormente e do que pode-se observar no trecho em destaque, que a problemática do objeto, das unidades e, conseqüentemente, do que pode-se dizer dos fatos na Linguística está no fato de que o signo linguístico não é nada mais do que diferenças. Tal como proposto por Saussure, o signo da língua não é definido por sua materialidade física. Suas partes, isto é, a imagem acústica e o conceito, são igualmente psíquicos. O que define os signos linguísticos são as relações de oposição, porque são opostos uns aos outros; negatividade, porque não são definidos por qualquer traço material ou substância; e diferença, porque sua característica mais exata é ser o que os outros signos não são. É nesse sentido que Saussure postula, no trecho em destaque, que a língua é uma forma e não uma substância. Não há, na língua nem no signo linguístico, qualquer traço de substância, uma vez que esses últimos são definidos inteiramente por suas relações de valor estabelecidas no sistema.

Uma vez que as unidades linguísticas não podem ser compreendidas por seus valores intrínsecos, mas unicamente pelas relações que estabelecem no jogo da língua, é preciso, como o faz Normand, destacar a importância dela para a proposição saussuriana, que introduz um novo modo de olhar para os fenômenos linguísticos, bastante distinto do olhar do gramático e do comparatista.

Para compreender a verdadeira natureza das unidades linguísticas, é necessário parar de querer isolar formas que seriam observáveis em si e admitir que elas não podem ser apreendidas se não em suas relações com outras, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações (NORMAND, 2009 [2000], p. 79).

5.3 Diacronia e sincronia: perspectivas ou realidades da língua?

Uma leitura com foco no desdobramento da relação estabelecida por Saussure entre o ponto de vista e o objeto, ao longo das reflexões que se apresentam na edição do CLG, passa, necessariamente, pela distinção que o linguista genebrino concebe entre a sincronia e a diacronia.

Essa importante oposição saussuriana, uma das mais conseqüentes para o campo de estudos da ciência Linguística, porque instaura

um novo modo de investigação da língua, é desenvolvida, particularmente, no capítulo “A Linguística Estática e a Linguística Evolutiva”, mas tem seus efeitos recolhidos em toda a teoria linguística que se apresenta no livro póstumo.

É com base nela que se dá, em certa medida, a organização escolhida pelos editores. Enquanto a Primeira Parte do CLG é dedicada aos Princípios Gerais, dentre os quais está a própria distinção entre a sincronia e a diacronia, a Segunda e a Terceira Parte são reservadas, respectivamente, ao tratamento das questões concernentes ao que se denomina Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica. A Quarta e a Quinta Parte são destinadas sucessivamente à Linguística Geográfica e à Linguística Retrospectiva.

Para nossa investigação, que procura balizar os efeitos da afirmação de que o ponto de vista cria o objeto no conjunto da teoria saussuriana, essa oposição interessa-nos sobremaneira. Isso porque ao tratar da distinção entre sincronia e diacronia, Saussure, por vezes, denomina-as ponto de vista sincrônico e ponto de vista diacrônico, o que dá as bases para que a questão do ponto de vista em Saussure seja comumente tomada, primeiramente, a partir do enigma do ponto de vista-objeto e, em segundo lugar, pelo par sincronia e diacronia. Nessa reflexão, a noção de ponto de vista aparece, uma vez mais, intimamente relacionada à questão do objeto da Linguística, uma vez que o ponto de vista sincrônico e o ponto de vista diacrônico marcam “duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 122) e, por isso, lançam luz ao que propomos como o enigma do ponto de vista-objeto.

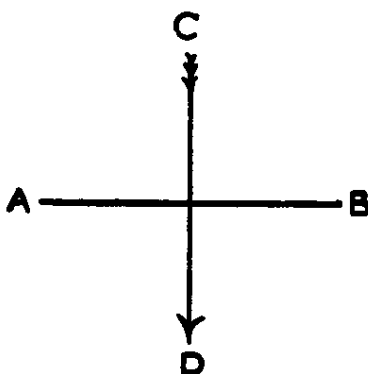
Uma primeira leitura do capítulo em questão, com vistas à relação estabelecida por Saussure entre o ponto de vista e o objeto, sugere-nos que o linguista genebrino lança mão dela para distinguir a sincronia e a diacronia enquanto perspectivas de análise ou de observação do objeto. No entanto, uma abordagem crítica desse capítulo, que leva em conta a complexidade da teoria linguística saussuriana, impede-nos que o ponto de vista seja tomado apenas como correlativo à perspectiva ou ao lugar de observação, isto é, numa atribuição comum em que, geralmente, é tomado.

De maneira distinta, a partir de uma leitura mais atenta dessa reflexão, é possível observar que o ponto de vista tem uma importante carga teórica, uma vez que ele coloca em causa, mais do que a observação dos fenômenos linguísticos, a sua própria condição de existên-

cia. Tendo isso em vista, problematizamos, no título desta seção, se a sincronia e a diacronia constituem perspectivas de análise da língua ou, mais do que isso, a realidade de seus fatos, para sustentarmos que a perspectiva de análise na Linguística é solidária aos fatos linguísticos. É nesse sentido que falar em ponto de vista sincrônico e em ponto de vista diacrônico, e também em fato sincrônico e em fato diacrônico, é demarcar que os primeiros constituem os últimos, recorrendo-os para análise e estabelecendo suas relações constitutivas.

Segundo o que esclarece o genebrino no capítulo III dos *Princípios Gerais*, o fator tempo cria para a Linguística dificuldades que a coloca diante de duas rotas absolutamente divergentes. Embora, para a maioria das ciências, esse fator não produza efeitos, tal como para a Astronomia, para a Geologia e para o Direito — que, apesar de constatarem mudanças significativas em seus fenômenos, não se cingem em duas disciplinas — para as ciências que trabalham com valores, esse fator é imperioso. É o que leva, por exemplo, a Economia a dividir-se entre a Economia Política e a História da Economia. É o que leva Saussure a distinguir também duas Linguísticas, uma estática, outra evolutiva, conforme os eixos sobre os quais situam seus objetos.

Figura 28 Eixo das simultaneidades e eixo das sucessões.



Fonte: SAUSSURE, 2012[1916], p. 121.

1º — O eixo das simultaneidades (AB) concerne às **relações** entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e 2º — o eixo das sucessões (CD), sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas **transformações**. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 121, grifos nossos)

Do excerto em destaque, que explicita os eixos das ciências que trabalham com valores, chamamos a atenção para o que se situa em cada um deles. No eixo longitudinal, estão situadas as *relações* entre as coisas coexistentes, constitutivas do que Saussure denominará como sistema de valores considerados em si, enquanto, no eixo perpendicular, estão situadas as *transformações das relações*, isto é, os valores considerados em função do tempo, os quais, como o genebrino esclarece adiante, não formam sistema entre si.

Se não restam dúvidas de que a Economia trabalha com valores, no que concerne à Linguística, por outro lado, é preciso esclarecer o que significa dizer que a Linguística é uma ciência que trabalha com valores. Segundo o que postula Saussure, nesse capítulo, “A língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 40). Assim, enquanto, na Economia, o sistema de valores entre coisas de ordens diferentes coloca em jogo, de uma parte, o trabalho e, de outra, o salário, na Linguística o sistema de valores estabelece-se entre o significante e o significado.

Embora a distinção entre as relações coexistentes e as relações no tempo — que implica, para Saussure, a necessidade de distinguirmos, igualmente, duas Linguísticas para seu estudo — seja uma realidade para todas as teorias que operam com valores, de acordo com o genebrino é ao linguista que tal distinção mais se impõe, dada a complexidade do sistema linguístico.

[...] quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, por causa de sua complexidade, estudá-lo sucessivamente segundo seus dois eixos. Sistema algum apresenta esse caráter tanto quanto a língua: em parte alguma se encontra igual precisão de valores em jogo, um número tão grande e uma diversidade tamanha de termos, numa dependência recíproca tão estrita. A multiplicidade dos signos, já invocada para explicitar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 122)

É nesse sentido que Saussure propõe, então, que, para assinalar melhor a oposição e o cruzamento do que ele chama de ordens de fenômenos relativas ao mesmo objeto, falemos de Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica, afirmando que “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo

que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 122).

Em tópico destinado ao tratamento dessa dualidade interna da Linguística ao longo da história dessa ciência, Saussure observa que ambos os pontos de vista já foram adotados para a análise da língua. De um lado, a Gramática tradicional valeu-se do ponto de vista sincrônico para descrever um estado de língua, como o francês, pela Gramática de Port-Royal; de outro, a Linguística de Bopp adotou o ponto de vista diacrônico, embora não soubesse exatamente seu alvo.

Após ter concedido um lugar bastante grande à História, a Linguística voltará ao ponto de vista estático da Gramática tradicional, mas com um espírito novo e com outros processos, e o método histórico terá contribuído para esse rejuvenescimento; por via indireta, será o método histórico que fará compreender melhor os estados de língua. A Gramática antiga via somente o fato sincrônico; a Linguística nos revelou uma nova ordem de fenômenos; isso, porém, não basta: é necessário fazer sentir a oposição das duas ordens e daí tirar todas as consequências que comporta. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 124)

Quanto ao que se apresenta no excerto em destaque, é preciso observar que, para Saussure, o ponto de vista estático e o ponto de vista evolutivo não eram novidade para os estudos linguísticos. A Gramática tradicional debruçava-se na descrição, mais do que isso, no estabelecimento de regras, concernente a um estado de língua determinado. A Gramática de Bopp detinha-se na descrição e comparação da evolução linguística. Saussure sugere que voltemos a esses pontos de vista. Dessa vez, no entanto, com um espírito novo, isto é, com propósitos distintos do estabelecimento de regras para o uso da língua e da comparação desmedida e sem propósito lógico. Para ele, é preciso reconhecer a oposição que há entre esses dois pontos de vista de investigação da língua e, mais do que isso, tirar as consequências que ela comporta.

Para exemplificar de que maneira os fatos dessas diferentes ordens de fenômenos linguísticos diferenciam-se de maneira absoluta e irreduzível, Saussure recorre a uma análise que considera os dois pontos de vista, o sincrônico e o diacrônico:

A oposição entre os dois pontos de vista — sincrônico e diacrônico — é absoluta e não admite compromissos. Alguns fatos nos mostrarão em que consiste tal diferença e porque é irreduzível. O latim *crispus*,

“crespo, ondulado”, deu em francês um radical *crep*, de onde vierem os verbos *crépir*, “rebocar”, e *décrépir*, “retirar o reboco”. Por outro lado, em certo momento, tomou-se emprestada do latim a palavra *decrepitus*, “gasto pela idade”, da qual se ignora a etimologia, e dela se fez *décrépit*. Ora, é certo que hoje a massa dos falantes estabelece uma relação entre “un mur *décrépi*” e “un homme *décrépit*, conquanto historicamente esses dois termos nada tenham a ver um com o outro; fala-se da fachada *décrépite* de uma casa. É um fato estático, pois trata-se de uma relação entre dois termos coexistentes na língua. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 124-125)

Para uma melhor compreensão da distinção marcada entre a sincronia e a diacronia de que fala Saussure em análise aos próprios fatos linguísticos, é preciso discernir com atenção, a partir dos dados apresentados por ele, aquilo que corresponde à diacronia, isto é, um fato de evolução, e aquilo que corresponde à sincronia, isto é, um estado de língua. É diacrônico o fato de evolução marcado pela passagem do termo *crispus* (crespo, ondulado) do latim ao radical *crep* do francês, de onde vem os termos *crépir* (rebocar) e *décrépir* (tirar o reboco). É igualmente diacrônico, embora completamente independente do fato evolutivo primeiro, o empréstimo *decrepitus* (gasto pela idade) do latim que se faz *décrépit* em francês. No entanto, a relação que se faz no francês entre *crépir*, *décrépir* e *décrépit*, resultantes de fatos diacrônicos distintos e independentes, e a partir da qual é possível falar de “un mur *décrépi*”, isto é, um muro velho, desgastado, degradado, marca um fato sincrônico, porque, em fazendo completa abstração dos fatos evolutivos de que resulta, estabelece uma relação entre dois termos coexistentes na língua francesa.

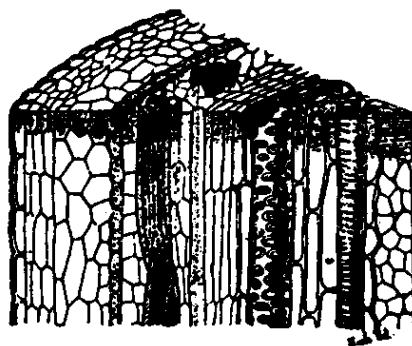
Parece-nos bastante válido observar, a partir dos exemplos dados pelo genebrino, que, em sua elaboração, Saussure vale-se de inúmeras vezes de exemplos tomados de línguas particulares para sustentar suas proposições teóricas. Coelho (2019) tece uma discussão a esse respeito, procurando demonstrar como o conceito de língua saussuriano guarda características das línguas particulares. Sob essa perspectiva, ela defende que o objeto língua pode ser caracterizado como formal e também como empírico. Em nossa pesquisa, damos ênfase à caracterização do objeto formal, pressuposta na afirmação de que o ponto de vista cria o objeto. No entanto, a leitura da autora mostra-se fundamental para o entendimento da relação que se faz entre o em-

pírico e o teórico no pensamento de Saussure, sobretudo, no que diz respeito ao conceito de língua.

Os exemplos de Saussure não param por aí. Desta vez, porém, ele procura ilustrar sua oposição, valendo-se de uma comparação com o que se pode observar a partir do tronco de um vegetal, a qual é preciso considerar, a nosso ver, a partir de um olhar crítico e criterioso.

se se cortar transversalmente o tronco de um vegetal, observar-se-á, na superfície da seção, um desenho mais ou menos complicado; não é outra coisa senão a perspectiva das fibras longitudinais, que poderão ser percebidas praticando-se uma seção perpendicular à primeira. Aqui também uma das perspectivas depende da outra: a seção longitudinal nos mostra as fibras que constituem a planta, e a seção transversal o seu agrupamento num plano particular; mas a segunda é diferente da primeira, pois permite verificar, entre as fibras, certas conexões que não se poderiam jamais distinguir num plano longitudinal. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 129)

Figura 29 A diferença entre as duas ordens ilustradas por comparações.



Fonte: SAUSSURE, 2012[1916], p. 130.

Saussure vale-se desse exemplo para demonstrar a autonomia e a interdependência que, ao mesmo tempo e paradoxalmente, caracterizam os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos. Com esse objetivo, em particular, a comparação feita pelo genebrino cumpre seu papel. Ela é eficaz em explicitar que o que se observa numa superfície longitudinal, visível no corte transversal do tronco de um vegetal, é um modo de organização das fibras distinto e autônomo do que se observa no corte perpendicular. Apesar disso, é preciso considerar que o arranjo longitudinal é resultante, e por isso interdependente, do arranjo perpendicular.

No que tange à língua, o que se observa numa sincronia dada, isto é, num estado de língua, também é distinto do que se observa numa diacronia, isto é, considerando as fases de evolução dessa língua; no entanto, a primeira, embora autônoma, é resultado das transformações observadas na segunda. Uma análise mais aprofundada do exemplo que Saussure dá para ilustrar as duas ordens de fenômenos relativos à língua mostra-nos que tal comparação é falha em alguns pontos, quando tomamos por base a própria teoria saussuriana.

O primeiro deles é que, tal como o vegetal, os fenômenos da língua não se apresentam em si mesmos para que possam ser observados. Como vimos na seção anterior, os objetos e suas unidades não se apresentam de maneira concreta de antemão à vista do linguista. Não sendo dados à primeira vista, isto é, antes da análise do linguista, não podem, por isso, ser apenas tomados por uma perspectiva longitudinal, ou sincrônica nos termos de Saussure, ou por uma perspectiva perpendicular, ou diacrônica. O terceiro é que, embora o desenho das fibras observado na superfície longitudinal do tronco de um vegetal, isto é, no que seria uma sincronia dada, demonstre que elas estão unidas numa íntima relação, a natureza dessas relações não é a mesma das relações constitutivas do sistema linguístico. Isso porque i. são relações dadas pela própria natureza e, conseqüentemente, ii. são destituídas de valor, conceito, é válido lembrar, social. Desse modo entendido, embora possam ser observadas, no troco do vegetal, relações dadas pela natureza, em nenhuma medida, equivalem às relações constitutivas do sistema linguístico e estabelecidas por um corpo ou por uma convenção social.

Embora o linguista genebrino não apresente tais objeções ao exemplo dado em sua reflexão, as quais são por nós mesmos destacadas, elas parecem ganhar força quando se considera a proposição de Saussure de que, dentre todas as comparações que poderíamos imaginar, a mais demonstrativa é entre o jogo da língua e uma partida de xadrez.

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar liberada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou por outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição; é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 131).

Tal comparação, entre o que se passa na língua e o que se passa no jogo de xadrez, também é tomada por Saussure para demonstrar sua teoria do valor, no intuito de explicitar que o sistema linguístico é constituído inteiramente pelas relações estabelecidas pelos signos, jamais por suas materialidades.

Assim, para tratar da oposição entre sincronia e diacronia, ele explicita, em primeiro lugar, que o valor das peças depende inteiramente da sua posição no tabuleiro. Em faltando uma peça, a do cavalo, por exemplo, é possível que a substituamos por outra qualquer, desde que atribuímos a ela um mesmo valor da precedente. Igualmente, na língua, cada termo tem seu valor por sua oposição aos outros termos no jogo de seu sistema, não por seu valor intrínseco. Em segundo lugar, o jogo e o sistema não são mais do que um estado momentâneo de suas peças e de seus termos. Em terceiro lugar, as regras do jogo e do sistema são uma convenção imutável, e, portanto, valores estabelecidos por um corpo social. Ainda, a passagem de um estado a outro incide na mudança de elementos isolados, embora repercuta sobre todo o sistema. Por fim, um equilíbrio precedente, isto é, um estado do jogo e da língua, uma sincronia, será distinto de um estado subsequente, em que se observa uma evolução.

Ainda no que concerne à oposição entre a sincronia e a diacronia, destacamos as reflexões que fecham este capítulo e que colocam em causa uma distinção da natureza das próprias relações que estão em jogo no estudo da língua e sob as quais o ponto de vista do linguista precisa deter-se.

Ainda que, no estudo de uma língua, a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os **métodos**. As duas partes da Linguística, assim, delimitada, vão-se tornar sucessivamente o **objeto** do nosso estudo. A *Linguística sincrônica* se ocupará das **relações lógicas e psicológicas** que unem os termos coexistentes e que formam **sistemas**, tais como são percebidos pela **consciência coletiva**. A *Linguística diacrônica* estudará, ao contrário, as **relações** que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 142)

Vejamos, uma vez mais, como a sincronia e a diacronia são definidas por relações. As relações da sincronia são lógicas e psicológicas e unem termos coexistentes. As relações da diacronia unem termos

sucessivos, não são percebidas por uma consciência coletiva e não formam sistema. Quanto às primeiras, Saussure afirma “num estado de língua, tudo se baseia em relações” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 171). É preciso destacar, no entanto, que não são dadas de antemão, isso quer dizer que não colocam em causa propriedades intrínsecas, mas são definidas pelos seus valores, atribuídos por uma consciência coletiva. O valor linguístico é social. É o que difere as relações linguísticas daquelas observadas na natureza.

A esse respeito, achamos válida a explicação que Pietro (1995) dá ao ponto de vista em Saussure, como temos acompanhado, responsável por estabelecer tais relações, segundo a teoria saussuriana. Em seu artigo “*Le ‘point de vue’ dans les sciences*”, Pietro (1995) postula a Semiologia como uma teoria do conhecimento, que se distingue daquela proposta pelos filósofos, porque considera o sujeito. Interessa a ela saber o que leva os sujeitos a produzirem conhecimentos e se servirem deles. Desse modo, para Pietro, a Semiologia não depende apenas do conceito tradicional de verdade, que coloca em causa a relação entre o conhecimento e o objeto, mas considera a razão de ser de um conhecimento, isto é, sua pertinência, compreendida na relação entre o conhecimento e o próprio sujeito. Segundo o que ele sugere, o interesse que leva o sujeito a se ocupar de um objeto não é diferente do que Saussure propõe como ponto de vista. É a partir disso que ele explicita que o ponto de vista em Saussure é relacional e não inerente.

Parece-me necessário especificar, para evitar certos erros, que o ponto de vista saussuriano é um ponto de vista relacional, que é preciso distinguir pontos de vista inerentes daqueles que também se pode considerar um objeto. Considerar um objeto do ponto de vista de sua cor, por exemplo, ou de sua forma, peso, etc. é considerá-lo de um ponto de vista inerente. O ponto de vista de que Saussure fala, do qual dependerá a pertinência do conhecimento, é o de uma relação na qual o objeto em questão é encontrado em relação a outro objeto, uma relação que, na minha opinião, é, em última análise, o da causalidade ou o da significação: procuramos estabelecer não a totalidade das características de um objeto, mas aquelas com as quais consideramos (com ou sem razão) que ele deve ser fornecido para poder ser a causa de um objeto material determinado ou para significar um objeto mental determinado.³ (PIETRO, 1995, p. 3)

³ Tradução nossa de: “Il me semble nécessaire de préciser, pour éviter certaines erreurs, que le point de vue saussurien est un point de vue *relationnel*, qu’il faut distin-

Como esclarece Pietro, um objeto pode ser tomado por um ponto de vista inerente, que considera a totalidade de suas características, como suas cores, peso, forma, por exemplo. No entanto, o ponto de vista de que fala Saussure é outro, é relacional, porque o objeto é *encontrado* em relação a outro objeto, para Pietro, a partir de uma relação de causalidade ou de significação, isto é, quando um objeto material determinado significa outro objeto mental determinado.

5.4 O ponto de vista do linguista é o ponto de vista do sujeito falante

Na reflexão que se acompanha no capítulo “Linguística Estática e Linguística Evolutiva”, como vimos na seção anterior, ao propor a existência de duas ordens distintas de fenômeno relativos ao mesmo objeto, Saussure distingue a sincronia da diacronia e propõe que voltemos nossa atenção à sincronia, mas, desta vez, com um espírito novo e com outros processos.

Neste capítulo, também acompanhamos como Saussure, ao propor sua distinção fundamental, coloca, uma vez mais, o ponto de vista em associação com o objeto linguístico e com suas relações constitutivas. O ponto de vista sincrônico estuda as relações num estado de língua, isto é, as relações que constituem o sistema linguístico. O ponto de vista diacrônico estuda a transformação dessas relações que se dão, ao longo da história de uma língua, em elementos isolados e as quais, por isso, não se podem dizer constitutivas do sistema.

Ainda nesse capítulo, é preciso destacarmos outra proposição saussuriana determinante para a compreensão do enigma do ponto de vista-objeto no CLG e que, em certa medida, já foi tocado por nós: um linguista que queira estudar o sistema linguístico e seu funcionamento e tomar a língua em sua sincronia precisa, necessariamente, adotar o ponto de vista do sujeito falante.

guer des points de vue *inhérents* desquels on peut également considérer un objet. Considérer un objet du point de vue de sa couleur, par exemple, ou de sa forme, de son poids, etc. c'est le considérer d'un point de vue inhérent. Le point de vue dont parle Saussure, duquel va dépendre la pertinence de la connaissance, est celui d'une *relation* dans laquelle l'objet en question se trouve à l'égard d'un autre objet, relation qui, à mon avis, est en définitive soit celle de *causalité* soit celle de signification: on cherche à établir non la totalité des caractéristiques d'un objet mais celles dont on considère (à tort ou à raison) qu'il doit être pourvu soit pour pouvoir *être la cause* d'un objet matériel déterminé soit pour *signifier* un objet mental déterminé.”

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só poderá penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123)

Tendo em vista que os fenômenos linguísticos cingem-se em duas ordens distintas, o que primeiro é preciso observar é que o sujeito falante ignora a diacronia. Para ele, como ressalta Saussure, a sucessão das relações constitutivas do sistema linguístico de que ele se vale, isto é, a transformação dessas relações, não existe. É em função disso que, para Saussure, o linguista interessado no funcionamento da língua deve adotar o ponto de vista do sujeito falante, vale ressaltar, compartilhado pelo linguista, uma vez que é também sujeito que fala. Para ter em conta uma sincronia é preciso, então, abstrair-se do que se passa na diacronia e fazer, tal como o sujeito falante, *tabula rasa* desse conhecimento. É somente penetrando a consciência daqueles que falam que será possível entender as relações no sistema e atribuir-lhes seu valor.

Associar duas formas não é somente sentir que elas oferecem algo de comum; é também distinguir a natureza das relações que regem as associações. Assim as pessoas têm consciência de que a relação que une *ensinar* a *ensinamento* ou *julgar* a *julgamento* não é a mesma que a que vem entre *ensinamento* e *julgamento*. É por aí que o sistema das associações se relaciona com o da Gramática. Pode-se dizer que a soma das classificações conscientes e metódicas feitas pelo gramático que estuda um estado de língua sem fazer intervir a história deve coincidir com a soma das associações, conscientes ou não, postas em jogo na fala. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 187)

Desse modo, segundo o que propõe Saussure, não basta observar as relações que se estabelecem entre uma série idêntica, como assim o fez a Gramática Comparada, constatando uma relação entre *ensinar* e *ensinamento*, por exemplo. É preciso cuidar das relações que não se mostram à primeira vista e das quais somente podem ter consciência aqueles que falam. É nesse sentido que os resultados da atividade do gramático ou do linguista deve coincidir com as relações colocadas em jogo.

É preciso lembrar que o fenômeno linguístico é coisa dupla, constituído de uma imagem acústica e de um conceito, ou de significante e de

um significado. Sua existência concreta está na associação de suas partes: “se se retiver apenas um desses elementos, ela [a entidade linguística] se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 147). Assim, retomando a comparação com o jogo do xadrez, mais do que simplesmente observar a partida, constatando os lances do jogador, para descrever a língua e seus valores, é preciso colocar-se em seu jogo ocupando a posição de jogador.

Para a compreensão do jogo da língua, a diacronia não basta, porque refere-se às transformações das relações linguísticas no tempo. Portanto, é preciso adotar a sincronia, ao distinguir o ponto de vista do gramático e sua análise objetiva e do sujeito falante e sua análise subjetiva. No “Apêndice das segundas e terceira partes”, Saussure ressalta ainda que, dentre essas análises, é preciso colocarmos, uma vez mais, no lugar das pessoas que falam.

O gramático sente amiúde tentado a ver erros nas análises espontâneas da língua; [...] A língua não se engana; seu ponto de vista é diferente, eis tudo. Não existe medida comum entre a análise dos falantes e a do historiador se bem que ambos usem o mesmo procedimento: a confrontação das séries que se apresentam num mesmo elemento. Uma e outra estão justificadas e cada qual conserva seu valor próprio; em última instância, porém, a dos falantes é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos da língua. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 244)

Para saber confrontar as séries linguísticas, reconhecer suas unidades, estabelecer o valor linguístico, é preciso que o linguista coloque-se na posição do falante, tomando como base de análise seu conhecimento como aquele que fala. Não é constatando uma série evolutiva que o linguista compreenderá uma sincronia. Não é igualmente colocando-se no ponto de vista do gramático que também compreenderá. É preciso lembrar que as relações linguísticas e seus valores não são observáveis. Exemplo disso é que não conseguimos estabelecer as relações de uma língua que desconhecemos. Se não tenho conhecimento enquanto sujeito falante, não há sequer relações, não há sequer fato linguístico.

5.5 O ponto de vista é relação

Neste capítulo, propusemo-nos a ler o enigma do ponto de vista-objeto nas páginas da edição. Num primeiro momento, observa-

mos como a assunção de que o ponto de vista cria o objeto incidu no próprio exercício de elaboração teórica do mestre genebrino. Pelo que se lê nos capítulos iniciais do CLG, o intuito de Saussure era delimitar um ponto de vista de análise que fosse próprio da Linguística, uma vez que o objeto língua/linguagem interessava a tantas ciências e, sobremaneira, ao público geral. No entanto, uma simples delimitação não era suficiente. Mais do que selecionar um ponto de vista de análise, foi preciso conceber o próprio objeto, já livre das abordagens parciais, livre dos preconceitos e das ideias absurdas dos públicos em geral, livre dos olhares histórico-comparatistas, insuficientes para a resolução dos problemas fundamentais. É nesse sentido que podemos dizer que, mais do que adotar um ponto de vista de análise, foi preciso que Saussure criasse o objeto da Linguística.

No que concerne à proposição enigma de nossa investigação, vimos que, nesse contexto, ele foi introduzido pela problemática do objeto integral e concreto da Linguística, na qual, diferentemente do que acontece nas outras ciências, o objeto não é dado de antemão para que possa ser analisado. Onde está o objeto integral da Linguística quando estamos sempre frente a uma dualidade incessante? Onde estão suas unidades concretas que também não são dadas à primeira vista? Tais questões levam Saussure a observar que a relação entre o objeto e o ponto de vista de análise é inversa na Linguística. Nesse domínio, não há objeto dado, isto é, o objeto não se apresenta ao observador. Ao contrário, é a ele que cumpre criar seu próprio objeto. Nos termos da proposição de Saussure, não é o objeto que precede o ponto de vista, é o ponto de vista que cria o objeto.

A solução para a problemática encontrada, na qual tem em seu cerne a natureza distinta do objeto que implica uma relação constante e necessária com o ponto de vista, só pôde ser solucionada como verdadeira teoria da língua, se desse conta da sua natureza distinta. Primeiro, era necessário separar o ponto de vista sincrônico, que estabelece as relações no sistema, e o ponto de vista diacrônico, que cuida de suas transformações no tempo. Depois, foi preciso compreender que a língua, distinta de outros objetos, especialmente dos objetos das ciências naturais, não é dada de antemão porque sua característica mais importante não é material nem substancial, mas relacional.

Lembremos com Saussure que a língua é um sistema de signos, em que, de essencial, há a relação opositiva, negativa e diferencial que eles estabelecem em seu interior. É nessas relações, constitutivas do

signo linguístico, que está a existência concreta da língua. Para dar conta desse fenômeno tão distinto, o ponto de vista de análise precisa considerar a natureza relacional desse objeto. Não se trata de um ponto de vista que disseca as características inerentes. Trata-se, como lê Pietro (1995), de um ponto de vista relacional, como a língua o é. É nesse sentido que podemos, com Suenaga (1997, p. 165), afirmar que a proposição de que o ponto de vista cria o objeto é correlativa a de que a língua é um sistema de signos.

Considerações finais

No estudo apresentado nesta obra, voltamos nossa atenção para o Enigma saussuriano do ponto de vista-objeto. Frente ao embaraço que a afirmação de que, na Linguística, o ponto de vista cria o objeto colocava-nos e a constatação de um paradoxo em sua recepção — foi sempre muito referenciada, mas pouco investigada — fomos levados a tomar tal assunção como objeto de investigação.

Num primeiro momento, discernimos as maneiras pelas quais ela foi lida ao longo dos anos de publicação do CLG: uma que se fez pela via da dificuldade outra que se fez pela via do enigma. Para nossa trajetória de análise desse importante postulado da teoria saussuriana, escolhemos por tomar a assunção que coloca o ponto de vista no centro do objeto postulado por Saussure enquanto enigma, no intuito de, para além das dificuldades impostas pela edição do CLG, examinar os efeitos dela para o pensamento saussuriano.

Nossa hipótese era a de que o funcionamento dessa proposição na teoria do linguista genebrino podia ser mais bem compreendido pelo par escândalo-espraiamento do que pelo par escândalo-apagamento, deduzido de certas abordagens da questão. Isso porque, mais do que apagado da edição do CLG, o ponto de vista-objeto é recolhido ao longo dessa reflexão, sobretudo, pela noção de relação, constitutiva da concepção saussuriana de língua enquanto sistema de signos.

Assim, para uma análise dos documentos saussurianos com vistas a sustentar nossa hipótese, achamos pertinente, em primeiro lugar, propor uma leitura pela vista ampliada, que nos deu um panorama da questão nos manuscritos saussurianos e um panorama da questão no processo editorial do CLG, e, em segundo lugar, uma leitura pela vista desarmada da edição. Para a primeira, valemo-nos do aparato crítico da fortuna saussuriana e, para a segunda, lemos o CLG pelo olho nu, tomando-o, como propôs Normand, a partir da surpresa da novidade e da ingenuidade da ignorância.

No que concerne à análise dos manuscritos selecionados, acompanhamos a teoria saussuriana do ponto de vista-objeto em sua elaboração. Tal análise nos deu vistas a uma constante preocupação de

Saussure em reformular a terminologia, e, mais do que isso, estabelecer as bases para uma nova compreensão do objeto linguístico, não enquanto dado como assim o são os das outras ciências, mas enquanto criado pelo ponto de vista de análise, a partir do qual, simulando o ponto de vista do sujeito falante, é possível estabelecer as relações e seus valores constitutivos da língua enquanto objeto.

No que se refere aos panoramas editoriais, vimos que a questão do ponto de vista-objeto foi duplamente ameaçada pelo processo de edição do CLG. Isso porque, para Bally, tratava-se de uma questão inútil que, como tal, poderia ser descartada. De outro lado, Sechehaye parece ter visto nela alguma importância, o que o levou a salvá-la da investida de Bally, mas, ainda assim, confessou que sua redação acabou por quase apagá-la.

Em análise aos cadernos dos alunos de que dispúnhamos, vimos que, embora Saussure não tenha se valido explicitamente da proposição de que o ponto de vista cria o objeto, ela comparece aos ensinamentos do mestre de forma latente, sobretudo, na natureza relacional dos objetos linguísticos observada pelo linguista genebrino, reforçando nosso argumento de que ela se espraia em outros itens da teoria saussuriana e, por isso, não pode ser se dizer apagada ou ausente do pensamento de Saussure.

Por fim, mas não menos importante, a leitura do CLG, com vistas à questão do ponto de vista-objeto, mostrou-nos que a compreensão enigma de nossa investigação, embora, à primeira vista, tenha um lugar bastante restrito no texto de 1916, recolhe-se, de maneira mais clara, na separação entre o ponto de vista sincrônico e o ponto de vista diacrônico, mas especialmente na compreensão de língua enquanto um sistema de signos. Sustentamos, a partir dessa análise, que, para além de uma questão de perspectiva, comumente lida na distinção entre sincronia e diacronia, o ponto de vista em Saussure tem importância teórica. É resultado da complexa maneira de compreender a língua enquanto um sistema constituído inteiramente por relações.

Dessa maneira, se nossa inquietação inicial era a natureza da correspondência entre a língua, objeto científico pensado por Saussure, e o ponto de vista, agora encontramos uma resposta possível — mas não única, acreditamos — para nosso enigma, que como postula Silveira (2007), esteve sempre à vista: a correspondência entre a assunção de que o ponto de vista cria o objeto e de que a língua é um sistema de signos está no fato de que a língua é relação, bem como o ponto de vista que, dada à natureza de seu objeto, também o é.

Referências

- AMACKER, R. L'influence de Ferdinand de Saussure et la linguistique générale d'inspiration saussurienne em Suisse (1940-1970). In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.30, n. 1, p. 71-96. Genève: Droz, 1976.
- _____. Compte Rendu - Tullio De Mauro and Shigeaki Sugeta (edd.), *Saussure and Linguistics Today*. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.50, n. 1, p. 209-234. Genève: Droz, 1997.
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012[1970].
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005[1966].
- _____. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.32, n. 1, p. 89-130. Genève: Droz, 1964.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BUSS, M. ; JÄGER, L. **Le saussurisme en Allemagne au XXe siècle**. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 133-154. Genebra: Droz, 2003.
- CHIDICHIMO, A. *De l'essence double du langage e le Notes en vue d'un livre de linguistique générale* di Saussure: un'ipotesi di ricostruzione. In: **Acta Structuralica**. Vol. 3, p.1-29, Suíça, 2018. <https://doi.org/10.19079/actas.2018.3.1>
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique moderne. **Langages**, n. 114. Paris: Larousse, 1994. <https://doi.org/10.3406/lgge.1994.1676>
- COELHO, M. P. **Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas**. 2019. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C.; TESTENOIRE, P. *et al.* **Saussure, o texto e o discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- CHOI, Y.; KIM, H. **Le saussurisme en Corée au XXe siècle**. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 155-164. Genebra: Droz, 2003.
- DE LEMOS, C.; LIER-DE VITTO, M. F.; SILVEIRA, E. M.; ANDRADE, L. Le saussurisme en amérique latine. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 165-176. Genebra: Droz, 2003.
- DE MAURO, T. **Cours de linguistique générale**: Edition critique. Paris: Payot, 1973.
- ENGLER, R. Sémiologies saussuriennes: de l'existence du signe. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol. 29, n. 1, p. 45-73. Genève: Droz, 1974-1975.
- _____. Premiers spécimens d'un index des matières au CLG/E. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.31, n. 1, p. 88-99. Genève: Droz, 1977.
- _____. Sémiologies saussuriennes: le canvas. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol. 34, n. 1, p. 45-73. Genève: Droz, 1980.
- _____. La forme idéale de la linguistique saussurienne. In: *Saussure and linguistics today*. Ed. Tullio de Mauro and Shigeaki Sugeta. Roma: Bulzoni Editore, 1995.

- _____. *Présentation De l'essence double du language*. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.50, n. 1, p. 200-205. Genève: Droz, 1997.
- _____. *Entre Bally, Spitezr, ... Saussure*. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.54, n. 1, p. 61-81. Genève: Droz, 2001.
- FLORES, V. do N. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na *École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. Genebra: Librairie Droz, 1969[1957].
- _____. *Notes inédites de Ferdinand de Saussure*. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.12, n. 1, p. 48-71. Genève: Droz, 1954.
- HENRIQUES, S. M. **O nome próprio nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- _____. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas**: uma relação entre a fala e a história. 2019. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2009[1781].
- KYHENG, R. (2007) **Les points de vue en linguistique ou comment interpréter le corpus saussurien**: enjeux théoriques et applications. Disponível em: <http://www.theses.fr/2007PA100132>. Acesso em 25/09/2019.
- _____. Os pontos de vista e a construção do objeto em linguística segundo Saussure. In: **O projeto de Ferdinand de Saussure/ BRONCKART, J. et. al.** (organizadores). Tradução de Marcos Bagno. Fortaleza: Parole e Vie, 2014[2010].
- LIER-DEVITTO, M. F. O objeto da Linguística: um convite à releitura. In: **Revista Cult.** n° 216, 2016, p. 54-57.
- MARQUES, A. C. M.. Da relação à estrutura: a influência do pensamento saussuriano em meados do século XX. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**, v. 9, p. 232-246, 2015. <https://doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-12>
- _____. **A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016a.
- _____. A (re)escrita dos fenômenos linguísticos sob a luz da relação: o ponto de vista saussuriano. **EUTOMIA**, v. 1, p. 35-54, 2016b.
- _____. A fecundidade teórica da noção de relação na delimitação entre sincronia e diacronia: uma análise de manuscritos saussurianos. **Fórum Linguístico**, v. 14, p. 2027, 2017. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2027>
- _____. A natureza relacional dos conceitos fundadores da Linguística Moderna: uma leitura do Curso de Linguística Geral. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM**, v. 12, p. 359-395, 2018. <https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-13>
- _____. Restabelecendo as relações fundamentais: da linguística histórica à linguística moderna. **Revista Leitura**, v. 1, p. 276-295, 2019. <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2019v1n62p276-295>
- MERCER, J. L. A proposta de Linguística teórica de Albert Sechehaye. In: **O efeito Saussure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- MILANO, L.; FLORES, V. do N. O que ainda se pode dizer sobre uma herança? Saussure e Jakobson. In: **Saussure, o texto e o discurso**: cem anos de heranças e recepções/ org. Márcio Alexandre Cruz, Carlos Piovezani, Pierre-Yves Testenoire. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- MILNER, J. C. **Le périple structural**: figures et paradigmes. Paris: Le Seuil 2002.

- NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009[2000].
- _____. **Convite à linguística**. Org. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Trad. de Cristina de Campos Velho Bircket al. São Paulo: Contexto, 2009[1970].
- _____. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: **As bordas da linguagem**. Org. Eliane Mara Silveira. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- PÉTROFF, A-J. **Saussure: la langue, l'ordre e et le désordre**. Paris: L'Harmattan, 2004.
- PIETRO, L. J. Le «point de vue» dans les sciences. In: **Linx**. vol. 9, n. 1, p. 387-393. Paris: Presses universitaires de Paris Nanterre, 1997. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/linx/1223>>. Acesso em 04/08/2020.
- PUECH, C. O “discurso”, as heranças e os destinos de Saussure na França. In: **Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções/ org. Márcio Alexandre Cruz, Carlos Piovezani, Pierre-Yves Testenoire**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1 e 2). Wiesbade: Otto Harrassowitz, 1968 e 1974.
- _____. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehayé; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34a edição. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].
- _____. **Écrits de Linguistique Générale**; Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Editions Gallimard, 2002.
- _____. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad. De Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. 1a edição. São Paulo: Cultrix, 2012.
- _____. **Premier cours de linguistique générale (1907) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger**. Edited and translated by Eisuke Komatsu & George Wolf. New York; Tokyo: Pergamon, 1996.
- _____. **Deuxieme cours de linguistique générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois**. Edited and translated by Eisuke Komatsu & George Wolf. Tokyo; New Orleans: Pergamon, 1997.
- _____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin**. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.
- _____. **L'essence double du langage**. In: Archives de Ferdinand de Saussure, 372: Les Manuscrits. Bibliothèque de Genève, 1891.
- _____. **De l'essence double du langage**: Transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé à la Biblioth.que de Genève (1996). Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html>. Consultado em 15 de agosto de 2015.
- _____. **Science du langage: de la essence double du langage. Éditions des Écrits de Linguistique Générale établie par René Amacker**. Librairie Droz, 2011.
- _____. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891.
- _____. Notes pour un livre sur la linguistique générale 19f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891.

- _____. Notes écrites en vue d'un article sur W. D. Whitney (mort le 7 juin 1894). In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1891.
- SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- _____. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: SILVEIRA, E.M. (org.) **As bordas da linguagem**. Ed. EDUFU. Uberlândia. 2011a.
- _____. A produção teórica de Saussure em dois manuscritos do fim do século XIX. In: **Investigações** (Online), v. 26, p. 01-31, 2013.
- SOFIA, E. Problèmes philologiques posés par l'oeuvre de Saussure. In: **Langages**. Paris: Ed. Larousse, 2012. <https://doi.org/10.3917/lang.185.0035>
- SUENAGA, A. Benveniste et Saussure: l'instance de discours et la théorie du signe. In: **Linx** vol. 9, n. 1, p. 123-128. Paris: Presses universitaires de Paris Nanterre, 1997. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/linx/1011>>. Acesso em 04/08/2020. <https://doi.org/10.4000/linx.1011>
- _____. **Le saussurisme au Japn au XXe siècle**. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 56, p. 177-189. Genebra: Droz, 2003.
- TURPIN, B. Modélisation, langage et langue chez Saussure. In: **Cahier Ferdinand de Saussure**, vol.47, n. 1, p. 159-175. Genève: Droz, 1993.



Este livro apresenta um estudo acerca da assunção de que, em matéria de Linguística, *o ponto de vista cria o objeto*. Tal afirmação foi publicada na edição póstuma do *Curso de Linguística Geral* (CLG), em 1916, e tem, por isso, sua autoria atribuída ao linguista genebrino Ferdinand de Saussure. Seu lugar pontual na edição, em detrimento da ampla reflexão que o linguista faz na fonte manuscrita utilizada pelos editores, levou uma série de estudiosos a denunciar equívocos no que concerne a ela e, até mesmo, a um apagamento do conceito de *ponto de vista* no CLG. Uma ida aos documentos saussurianos, com foco na questão do *ponto de vista* e do *objeto*, mostra, porém, que a afirmação, ainda que tenha recebido lugar pontual no CLG, espraia-se nas demais reflexões saussurianas, sobretudo, a partir da noção de relação, imprescindível à compreensão da língua como um *sistema*.

